

Diálogos de São Gregório

Edição semidiplomática¹

Por Américo Venâncio Lopes **Machado Filho**
Pq-Universidade Federal da Bahia/Grupo Nêmesis
www.gruponemesis.ufba.br

LIVRO PRIMEIRO

1

(1) Aqui se começa huum livro que dizen Dialago que quer dizer paravra de dous, ca “dias” en grego quer dizer en nosso linguagen dous e “lagos” en grego quer dizer en nosso rimança paravra. (2) E por esto dialago quer dizer paravra de dous, ca este livro foi feito pelo nobre San Gregorio, que veo do linhagen dos senadores de Roma e foi depois papa dessa meesma cidade, das perguntas que lhi fazia huum seu clerigo d’avangelho, homen de mui santa vida, e das respostas que lhi el dava.

(3) Conta San Gregorio de si meesmo e diz assim:

(4) - Andand’eu mui triste en huum dia polos preitos dos homens que no mundo viven, en que avia d’entender per razon do officio que avia e, achando-me sen aquela devoçon e sen aquel amor de Deus que soia a aver quando vivia en meu moesteiro e non se partia a mha alma per desvairados cuidados das cousas temporaes e vãs daqueste mundo, mais toda era junta con todolos poderes que en ela ha, en contemplaçon do meu senhor Jesu Cristo e en como o servisse compridamente, non recebia embargo de nenguum que me de todo esto estorvasse; (5) apartei-me en huum logar, o mais ascondudo que eu pudi achar, en que podesse chorar todas aquelas cousas en que non avia prazer da vida que fazia ora, quando era papa, e en que er podesse chorar todos aqueles prazeres e todos aqueles confortos que soia a aver, quando era monge, de

¹ Trabalho desenvolvido sob a égide do Edital PROPI 2013, da Universidade Federal da Bahia, como bolsista de produtividade em pesquisa (Pq-UFBA). A edição de base utilizada foi a elaborada por Rosa Virgínia Mattos e Silva (1971), cuja identificação numérica adotada se mantém. Esta é uma leitura semidiplomática, de compromisso, adequada para trabalhos voltados a estudiosos sobre a Idade Média e do português arcaico e pesquisas linguísticas nos níveis do léxico, da morfologia, da morfossintaxe, da sintaxe e do discurso. Não é adequada para investigações de ordem fônico-fonológica. As intervenções realizadas foram as mais conservadoras possíveis para este tipo de edição, concentrando-se, no geral, em intervenções grafemáticas, pontuacionais e vocabulares, estas no que concerne à separação e união de unidades, em razão do original. Os critérios utilizados foram os mesmos adotados pelo Grupo de Pesquisa Nêmesis, para edições dessa natureza.

que ora ja non ei nemigalha per razon do trabalho que ei en este estado en que soom. (6) E pera crecentar mais mha tresteza, todas aquelas cousas onde mi door e desprazer algum podia nacer, poinha-o ante os meus olhos. (7) E seendo eu assi chorando sen conforto nen hum que do mundo fosse, o meu filho muito amado Pedro, clerigo d'avangelho e des sa mancebia sempre meu amigo e meu companheiro nos livros da Escritura Santa que eu escrivi, veendo-me seer tan desconfortado e chorar con tanto prazer as amarguras grandes que eno meu coraçõ avia, disse-mi:

(8) - Acaeceu, padre, ja alguma cousa nova por que choras mais que sooes?

(9) E eu dixei-lhi:

(10) - Pedro, as lagrimas que eu cada dia deito dos meus olhos e per uso sempre me a mim son velhas e pera acrecentamento sempre me son novas. (11) Ca o meu coraçõ desaventurado pela carreira grande dos feitos dos homens con que ei de fazer, per razon do ofizio en que soom, nembra-se qual foi quando eu no moesteiro vivia e como non curava ren das cousas temporaes que se van e corren come agua que non torna mais, assenhorava-se de todas e non-nas preçava rem. (12) E esto lhi fazia o prazer que avia en cuidar sempre nas cousas celestiaes que sempre duran e no amor da morte que todos avorrecen, ca sabia que sen ela aa vida perduravil non podia viir nen receber o galardõ do seu trabalho. (13) E ora, per razon deste oficio en que estou, contén-se o meu coraçõ pelos cuidados grandes que ei dos negocios dos homens que ei de desembargar. (14) E o coraçõ, que tan fremoso soia seer pelos beens celestiaes en que sempre cuidava, luxa-se cada dia mais e mais pelo cuido dos feitos terreaes en que se cada dia envolve. (15) E quanto se mais estende aas cousas que tan maas son pela mesquiindade dos homens que no mundo viven, tanto se meor acha e mais sen amor de Deus quando torna a si meesmo. (16) E porque, don Pedro meu amigo, cuidando eu no ben que perdi e no mal que ora soffro, é-mi mui grave de soffrer o estado en que ora vivo, ca mi semelha que a mha alma anda per hum mar en que ha mui tempestade e as ondas me deitan da huma parte e da outra. (17) E quando me nembro do estado en que primeiramente vivi quando era monge, semelha-mi que estou en Manna ena riba do mar. (18) E quando er cuido ora o estado en que vivo, semelha-me que me vou per esse mar ao desdado hu me Deus levar. (19) E quando torno mentes empós min, vejo a riba do mar de que me parti e sospiro por ela e quanto a mais desejo tanto mais andando per esse mar a posso meos aver; ca do ben que perdeu aquel que en religion vivia tan toste mais pouco acorda quanto moor tempo vive enos beens e nos prazeres do mundo.

(20) E esto he o que eu dixi primeiramente: que aqueles que andamos pelo mar, quanto mais andamos tanto mais pouco vemos o porto de que nos partimos, se nos pera el non queremos tornar. (21) E digo-ti, Pedro meu amigo, que estas mhas lagrimas de que me preguntas crecen cada dia mais por que parei mentes en vida dalguuns que leixaron o mundo de todo seu coraçon e nunca a el per nen huma maneira tornaron. (22) E quando me eu nembro de como alguus deles son achegados a Deus e de como eu soom arredado del, ei razon de me creceren lagrimas e door e choro e amargura cada dia mais e mais. (23) Ca alguuns deles de que me eu nembro, depois que os Deus apartou do mundo sempre os teve límpios e sããos e sen velhice da alma e no estado a que os chamou e nunca lhis quis dar nen huma honra no mundo per que os tirasse do estado fremoso e límpio pera que os chamara, que envelhecessen vivendo con os homens do mundo, nas bulras e nos enganos per que os que no mundo viven soen a passar. (24) E pera seeres certo, Pedro meu amigo, destas cousas que ti eu conto, direi-ti os nomes dalguuns a que alguuns feitos de que eu falo acaeceron e enton poderás entender a verdade de todas aquelas cousas que ti eu conto.

(25) Enton disse don Pedro:

(26) - Non cuido eu que en toda terra de Italia aja homens de grandes vertudes e por esso non sei eu qaaes homens a quaes outros te tu queres iguar. (27) Ca sei eu por certo que en esta terra de Roma en que nós vivemos ha bõõs homens, mais pero non fazen miragres nen vertudes nen humas e, se as fazen, assi son caladas que as non sabemos nós.

(28) Enton disse San Gregório:

(29) - Se ti eu, Pedro, contasse, que soon homecinho de pouco proveito, aquelas cousas que sei dos homeens perfeitos e acabados per testimonios d'homeens bõõs e dignos de fe ou aquelas cousas que eu aprendi per min meesmo, osmo que ante se acabaria o dia que eu leixasse de contar o que vi e o que ouvi.

(30) Enton disse don Pedro:

(31) - Queria, padre, que mi contasses algumas cousas daqueles beens que visti ou ouvisti. (32) Ca, en se nembrando homen dos feitos e das vertudes que os homens en este mundo o fezeron per ajuda do senhor Jesu Cristo, non se embarga porende o bõõ estudo que soe a aver das boas cousas que soe a cuidar e a fazer. (33) Ca se esforça homen pera fazer ben en ouvir contar os beens que os outros fezeron moormente quando sabe que lhi conta verdade e lhi nomea as possoas certas que aquelas cousas fezeron, ca en cuidar sen outra prova e sen outra

certidoen en como se poderian fazer. (34) E son muitos que mais desejam a vida da terra celestial pelos que veen perfeitos ca per palavras que ouven. (35) E recebe ende homen duas ajudas quando lhi contan o ben que alguen fez: a huma he ca, se bõõ non he, correge e enmenda seu estado; a outra he ca, se bõõ he, homilda-se mais porque ouve mais beens d'outren ca de si.

(36) E pois disse San Gregorio:

(37) - Aquelas cousas, Pedro, que ti eu contar, contar-ch'as-ei per testimonio d'homeens bõõs e honrados de que as eu ouvi, ca assi o fala a Santa Eigreja nos Evangelhos que creein a San Marcos e a San Luchas, os Evangelhos que escreveron e que aprenderon non per vista, mais per ouvida. (38) E pera tolher eu toda duvida aaqueles que estas cousas que eu conto quiseren leer e ouvir, quando contar algumas cousas d'ouvida porrei certos nomes daqueles de que o ouvi e, se de vista foren, porrei toda a verdade en como passou per min. (39) E debes a entender, Pedro, que alguuns feitos contarei ou per razon daquelas cousas que entendo per eles e non per razon de seus feitos. (40) E algumas outras cousas ti contarei per razon dos feitos que acaeceron e per razon das cousas que se per eles poden entender.

(41) Aquesto que ora ou conto aprendi-o per testimonio d'homeens muito honrados.

2

(1) Aqui segue huum exemplo que contou San Gregorio duum abade duum moesteiro de Fundon e avia nome Onrado.

(2) En terra de Sania foi huma vila duum homen muito honrado per que se regia a vila de Roma e avia nome Venancio. (3) Naquesta vila morava huum lavrador e avia huum filho que avia nome Onrado. (4) Aqueste des sa meninice sempre fez mui grande asteença pera aver depois porende a gloria do paraíso. (5) E tan comprida era a vida que fazia que non solamente d'obras maas e desaguizadas, mais de palavra sobeja, que non presta nen empece a nenguum, a que chama a Escritura ociosa, se guardava.

(6) Acaeceu huum dia que seu padre e sa madre fezeron gram jantar a seus vezinhos fora da vila e fezeron-lhis aparelhar muitas maneiras de carnes e, non querendo el comer as carnes que os outros comiam pera atormentar seu corpo por amor de Deus, o padre e a madre escarnecian del e dezian:

(7) - Que pescado cuidas tu ora que ti nós tragamos naquestes montes?

(8) Ca naquel logar sol homen ouvir falar de pescado, mais non-no sol veer. (9) E dementre todos escarneciam do santo homen foi huum mancebo aa fonte por da agua en huma gram canada e tomando a agua da fonte entrou huum mui gram peixe na canada e quando se tornou o mancebo, deitando a agua da canada ante aqueles que hi siiam comendo, caeu o peixe en terra o era tan grande que abastou aquel santo homen Onrado quanto pôde comer naquel dia. (10) E todos aqueles que esto viron maravilharon-se muito e quedou o escárnio do padre e da madre e começaram a louvar a esteença de que ante escarnecian. (11) E o nobre homen Venancio, cuja era a vila, pois ouvio este miragre o outras muitas vertudes per que crecia aquel santo mancebo Onrado cada dia de ben en melhor, feze-o livre, ca ele con todos os outros que con el moravan na vila eran seus servos, como quer que sempre fossen cristãos. (12) E fez fazer naquel logar a que dezian Fundos huum moesteiro en que avia preto de duzentos monges de que este homen don Onrado foi abade. (13) E, sendo este don Onrado abade de todos estes monges naquel moesteiro, tantas foron as vertudes e os beens que Deus por el fazia que o ceo e a terra davan porende grandes louvores e grandes graças a Deus.

(14) Ca huum dia caeu huum grande penedo de cima duum monte sô que estava o seu moesteiro e, viindo mui teso pera destruir todo o moesteiro e pera matar quantos ali moravan, o santo don Onrado, abade do moesteiro, fez o sinal da cruz sobrelo penedo e chamou o nome de Jesu Cristo mui grandes braados que lhi socorresse, e logo o penedo esteve en si e non foi mais. (15) E porque non achou logar en que se retevesse, pera seer o miragre mais comprido, está ainda en si como se semelhasse que quisesse caer sobrelo moesteiro, assi como nos don Lourenço, homen religioso e de gram santidade.

(16) E depois disse Pedro seu clerigo:

(17) - Cuidas, padre, que este homen que tan santo foi e foi depois abade de tantos monges e mestre de tantos discipulos ouve primeiramente algum mestre que o ensinasse?

(18) E respondeu San Gregorio:

(19) - Non ouvi que aqieste fosse discipolo de nenguum. (20) Ca, como quer que aqueles que ordinada vida fazem non queiran seer mestres hu primeiramente non foron discipolos, nen prelados si primeiramente non foron sojeitos, nen mandar se non souberon primeiramente obedecer, pero aquel que o Spiritu Santo ensina non ha mester homen nen huum que seja seu mestre pera lhi ensinar como reja si e os outros. (21) Ca tan compridamente

ensina o Espiritu Santo quen quer ensinar que non ha mester ensinanza doutro homen que do mundo seja. (21a) Pero, como quer que alguen tenha ou cuide que á graça do Spiritu Santo non deve tanto confiar de si que ante queira seer meestre ca discipulo. (22) Ca ali hu cuida a ensinar verdade ensinaria muitos errores. (23) Mais aquel en que anda a graça do Spiritu Santo ha estes sinaes consigo: homildade comprida e totalas outras vertudes. (24) E este non há mester de seer primeiramente discipulo ca meestre. (25) Ca atal foi San Joane Babtista de que nunca leemos que meestre nen huum ouvesse, como quer que muitos discipulos depois ensinasse. (26) E outrossi Moises no deserto polo anjo aprendeu aquelas cousas que depois amostrou aos filhos d'Israel, e non per homen. (27) E Nosso Senhor Jesu Cristo porque en el era comprido o Espiritu Santo, enquanto era homen, non ouve mester de seer discipulo de nenguum, ante que fosse meestre dos apóstolos e dos outros discipulos que ensinou; como quer que enquanto fosse Deus soubesse totalas cousas que son o foron e an de seer, assi aquelas que se faram come aquelas que se nunca faran, pero que se poderian fazer se el quisesse. (28) Mais nós outros que enfermos somos e muito alonjados daquestes homeens de que agora falamos, non devemos tanto confiar de nós que ante queiramos ensinar ca aprender, ca os que esto fazem non son pera seguir. (29) E estes de que ora falamos, que son sen término alonjados de nós pelos dões do Spiritu Santo que en eles aparecen abertamente, son mais pera honrar e pera louvar.

(30) Enton disse don Pedro:

(31) - Padre, muito me praz do que dizes, mais rogo-te que mi digas se aqieste tan santo padre de que sus falasti leixou depós si alguum seu discipulo que o seguisse.

(33) Sam Gregorio respondeu aa demanda que fezera don Pedro e disse:

(33) - En tempo de rei Totilo foi huum homen muito honrado per boa vida e per bõs custumes o ouve nome Libertino e foi preposto do moesteiro de Fondon. (34) Aqieste Libertino foi discipulo daquel santo homen Onrado de que suso falamos e aprendeu del como podesse fazer praz a Deus per serviço que lhi fizesse. (35) Daqieste Libertino, como quer que os homens convenhavelmente contem muitas vertudes, pero contar-ch'ei eu, Pedro, huuns poucos de miragres que ouvi dizer a don Lourenço, homen mui religioso que ainda vivo he, e foi muito seu amigo en aquel tempo en que Deus por ele estas vertudos fazia na proença de Sania de que suso falei.

(36) Aqieste santo homen Libertino ia a huum logar pera procurar proveito de seu moesteiro e, chegando aaquel logar o conde dos godos, que avia nome Darido, con sa mesnada

grande, os seus homens derribaron o abade don Libertino do cavalo en que andava e tomaron-lho. (37) E el, sofrendo, ja de bõa mente o dano do cavalo, disse-lhis que tomassen os azorragues que tragia, con que fazia andar o cavalo. (38) E pois que o assi fezeron e se foron con o cavalo, deitou-se el en sa oraçon e o conde con sa companha veeron mui't'aginha e, querendo passar huum rio, que avia nome Vulturno, non se poderon mudar as bestas que tragiam, nen per esporas que lhis dessen, nen per paancadas, nen per feridas outras nen humas, ca assi temian todalas bestas a agua que viiam, como temerian se as quisessen esfalfar duum mui gram monte a fondo. (39) E veendo todas aquestas bestas que se non querian mover disse huum de sa companha:

(40) - Este embargo e este nojo que nós ora sofremos, nunca nos aveo senon polo torto que fizemos ao abade servo de Deus.

(41) E tornaron-se mui't'aginha e acharon-no jazer en sa oraçon e disseron-lhi:

(42) - Homen bõõ, levanta-te e toma teu cavalo.

(43) El respondeu:

(44) - Ide-vos a bõa ventura, ca non ei eu mester cavalo.

(45) E eles deceron das bestas e poseron-no contra sa voontade en cima de seu cavalo de que o primeiramente derribaron e foron-se logo mui't'aginha. (46) E quando chegaram ao rio que primeiramente non poderon passar, tan aginha o passaram como se hi non ouvesse bocado d'agua.

(47) E assi fez o poder de Deus que, por huum cavalo que deron ao seu servo, cada huum daqueles que ena companha do conde andavan recebeu o seu, que se primeiramente non podia mudar polo torto que ao santo homen fezeron.

3

(1) De Libertino como seendo presente non foi achado.

(2) Conta San Gregorio que en aquel meesmo tempo veo huum princepe que dezian Becelino con poderio grande de franceses en terra de Campanha. (3) E porque dezian pela terra que no moesteiro en que morava este santo homen Libertino avia mui grande aver, entraron os franceses con gram felonias pela eigreja en que este Libertino jazia fazendo sa oraçon e foi mui

gram maravilha que, andando braadando por el os franceses, empeçavan en el hu el jazia e nonno podian veer. (4) E assi se partiron do moesteiro cegos e sen dano daqueles que hi moravam.

4

(1) De como Libertino resuscitou hum morto e o deu vivo e sãão a sua madre.

(2) Acaeceu en outro tempo que aqueste Libertino, seendo preposto do moesteiro de Fondon de que suso falamos, ia aa cidade de Ravena per mandado duum seu abade que fezeron naquel moesteiro, depós o abade don Onrado que fora meestre deste Libertino assi como de suso dito he. (3) E hu quer que ia aqueste Libertino, sempre levava en seu seo huma calça que fora do santo servo de Deus o abade don Onrado, de que primeiramente falamos en este livro. (4) E, indo este Libertino huma vegada per seu caminho, achou huma molher e levava hum corpo duum seu filho que lhi morrera. (5) E tanto foi o amor do filho que ouve que, quando vio o servo de Deus, tomou o cavalo en que andava pelo freo e disse-lhi con gram juramento:

(6) - Tu non te partirás daqui ata que resuscites o meu filho.

(7) E ele, porque non avia en costume de fazer tal miragre, espantou-se muito daquela petiçon que lhi fezera aquela molher con tan gram juramento. (8) El quisera-lhi fugir de boa mente, mais non pôde. (9) E, duvidando en seu coração que faria, homildade o tirava que non pedisse a Deus tan gram don come aquele, ca se non por tiinha bõõ que Deus por el nen hum morto devesse resuscitar. (10) Doutra parte, piedade e doo que avia da madre que fazia tan gram chanto por seu filho movia-o pera pedir a Nosso Senhor que socorresse aaquela molher tan coitada. (11) E aacima a piedade venceu a homildade. (12) E porende o santo homen deceu-se da sa besta en que andava o ficou seus geolhos en terra e alçou as mãos ao ceo e tirou a calça que tragia en seu seo, que fora do santo abade don Onrado, e pose-lha sobrelo corpo do menino morto. (13) E pois fez sa oraçon tornou a alma ao corpo do menino e viveu. (14) El tomou o menino con sa mão o entregou-o a sa madre e acabou a carreira que começava.

(15) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(16) - Diremos nós ora, padre, que aqueste miragre foi feito pelos merecimentos do abade santo don Onrado ou pela oraçon deste monge Libertino que foi seu discipulo?

(17) E San Gregorio respondeu:

(18) - A min semelha que vertude de cada huum destes homens bõds de que falamos, con a fe da molher que o filho tiinha morto, obraron pera se mostrar a vertude e o poderio de Deus naqueste menino que foi resuscitado. (19) E por aqesto tenho eu que valeu muito pera se cumprir este miragre a homildade daqueste monge Libertino. (20) Ca, se el non confiara mais do homen santo dom Onrado ca de si, non tirara a calça sua que tragia por religas e a posera sobelo corpo do morto. (21) Ca assi leemos que fez outra vegada Eliseo, o profeta: (22) quando chegou ao flume Jordan e vio que non podia passar, como quer que metesse huma vegada o manto de Elias, seu meestre, que tragia ena agua e non-na partio de si, na segunda vegada er meteu o manto en aquela agua e disse:

(23) - Hu he ora o Deus de Elias?

(24) Enton per vertude do profeta Elias, cujo fora o manto, partiron-se as aguas e passou sen embargo. (25) E ja podes entender, Pedro, quanto val a homildade pera fazer vertudes e miragres.

(26) E disse enton o seu clerigo don Pedro:

(27) - Praz-mi, padre, o que dizes, mais pero rogo-te se sabes ainda alguma cousa deste santo homen don Libertino que nos possas contar a conforto de nossas almas.

5

(1) Da pazeença de Libertino que ouve contra seu abade.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Ben sei eu ainda alguma cousa deste santo homen, mais non sei quen o queira seguir. (4) Por certo creo eu que a vertude da pazeença he melhor ca vertudes de fazer miragres e maravilhas. (5) E esta vertude de pazeença ouve este santo monge Libertino mui compridamente:

(6) Ca huum dia acaeceu que aquel que fezeron abade depós morte do abade don Onrado, naquel moesteiro en que este Libertino era preposto, tan mal foi o abade sanhudo contra estesanto Libertino que meteu a el mão e, porque non achou vara nen pao con que lhi desse, tomou as talhoos que tiinha ant'o leito e tan gram ferida lhi deu con elas na cabeça e no rostro que toda a face lhi inchou e encardeceu. (7) E el con vergonha das feridas calou-se e

tornou-se logo pera seu leito. (8) E porque en outro dia avia de parecer ante o juiz sobre feito do moesteiro, depois que disse sas matinhas veo-se pera o leito do abade e pedio-lhi con grande humildade que o beenzesse, ca queria ir desembargar algumas cousas que eran proveito do moesteiro. (9) E porque o abade sabia que os homens da terra o honravan muito e que o amavan, cuidou-se ca se queria ir do moesteiro polo torto que lhi avia feito e disse-lhi.

(10) - Hu te queres ir?

(11) E el lhi respondeu:

(12) - Dia assinaado he ant'o juiz a que non podemos fugir sobre huum gram preito que o moesteiro ha. (13) E o dia d'oonte prometi que hoje parecesse ant'o juiz e ora proponho d'ir a lá se me Deus quiser aderençar.

(14) Enton o abade, metendo mentes na gram crueza e na gram dureza de seu coraçon e na grande humildade e mansidoen do seu santo monge Libertino, saiu do leito en que jazia e deitou-se aos pees de Libertino o o conheceu-se por maa e por pecador e que lhi fezera mui gram torto e que lhi errara mui malamente. (15) E o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade e disse-lhi que aquele mal que el recebera non fora per sa crueza do abade, mais fora per sa culpa del meesmo. (16) E assi acaeceu que a homildade do discipolo foi meestra daquele que era abade e meestre que avia de reger e ensinar os outros. (17) E pois se saio do moesteiro o preposto don Libertino, preguntavan-no homens nobres e muito honrados dos que o conhocian porque tragia a face tan inchada e tan cárdea. (18) E el respondeu:

(19) - Polos maaos meus pecados o dia d'oonte empecei nas talhoos dos pees e feri-me tan mal como veedes.

(20) E assi o homen santo pela resposta que deu disse verdade e guardou a seu abade que non caesse en maa fama do mal que lhi fezora.

(21) Enton disse o seu clerigo don Pedro.

(22) - Cuidas, padre Gregorio, que aqieste homen tan santo Libertino, de que tantas maravilhas e vertudes contasti, que leixou alguen antre tantos monges que o seguisse en fazer vertudes e maravilhas assi como el fazia?

(23) E San Gregorio respondeu:

(24) - Fiiz, que chamavan Curvo, que tu, Pedro, ben conhocisti, que foi noutro dia preposto naquel moestoiro onde o fora Libertino, contou a min muitas maravilhas dos frades daquele moesteiro. (25) E, como quer que a min nembren muitas cousas que me disse

d'algumas cousas me calarei porque entendo a dizer outras de que ei maior cuidado. (26) Mais pero huma cousa ti quero dizer que non he pera calar, que ouvi a esse meesmo don Fiiz Curvo que era preposto desse moesteiro.

(27) El mi contou que en aquel moesteiro avia huum monge de gram santidade e era hortelan. (28) E huum ladron soia a sobir per huma sebe desse horto e furtava as couves e as outras ervas boas que el no horto posera. (29) E humas achava meos e as outras achava trilhadas dos pees e as outras arrigadas. (30) E, andando assi cercando todo o horto, achou a carreira per u o ladron soia a viir. (31) E, andando catando mais pelo horto se acharia alguma malfeitoria maior que aquela que achara, achou huma serpente andar pelo horto e mandou-lhi que se vesse con el. (32) E pois veo ao logar per u o ladron soia a entrar, disse aa serpente:

(33) - Eu ti mando eno nome de Jesu Cristo que guardes esta entrada e non leixes acó entrar homen que no mundo seja.

(34) E a serpente obedeceu tan toste e deitou-se toda atravessada na carreira.

(35) E o monge se tornou pera sa cela e no tempo en que os frades jazian folgando ao meio dia, assi como mandava sa ordin, veo o ladron ao logar per que soia a entrar e sobio na sebe. (36) E pois que pôs huum pee no horto, vio que huma serpente jazia tenduda na carreira per que el avia a entrar e con gram temor, querendo tirar o pee empós si, empeçou-lhi o çapato en huum paa da sebe e jouve assi, con a cabeça pera fondo, ata que veo o hortelan na hora en que soia a viir echou-o jazer dependorado pelo pee duum paa que na sebe estava. (37) Enton disse aa serpente:

(38) - Graças a Deus ca tu compristi o que te mandei. (39) Ora te vai.

(40) E a serpente logo se foi. (41) E o monge veo depois ao ladron e disse-lhi:

(42) - Que he aquesto, irmão? (43) Deus ti me deu porque quesisti fazer tantas vegadas furto naqueste horto en que os monges tanto trabalho soffren.

(44) E dizendo esto tirou-lhi o pee do paa da sebe a que estava apreso, sen nen huum seu dano, e disse-lhi:

(45) - Ven-te comigo.

(46) E levou-o aa entrada do horto e verças que el per furto quisera levar, deu-lhes o monge degrado e con prazer e disse-lhi:

(47) - Vai-te e des aqui adeante non venhas aqui a furtar, mais o que mester ouveres de manda-o a min e eu ch'o darei.

(48) Enton disse o seu clerigo d'avangelho don Pedro:

(49) - Assi como ora eu ouvi ata aqui, a min semelha que en vãõ cuidava eu que en terra de Italia non avia padres santos que fezessem miragres e maravilhas.

(50) E San Gregorio respondeu:

(51) - O que te ora eu quero contar, Pedro, aprendi-o duum homen muito honrado que avia nome Fortunado e era abade do moesteiro que chaman Banho de Ciceron, e doutros muitos santos homens de que o ouvi:

(52) Huum homen mui santo avia nome Equicio, en terra de Valeria, era muito honrado pola gram santidade que avia e era mui conhecido deste abade Fortunado de que ora eu falei.

(53) Aqueste Equicio, pola gram santidade que avia, fora abade naquela proença e de muitos moesteiros e de muitos monges, pero no tempo da sa mancebia tan grandes tentações ouve en sa carne que non pôde aver nen huum remedio que do mundo fosse, senon pola oraçon muito apartada e mui devota que fazia, en que rogava a Nosso Senhor cada dia que lhi possesse conselho sobre aquelas tentações grandes que avia. (54) E huma noite jazendo dormindo, semelhou-lhi que huum anjo lhi talhava aquela parte do corpo onde lhi aquele mal nacia e perdia todos aqueles maaos movimentos que daquela parte lhi soiam a recodir. (55) E pois que acordou, achou-se des ali adeante sen nen huma tentaçõ da carne, assi como se nunca ouvesse en seu corpo aquelo por que os homens poden geerar. (56) E tanta foi des ali en deante a vertude de Deus en ele, e assi foi depois, sen nen huum maaõ movimento e sen nen huum maaõ desejo dos prazeres lixosos da carne, que non solamente foi depois abade de muitos monges, mais morou con muitas monjas e foi seu abade delas. (57) E pero con tod'esto castigava seus discipulos e dizia-lhis que se non atrevessem per seu exemplo a morar con nen huma_s mulheres que no mundo fossem pera seeren seus abades, ca se non receberan o don do Spiritu Santo que lhi a el Deus dera, ligeiramente poderian caer en pecado e perder o bõõ preço que viam.

(58) Contou ainda San Gregorio e disse:

(59) - Naquel tempo en que esta cidade de Roma os malfeitores que sabem d'encantar os homeens, con ajuda e poderio dos enmiigos, foron conhecidos e presos, Basilio que antre eles foi o maior, fugio aa cidade de Valeria en hávito de monge e rogou o muito honrado baron Castorio, bispo da cidade de Anuternia, que o mandasse pera o moesteiro do abade Equicio pera fazer hi sa peendencia do erro en que o acharon. (60) Enton o bispo Castorio veo ao moesteiro e

trouve consigo Basilio, monge encantador, e rogou o abade don Equicio que o recebesse por monge en seu moesteiro. (61) E o abade pois ficou os olhos en ele, disse ao bispo:

(62) - Padre, aqeste por que me tu rogas vejo eu que non he monge, ca o seu coraçõ junto anda con os enmiigos do linhagen d'Adam.

(62) E o bispo lhi disse:

(64) - Non dizes tu esto senon pera non fazeres o que te homen roga.

(65) E o servo de Deus lhi disse:

(66) - Padre, eu ti digo aquelo que en elo entendo, mais pera non entenderes que eu ti quero soer desobediente quero fazer o que me rogas.

(67) Enton receberam-no no moesteiro e a cabo de poucos dias Equicio, o abade servo de Deus, saiu-se do moesteiro pera preegar a huuns homens que cabodel moravan porque mais desejavam amor de Deus ca aviam. (68) E acaeceu, depois que se o abade partiu do moesteiro, que huma dona que morava en hum moesteiro de virgeens, que el avia de veer e era mui fremosa, segundo a fremosura do mundo, que a carne mesquinha enfermou de féver mui grande e tan grande foi a coita que ouve que dava grandes vozes, e dezia que se lhi non enviassem Basilio monge que a saasse que logo morreria. (69) Mais quen seeria ousado de ir ao moesteiro daquelas virgeens quando o abade Equicio hi non era presente, por santo monge que fosse e, moormente, como iria alá hum homen que novamente veera ao moesteiro o cuja vida ainda os monges non provaron? (70) Enton enviaron dizer ao servo de Deus Equicio que aquela monja avia gram féver e que mandava dizer que lhi enviassen tantoste Basilio monge, ca aquele a poderia saar de sa enfermidade. (71) E o padre santo Equicio depois que isto ouvio, con gram desdenho, começou a sorriir e disse aos monges que estavam ante ele:

(72) - E non vos dixi eu que este era enmiigo e non monge? (72a) Ide e deitade-o aginha da cela e non fique nosco no moesteiro. (73) E da virgen vassala de Nosso Senhor que jaz coitada da féver que á, non curedes, cades aqui en deante non averá féver, nen Basilio demandará.

(74) E pois se tornou o monge que estas novas trouxera, achou que naquela hora foi a monja sãã da féver, en que o abade que estava ende muito alonjado dissera que seeria sãã.

(75) E esta miragre foi feito en vertude de nosso salvador e de nosso meestre, que quando foi convidade do rei que fosse veer seu filho que jazia con gram féver e lhi disse per palavra que seu filho era sãão. (76) E o padre achou por verdade depois que naquela hora o seu

filho ficara sen a féver en que lhi o nosso salvador e nosso meestre jesu Cristo dissera que era são.

(77) E pois que os monges receberam o mandado de seu padre don Equicio deitaron Basilio fora do moesteiro). (78) E depois que foi deitado do moesteiro, disse que muitas vegadas tevera a cola de Equicio per seus encantamentos toda entregamente pendorada no aar, pero non podera empeecer a neguum de todos aqueles que no moesteiro viviam. (79) E aqeste Basilio monge falso, depois, a cabo de longo tempo, foi queimado naquesta cidade de Roma pelas maldades que fazia contra a fe de Jesu Cristo. (80) Ca o amor que o poboo dos cristaos avia a Jesu Cristo non pôde sofrer que o non queimassen pola maldade grande que en ele avia.

6

(1) Da virgem que mordeo a alfaça

(2) Contou ainda San Gregorio que huum dia huma sergente de Deus que vivia no moesteiro daquelas virgeens de suso dito, que el aviade veer, entrou na horta desse moesteiro e vio huma alfaça mui fremosa e cobiiçou-a. (3) E non se nembrando que fizesse o sinal da cruz sobr'ela, meteo- a logo en sa boca e o enmiigo entrou logo en ela e derribou-a en terra e, estorcendo-a e tragendo-a mui mal, mandaron-no aginha dizer a seu padre Equicio, que as avia de veer, que vesse aginha e que lhi socorresse per sa oraçon.

(4) E pois que o padre Equicio entrou na horta, o enmiigo que entrara na monja começou a dizer e a braadar per boca da monja come se quisesse fazer enmenda:

(5) - Que he o que eu figi? Que he o que eu figi?

(6) - Come se dissesse: en que soom eu culpado? (7) En que soon eu culpado?

(8) - Eu siia sobre aquela alfaça - disse o enmiigo - esta monja veo e meteu a alfaça na boca e mordeu-me e non fez primeiramente o sinal da cruz pera me afejuntar dela.

(9) E o santo homen de Deus lhi disse con gram desdenho que se fosse daquele corpo - e o enmiigo logo se partio dela - e des ali en deante nunca ouvesse posse nen poderio sobr'ela.

7

(1) De como o abade Equicio ouve lecença pera preegar

(2) Contou San Gregorio e disse que huum nobre homen da provincia de Nursia que avia nome Fiiz, padre daqueste bispo Castorio que ora nosco mora na cidade de Roma, veo aaqueste santo homen Equicio e disse-lhi:

(3) - Tu que non ás nen humas ordinins sagradas, nen ás lecença do papa sô cuja mercee e sô cujo poderio vives, como ousas a preegar o propoer a paravoa de Deus hu quer que vaas, pois lecença do papa non has, nen recibisti nen huma orden sagrada en que possas o fazer?

(4) E o santo homen Equicio respondeu:

(5) - Como eu ei lecença de preegar direi-ch'o eu, ca muitas vegadas cuidei en esso que mh'ora dissisti. (6) Huma noite veo a min huum mancebo mui fremoso, assi como a min semelhava, e tragia huuns ferros pera meezinhar e pos-mh'os na lingua como se me quisesse sangrar e disse-mi:

(7) - Ora ponho eu as mhas paravoas na ta boca. (8) Salte e preega.

(9) - E daquel dia adeante ainda que me queira calar de falar de Deus non posso.

(10) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(11) - Queria de boa mente, padre, saber que obras fazia aqueste abade Equicio que taes do-es recebeo de Nosso Senhor.

(12) E San Gregorio respondeu:

(13) - Pedro, a bõa obra que o homen faz, nasce do don do Spiritu Santo que Deus ao homen dá. (14) E o don non nace da obra. (15) En outra maneira, a graça non será graça, se o don do Spiritu Santo nace da obra que homen faz de sa voontade con ajuda das vertudes naturaes que no homen ha. (16) E pero acaece que polas boas obras que o homen faz pela graça que lhi Deus ante dera, acrecenta Deus depois a sa graça e os seus do-es porque usou dela ben aquel a que a dera.

(17) E pera non seeres tu, Pedro, enganado da vida santa que aqueste abade Equicio fez, podes preguntar o muito honrado baron Albino, bispo da cidade de Reati. (18) E outros son ainda vivos, homens da fe, per que podes seer certo se quiseres. (19) Mais, se queres tu mais saber da obra que el fazia, pois a sa vida límpia concorda con aquelo que preegava, ca tanto era o amor de Deus no seu coraçõn pera lhis apanhar as almas que andavan deserradas e pera trage-las aa carreira da verdade que, como quer que fosse abade de muitos moesteiros, andava per

muitas cidades e per muitas vilas e per muitos castelos e pelas ruas e pelas igrejas e pelas casas dos homens, dizendo muitas santas paravoas per que acendia os corações dos homens pera o amor da terra celestial. (20) Etan vilmente andava vestido e tan desprizil era en si meesmo que se o alguen non conhcesse terria-se por despreçado en o salvar, ainda que o el primeiramente salvasse. (21) E, cada que avia dir a alguum logar, tomava a mais displizel besta que el podia achar e a mais enata sela que el podesse aver, naquela cavalgava. (22) E en logo de freo tragia cabresto e cavalgava sobrelas peles dos carneiros en logo de sela. (23) Per si meesmo levava os livros santos en que estudava en seu colo e en sacos de peles, huum do lado destro e outro do lado seestro. (24) E hu quer que chegava abria a fonte das Escrituras e regava os prados das mentes daqueles que o ouvian.

8

(1) Como mandou o papa que Equicio veesse a Roma.

(2) Contou ainda San Gregorio daqueste abade Equicio que tanta era a fama da santa preegaçon que fazia que veo aas orelhas do papa. (3) E alguns alousinhadores disseron ao papa per maneira de queixume:

(4) - Que homem he este, senhor, tan enato e sen apostura nen huma de que dizem que, sen outoridade e sen lecença nen huma que de ti aja, ousa a preegar a todolos poboos sen leteradura nen huma, que nunca de neguum aprendesse a paravoa de Deus? (5) E porende seja teu prazer, senhor, que o tragan ante ti e que lhi façás entender cam gram poderio he o da igreja, ca sen ti neguum non pode fazer as cousas que el faz.

(6) E assi sol acaecer aos grandes senhores: (7) porque tragen os seus corações compartidos en muitos feitos que an de fazer en muitos logares, quando alguns alousinhadores veen a eles, moven nos ligeiramente pera aquelo que queren obrar con eles, se aquele lousinhamento non tiran logo de seu coração. (8) E, porque ao papa prougue o queixume o queixume que lhi fezeron os clerigos alousinhadores, mandou logo que lhi trouvessem ante si aa cidade de Roma o abade Equicio, ca lhi semelhava que era mui gram desonra da igreja de Roma de querer neguum preegar sen seu mandado.

(9) E por esso disse ao seu messejeiro, que avia nome Juiãã, que foi depois bispo na eigreja de Sabina, que o trouvesse con grande honra e que lhi non fizesse nenhuma cousa, nen torto nen huum per que podesse o abade santo caer en sanha.

(10) E pois o messejeiro chegou ao moesteiro do santo abade que o papa mandava chamar, achou monges antigos que siiam leendo e escrevendo e preguntou-os hu era o abade.

(11) E eles lhi disseron que andava segando seu feo en huum vale que jazia sô aquel moesteirop en que eles moravan. (12) E enton aquel mesejeiro que avia nome Juiãã enviou huum seu

homen, que era tan sobervioso que el non podia con el, que o trouvesse tan toste a huum mandadeiro do papa que estava no moesteiro. (13) E pois aquel seu homen entrou pelo prado

mui bravo e mui felon e vio que muitos monges andavan con el segando, preguntou qual deles era o abade. (14) E pois soube qual era o abade, moveu contra ele con toda sa feloninha pera

trage-lo mal e desonradamente ao mandadeiro do papa. (15) E, estando ainda muito alonjado del, tan grande foi o temor e o tremer e a lassidoen que veo sobr'el que adur podia mover seus

pees indo pera o santo homen. (16) E pois chegou a el deitou-se ante seus pees con grande humildade e disse-lhi que seu senhor era mandadeiro do papa e que estava no moesteiro e que

lhi mandava dizer que veesse a el. (17) E o santo homen pois que o salvou e o recebeu mui ben, disse-lhi:

(18) - Leva deste feo pera as bestas en que veestes e eu depois que acabar a obra que ei de fazer, ca ja pouca per he, logo me vou depós ti.

(19) E maravilhando-se Juiãã, mandadeiro do papa, porque o seu homen tanto tardava, alçou os seus olhos e vio-o viir pela carreira con huma cárrega de feo sobre seu colo. (20) E assanhou-se mui malamente contra el e disse-lhi:

(21) - Homen, ti mandei eu trager, ca non feo. (22) Que he aquesto que tu fizeste?

(23) E o seu homen lhi disse:

(24) - Aquel que tu demandas logo verrá.

(25) E acabo de pouco veo o homen de Deus calçado de sas calças que tragian solas de coiro con seus cravos ben ferradas e tragia a fouce en que segara o feo a seu colo e, ante que chegasse a don Juiãã, mandadeiro do papa, o seu homen lhi disse e lhi mostrou quen era o abade. (26) E pois que o don Juiãã vio, despreçou-o muito polo hávito vil e ávol que tragia e cuidava en seu coração como lhi respondesse con desdenho o gram sobérvia. (27) E pois o servo de Deus se foi chegando a ele, tanto foi o temor e o tremor que caeu en don Juiãã,

mandadeiro do Papa, que adur lhi pôde dizer aquilo que lhi o papa mandara que lhi dissesse. (28) E pois Deus quebrantou o homildou sa sobérvia, deitou-se ante os pees do santo homen e pediu-lhi que rogasse a Deus por ele e que o santo apóstolo de Roma o queria veer por muito ben que del ouvira.

(29) E o santo homem deu muitas graças a Deus porque metera en coraçon ao papa de o querer veer. (30) Portanto mandou aos seus monges que guisassem bestas pera o camiho, ca el logo se queria ir. (31) E mandou dizer outrossi ao messejeiro do papa que se guiasse pera o caminho, ca el aparelhado estava. (32) E o mandadeiro do papa lhi mandou dizer que polo gram trabalho que ouvera non se podia sair aquel dia do moesteiro. (33) E enton respondeu o abade santo e disse:

(34) - Se nós hoje non formos, cras non nos poderemos ir.

(35) E en outro dia, logo ante que quebrasse a alvor, veo huum cavaleiro en cima duum cavalo ao mandadeiro do papa con sa carta, en que lhi mandava que se non trabalhasse de fazer viir o servo de Deus, mais que o leixasse folgar en seu moesteiro.

(36) E pois o mandadeiro do papa demandou aaquel que lhi trouvera a carta porque se mudara tan aginha a sentença do abade que non fosse aa corte de Roma aparecer ante o papa, aprendeu e entendeu que en aquela noite en que o papa mandara que lhi levassen o santo abade Equicio, vio huma vison de noite de que ficara muito espantado. (37) E pois se levantou de dormir, comendou-se a Deus e aas orações do santo abade. (38) E con todo esto Juiãõ, mandadeiro do papa ao abade Equicio, disse-lhi:

(39) - Roga-te nosso padre o papa de Roma que folgues en teu moesteiro e non queiras tomar trabalho en ir a Roma hu el he, ca muito cansarias e gram nojo receberias ende.

(40) Enton o servo de Deus pois que esto ouvio ficou triste e disse:

(41) - Eu non ti dixi oonten que se nos logo non fossemos, hoje non nos poderíamos ir?

(42) Enton o santo abade reteve o mandadeiro do papa no moesteiro ja quantos dias pera lhi fazer algum conforto pelo trabalho que ouvera, viindo a el. (43) E pois enviou-o con alguma cousa que lhi deu, como quer que o mandadeiro desse a entender que o non tomava, se non pera lhi non fazer pesar.

(44) E por esto disse San Gregorio:

(45) - Pedro, podes entender e conhecer quanta he a guarda que Deus ha daqueles que se en este mundo polo seu amor despreçaron, e en quanta honra ten dentro e ascondudamente

con aqueles que dos seus son apartados e non son coñecidos do mundo, aqueles que non ouveron vergonha d'andar viltados e desprezados polo seu amor antr'os homens do mundo. (46) Ca, assi como diz a Escritura, o que os homens teen por mui nobre e muito alto, avorrecimento he ante Deus.

(47) E o seu clerigo don Pedro disse enton:

(48) - Maravilho-me muito, padre, como de tal homen neguum podia dizer taes cousas quaes disseron ao papa que era mui santo padre.

(49) E San Gregorio disse:

(50) - Que te maravilhas, Pedro, ca ligeiramente os que homens somos ficamos enganados? (51) E non te nembra que o profeta David, por humas paravoas mentideiras que lhi disseron contra o filho de Jonata, deu sentença de noite contra el, como quer que as vegadas ouvesse spiritu de profecia? (52) E pero, como quer que assi fizesse David, creemos que per juizo de Deus ascondudo a sentença que contra el deron foi direita, mais nós non podemos veer pela razon que nos Deus deu como os feitos que el leixa fazer aos homens ant'os seus olhos son direitos. (53) E no juizo que os homeens dan, non he assisegundo o entendimento que an, que non pode atanger aa sabença. (54) Pois, que maravilha teens, Pedro, que he se nós, que profetas non somos, per testimonio de muitos mentireiros non fazemos o que devemos? (55) E o coração de cada huum prelado, polos cuidados muitos que ha, ca non cuida en huma cousa soo, ligeiramente se pode embargar. (56) Ca o coração que se per muitos cuidados parte tanto he de meor vertude pera fazer cada huma cousa per si, quanto se mais embargado acha de muitos feitos en que cuida.

(57) E o seu clerigo don Pedro disse:

(58) - Todo he verdade quanto dizes.

9

(1) Como se volveu a arca no sepulcro de Equicio no oratorio.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Non me devo calar, Pedro, que non diga o que ouvi daqueste homen bõõ Equicio, segundo como mi contou huum muito honrado baron que avia nome Valencio. (4) Aqueste contava que o corpo daqueste Equicio abade jazia soterrado na eigreja de San Lourenço martir e huum homen bõõ simprez pôs huma arca de triigo sobrelo seu muimento, non metendo mentes en como fora santo aquele que ali jazia, nen na honra que lhi devia fazer. (5) E enton levantou-se huum vento come se veesse do cooe empuxou a arca mui longe do muimento e todalas outras cousas que no logar siiam ficaron salvo.

(6) E por esto entenderon todos que o santo homen que ali jazia soterrado era de mui gram merecemento ante Nosso Senhor.

(7) Esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, aprendi-o duum homen muito honrado, a que dezian Fortunado, con que eu avia gram prazer per razon da idade que avia e per razon das obras que fazia e per razon da simplicidade en que vivia.

(8) Exemplo:

(9) Contou ainda San Gregorio que na provincia de Valeria, en que era o moesteiro de Santo Equicio, entraron os lombardos pera destróir aquele moesteiro e os monges que hi moravam fugiron para o moimento de Santo Equicio e huum deles deu gram gimido e disse:

(10) - Ai, Santo Equicio, praz-ti que nos façan tanto mal e tu que nos non defendes?

(11) E ao braado do monge que esto disse logo o espíritu maaõ entrou nos lombardos que querian atormentar os monges e derribar o moesteiro e derribou-os en terra e tan fortemente e tanto tempo os atormentou que o souberon os outros seus companheiros que fora estavam. (12) E pois que entenderam que o logar era santo e de gram vertude, partiron-se todos ende polo mal que o enmiigo fezera aaqueles que na eigreja entraron.

(13) E assi o santo homen defendeu os seus discipulos e deu muitas vezes saude a muitos que lha viinham demandar ao seu moimento.

10

(1) De Constancio que acendia as lampadas cheas d'agua e ardian.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Eu aprendi duum bispo meu vezinho, que foi monge de gram santidade e de gram religion na cidade d'Anconha, e con que muitos homens velhos e de bõõ testimonio acordan, que esto que el a min contou ho verdade:

(4) Cabo da cidade d'Anconha ouve huma eigreja de Santo Stevan martir, en que servia continuadamente por Deus e por sa alma hum homen de santa vida, a que chamavan Costancio e era mansionario naquela eigreja. (5) Todolos homens que na terra moravan tiinhan daqueste Constancio que era santo, que non dava ren por nen huma cousa temporal e todo seu desejo era na vida celestial que sempre dura. (6) Acaeceu hum dia que naquela eigreja faleceu o azeite pera alumear as lampadas e o santo homen encheu totalas lampadas d'agua, e pôs os pavios do papiro enos cambos das lampadas e tomou huma candeia acesa e acendeo-as e ardia a agua nas lampadas bem come se fosse azeite.

(7) Ora enténdi, Pedro, de quam gram merecimento foi este Constancio que, por pressa que ouve, mudou a natura do elemento.

(8) E don Podro disse:

(9) - Gram maravilha he aquesta que ouço, pero queria saber que homildade ouve dentro na sa alma de quen tanta vertude fora aos homens demostrava.

(10) E San Gregorio respondeu:

(11) - Muito fezești boa demanda, Pedro, porque me demandasti que coraçõ avia se sobervioso se homildoso quen tantas vertudes fazia. (12) Ca muitas vegadas acaece que polos miragres que os homeens fazem, quando aparecen e son sabudos, crece gloria vãã enos corações daqueles por que os Deus faz. (13) Mais se tu ouvires huma cousa que fez este santo homen Constancio poderás entender qual era homildade que no seu coraçõ tragia.

(14) E o seu santo clerigo don Pedro disse:

(15) - Pois mi tu contasti, padre, tan gram miragre que el fez e que foi tan apregoado, direito he que mi contes e que me fales de sa humildade que tragia asconduda en sa alma.

11

(1) Como Constancio consentiu ao homen que o despreçou.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Porque a fama da santidade daqueste Constancio era apregoada per muitas provincias, muitos homens de lonjas terras viinham con grandes trabalhos pera vee-lo. (4) E acaeceu hum dia que hum lavrador veo de mui longe pera vee-lo, e naquela hora acaeceu que el estava na eigreja acendendo as lampadas sobre huuns degraaos de madeiro, ca el era mui pequeno de corpo e mui somido e mui desprizel en seu rostro. (5) E pois aquel lavrador que o veera veer soube per aqueles que o conhocian quen era começou a cuidar en seu coração como poderia seer tan pequeno de corpo e tan desprizel aquel de que dizen tan altas cousas e tan santas. (6) Ca os homeens de maaos recado queren sempre julgar que do corpo pequeno non poden sair obras grandes e graadas. (7) E por esto aqueste lavrador, homen de pequeno recado e de pequeno entendimento, non podia creer que aquel homen tan pequeno fosse Constancio de que el tan grandes cousas ouvira. (8) E por esso despreçou-o e riia-se del e disse alta voz:

(9) - Eu cuidava que Constancio era mui grande homen e aqueste non ha nemigalha d'homen.

(10) E pois o servo de Deus Constancio esto ouvio deceu-se dos degraaos en que andava alumeando as lampadas e veo abraçar aquel lavrador mui fortemente e deu-lhi muitas graças porque dera del mui verdadeiro juizo. (11) E disse-lhi:

(12) - Tu soo o que ouvesti os olhos abertos en min!

(13) E por esto, Pedro, podes entender quanta foi a homildade daqueste Constancio que amou mais aquel lavrador porque o despreçou ca os outros que o honravan (14) Ca, segundo como homen sofre as viltanças que lhi fazen e os deostos que lhi dizen en pessoa, assi pode homen entender a homildade ou a sobérvia que no seu coração ten asconduda. (15) Ca assi como o sobervioso ha prazer quando lhi dan as honras do mundo, assi o bõõ e santo se deleitan quando se vee dos outros despreçar. (16) Ca quanto he o homen melhor ante Deus quanto se mais despreça en seu coração. (17) E por esso lhi praz quando o os outros despreçan, ca entende que os olhos alheos confortam o juizo que el de si meesmo dá.

(18) Enton disse o seu santo clerigo don Pedro:

(19) - Ora conhosco, padre, que aqueste santo homen Constancio foi grande d' aa de fora polos miragres que feze, mais foi maior aa de dentro per homildade que ouve.

(1) Como o bispo Marcelino poseron contra o fogo e foi logo apagado.

(2) E San Gregorio disse:

(3) - Deves ainda saber, don Pedro, que na cidade d'Anconha, do que suso falamos, foi huum bispo de gram santidade que ouve nome Marcelino. (4) E, porque tiinha os nérvios dos pees encolheitos duma enfermidade que dizen "podagra" en latin, non podia andar e os seus homens o levavan hu quer que queria ir en sas mãos.

(5) Acaeceu huum dia que per culpa ja de quen foi, acendeu-se o fogo na cidade d'Anconha e quanto mais agua deitavam os homens sobrelo fogo pera apaga-lo tanto se mais acendia. (6) E pois que ardera ja huma peça da cidade e neguum non se ousava a poer ante o fogo, tomaron o santo bispo Marcelino enas mãos e levaron-no pera aquel logar hu ardia a cidade e disse contra os seus homens:

(7) - Poende-me contra o fogo.

(8) E eles assi o fezeron. (9) Ca o poseron naquel logar hu viron que era moor forteleza do fogo e o fogo tornou-se en si, ben come se desse a entender que non podia ir mais polo bispo que o embargava. (10) E assi mingou o fogo e non pôde mais dano fazer.

(11) E disse enton San Gregorio:

(12) - Ja ora, Pedro, entendes de que santidade foi aqueste homen enfermo que, sendo orando, fez quedar o fogo que non empecesse a neguum.

(13) Disse Pedro:

(14) - Eu entendo esto e maravilho-me do que ouço.

(1) Como o nosso preposto do moesteiro que he no monte que chaman Seracutis fez per sa oraçon volver huum gram penedo duum logar que os monges avian mester.

(2) E disse ainda San Gregorio:

(3) - Quero-ti eu contar, Pedro, o que me contaron dous homens muito honrados. (4) Huum foi bispo e ouve nome Maximian e o outro foi monge velho que tu ben conhocisti a que chaman Laurio e cada huum deles ainda he vivo. (5) E aqeste Laurio foi criado duum santo homen que avia nome Anastasio, en huum moesteiro que á nome Subpentoma e jaz cabo da cidade de Neposina. (6) E este Anastasio que o criara avia huum seu amigo monge que era preposto duum moesteiro que estava posto no monte de Seratis e avia nome Nonnoso. (7) E estes dous monges amavan-se porque eram vezinhos e porque aviam huuns costumes e porque dos beens das vertudes que se pagava huum, pagava-se o outro.

(8) Aqeste monge Nonnoso avia huum abade muito áspero e, muito esquivo con que vivia, mais pero tan ben sabia el sofrer os seus custumes que todo lh'era prazer quanto lhi o abade fazia. (9) E assi como ele en outro moesteiro en que el era abade era manso e saboroso aos frades que con el viviam, assi en este moesteiro en que era preposto amansava per homildade a sanha do abade quando o viia sanhudo. (10) E porque aquel moesteiro estava en cima duum monte muito alto, non parecia nen huum campo chãão en que podessen fazer horta de verças pera os frades que comessem, tirado huum mui pequenininho logar que aparecia na costa do monte, pero era embargado per huum gram penedo que nascia hi naturalmente e tiinha todo o logar coberto.

(11) Acaeceu huum dia que andando cuidando aquel preposto Nonnoso hu poderia semear verças pera os frades e, aparecendo-lhi aquel logar de que falamos mui guisado pera fazer horta, se a o penedo grande non embargasse, cuidava en seu coração, e era verdade, que cincoenta jugos de bois non poderian mover aquel penedo daquel logar en que siia, tanto era de grande. (12) E pois desasperou que per ajuda d'homeens non se poderia ende tolher, tornou-se a Deus e foi-se de noite pera aquel logar hu estava o penedo. (13) E fez sa oraçon mui devotamente a Nosso Senhor que lhi tirasse dali aquel penedo, per tanto espaço enquanto os frades podessen aver horta de verças en que se podessen manteer.

(14) E pois foi manhã veeron os frades e acharon o penedo muito alonjado daquel logar que eles avian mester, en tal maneira que ouveron o logar desembargado e mui grande espaço e mui largo, pera fazer horta de verças pera os frades que fazer querian.

(1) Como Nonoso juntou os pedaços da lampada do vidro que lhi caeradas mãos e tornou tan sãã como ante.

(2) Contou depós esto San Gregorio que huum tempo, lavando estesanto homen Nonnoso as lampadas do vidro que estavam na eigreja, caeu huma delas d'antre sas mãos e esmigalhou-se toda. (3) E Porque receou muito a sanha do abade depois que soubesse que per el era a lampada quebrada, apanhou todosos pedaços da lampada que pôde apanhar e pose-os todos ante o altar assi grandes come pequenos. (4) E depois que fez sa oraçon sobre elles con gram gimido e con gram devoçon levantou-se e achou a lampada sãã e salva.

(5) E assi en dous miragres que fez novos, semelhou dous padres santos que ante el foron. (6) Huum ouve nome Gregorio, que moveu huum monte duum logar pera outro. (6) E o outro ouve nome Dona do, que tornou huum cález que quebrou ao estado en que ante fora.

(7) E don Pedro seu clerigo disse enton:

(8) - Ora veemos que os santos deste tempo fazen miragres taes quaes fazian os santos do tempo antigo.

(9) E San Gregorio respondeu:

(10) - Queres, Pedro, saber como aqeste santo homen Nonnoso de que falamos seguio o profeta Eliseo en seus miragres?

(11) E Pedro disse:

(12) - Quero que mh'o digas e desejo mui de coraçõ a saber.

15

(1) Como creceu o azeite pela oraçon de Nonnoso.

(2) E Gregorio respondeu:

(3) - Tu debes saber, Pedro, que no moesteiro en que era preposto aqeste santo homen Nonnoso faleceu o azeite velho e, quando veo o tempo de colher o novo, non apareciam nas oliveiras olivas nen humas que fossem, se non humas mui pouquetinhas. (4) E por esso mandou o abade aos monges que andassen polos olivães alheos e que ganhassen azeite per seus

trabalhos per que podessen passar aquel ano que tan menguado era del. (5) E pois o preposto do moesteiro, amigo e servo de Deus Nonnoso, soube o que mandara o abade, rogou os monges con grande homildade que non fossen alá, ca se temeiu que o gaanho do azeite se tornaria en danos das sas almas. (6) Mais porque nas oliveiras do moesteiro aparecian ja que pouquetinhas olivas, mandou-lhes que as colhessen e que as metessen no lagar e o azeite que ende tirassen quam pouquetinho quer que fosse que lho mostrassen. (7) E os frades assi o fezeron. (8) E o preposto Nonnoso tomou aquel pouquetino d'azeite que lhi deron en huum vaso e pose-o ante o altar e fez sobr'ele sa oraçon. (9) E pois mandou aos frades que en totalas taalhas do moesteiro deitassen daquele azeite senhas gotas e que as sarrassen depois mui ben. (10) E eles sarraron as taalhas vazias en que non jazian se non senhas gotas d'azeite ou duas duas ou pouquetinho mais. (11) En outro dia abriron-nas e acharon-nas todas cheas ata a cima.

(12) Enton disse don Pedro seu clerigo:

(13) - Cada dia provamos, padre, que se comprem as palavras do filho de Deus, que he verdade, en que disse: (14) “Meu padre obra ata ora e eu outrossi obro.”

16

(1) Como Anastasio e outros sete frades foron chamados pera o outro mundo.

(2) E San Gregorio lhi disse enton:

(3) - Deves saber, Pedro, que naquel meesmo tempo en que creceu o azeite pelas orações do preposto Nonnoso, foi huum homen honrado que avia nome Anastasio de que ja suso falamos e era notairo da eigreja de Roma en que ora eu estou servindo pela outoridade de Deus. (4) Aqueste Anastasio leixou o ofizio da notaria e veo-se meter en orden, en huum moesteiro duum logar que avia nome Subpentoma, de que ja suso falei, e viveo hi muitos anos e en gram santidade e en gram devoçon e foi abade daquel moesteiro a gram serviço de Deus e a gram profeitamento dos monges.

(5) Sobre aquel logar estava huum mui gram penedo e sô o penedo parecia huum esfadoiro mui grande que semelhava que se ia en avissos. (6) Acaeceu huma noite, quando ja Deus queria galardoar a Santo Anastasio os trabalhos que por el en este mundo sofrera, ouviron huma voz daquel penedo muito alta que disse mui claramente:

(7) - Anastasio, ven-te.

(8) E depois desto chamaron outros sete frades e cada huum per seu nome, huum de pós outro. (9) E per huum pequeno tempo calou-se aquela voz. (10) E pois chamou outro frade e assi foron oito e con Anastasio que primeiro chamaron foron novo. (11) E todos que jazian no moesteiro ouviron estas vozes daquestes frades quando os chamaron e entenderem que avian cedo de morrer. (12) A cabo de poucos dias morreu primeiramente Anastasio, que primeiro fora chamado, e depois todos outros per orden, assi como foron chamados. (13) E o outro frade prestumeiro a que se calou a voz huum pequeno de tempo ante que o chamasse non morreu logo tan toste; mais depois que os outros morreron viveu ainda huuns poucos de dias e depois foi-se con os outros, ca o espaço pequeno en que se calou a voz depois que chamou os outros dava a entender o tempo pequeno que avia de viver depois da morte dos outros. (14) E esto foi a gram maravilha: quando morria este honrado baron Anastasio, huum frade que non queria viver depós sa morte deitou-se a seus pees e disse-lhi con muitas lagrimas:

(15) - Rogo-te por aquel a que tu vaas que me non leixes viver en este mundo sete dias.

(16) E certamente assi acaeceu que ante que se comprisse o seitimo dia, ante, aqeste frade morreu, pero non fora chamado con os outros pela voz que do penedo falara. (17) E por esto parece abertamente que pela oraçon d'Anastasio comprio Nosso Senhor aaquel frade o desejo que avia dá morte.

(18) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(19) - Pois que este prestumeiro morreu, non foi chamado antr'os outros, e polo rogo do santo homen Anastasio foi depois ordinado que morresse; que podemos nós por esto al entender senon que aqueles que son de gram merecimento ante Nosso Senhor poden gaanhar algumas vegadas aquelas cousas que non foron ordinadas nen sabudas de Nosso Senhor?

(20) E San Gregorio respondeu:

(21) - Pedro, non pode neguum guaanhar, por santo que seja, per sa oraçon aquelas cousas que primeiramente non foron ordinadas nen sabudas de Nosso Senhor. (22) Ca se Deus ordinhou e soube d'alguen que se avia de salvar, non solamente soube a sa salvaçon, mais soube a maneira per que se avia de salvar, ca se salvaria per asteença ou per esmolna ou per grande afan de seu corpo, que tomaria por amor de Deus, ou per oraçon d'alguem homen bõõ que rogasse a Deus por ele de gram coração. (23) E, porque na voontade de Deus era ordinado que comprisse a oraçon de Santo Anastasio que avia de fazer que morresse este frade que

prestumeiro morreu e, assi como o tiinha ordinado, assi sabia que se avia de fazer. (24) Por esso, Pedro, non fez Deus senon aquilo que ordinado tiinha e aquilo que primeiramente soubera que se avia de fazer ante que o mundo fosse feito.

(25) E don Pedro seu clerigo disse:

(26) - Queria, padre, que mi provassen mais abertamente se a ordinhaçon que Deus feze dos feitos que se fazem no mundo, ou a sabença que ouve desses feitos ante que o mundo fosse feito, se se pode ajudar per orações dos santos homens.

(27) E San Gregorio respondeu:

(28) - Sabes tu, Pedro, que Nosso Senhor prometeu a Abrãão que naquel que dele saisse bezeria e acrecentaria come as estrelas do ceo e come as areas do mar todalas gentes. (29) E aquel que del saiu en que he per quen Deus ordinara, ante que o mundo fosse feito, e prometera depois a Abrãão que acrecentaria e bezeria o linagen dos homens, este foi Isaac, seu filho d'Abrão. (30) E pero diz a Escritura que rogou Isaac Nosso Senhor por sa molher Rabeca que era maninha que podesse conceber, e Nosso Senhor ouvio o seu rogo e compriu-lho. (31) E porende, Pedro, se o acrecentamento do linagen d'Abrão se avia de fazer per Isaac, seu filho, e esto fora ordinado e sabudo de Deus ante que o mundo fosse feito, por que lhi leixou aver molhor maninha de que non podesse aver filho? (32) Ja ora podes entender, Pedro, que aquelas cousas que Deus ordinou e soube ante que o mundo fosse feito, compriron-se pelas orações dos santos homens ca en esta maneira as ordinou ele e as soube ante que o mundo fizesse que se comprissen. (33) E porende, como quer que promettesse a Abrão que o seu linagen avia a seer acrecentado como as estrelas do ceo per seu filho Isaaque, pero quis dar a seu filho molher maninha, en tal que pela oraçon que seu marido Isaaque avia de fazer fosse acabada a promessa que Nosso Senhor prometera a seu padre Abrão.

(34) E assi, Pedro, parece que aquilo que Deus ordinou e soube ante que o mundo fizesse, comprio pelas orações dos santos homens e assi ordinou e soube que se devia a fazer ou per algumas outras maneiras que el sabe e ordinou.

(35) Enton don Pedro seu clerigo disse:

(36) - Porque, padre, a demanda muito alta que eu fiz parecia per mui bõa razon, non ha duvida nen huma que comigo fique.

(37) Enton disse San Gregorio:

(38) - Queres, Pedro, que ti conte quegandos foron alguums que moravan en terra de Toscana e quam chegados foron a Deus?

(39) E o seu clerigo don Pedro disse:

(40) - Quero, padre, e peço-ti por mercee que mh'o contes.

17

(1) Como o bispo Bonifacio partiu o vino per muitos vasos e creceu.

(2) Huum homen de vida santa e honrado que avia nome Bonifacio foi bispo na cidade de Efreton. (3) Daqueste conta huum clerigo de missa, que foi seu criado, muitas maravilhas que fez e portanto as homen cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente, quando lhas viia fazer.

(4) A eigreja daqueste bispo era mui pobre, ca non avia nen huma cousa en que se podesse manteer senon huma vinha soo. (5) Acaeceu huum dia que aquesta vinha foi destroida por pedra que veo sobre ela, en guisa que en humas pouquetinhas de videiras ficaron huuns pouquetinhos d'azeos d'uvas. (6) E quando o bispo santo entrou na vinha, vio aquel destroimento, deu muitas graças a Nosso Senhor porque sobreza que el avia, que sol a seer guardada d'humildade naqueles que bõds son, acrecentou ainda outra probeza e outra coita maior. (7) E quando veo o tempo que aqueles poucos d'azeos d'uvas que lhi ficaron amadureceron, pôs hi huum vinheiro que lhi guardasse a vinha e mandou-lhi que fizesse todo seu poder pera guarda-la ben. (8) E pois vio que era tempo de colher o vinho, mandou a huum seu sobriño, clerigo de missa que avia nome Constancio, que guardasse ben totalas cubas que no seu bispado avia, e totalas outras taalhas en que soiam a colher vinho e que as pegasse mui ben pera teer o vinho mais são. (9) E quando seu sobriño que era procurador do bispado esto ouvio, cuidou que seu tio ensandecera porque mandava guisar assi totalas cubas que avia e non tiinha de que as encher. (10) Mais pero non lhi quis demandar porque mandava guisar tantas cubas pera vinho que non tiinha, mais comprio todo seu mandado assi como soia a fazer no melhor tempo do vinho que el nunca ouvera. (11) Enton o homen de Deus entrou na vinha e colheo aqueles poucos d'azeos d'uvas que hi achou e trouve-os pera o lagar e mandou que se fossen todos ende, tirado ende huum menino pequeno que hi ficou. (12) Aaqueste menino

pequeno mandou o bispo que entrasse no lagar e que pisasse aquelas poucas daquelas uvas que hi deitaron. (13) E pois o menino fez o que lhi mandaron, colheu o bispo en huum vaso aquele pouquetinho de vino que das uvas saio e en cada huma cuba e en cada huma das taalhas deitou daquel pouquetinho daquel vinho que tiinha no vaso, en guisa que adur parecia aquilo que el hi deitara. (14) E pois que esto feze, mandou chamar os pobres pera compartir con eles o vinho que no lagar ficara. (15) E enton, pela sa bõa vontade que ouve pera compartir con os pobres, creceu o vinho tanto no lagar que cada huum dos pobres que ali foron chamados ouve seu cantaro cheo daquele vinho que lhi deron no lagar. (16) E pois entendeu que os pobres avian ja sa parte, mandou ao menino que se partisse do lagar e sarrou a adega e seelou-a de seu seelo e foi-se logo pera a eigreja e a tercer dia chamou o clerigo de missa seu sobrinho Costancio. (17) E pois fez sa oraçon, abrio a adega e as cubas e as taalhas en que mui pouquetinho de vinho deitara, achou-as todas cheas de vinho de tal guisa que trasvertia o vino per cima das cubas e das taalhas. (18) E tanto crecia o vinho que se vertera per terra se o bispo mais tardara. (19) E enton mandou o bispo a Constancio, seu sobrinho clerigo de missa, que dementre ele vivesse nunca este miragre contasse a nen huum homen que do mundo fosse, ca temia o santo bispo que, se os homens soubessem aquilo que acaecera, tanta vãã gloria lhi creceria en seu coraçõ quanto louvor lhi dessen os homens aa de fora.

(20) En aquesto que lhi mandava fazer ainda seguia o enxemplo de Nosso Senhor Jesu Cristo que, querendo trager os homens a carreira d'homildade, mandou aos seus discipolos que alguums miragres daqueles que lhi viiam fazer non-no dissessem a neguum ata que el resurgisse de morte.

(21) E enton disse o seu clerigo don Pedro:

(22) - A materia de que falamos demanda que te pregunte porque o nosso remiidor quando alumeou os dous cegos mandou que o non dissessem a neguum, e pero eles o apregoaron per toda a terra. (23) E assi aparece que o filho de Deus Nosso Senhor jesu Cristo, que he compridamente Deus e homen, e á tan gram poder come o Padre e come o Espiritu Santo e he huma das tres pessoas da triindade, alguma cousa quer que se faça que se non pode comprir, ca o miragre que se fez naquestes cegos quis que fosse calado e non fosse sabudo pero non se pôde asconder.

(24) E San Gregorio respondeu:

(25) - Todalas cousas que o nosso remiidor fez per seu corpo mortal que ouve foron exemplo a nós de o seguir segundo nosso poder. (26) Onde porque o miragre que fez quando os cegos alumeou quis que jouvesse ascondudo e pero non se pôde asconder. (27) Per esto ensinou os seus santos que nos grandes feitos e muit'altos que fezeren ajam voontade de os asconderen. (28) Ca per esto aparecerán e seeran mais homildosos o non averan a gloria do mundo que averian se soubessen. (29) E porque pelos feitos dos bo -o-s reciben gram proveito os outros homens que no mundo viven, ca corregen per i as sas fazendas e enderençan hi os seus estados, por esto praz a Nosso Senhor que os seus bõds feitos sean descobertos contra sa voontade. (30) Onde, Pedro, non quis Nosso Senhor que se fizesse alguma cousa e non se pôde fazer, mais quis dar aa entender per seu exemplo que deven os seus discipulos querer os seus bõds feitos asconder e, contra sas voontades, por proveito dos outros, se deven a descobrir. (31) Ca a homildade grande he do homen bõd, que queira que os seus bõds feitos sean ascondudos e esto deven a querer, e proveito grande he dos outros que sean sabudos ainda que eles non queiram.

(32) E disse o seu clerigo don Pedro:

(33) - Muito mi praz, senhor, o que dizes.

18

(1) Como o bispo Bonifacio disse que o jogar avia de morrer logo.

(2) E San Gregorio disse:

(2a) - Porque, Pedro, fazemos de suso renembrancha do santo bispo Bonifacio, digamos algumas poucas cousas que me nembram del. (3) Acaeceu huum tempo que veo a festa de San Paulo martir e o bispo Bonifacio avia de cantar missa. (4) Huum nobre homen morava en aquel logar, que avia nome Fortunado, e rogou o bispo muito aficadamente que depois que cantasse a missa na eigreja do martir de que falamos, quisesse entrar en sa casa pera lhi dar a sa beençon e, por sa bondade, que comesse con el. (5) E o santo bispo non pôde negar o que lhi Fortunado demandou con grande amor de Deus. (6) E pois fez todo seu officio veo-se pera casa de don Fortunado e, ante que beezessen a mesa, veo huum jogar con huma bugia e tragia sas campããs que lhi fazia tanger. (7) E, ante que nunca beezessen a mesa, fez tanger as campããs aa bogia

pera se pagaren del que o recebessen dentro pera comer. (8) E o santo bispo pois que o vio tanger as campããs disse con gram desdenhamento:

(9) - Ai eu! Ai eu! Morto he aquel mesquinho! Morto he aquel mesquinho! (10) Eu viim aqui pera comer e ainda non abri mha boca pera louvar Deus e ja aquele ven con sa bogia pera tanger sas campããs e pera fazer seus escárnios de que riam os homens.

(11) Empero disse:

(12) - Ide e por amor de Deus dado-lhi que cómia e que beva, pero sabe Deus que morto he.

(13) E aquel mal aventurado jogar pois lhi deron que comesse e que bevesse, e saindo-se da casa, caeu huum seixo do teito da casa e deu-lhi na cabeça e tan maa foi a ferida que o levaron logo por morto. (14) E en outro dia morreu assi como dissera o santo bispo. (15) E por tal cousa como esta, Pedro, deve homen pensar quanto temor e quanta reverença deven a aver aos homens santos e amigos de Deus, ca diz a Escritura deles que son templo e casa de Deus. (16) E quando alguen o homen santo move, pera sanha que ven, outren se non move pera asanhar senon aquel en cujo templo o en cuja casa El mora. (17) E portanto, quanto homen mais deve a temer a ira dos bõds e dos amigos de Deus, quanto mais certo he que nos seus coraçõs he presente aquel que os pode logo vingar.

19

(1) Como o bispo Bonifacio deu o preço do cavalo aos pobres e gaanhou outro tanto depois de Nosso Senhor pera entrega-lo aaquel a que o tomara.

(2) Contou ainda San Gregorio que este santo bispo Bonifacio ouve huum seu sobrinho clerigo de missa, que avia nome Constancio, e huma vegada vendeu huum seu cavalo por XII soldos en ouro o pose-os en sa arca que tiinha en casa do bispo e depois saiu ende pera adubar seu proveito. (3) Acaeceu depois que veeron pobres ao bispo que lhis desse alguma esmolna por amor de Deus, mais o servo de Deus, porque non avia que lhis dar, começou-se a coitar e a cuidar como os pobres se non partissen del sen alguma esmolna. (4) E enton nembrou-se que seu sobrinho Constancio vendera huum cavalo e tiinha o preço que ende ouvera en sa arca. (5) E quando el non estava presente, achegou-se o senhor bispo a arca e tomou aqueles XII soldos en

ouro que hi achou. (6) E pois chegou Constancio seu sobrinho e achou a arca britada e non achou o preço do cavalo que hi posera, deu grandes vozes e, assanhando-se mui fortemente, braadava e dezia:

(7) - Todos aqui viven e eu soo non posso aqui viver!

(8) E aos seus braados veo o bispo e todos aqueles que hi eran presentes con o bispo. (9) E, querendo-o confortar o santo bispo per palavras mansas e homildosas, el respondia palavras d'homen sanhudo e dezia:

(10) - Todos viven contigo e eu soo non posso contigo viver! (11) Da-mi meus soldos en ouro que mi tomasti!

(12) E pois aquesto disse, entrou o bispo na eigreja de Santa Maria e, teendo as mãos alçadas e o manto tendudo, começou a rogar que lhi desse onde podesse amansar a sanha do clerigo, que era tam bravo e tan felon contra ele polos dinheiros que lhi tomara. (13) E parando el mentes ao manto que tiinha tendudo antr'os braços, achou XII soldos en ouro e esplandecian tan muito come se naquela hora saissen da frávega.

(14) E pois se o bispo saio da eigreja, deitou aqueles soldos d'ouro no regaço daquele seu sobrinho clerigo de missa que estava mui felon o disse-lhi:

(15) - Ora ás tu teu aver que demandasti, mais eu ti digo por certo que, depós mha morte, non seerás bispo desta eigreja pola avareza que mostrasti en feito daqueste aver.

(16) E per estas palavras que el disse, entenderon muitos homens por verdade que aquel clerigo seu sobrinho guardava aqueles soldos en ouro que, depós morte de seu tio, gaanhasse o bispado per eles. (17) Mais a sentença do bispo santo valeu mais ante Deus, ca aquel bispado que o seu sobrinho don Constancio cuidara a aver nunca o ouve.

20

(1) Como Bonifacio encheude vinho o barril dos godos.

(2) Outro tempo acaeceu que Bonifacio bispo recebeu por hospedes en sa casa dous homens do linagen dos godos que querian ir a gram pressa aa cidade de Revena por cousas que hi avian de desembargar. (3) E ele lhes deu con sa mão huum barril pequeno de madeiro cheo de vinho, que bevessen pela carreira, que os podia abastar a huum jantar. (4) E pero beveron

sempre dele ata que chegaron aa cidade de Ravena e ficaron en essa cidade de Ravena per alguums dias e beviam sempre daquele vinho. (5) E pois se tornaron pera o bispo, e que sempre daquel vinho bevián, nunca falecia o vinho do barril que lhis o bispo dera, mais semelhava que o vino non se acrecentava do barril mais que nacia en el.

21

(1) Como Bonifacio afejuntou do horto o burgo e a lagarta que en el andavan.

(2) Contou ainda San Gregorio que noutro dia, daquela terra en que morava aquel santo bispo, veo huum homen bõõ velho que contou muitas cousas daquel bispo que non son pera calar. (3) Ca disse que huum dia entrou o bispo en huum seu horto e achou-o todo coberto de burgo e de pulgon e de lagarta. (4) E pois entendeu que todas verças do seu horto perecian per aqueles bestos que o comian, disse-lhis:

(5) - Eu vos mando en nome de Nosso Senhor Jesu Cristo que vós vaades daqui e non mi queirades comer mhas verças.

(6) E todos aqueles beschos que na horta andavan e as versas comian partiron-se do horto e nunca ende hi huum ficou.

22

(1) Como Bonifacio furtou o triigo de sa madre e deu-o aos pobres.

(2) Contou depois San Gregorio: (3) Que maravilha he de contarmos nós estas cousas do bispo Bonifacio que el fez no tempo en que era bispo! (4) Pois el, seendo menino, era tan chegado a Nosso Senhor per bõa vida e per bõõs custumes que fazia Deus por el enton tan grandes maravilhas como estas de que ora falamos. (5) Assi conta huum clerigo velho que a min veo:

(6) E este clerigo mi contou que este Bonifacio, seendo menino e vivendo con sa madre, quando saia da casa e achava algum pobre andando nuu, desvestia-se aas vegadas da saia e dava-lha. (7) E esto lhis fazia ele pera lho agalardoar Deus por cujo amor lhe el fazia. (8)

E sa madre o soia a trager mal porende, ca dezia que non era guisado que, pois ele pobre era, as vestiduras que tragia desse aos outros pobres e ficasse desnudo. (9) Esta sa madre entrou huma vegada en seu celeiro e achou todo o triigo per que se avia de governar todo o ano dado per seu filho aos pobres que naquela terra avia. (10) E pois que esto vio, dava con sas palmas e con seus punhos en seu rosto e dezia que avia perdudo todo aquello per que se avia de manteer todo o ano. (11) E pois veo o seu filho Bonifacio, confortou-a per sas palavras quanto pôde. (12) E porque ela non quis receber nen huum conforto que lhi ele fazia, rogou-a ele que se saisse do celeiro en que ficaron ja que poucos grãos de triigo daquel que el dera aos pobres. (13) E pois o menino de Deus sarrou a porta sobre si, deitou-se en sa oraçon. (14) E a cabo de pouco trouxe sa madre ao celeiro e achou-o tan cheo de triigo como nunca ante fora, ca lhi semelhava que quanto triigo despendera per todo o ano que ali o viia ajuntado e ouve ende gram prazer. (15) E pois a madre de Bonifacio vio este miragre quebrou-lhi o coraçõn por aquello que fezera e ouve gram devoçõn e gram prazer no triigo que lhi Deus acrecentara. (16) E disse a seu filho que, pois el tan aginha gaanhava de Nosso Senhor as cousas que lhi demandava que, des aqui en deante, desse aos pobre do seu quanto el quisesse dar.

23

(1) Como Bonifacio gaanhou de Deus que a raposa que comia as galinas de sa madre morresse ante os seus pees.

(2) Contou ainda San Gregorio que aquesta madre de San Bonifacio criava sas galinas en huum logar apartado daquela casa en que morava e huma raposa soia a viir duma aldeia para a outra que hi estava mui chegada e comia-lhas. (3) Acaeceu huum dia que o menino Bonifacio, estando naquel logar apartado hu as galinas andavan, veno a raposa assi como soia e tomou ende huma. (4) E o menino Bonifacio entrou logo na eigreja o deitou-se en oraçon e disse grandes vozes:

(5) - Praz a ti, senhor, que da criança de mha madre nunca eu possa comer? (6) Ei as galinas que cria, huma raposa lhas come!

(7) E pois acabou sa oraçon saiu-se da eigreja o logo aginha a raposa tornou e pôs ant'el a galina que tragia na boca e caeu logo en terra, morta.

(8) E don Pedro seu clerigo disse enton:

(9) - Gram maravilha he, padre, que Deus quer ouvir os rogos daqueles que an esperança en el nas cousas viis e refeces.

(10) E San Gregorio respondeu:

(11) - Aquesto, Pedro, se faz que Deus ouça o rogo dos seus servos nas cousas viis e refeces per dispensaçom grande da sa piedade, pera dar a entender que como dá as cousas pequenas, assi devemos a esperar que nos dará as maiores. (12) E por esso o menino soo e simprez Bonifacio foi exouvido nas cousas viis e pequenas que per elas aprendesse quanto devia a confiar de Deus quando o por cousas grandes rogasse.

(13) E don Pedro seu clerigo disse enton:

(14) - Muito mi praz, padre, o que dizes.

24

(1) Como bispo Fortunado livrou do demonio a nora da molher.

(2) Outro homen muito honrado ouve naquela terra de Toscana, que ouve nome Fortunado, e foi bispo da eigreja de Tuderte e ouve gram vertude e gram poder pera tirar os enmiigos dos corpos dos homens e pera vence-los quando se juntavan contra ele. (3) Huum homen bõõ que avia nome Juiãõ, que foi defendedor desta nossa eigreja, e ha pouco que ainda morreu naquela nossa cidade de Roma, era mui grande amigo daqueste bispo e sabia todos los feitos e os miragres que Deus por el fazia. (4) Este Juiãõ mi contou que en Toscana era huma molher nobre que casara seu filho con huma manceba de gram linagen e mui rica. (5) Aquesta manceba con sa sogra foi convidada pera ir aa consagraçom da eigreja de San Savaschãõ martir. (6) En aquela meesma noite que viinha ant'o dia en que devia a ir aa consagraçom, foi tan vençuda do deleito da carne que non pôde estar que o desejo que avia non comprisse con seu marido. (7) Ca tan sobejo foi o prazer da carne que ouve que aquelo que fez con seu marido fezera-o con outro qualquer. (8) E porque se non achegou a seu marido senon come a outro homen qualquer, porende caeu en pecado mortal. (9) E este he huum dos casos en que os casados pecan mortalmente: (10) quando se juntan, polo sobejo deleito da carne que am, como se juntarian con outros quaesquer. (11) E quando foi manhãã, nembrando-se do deleito da carne

que acabara, ouve consciencia d'ir aa consagraçom do santo martir San Savaschão que prometera; e da outra parte avia vergonha se non comprisse a promessa que fezera. (12) E avendo moor vergonha do que prometera ant'os homens bõds, se o non comprisse, ca do sobejo deleito que de noite con seu marido comprira, come con outro homen qualquer, a vergonha dos homens venceu a vergonha de Deus e foi en outro dia aa consagraçom do santo martir, a que prometera a ir, ainda con sa consciencia, por non caer na vergonha do mundo, e en esto pecava ainda mortalmente. (13) Ca diz a Escritura que quen faz contra sa consciencia faz edificio e morada pera o inferno.

(14) E pois a nora e a sogra entraron pela eigreja de San Savaschão martir, o espirtu maaou entrou no corpo da nora desta bõa dona, de que ora falamos, o atormentou-a mui fortemente, todo o poboo. (15) E o clerigo da eigreja pois viu que o enmiigo a atormentava tan torpemente, deitou huma savãã do altar sobr'ela e cobrio-a dela. (16) E o enmiigo pois esto viu, entrou no corpo do clerigo e atormentou-o, porque o clerigo quis fazer o que non podia. (17) Confessou o enmiigo per sa boca que entrara en el porque non avia tan gram poder que o podesse deitar do corpo daquela molher en que entrara e pero fazia enfinta aa gente que o podia ende deitar. (18) E aqueles que hi estavam levaron o corpo da menina en que o enmiigo entrara da eigreja de San Savaschão martir pera sa casa. (19) E pois viron seus parentes que o enmiigo a atormentava continuadamente, amando mais o seu corpo que a sa alma, trabalharon-se per encantadores que deitassen o enmiigo do seu corpo e levaron-na a huum rio e metoron-na dentro na agua. (20) E ali, per sas encantações, trabalharon que o enmiigo que en ela entrara que saisse dela. (21) E o juizo de Deus maravilhoso o ascondudo foi contra ela, ca pela arte do encantamento saiu huum enmiigo do seu corpo que a atormentava e entraron en ela seis mil e VI centos e sasseenta e seis que fazen huma leison. (22) E ela começou a braadar e a dar tantas vozes e a mover-se per atantas maneiras quantos eran os spiritos maaos que no seu corpo jazian.

(23) Enton os parentes ouveron conselho e confessaron a perfia en que estavam pois viron que huum soo enmiigo non poderon tirar de seu corpo, mais pela sa perfia e pelas sas encantações, en que confiavan, entraron en ela seix mil e VI centos e sasseenta e VI. (24) Levaron-na ao santo bispo Fortunado e leixaron-na ant'el que rogasse a Deus por ela. (25) E o santo bispo Fortunado deitou-se en oraçom per muitos dias e per muitas noites. (26) E tanto rogou de moor coraçom e de moor voontade quanto a companha dos enmiigos que en huum

corpo jazian foi maior, e quis a vertude e o poder de Deus que, a cabo de poucos dias, assi ficou a manceba sã e salva do poder do enmiigo, come se en ela nunca nen huum enmiigo entrasse.

25

(1) Como o spiritu maa saia duum homen demoniado per San Fortunado e como depois deitou huum filho duum homen no fogo e matou-o.

(2) Contou ainda San Gregorio que aqieste servo de Deus Fortunado tirou o enmiigo do corpo duum homen en que jazia. (3) E o spiritu maa, chegando-se ja a noite, tomou semelhança duum romeu e andava pelas ruas da cidade e braadava dizendo:

(4) - Qra veede, bõas gentes, que fez o bispo Fortunado. (5) Eu que soon homen estranho, deitou-me de mha pousada e en toda esta sa cidade, porque ele hi á poderio, non acho hu me receban.

(6) E enton huum homen siia en sa pousada con sa molher e con seu filhezino pequeno e tiinha seu fogo ante si a que se acaentava con sa molher e con seu filho. (7) E pois ouvio o queixume que o romeu fazia do bispo, e ainda pera seer ende mais certo, perguntou-o e convidou-o pera sa pousada e feze-o seer consigo ante o fogo. (8) E eles assi seendo falando huuns outros, o espiritu maa entrou no filho do hospede que o recebera na casa e deitou-o no fogo e matou-o. (9) E enton o hospede piadoso pois perdeu o filho per aquel que recebera, entendeu quem era aquel que en sa casa recebera e quem era aquele que o bispo da cidade deitara.

(10) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(11) - Que podemos dizer, padre, da ousança que o enmiigo antigo tomava na casa do homen bõõ que o recebera polo amor de Deus en sa casa, cuidando que era romeu?

(12) E San Gregorio respondeu:

(13) - Pedro, muitas cousas parecen bõas e non-no son, ca se non fazen de bõõ coração. (14) E por esso disse o filho do Deus, que he verdade, no Evangelho: (15) “Se o teu olho for maa, todo o teu corpo seerá cheo de teevra.” (16) Como se dissesse: quando o homen ha maa entençon na obra que quer fazer todolos outros feitos que homen faz, pera acabar aquela obra que faz con maa entençon, son maaos , como quer que aas vezes bõõs parescan. (17) Ca diz

Santo Ambrosio: (18) “A ta entençon pon nome a ta obra.” (19) Ca se a entençon que homen ha na obra que faz he boa, a obra seerá bõa; e se maa he a entençon que o homen ha, a obra seerá maa.

(20) - Eu cuidei, Pedro - disse San Gregorio - que aqieste que perdeu o filho pelo enmiigo que recebeu en sa casa en semelhança de pobre, fazia-o mais pera defamar o bispo que dezian que deitava os pobres da cidade, ca por obra de piedade que lhi el entendesse a fazer. (21) Ca o mal que lh’ende acaeceu mostrou que o seu recebimento sen culpa non foi. (22) Ca son muitos que muitas vezes se trabalhan de fazer ben pera tolheren prez e louvor aas obras que os outros fazem. (23) Nen se deleitan no ben que fazem, mais no louvor do ben per que os outros vencen. (24) E portanto cuido, Pedro - disse San Gregorio - que aqieste homen que o spiritu maaõ recebeu en sa casa por hospede, feze-o mais por louvor do mundo ca por fazer ben e por dizerem os homens que fezera melhor obra que o bispo, ca el recebia en sa casa o pobre que o bispo da cidade deitava.

(25) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(26) - Assi he como dizen que a cima do feito mostra que entençon ouve aquele que o fez. (27) E porende parece que aquele que recebeu o enmiigo en logo de pobre, non ouve bõa entençon, ca o recebeu non por amor de Deus, mais por mal do bispo da cidade.

26

(1) Como Fortunado sãõ o cego.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Pedro, en outro tempo acaeceu que huum homen perdeu lume de seus olhos e trouveran-no a este santo bispo Fortunado que rogasse a Deus por ele. (4) E el, pois fez sa oraçon, fez-lhi o sinal da cruz sobrelos olhos e foi logo sãõ.

27

(1) Como Fortunado sãou o cavalo duum cavaleiro duum demo.

(2) Acaeceu ainda que huum cavalo duum cavaleiro foi ravioso e adur o podian teer, por muitos que se juntassen a el, e quantos podia morder todos ficavan laididos del. (3) E juntaron-se muitos homeens e trouveran-no legado ao santo bispo. (4) E o homen santo, pois fez o sinal da cruz con sa mão sobre a cabeça do cavalo, toda a rávia e a braveza que avia mudou-a em mansidoen, en guisa que foi mais manso depois que ante que fosse enfermo. (5) Enton o cavaleiro ofereceu ao santo homen aquel cavalo, que vira tan aginha de tan gram rávia e de tan gram braveza en tan gram mansidoen per tan gram miragre mudado. (6) E porque o bispo o non queria receber per nen huma maneira, rogou-o o cavaleiro de tan gram coraçon que por amor de Deus o don que lhi dava non-no despreçasse. (7) E o bispo santo non querendo tomar preço polo miragre que Deus por el fezera, nen er querendo despreçar o rogo que lh'o cavaleiro tan aficadamente fazia, cuidou quanto o cavalo diretamente podia valer e deu-o ao cavaleiro polo cavalo que mester non avia. (8) E assi fez rogo do cavaleiro, filhando o cavalo, e non assanhou Deus, vendendo o miragre e a vertude que por el fezera.

28

(1) Como o godo per vertude de Deus constrenjudo deu o menino a Fortunado.

(2) Contou ainda San Gregorio daqueste bispo Fortunado e disse:

(3) - Non me devo a calar duma cousa que aprendi dos miragres deste santo bispo Fortunado non ha ainda doze dias:

(4) Huum homen bõõ velho e pobre veo a min, e porque eu ei sempre prazer de falar con os velhos, perguntei-o mui de coraçon onde era e el mi respondeu que era da cidade de Tuderte. E eu lhi dixi:

(5) - Rogo-te que mi digas se conocisti o bispo Fortunado.

(6) E el mi disse:

(7) - Padre, conocí e conosco mui ben.

(8) E eu lhi perguntei:

(9) - Sabes alguums miragres daqueles que Deus por el fez?

(10) E el disse:

(11) - Aqueste homen muito alonjado he daquestes que nós ora veemos, ca todas aquelas cousas que a Deus pede todas lhas el compre. (12) E quero-ti dizer huma cousa -disse o velho a San Gregorio - que me ora nembra dele: (13) Huum dia veeron os godos cabo da cidade de Tuderte e levaron dous meninhos duma quintaa en que estavam que perteeceia aa cidade de Tuderte. (14) E pois esto disseron ao santo bispo Fortunado, mandou rogar aos godos que veessen a el. (15) E pois a el veeron, trabalhou-se d'amansar e d'apagar per palavras doces a esquividade e a crueza que en eles avia. (16) E depós esto, disse-lhis:

(17) - Que preço queredes que vos dê e dade-mi aqueles meninhos? (18) E eu vo-lo gracirei muito.

(19) E aquele que semelhava maior entr'eles respondeu e disse:

(20) - Qualquer outra cousa que nos mandedes fazer, faremo-lo de boa mente, mais estes meninhos non ch'os daremos.

(21) E o santo bispo ameaçou-o cortesmente e disse:

(22) - Muito me leixas triste por estes meninhos que mi non dás. E non ouves o rogo que ti fez teu padre espiritual? (24) Conselho-ti que me non des tan gram tresteza, ca non pode seer ta prol.

(25) E o godo, pesseverando en felonía de seu coração, partiu-se do bispo e non lhi quis outorgar o que lhi pediu. (26) En outro dia, querendo-se ir aqueles godos pera a cidade de Ravena, a que iam de gram pressa, huum daqueles que era maioral veo veer o bispo ante que se fosse. (27) E o bispo o rogou con grande homildade que lhi desse aqueles meninhos. (28) E ele non lhos quis dar e ficou ende o bispo mui triste e disse-lhi:

(29) - Sei eu que non he teu proveito porque te partes de min e me leix es cá triste, pelos meninhos que me non queres dar.

(30) E o godo deu pouco por sas palavras e tornou-se pera sa pousada e fez os meninhos poer en senhos cavalos e enviou-os con seus homens pera a cidade de Ravena hu el queria ir. (31) E el subio en seu cavalo e, indo-se empós eles, quando foi ant'a eigreja do apostolo San Pedro que era dentro na cidade, escorregou o pee ao cavalo e caeu con el e logo lhi quebrou a perna en guisa que o osso se partiu en duas partes. (32) Enton levaron-no aa pousada homens que hi estavam, en sas mãos. (33) E el tan toste enviou polos meninhos, que ja fezera ir deante e, quando chegaron, mandou dizer ao bispo don Fortunado e roga-lo mui de coração que lhi

enviasse logo o seu clérigo d'avangelho. (34) E pois o clérigo do bispo veu a el, entregou os meninhos que non quisera dar ao bispo aaquel seu clérigo e disse-lhi:

(35) - Vai e di assi a meu senhor o bispo porque me maldisse e que jasco mui mal ferido; mais recébi os meninhos que mi mandasti que ti envio per este teu clérigo e rogo-te que rogues a Deus por min.

(36) E o clérigo do bispo recebeu os meninhos e trouve-os ao bispo. (37) E pois o bispo soube como aquel godo jazia mal ferido, deu ao seu clérigo agua beenta que lhi levasse e disse-lhi:

(38) Vai e deita desta agua beenta sobrelo corpo daquel que jaz enfermo.

(39) E pois o clérigo do bispo veu e entrou ali hu jazia o enfermo, deitou a agua beenta sobr'el e foi mui gram maravilha, ca a hora que a agua beenta tangeu a coixa daquel que jazia ferido, logo se soldaron todolos ossos que eran quebrados e tapou-se a chaga da coixa e foi logo tan sãão come da primeira. (40) E logo naquela hora se levantou do leito en que jazia e subio en seu cavalo pera acabar seu caminho que começara come se nunca nen huum mal ouvesse en seu corpo.

(41) E assi se fez. (41a) Depois que aquel que non quis obedeeer ao santo bispo nen lhi dar os meninhos polo preço que lhi dava, pois foi atormentado polo juizo de Deus que veu sobr'ele, pela oraçon do santo bispo, deu-lhos sen preço.

29

(1) Como Fortunado ressuscitou Marcelo.

(2) E pois estas cousas ditas, disse San Gregorio:

(3) - O velho que mi contou a questo que ora dito he queria ainda contar outras cousas daquel bispo que as sabia, mas, porque eu - diz San Gregorio - era embargado porque avia de fazer con outros muitos, per razon do ofizio en que soon e, era ja mui tardi, non pudi ouvir os feitos do santo bispo Fortunado que eu queria de boa mente sempre ouvir cada que ouvesse vagar. (4) E porende en outro dia contou-mi aquel velho outra cousa mui maravilhosa dele e disse que naquela cidade de Tuderte avia huum homen de santa vida, que avia nome Marcelo, e morava con duas sas irmããs que eran bõas molheres.

(5) Aqueste Marcelo por enfermidade que ouve morreu en huum sabado vespera de Pasqua. (6) E porque o aviam de levar longe pera soterrar, non-no poderon en aquel dia soterrar. (7) En aquesta demoraça grande que se ora fez, per razon do tempo pera soterrar o corpo, as sas duas irmãs, que eran mui coitadas pola sa morte, veeron mui't'aginha ao bispo Fortunado con muitas lagrimas e con grandes vozes começaram a braadar:

(8) - Mas nós sabemos que tu teens a vida dos apostolos, alímpias os gafos e alumeas os cegos, ven-te e resuscita o nosso morto.

(9) E o santo bispo pois soube que era Marcelo morto, começou a chorar mui rijamente por el e disse a sas irmãs:

(10) - Ide-vos e non queirades tal rogo fazer a neguum, ca mandado de Nosso Senhor he a que non pode contradizer nen huum homen que no mundo seja.

(11) En outro dia, domingo, levantou-se o bispo ante que quebrasse a alvor e foi-se pera casa do morto e achegou-se ao leito en que o corpo morto jazia e fez hi sa oraçon. (12) E depois que a comprio, asseentou-se cabo do morto e chamou-o per seu nome, non dando grandes braados e disse:

(13) - Irmão Marcelo!

(14) E el acordou come se acordasse de sono quando ouvio nomear o seu nome, como quer que a voz per que o chamasse fosse pequena, e abrio logo os olhos. (15) E pois vio o bispo disse:

(16) - Ai! E que fizisti? (17) Ai! E que fizisti?

(18) E o bispo lhi respondeu e disse:

(19) - Que figi?

(20) E Marcelo disse:

(21) Dous veeron o dia d'oonte que me tiraron a alma do corpo e mh'a levaron pera o bõõ logar e hoge enviaron huum que disse: "tornade-o, tornade-o, ca o bispo Fortunado vai pera sa casa."

(22) E pois estas palavras disse, logo ficou são de sa enfermidade e viveu depois longo tempo. (23) E pero non he pera creer - diz San Gregorio - que o bõõ logar a que o ja levaron que o perdesse. (24) Ca non he duvida que aquele que ante sa morte fez muitas boas obras per que prougesse a Deus, pela oraçon do seu amigo podia-lhi Deus tanto ben dar per que vivesse

despola morte melhor, pera achar depois melhor logar ca aquel pera que o primeiramente levaron.

(25) - Mais, por que dizemos nós - disse aquel velho a San Gregorio - muitas cousas da vida santa fez aqueste bispo quando era vivo? (26) Pois nós veemos que Nosso Senhor fez tantos miragres polo seu corpo ali hu jaz. (27) Ca assi como soia ante quando era vivo a tirar os enmiigos dos corpos dos homens e a sãar os enfermos, assi o faz ora cada dia a quen quer que o compridamente demanda ali hu jazem os seus ossos mortos.

(28) - Mais ora mi praz, Pedro, que fale ainda d'alguum homeens bõos, que moran na provincia de Valeria, de que mi contou muitos miragres o honrado baron Fortunado de que suso falei. (29) Ca este Fortunado viinha a min muitas vegadas e contava-mi alguum feitos velhos e antigos e assi se confortava e deleitava en eles a mha alma ben come fossen novos.

(30) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(31) - Fala, padre, de quaes quiseses ca prazer grande ei quando me levas a outra terra contando os beens e as maravilhas dos homens que hi viven. (32) E outrossi quando me trages a esta terra contando as vidas santas e honradas daqueles que hi naceron e viveron.

30

(1) Como Martirio fez o sinal da cruz sobrelo pan que jazia sô a borralha e assi o acharon con ela.

(2) E San Gregorio disse:

(3) - Naquela provincia de Valeria foi huum homen santo, servo de Deus e mui devoto, que ouve nome Martirio, e mi contou de si meesmo aquelo que eu quero dizer: (4) Huum dia os frades, cujo abade este homen santo Martirio era, fezeran huum pan de soborrvalho e non lhi fezeron hi o sinal da cruz, assi como he custume naquela proença - que o pan quando ho cruu assiinan-no con huum madeiro que semelha que se pode partir per quatro quartos en semelhança de cruz. (5) E quando o abade chegou e entendeu que o pan jazia cuberto de brasas e de cininsa e non fora assinaado do sinal da cruz sobr'el, o pam deu huum tan gram soom ben come se quebrasse ola per gram fogo. (6) E pois o pan foi coito e tirado do fogo, acharon-no con cruz

come cada huum dos outros en que fazian a cruz con paa. (7) E esta cruz non foi feita con paa que o tangesse, mais pola fe do santo homen Martirio.

31

(1) Como Severo preste resuscitou per sa oraçon huum monge.

(2) Contou ainda San Gregorio que naquele meesmo logar avia huum vale a que dezian Iterorina. (3) En este vale morava huum homen de vida maravilhosa e avia nome Severo e era sacerdote duma eigreja de Santa Maria que hi avia. (4) Huum homen bõõ jazia doente pera a morte e mandou rogar aqieste santo sacerdote que o veesse ouvir de confisson. (5) E o sacerdote andava podando sa vinha o disse aos mandadeiros que se veessen e que logo se el verria depós eles. (6) E el non se quis viir ante, ata que acabasse huum pouco que avia de podar na vinha. (7) E pois acabou e se viinha ja pera o enfermo, sairon contra ele os mandadeiros que primeiramente veeron e disseron-lhi:

(8) - Padre, porque tardasti non queiras ja cansar, ca o enfermo a que ias ja morto he.

(9) Pois que ele esto ouvio, começou a tremer mui rijamente e dar grandes vozes e braadar e atestar que el matara aquele homen. (10) E viindo assi con grandes choros ata o logar hu jazia o corpo do homen morto, deitou-se en terra ant'o seu leito e con muitas lagrimas dava con a cabeça en terra e dizia con grandes braados que el era o culpado pola morte daquel homen. (11) E a cabo de pouco tornou a alma ao corpo do morto e levantou-se logo vivo e sãão. (12) E pois esto viron aqueles que hi estavam, deron muitas graças a Deus e con mui gram prazer começaram a chorar. (13) E pois o preguntaron hu fora ou como tornara, disse:

(14) - Homens negros que deitavan per sas bocas e per seus narizes fogo que eu non podia sofrer, levavan-me per huuns logares muito escuros. (15) E tan toste apareceu nosco huum mancebo mui fremoso e disse aaqueles que me levavan: (16) “tornade este homen a seu logar onde o tirastes, ca Severo sacerdote faz por el gram chanto e Nosso Senhor deu-lho polas lagrimas muitas que por el chora”.

(17) E Severo levantou-se logo de terra e ouvio de confisson aquel homen que fora morto e rogou a Deus por el e per sete dias fez peendença dos seus pecados. (18) E aos oito dias saiu-lhi a alma do corpo con gram prazer.

(19) E diz San Gregorio:

(20) - Ora podes entender, Pedro, quanto amava Deus aqieste sacerdote Severo, de que non quis sofrer que huum pouco de tempo ouvesse huma pequena de tresteza.

(21) E don Pedro seu clerigo disse:

(22) - Muito me maravilho, padre, de todas estas cousas que mi contas que ata aqui sempre mi foron ascondudas, mais que podemos dizer que no tempo d'ora taaes homens non podemos achar no mundo.

(23) E San Gregorio respondeu:

(24) - Eu cuido, Pedro, que muitos taaes ha ainda no mundo e non leixan poren de seer taaes e tan bõs, por non fazeren taaes miragres come eles, ca a vida santa e bõa non parece solamente en fazer miragres come eles, mais en fazer boas obras. (25) Ca muitos son que como quer que miragres non façam, pero non son de meor merecimento ca aqueles que os fazem.

(26) E o seu clerigo don Pedro disse:

(27) - Que mi podes, padre, mostrar que, como quer que alguums sejam que per miragres non façan, empero non son de meor galardon ante Deus ca aqueles que os fazem?

(28) E San Gregorio disse:

(29) - Non sabes tu que, como quer que o apostolo San Pedro fosse o primeiro e princepe dos apostolos sô Nosso Senhor, pero San Paulo, que foi prestumeiro, foi depois seu irmão e apostolo como ele?

(30) E don Pedro disse:

(31) - Sei eu chããmente e non duvido nemigalha. (32) E como quer que se chamasse mais pequeno de todolos apostolos, pero mais trabalhou ca todolos outros.

(33) E San Gregorio disse:

(34) - Ben te nembras tu, Pedro, que diz a Escritura que San Pedro apostolo andou sobrelo mar con seus pees. (35) E o apostolo San Paulo, andando sobrelo mar con sa nave, ouve gram tormenta. (36) E assi en huum meesmo elemento en que San Pedro andava con seus pees, San Paulo non podia ir, nen andar con nave pola tormenta grande que avia. (37) E assi parece abertamente que como quer que a vertude de cada huum fosse desigual no miragre, pero o merecimento de cada huum non era desigual no ceo.

(38) E o seu clerigo don Pedro disse:

(39) - Praz-mi, padre, de todo en todo o que mi dizes e ora conhosco abertamente: (39a) Pera saber homen a bondade d'alguen, non deve damandar solamente os miragres que faz, mais a bõa vida que vive. (40) E porque os miragres que se fazem dan testimonio da bõa vida, rogo-te que se te nembras d'alguums que mh'os digas e que fartes esta mha alma e que a confortes pelos eixemplos dos bõds que en este mundo viverom.

(41) E San Gregorio disse:

(42) - Queria-te contar, a louvor do nosso remiidor, alguums dos miragres do honrado baron San Beento. (43) Mais porque todo o tempo do dia d'hoje non nos abastaria pera os contar compridamente, mais livremente os poderemos depois contar e faremos en eles começo do Segundo Livro, pois naquelas cousas que ditas son o Primeiro Livro acabamos.

(44) Aqui se acaba o Primeiro Livro do Dialago de San Gregorio, papa da cidade de Roma, da vida e dos miragres dos santos padres.

LIVRO SEGUNDO

1

(1) Aqui se começa o Segundo Livro do Dialago de San Gregorio.

(2) Foi huum baron de vida muito honrada e ouve nome Beento per graça e per nome. (3) Aqueste des sa mininice sempre ouve coração de velho per manhas e per costumes, ca contra a idade de mennice que avia nunca foi prazer nen deleito do mundo en que possesse seu coração. (4) E dementre no mundo era en tempo que podera fazer todo seu prazer, despreçou o mundo que estava con toda sa frol, ben como se fosse ja seco. (5) Aqueste naceu na provincia de Núrsia do linagen mais fram e mais livre e mais rico que hi avia. (6) E seu padre e sa madre enviaron-no pera Roma hu enviavan todos os filhos dos outros homens bõds naquel tempo, pera aprenderem as sete artes que chaman liberaes. (7) A primeira he a Gramatica que mostra en como homen pode falar ben e mal; (8) a segunda he a Logica que mostra per que carreiras homen pode viinr mais aginha aa verdade e partir-se de falsidade; (9) a terceira he a Reitorica que mostra carreiras per que homen possa falar ben e aposto pera aver os coração-es dos juizes

ante que fala, ou doutros quaesquer, e pera se saber guardar do contrairo que he falar mal e desaposto. (10) E aaquestas tres artes chaman os leterados trivio porque mostram tres carreiras pera aquelas cimas de que ora falamos. (11) A quarta he Arismetica que fala dos contos en geeral; (12) a quinta he Geometria que fala dos contos e das medidas per que homen pode saber as canteas e os espaços da terra; (13) a sexta he a Musica que fala en como se devan mudar e mesurar as vozes dos cantos pera fazeren prazer ou desprazer aaqueles que as ouven; (14) a septima heaa Astrologia que fala dos espaços per quanto se huma estrela parte da outra e como se moven e que vertudes an. (15) E a estas quatro artes prestumeiras chaman os leterados quadrivio, porque mostram quatro carreiras pera quatro cimas pera que son, de que ora falamos. (16) E todas estas sete artes chaman os letrados liberaes, porque fazem os coraçoes daqueles que en elas estudan livres e quites dos cuidados do mundo.

(17) E porque San Beento vio muitos daqueles que en estas artes estudavam envoltos en muitos pecados, hum pee que adur na entra da do mundo posera tirou, assi ca se mais aprendera da sabença do mundo en que os outros andavan, tanto lhi semelhava como se se esfalfasse do mais alto monte no mais fundo poco que no mundo podesse soer. (18) E por esto despreçou as sabenças vãs de que suso falamos e a casa e os beens de seu padre. (19) E, desejando a fazer prazer a Deus de todo seu coraçõ, tomou hávito de santa religion en que vivesse. (20) E assi este necio a sabendas, ca despreçava a sabença do mundo que os homens preçava a de Deus que os homens despreçam, partiu-se de viver antr'os homeens.

(21) E conta San Gregorio de si e diz:

(22) - Todalas santas obras que este santo homen fez non-nas aprendi eu mais humas poucas que eu quero contar. (23) Anprendi-as de quatro seus discipolos que mh'as disseron, homeens de gram fe e de gram santidade. (24) Hum deles ouve nome Constantim que foi abade depós ele. (25) Outro ouve nome Valentiniano que foi prelado no moesteiro de San Yoane de Leteram per muitos anos. (26) O terceiro ouve nome Simplicio que foi terceiro abade depós el. (27) O quarto ouve nome Honrado que he ainda prelado naquela cela en que primeiramente el viveu.

(28) Aqueste glorioso San Beento, depois que se partiu destas sabenças do mundo e propôs en coraçõ d'ir morar ao deserto, huma sa ama que o amava mui dereitamente foi-se soo con el. (29) E quando veenron a hum logar que chamavan Fide, fezeron-no ficar consigo huuns homens muito honestos e mui bõs e muito amigos de Deus e, pousando entanto en huma

eigreja de San Pedro que hi avia, aquela sa ama pediu aas molheres que moravan derredor huma alfaia que avia mester, que chaman criva ou juieira. (30) E, leixando-a sobrela mesa en que comeron per escaecimento, quebrou e partiu-se en duas partes. (31) E pois ela veno e achou a alfaia que lhe emprestarem parttida en duas partes começou a chorar mui rijamente. (32) E pois o menino piedoso e religioso San Beento vio a sa ama chorar, doeu-se dela muito e tomou ambas as partes da alfaia que lhe emprestaron e deitou-se en oraçon con muitas lagrimas. (33) E pois se levantou da oraçon achou a alfaia que emprestaron a sa ama sã e salva come se nunca fosse britada. (34) E veno-se pera sa ama que a confortasse e deu-lhi a alfaia sã e salva e ela ficou mui leda e con gram pra er. (35) E este feito foi sabudo de todos aqueles que na terra moravan. (36) E tomaron aquela alfaia que fora quebrada e pendoraron-na ant'a porta da eigreja en testemuinho do gram miragre que fora feito, pera saberem os que nados eran e os que avian ainda de nacer en quanta graça de Deus começara o estado da ligion o bon aventurado San Beento.

(37) E porque o ben aventurado San Beento menino desejava mais sofrer trabalho e coitas por amor do salvador ca o vil louvor da gloria vãã que lhe os homens davan, partiu-se de sa ama muito as condudamente e foi-se pelo deserto pera hum logar mui'ascondudo que avia nome Sublacos, porque está sô huma lagoa que está de Roma quareenta milhas, que fazem viinte leguas. (38) E á hi aguas mui frias e mui fremosas e decen duum monte mui'alto aaquela lagoa, e da lagoa corren e parten-se per alguums logares. (39) Quando aaqueste logar veno fogindo o glorioso menino San Beento pera morar hi ascondudamente, achou hum monge que avia nome Romão e Prequntou-o hu ia. (40) E pois soube todo seu desejo e todo seu talan, teve-lhi puridade e ajudou-o quanto el mais pôde, ca lhi deu hávito da vida santa que el demandava e servia-o quando lhi fazia mester. (41) E pois que o menino de Deus veno aaquel logar que desejava, meteu-se en uma cova muito estreita e jouve hi tres anos que nunca o homen do mundo conheceu, tirado aquel monge que avia nome Romão.

(42) Aqueste monge Romão morava en hum moesteiro duum abade que avia nome Adeusdado que era preto daquel moesteiro en que morava San Beento. (43) E cada que podia viinr a San Beento tragia-lhi da sa raçon do pan que lhi a el davan pera comer. (44) E por que San Beento morava sô hum penedo mui grande per que nen hum non podia viinr a el daquela cela en que morava Romão, tomou aquel monge huma corda mui grande e legou en ela huma campainha pequena e ali legava o pan que lhi queria enviar. (45) E quando San Beento ouvia o

soom da campainha levantava-se e ia tomar o pan. (46) E porque o enmiigo antigo ouve enveja do amor de Deus que avia Romão, que lhi dava o pan, e ao conforto e ao esforço do corpo que San Beento avia pelo pan que comia, ca por esto sofria melhor os trabalhos da oraçon e os outros beens que fazia, huum dia quando vio que lhi enviava Romão o pan pela corda assi como soia, deitou humo pedra e britou a campãã, pero Romão non-no leixou de servir per todas aquelas maneiras melhores que el pôde. (47) E, querendo ja Deus poderoso que Romão folgasse de seu trabalho e que a vida do glorioso San Bento fosse eixemplo aos homens pera correger e melhorar seus estados ca, assi como a candea que sê sobrelo candeeiro allumea quantos seen na casa, assi a vida do santo homen, se sabuda e conhoçuda he, alumea aqueles que a saben e que a conhocen; (48) e porende apareceu huum dia de Pasqua Nosso Senhor a huum clerigo de missa que morava longe do logar de San Beento e mandara guisar pera si que comesse e disse-lhi:

(49) - Tu guisas pera teu corpo mui ben que córias, e jaz o meu servo morrendo en tal logar de fame.

(50) Enton o clerigo levantou-se e foi-se naquel dia de Pasqua qua con totalas cousas que guisara do comer pera si meesmo pera aquel logar que lhi Nosso Senhor mostrara. (51) E andando per muitos montes e per muitos vales e per outros muitos logares covos e ascondudos aa cima achou-o jazer en humo cova. (52) E pois fezeron sa oraçon e deron muitas graças a Nosso Senhor, sevoron e contaron muitas bõas cousas d'amor de Deus dos outros seus beens que fez aaqueles que o aman. (53) E pós tod'esto disse o clerigo que veenra:

(54) - Levanta-te e comiamos ca hoje he dia de Pasqua.

(55) E o santo homen respondeu e disse:

(56) - Sei que Pasqua he pois eu mereci que te visse.

(57) E porque el morava longe dos homens, non sabia se aquel dia era festa de Pasqua, se non. (58) E o clerigo muito honrado afirmou outra vegada e disse:

(59) Verdadeiramente hoje he dia de Pasqua e en tal dia come hoje representa a eigreja a resurreiçon de Nosso Senhor Jesu Cristo. (60) E por este non ti conven de jejunhar ca pera esto soom eu enviado que comiamos ensembra os do-es que ti Nosso Senhor enviou.

(61) Enton beenzeron Deus e comeron ensembra. (62) E pois acabaron seu comer e falaron de Deus, veno-se o clerigo pera eigreja.

(93) Naquel tempo medês os pastores do gaado acharon-no jazer muitas vezes ascondudo en sa cova. (64) E porque aas vezes o achavan jazer antr'as mouteiras vestido das peles das animalhas que en esse monte andavam, cuidaron muitas vezes que era alguma besta. (65) Mais porque conhociam aa cima que era o servo de Deus, pela graça de Deus que en ele era, mudavan o estado maa en que vivian en melhor. (66) E assi a sa fama creceu per todos los logares que jazian derredor o assi se fez que daquel tempo viinhan muitos pera vee-lo e tragian-lhi que comesse. (67) E pelos comeres dos corpos que lhis eles davan, dava-lhis el muitos bõds castigos o muitos bõds conselhos o muitos bõds confortos per que as sas almas eran ben manteudas e ben governadas e ben confortadas.

2

(1) Da tentaçon da carne que venceu.

(2) Contou ainda San Gregorio deste San Beento que huum dia, seendo el soo no deserto, veno o enmiigo e tentou-o. (3) Ca huma ave pequena e negra que chaman mérloa começou a voar ante seu rostro e andar tan pesseveradamente derredor dele que a podera tomar con sa mão se quisera, mais depois que el fez o sinal da cruz partiu-se a ave dole. (4) E tan grande foi a tentaçon da sa carne que o santo homen ouve que nunca depois ouve maior.

(5) El en outro tempo vira huma molher. (6) En aquela hora en que a mérloa andava arredor del, fez aparecer en semelhança dela ante seus olhos e assi o acendia en seu amor que adur o podia sofrer. (7) E poinha en seu coração, pela gram tentaçon que avia daquela molher, de se partir do ermo ei-la demandar, tan grande era o deleito e o prazer que lhi dela fezera aver o enmiigo. (8) Mais logo tanta foi a graça de Deus sobr'el que non podemos ren de ben fazer sen ajuda sua que tornou a si meesmo e vio arredor de si crecer grandes mouteiras d'ortigas e d'espinhas; e desnuou-se da vestidura que tragia e deitou-se ora antr'as espinhas ora antr'as ortigas o andou-se envolvendo desnudo assi nas espinhas come nas ortigas. (9) E tanta foi a coita e a door que ende recebeu que todo o deleito e o prazer que ouvera da molher que o enmiigo ant'os seus olhos apresentara perdeu-o e des ali adeante nunca o ouve. (10) E assi door que en seu corpo recebeu perdeu a tentaçon que o enmiigo no seu coração metera.

(11) E depois começaram muitos leixar o mundo e viinhan viver come el. (12) Ca, pois ele ja vencera as tentações dos pecados, dereito era que Deus o fizesse meestre das vertudes.

(13) E porende mandou Nosso Senhor per Moisen que non servisse neguum ant'o seu altar, assi como serven os levitas que chaman clerigos d'avangelho, senon viinte e cinco anos en deante.

(14) E mandou ainda que neguum non fosse guarda dos vasos e das outras cousas que ao templo porteenciam, senon de cincoenta anos adeante.

(15) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(16) - Ja entendo, padre, sequer pouquetinho que testimonio deve aver o prelado daqueles con que vive, mais empero rogo-t'eu que mh'o declares compridamente.

(17) E San Gregorio respondeu:

(18) - Pedro, assaz parece que a tentaçon da carne mais he na mancebia que en outro tempo. (19) E depois que homen passa per cincoenta anos a caentura maa da carne vai escaecendo e morrendo no homen. (20) Pelos vasos santos de que deven seer guarda aqueles que an cincoenta anos e mais, entendemos as mentes daqueles que an fe de Deus. (21) E poren aqueles que Deus escolhe, dementre sen en idade de mancebia en que soen seer tentados, devehis dar na eigreja de Deus taaes officios en que sérvian e trabalhen assi que per quebranto dos corpos menguen as tentações. (22) E por esso mandou Nosso Senhor na Lei que de viinte e cinco anos adeante fossen aqueles que aviam de servir no templo assi como suso he dito. (23) E, porque de cincoenta anos adeante vai ja homen folgando e assessegando e quedando das tentações, porque a caentura maa da carne vai ja menguando, mandou Nosso Senhor na Lei que aquestes taaes fossem guardas dos vasos santos que no templo eram. (24) Ca taaes homens come estes depois que passam per cincoenta anos adeante devem seer prelados e aver curas das almas.

(25) Enton disse don Pedro, seu clerigo:

(26) - Confesso e conhosco, padre, que mi praz muito o que dizes, mas porque começasti a falar e a dar testimonio dos beens que eran ascondudos do glorioso San Beento, rogo-te que acabes o que começasti a dizer daqueste santo glorioso.

3

(1) Da empola do vidro que quebrou pola cruz.

(2) E San Gregorio respondeu e disse:

(3) - Depois que a tentação se partiu do homem de Deus, creceu de virtude em virtude e deu fruto mais comprido que ante, assi come a terra depois que a alimpiam das espinhas e dos cardos e das ervas maas que en ela ha, pela chávía o pelo sol e pelas outras virtudes dos corpos celestiaes crece o aproeza a semente que en ela deitan e a seu tempo dá todo seu fruto. (4) E assi este homem santo, depois que esta tentação perdeu, tantas foron as bõas obras que fez que o nome da sa santidade foi apregoado per toda a terra.

(5) Naquel tempo morreu hum abade duum moesteiro que estava preto daquel logar en que San Beento vivia. (6) E todos los monges daquel moesteiro o veenron rogar que quisesse seer seu padre e seu abade naquel moesteiro. (7) E el non querendo fazer o seu rogo deles, disse-lhis que taaes costumes aviam eles que non poderian conviir con os seus. (8) Mais pero, porque o rogaron mui aficadamente, non pôde el al fazer: outorgou-lhis o que demandavan. (9) E el vivendo con eles naquel moesteiro, fazia-lhis guardar regra de vida religiosa e santa e non ousavan fazer as obras desaguisadas e maas que ante fazian, nen se partir a huma parte nen aa outra da carreira da religion que lhis el ensinara. (10) E porende aqueles frades veendo que non podian, con este abade que demandaron, fazer as obras que ante fazian, acusavan si meesmos e assanhavan-se contra si porque non podian fazer as obras en que ante soiam se deleitar. (11) E porque os homens de maaos costumes non poden sofrer a vida dos boos, começaram a cuidar en como matassen seu abade e per conselho de todos deitaron peçonha no vinho que avia de beber. (12) E quando lhi deron hum vaso de vidro en que aquela peçonha andava, cheo de vinho ali hu queria comer, el alçou a mão assi como era costume e fez o sinal da cruz. (13) E o vaso que estava alonjado del foi logo quebrado pelo sinal da cruz que sobr'el fezeron ben como se o quebrantassem con huma pedra. (14) E o santo homem pois viu que quebrara o vaso, entendeu que aquel vinho que lhi queriam dar era sinal de morte que o sinal da cruz non pode sofrer. (15) E levantou-se logo con sa cara leda e de prazer qual el avia, con sa mente muito assessegada, e achou todos los frades e disse-lhis:

(16) - Frades, amercee-se de vós Deus poderoso. (16a) Por que quisestes fazer contra min taaes cousas? (17) E non vos dix'eu da primeira que os meus costumes non conviinhan con os vossos? Poren des aqui en deante tomade tal abade que convenha con vossos costumes ca min jamais non me podedes aver.

(19) Enton foi-se pera o logar do ermo en que el soia morar e que el muito amava e morou hi consigo ante os olhos daquel que todo vee.

(20) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(21) - Non entendo, padre, abertamente, que quer seer ou como se entende que este homen santo morou consigo.

(22) E San Gregorio respondeu e disse:

(23) - Se aqeste homen santo quisera mais viver con estes monges que aviam custumes mui contrairos aos seus e que se juntaron contra el pera mata-lo, assi en como el era certo en querendo-os correger, tanto pela ventura saira de maneira de mansidoen e d'assessegamento, que perdera o deleito e o prazer que soia a aver. (23a) En querendo carregar estes que correixon avorrecian, leixara e despreçara pela ventura si meesmo e os outros que correger queria non gaanhara. (24) Ca todas aquelas vezes que nós per muito cuidar saimos fora de nós caemos en tan grandes cuidados que non sabemos hu nós somos. (25) E pero nós somos os que cuidamos e non somos conosco, ca non vemos nen nos nossos feitos porque non cuidamos en nós mais ca nos outros estranhos e nos seus feitos. (26) E por esse disse Nosso Senhor no Evangelho quando falava do mancebo que foi a terra muito alonjada da sua e despendeu mal aquilo que lhi acaeceu dos beens de seu padre. (27) E, morando con huum cidadão daquela terra, guardava-lhi os porcos; e morrendo de fame, cobiçava seer farto das baginhas que os porcos comian. (28) E enton cuidou nos beens que perdera, quando começou a cuidar de si medês e dizer:

(29) - Quantos merceeiros hoje ha en casa de meu padre que an avondança do que an mester e eu moiro aqui de fame!

(30) Enton diz o Evangelho deste que tornando a si medês disse estas cousas que ora suso ditas son.

(31) E porende disse Pedro a San Gregorio:

(32) - Se el ante consigo era, onde tornou a si senon porque ante cuidando nos feitos alheos non ora consigo? (33) E depois que vão a cuidar en sa fazenda diz a Escritura que tornou a si medês ca ante cuidando na alhea andava fora de si.

(34) E portanto disse San Gregorio:

(35) - Dixi eu primeiro, Pedro, que este santo homem quando se partiu dos monges de que avia cura e en cujos feitos cuidava e veno-se pera o ermo morar na en que primeiramente fora, que veenra a morar, consigo porque non avia de guardar outrin senon si medês, nen avia de compartir seu entendimento pelas fazendas dos outros senon pela sua.

(36) Enton disse Pedro, seu clerigo:

(37) - Se esto he assi como tu dizes, padre, que quer dizer esto que he scrito do apostolo San Pedro que quando o anjo tirou do cárcer tornou-se a si medês e disse: (38) “Ora sei eu verdadeiramente que enviou Nosso Senhor o seu anjo e livrou-me do poderio de Herode e de mal de todos judeus?” (39) Ca non podemos dizer de San Pedro que non cuidava sempre na sa fazenda e nos seus feitos, deleitando-se sempre em Deus nas orações que fazia. (40) Ergo, tornava a si medês quen sempre consigo andava, cuidando em Deus e desejando-o e amando-o?

(41) E San Gregorio respondeu:

(42) - Em duas maneiras, Pedro, saimos nós de nós meesmos: (43) ou cuidando nas cousas vãs e deleitosas do mundo, e enton imos sô nós e non sobre nós - assi como aquel de que falamos que guardava os porcos, que andava vaguejando con seu coração pelas mesquinndades do mundo. (44) Em outra maneira saimos nós ainda de nós contemplando e cuidando no ben que nos Deus fez e que nos pode fazer nos deleitos e nos prazeres que el ha e que ten aparelhados pera aqueles que seus amigos son. (45) E estes taaes como quer que anden fora de si meesmos pero non caen sô si, come os que se deleitan nas cousas do mundo, mais alçan-se e levan-se sobre si. (46) E porende, Pedro, cada huum destes de que ora falamos tornou-se a si meesimo, assi como diz a Escritura: (47) Ca o porcariço tornou a si quando se partiu da vaidade do mundo em que andava, ca se colheu a seu coração come a bõ castelo e cuidou em como melhorasse sa fazenda; (48) e o apostolo San Pedro tornou a si quando leixou de contemplar nos beens de Deus que son sobre entendimento d’homen e meteu mentes em como o Deus livrara da prison e como o trouvera sen perigoo a sa pousada. (49) E porque esto cae em entendimento de cada huum homen, diz a Escritura que tornou a si meesimo. (50) E portanto o ben aventurado San Beento quando vivia no ermo morava con si meesimo ca todos seus cuidados non eran nas fazendas alheas, mais em como el melhor podesse servir a Deus. (51) E cada que o seu entendimento se alçou pera contemplar e pera cuidar nas puridades de Deus que son muito ascondudas a que nen huum entendimento d’homon non pode atanger, naturalmente loixou-si sô si.

(52) Enton disse don Pedro, seu clerigo:

(53) - Praz-mi, padre, o que dizes, mais rogo-te que me respondas se deveras leixar os frades que já huma vez em sa encomenda recebera.

(54) E San Gregório respondeu:

(55) - Assi como eu cuido, Pedro, ali deve homen sofre aqueles que son maaos, quando son muitos ajuntados ensembra huum a outros bõos eixemplos se poden correger sol a seer o trabalho vãõ, e por esso o deve homen a leixar e, moormente, se homen pode logo aver aprestidados logares e companhas en que e con quen possa fazer moor serviço a Deus. (56) E portanto o homen santo pois viia que todos o pesseguiam e se trabalhavan de seu mal e de sa morte, pera qual deles guardar estaria con eles, pois todos maaos eram? (57) E muitas vezes acaece, Pedro, aos homens perfeitos que quando veen que o seu trabalho he sen fruto ven demandar outro logar en que ajam trabalho de que saia fruto que praza a Nosso Senhor. (58) E porende o mui nobre preegador don San Paulo que cobiiçava a morrer e ser con Cristo, porque Jesu Cristo era sa vida e a morte tiinha por ganho, pois viu que non podia escapar que non sofresse muitas pesseguições en Damasco, sen gram serviço de Deus, foi-se de noite pera o muro da cidade e feze-se deitar de cima ascondudamente en huum cesto en que legou huma corda e saiu-se da cidade. (59) E non deve nen huum cuidar que el esto fazia porque receasse sofrer morte por amor de Nosso Senhor Jesu Cristo, ca non avia cousa no mundo que el mais desejasse. (60) mais porque el viia que naquel logar de Damasco trabalhava muito e con pouco fruto quis demandar outro logar en que o seu trabalho fosse con maior fruto e a moor serviço de Deus. (61) Onde, Pedro, podes conhocer ora mui't'aginha, se o quiseres ouvir de bõa mente, que por estes monges vivos que el desemparou, porque non quiseron receber sa ensinança, resuscitou el outros muitos de mortes e de perigoos das almas en que viviam en outros logares.

(62) E don Pedro, seu clerigo, disse:

(63) - O que mi tu ensinas, padre, parece que assi he e per razon viva e per mui clara e pelo testimonio que dissesti do glorioso preegador San Paulo. (64) Mais pero rogo-te que tornes a contar per ordin a vida do muito honrado San Beento assi como a começasti.

(65) E San Gregorio disse:

(66) - Morando San Beento naquel ermo de que suso falamos, polas vertudes e polas vertudes e polas maravilhas grandes que Deus fazia por el, tanto creceu a sa bõa nomeada per toda que muitos viinham pera servir Nosso Senhor con el en aquel logar hu el morava e pera servir Nosso Senhor con el en aquel logar hu el morava e pera aprenderen del e pera seeren seus discipulos e seus sojeitos. (67) E en pouco tempo foron con el tantos frades juntados que fez naquel ermo en que morava doze moesteiros con ajuda de Deus. (68) E en cada huum moesteiro pôs seu abade que os regesse e a cada huum dos abades dos doze moesteiros deu doze monges e

leixou poucos monges consigo porque lhi semelhou que avia ainda mester de os ensinar el. (69) E depois os nobres barões de Roma e todos os outros que de Deus amor avian começaram a viir a San Beento e davan-lhi seus filhos que os criasse para serviço de Deus. (70) Enton huum nobre homem que en Roma avia que avia nome Eucio deu-lhi huum seu filho que avia nome Mauro e foi depois mui santo homen. (71) E porque avia bõs custumes a cabo de pouco tempo foi ajudador de seu meestre. (72) E outro mui nobre homen de Roma que avia nome Térculo, que era huum daquestes per que se regia a cidade de Roma, deu-lhi huum seu filho que avia nome Praxido que foi depois bõ monge e mui santo, mais enton era mui menino.

4

(1) Do monje que non podia aver sa mente assesgada e foi sãõ per San Beento.

(2) Contou ainda San Gregorio que en huum daqueles moesteiros que fezera San Beento derredor de si avia huum monje que non podia estar na oraçon, ca, logo depois que os frades se apartavan dele pera fazer sas orações, cada huum en seu lugar estremado na eigreja, assi como avia moor devoçon, aquel monge saia-se fora da eigreja e andava devaneando per esse moesteiro e fazia algumas cousas de pouca prol. (3) E pois que o seu abade amoestou per muitas vezes e non se quis correger levaron-no a San Beento e el repreendeu-o mui fortemente e trouxe-o mui mal e deu-lhi seus castigos e, seus conselhos que tevesse. (4) E o monge veno-se pera seu moesteiro e adur guardou dous dias os bõs conselhos que lhi dera San Beento, ca no terceiro dia non quis estar na oraçon come seus companheiros, mais saiu-se fora da eigreja e andava devaneando come ante. (5) E o abade daquel moesteiro mandou-o dizer a San Beento e o servo de Deus San Beento disse ao abade:

(6) - Eu irei ao moesteiro se Deus quiser e eu per min o castigarei.

(7) E pois San Beento veno ao moesteiro e os monges se foron pera sa oraçon, pois que disseron sas horas, como era de costume, vio San Beento que huum menino negro o tirava pela ourela da vestidura fora da eigreja aquel monge que non podia estar na oraçon. (8) E disse enton San Beento ao abade daquel moesteiro que avia nome Pompeiam e a outro monge que avia nome Mauro que era muito amigo de Deus de que suso falamos:

(9) - Non veedes vós quen he aquel que tira aquel monge fora?

(10) E eles responderon e disseron:

(11) - Non-no veemos nós, padre.

(12) E el disse:

(13) - Roguemos a Deus que vo-lo mostre.

(14) E estiveron en oraçon dous dias. (15) E o monge a que dizian Mauro vio o que vira San Beento, mais o abade desse moesteiro, Pompeiam, non-no pôde veer. (16) En outro dia, pois acabou San Beento sa oraçon, saiu fora e achou aquel monge andar devaneando pelo moesteiro con huma vara que tragia pola ceguidade do seu coração que avia. (17) E des aquel dia adeante leixou-o aquel menino negro que o tragia sempre fora da eigreja e non-no tentou nen lhi meteu nen huum mal en seu coração per que leixasse sa oraçon, mais ficou en sa oraçon des ali en deante continuadamente come seus companheiros. (18) E assi o enmiigo antigo non ousou meter en coração daquel monge nen huum cuidado per que o tirasse de sa oraçon, ben come se el sentisse e temesse as feridas que San Beento dera ao monge quando o achara fora da eigreja.

5

(1) Da agua que saia da pedra en cima do monte per oraçon de San Beento.

(2) Tres moesteiros daqueles doze que San Beento fizera estavam en cima duum monte.

(3) E os frades que hi moravan decian de cima do monte sempre con gram trabalho a huma lagoa que avia ao pee daquel monte pera levaren da agua pera seus moesteiros sen que non podian viver. (4) E porque o monte era muito alto e quando decian aa costa do monte avian mui tarragido, se paravan mentes a fundo hu aviam d'ir e iam sempre a gram perigoo e con gram temor e con gram trabalho por aquela agua que non podian escusar, juntaron-se todolos frades daqueles tres moesteiros e veenron ao servo de Deus San Beento o disseron-lhi:

(5) - Gram trabalho nos he de decer cada dia aa lagoa de cima daquel monte pela agua que avemos mester. (6) E portanto conven de todo en todo que se muden aqueles moesteiros daquel logar.

(7) E o homen de Deus os confortou con gram piedade e assi os enviou con bõa esperança. (8) En aquela noite sobiu San Beento a cima do monte con huum menino pequeno

que avia nome Praxido, de que suso fiz mençon, e deitou-se en oraçon e orou mui perlongadamente en cima duum penedo que hi estava. (9) E pois comprio sa oraçon pôs tres pedras por sinal en aquel logar en que fezera sa oraçon e tornou-se pera seu moesteiro sen saber de nen huum daqueles que hi eran. (10) E pois en outro dia veenron aqueles frades a San Beento por mengua d'agua que aviam, disse-lhis San Beento:

(11) - Ide e cavade huum pouco naquel penedo en que acharedes tres pedras postas humas sobr'umas, ca poderoso he Deus de vos dar agua en cima daquel monte, quanta mester ouverdes, e de vos tolher tan gram trabalho quanto cada dia sofredes por ela.

(12) E eles foron a cima do monte e acharon ja suar o penedo en que siiam as tres pedras humas sobr'umas de que lhis dissera San Beento. (13) E pois fizeram huma cava no penedo recodio tan grande agua que corria de cima do monte ata a lagoa.

6

(1) Do ferro que jazia en o fundo do peego e tornou-se ao mango que andava nadando na agua per vertude de San Beento.

(2) Acaeceu huum tempo que huum do linagen dos godos, que era pobre de coração, veno a rogar San Beento que o recebesse a sa ordin e el recebeu-o mui de bõa mente. (3) Huum dia mandou San Beento aqueste frade novicio que tomasse huum strumento de ferro que he feito como fouce e naquela terra chaman-lhi falcastro pera tolher as silvas duum logar en que queria fazer seu horto. (4) E aquel logar jazia sô a riba duma lagoa e o frade noviço fazendo todo seu poder pera alimpiar o logar en que querian fazer o horto das silvas e doutro mato que hi estava, saiu o ferro do mango e caeu na lagoa. (5) E porque a lagoa era mui'talta non ouveron esperança que nunca o ferro ende podessen aver. (6) E porende o frade noviço, pois vio que perdera o ferro, veno aaquel que estava en loge de San Beento que avia nome Mauro e mostrou-lhi o dano que fezera e fez peendencia de seu pecado. (7) Enton aquel santo monge Mauro mandou logo dizer a San Beento e o servo de Deus San Beento pois esto ouvio veno logo aaquela lagoa e tomou logo o mango da mão do frade noviço e meteu-o na lagoa. (8) E o ferro que jazia en fundo da lagoa saio logo fora e entrou per si no mango sen ajuda doutro homen. (9) E o santo homen deu logo aquel falcastro ao frade noviço e disse-lhi:

(10) - Trabalha e non sejas triste.

7

(1) Do seu discipulo que andava sobrelas aguas assi como sobrela terra.

(2) Acaeceu huum dia que, sendo o honrado padre San Beento en sa cela, huum seu monge a que dezian Praxido, de que suso falamos, foi aa lagoa pera trager agua e metendo a quarta na agua en que a queria trager saiu-lhi das mãos. (3) E el indo-se após ela levou-o a onda da agua tan aginha da terra en que estava como poderia ir huma seeta. (4) E o servo de Deus San Beento, sendo en sa cela, vio todo esto que foi feito e chamou aginha o seu monge a que dezian Mauro e disse-lhi:

(5) - Frei Mauro, cúrri, ca aquel menino que foi pola agua caeu na lagoa e a onda levou-o mui longe.

(6) E el tomou aginha a beençon e foi correndo per cima da agua ben come se fosse correndo per sobre terra e travou dos cabelos do monge que avia nome Praxido e tirou-o aa riba. (7) E Pois vio o que fezera maravilhou-se ende muito ca despolo apostolo San Pedro non ouvira que tal cousa fosse feita. (8) E pois tornou a San Beento contou-lhi quanto lhi acaecera. (8a) E o honrado padre San Beento teve que este miragre non fezera Deus polos seus merecimentos, mais pola obedeença de San Mauro. (9) E dizendo o monge que aquel miragre Deus non fezera por el pois el sabedor non fora, e o abade San Beento dizendo o contrairo que Deus que o fezera nor el e, estando ambos en tan bõa entençon de tan grande humildade, veno o menino que tiraran do rio e foi juiz alvidro antre ambos e disse:

(10) - Quando me a min tiravan do rio vi eu sobre mha cabeça a vestidura do abade e cuidava que el me tirava da agua.

(11) Pedro preguntou a San Gregorio e disse o seu clerigo don Pedro:

(12) - Mui grandes son estas cousas que contas e poden profeitar a muitos que a poden ouvir e enquanto mais ouço os miragres deste homen santo tantos mais desejo a ouvir.

8

(1) Do pan poçoento que o corvo non quis comer e levou-o mui longe.

(2) E San Gregorio contou enton:

(3) - Pela bõa vida que este padre honrado San Beento fazia, todos aqueles logares que estaban derredor del crecian no amor de Deus. (4) E muitos leixavan o mundo e metian-se na orden pera aprenderen del en como podessen servir seu senhor Jesu Cristo. (5) E assi como he costume dos homens maaos que embarguen sempre o ben que os outros fazen, que eles non queren fazer, foi hi preto do moesteiro de San Beento huum prelado duma eigreja que avia nome Florencio e foi avoo deste nosso clerigo d'avangelho que outrossi ha nome Florencio. (6) Este prelado foi assi acezo pola maldade do enmiigo que non podia sofrer os beens que Deus fazia per San Beento e desfazia a fama da bõa vida que el avia quanto el mais podia e dezia aos homens bõds que o non fossen veer, ca non era tan bõd homen como eles cuidavan. (7) E pois viu que quanto se el mais trabalhava de lhi tolher a fama da bõa vida que el avia tanto a sa fama mais crecia de bon en melhor, e tanto o os homens mais honravan quanto o el per sa palavra mais desonrava e leixavan o mundo e vininan-se fazer seus discipulos e viver con el. (8) Polo gram louvor a sa anntidade que ouviam, tanta foi a enveja que ende aqueste prelado Florencio ouve que cuidou en seu coraçõ como o matasse e enviou-lhi pam poçoento come por esmolna en logo de pan beento. (9) E pois o santo homen deu muitas graças polo pan que lhi enviaron non xi lhi ascondeu a poçonha que dentro andava asconduda, mais entendeu mui ben que o pan ora poçoento. (10) E quando veno a hora de comer, el seendo ja aa mesa, veno huum corvo duma mata que está preto do moesteiro, a qual el sempre dava pan con sa mão, ca sempre naquela hora o corvo hi viinha. (11) E enton deitou San Beento o pan poçoento que lhi enviara Florencio ant'o corvo e mandou-lhi en nome de Jesu Cristo e disse-lhi:

(12) - Leva este pan e deita-o en tal logar que o non possa homen do mundo achar.

(13) Enton o corvo abrio a boca e estendeu as aas e começou a andar derredor do pan e braadava, come se dissesse abertamente que queria obedecer mais non podia comprir o que lhi mandavan. (14) E o santo homen lhi disse e lhi mandou per duas vezes:

(15) - Leva, leva seguro aqueste pan e deita-o en tal logar hu o non possan achar.

(16) E o corvo demorou muito e pero aa cima tomou o pan e levou-o e foi-se con el e fez como lhi mandou o santo homen. (17) E depós tres horas tornou-se e tomou da mão do homen de Deus sa raçõn assi como a soia cada dia tomar. (18) E pois o honrado padre San

Beento vio que o coração daquel prelado era tam acezo en mal contra sa vida e contra seu estado, ouve del moor doo ca de si.

(19) E pois aquel prelado vio que non podia matar o corpo do meestre trabalhou-se de matar as almas dos seus discipulos. (20) E tomou sete meninas sen vestidura nen huma e meteu-as en huum horto da cela en que siia San Beento ant'os olhos dos seus discipulos, e feze-as dançar e trebelhar ante eles tan grande peça que todolos seus corações foron movudos nos deleitos e nos sabores carne. (21) E pois o honrado padre San Beento vio que todo aquel mal lhi viinha per aquel prelado Florencio pola grande enveja que lh'avia, partiu-se daquel logar en que era seu vezinho. (22) E leixou naqueles logares monges bõds e anciãos que dissessem ben sas horas e a guardassen ben sa orden e el levou consigo aqueles que entendeu que eran mais mancebos.

(23) E pois que o santo homen mudou seu logar pola maldade daquel prelado, de que suso falamos, e por esso Deus atormentou-o muito espantosamente, ca, el estando en huum seu sobrado, pois ouvio dizer que San Beento se partira daquel logar en que morava, ouve ende mui gram prazer. (24) E, el estando fazendo gram festa polo mal que fizera a San Beento, caeu o sobrado en que estava e ficou todo o seu corpo esmigalhado das pedras que caeron sobr'el e assi vingou Deus San Beento do seu enmiigo.

(25) E San Mauro discipolo de San Beento pois vio como morrera aquel prelado perseguidor daqueles santos homeens, mandou dizer a San Beento que ainda non era dali dez milhas, que fazen cinque leguas, que aquel prelado Florencio caera do seu sobrado e morrera e por esso mandou-lhi dizer que se tornasse. (26) E pois o honrado padre San Beento ouvio dizer que aquel prelado morrera tan maa morte, fez mui gram chanto: (27) ou porque o seu enmiigo morrera tan maa morte e en tan gram perigoo da alma ou porque o seu discipolo ouve prazer da morte de seu enmiigo. (27) E por esso deu-lhi gram peendencia, porque con tan gram prazer lhi enviou dizer a morte de seu enmiigo.

(29) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(30) - Grandes maravilhas son estas, padre, que contas deste glorioso padre San Beento ca na agua que tirou da pedra semelha Moises, e no ferro que saiu do fundo da lagoa a cima da agua semelha Eliseu, e na agua sobre que andava semelha o apostolo San Pedro, e na obedeença do corvo semelha David. (31) E assi consiirro eu que este santo ouve ensembra totalas graças do Spiritu Santo que os outros homeens santos ouveron per partos.

(32) E San Gregorio disse enton:

(33) - O servo de Deus San Beento ouve o espiritu santo duum Deus que lhi deu tanta graça per que podesse comprir os coraçõs de todos aqueles que foron escolheitos pera a gloria do paraiso. (34) E por esto disse San Joane de Jesu Cristo no seu Evangelho que era luz verdadeira que alumea todo homen que he en este mundo. (35) E en outro logar diz que do seu comprimento recebemos nós todos, ca os outros homens santos e amigos de Deus podéran receber virtudes de Nosso Senhor e non-nas podiam dar aos outros, mais aquel podia dar aos amigos que fezessem sinaes e maravilhas; (36) que prometeu aos seus enmiigos que lhis daria o sinal de Jonas, o profeta, ca assi como Jonas jouve tres dias ascondudo no ventre da balea e depois saio sãõ e salvo, assi o filho de Deus jouve tres dias no muimento e depois resurgio. (37) E os sobérvios e os maos homeens viron a sa morte despreçaron-no e os bõs e os homildesoa que o viron resurgir ouveron gloria e prazer, ca creerom e foron certos como o seu senhor, que morto fora, resurgiu ao tercer dia, assi resurgirian eles depola morte no tempo que Deus pera esto tiinha assinaado. (38) E assi parece, Pedro, que pois hum Deus pode partir as graças do Spiritu Santo per desvairados santos, assi como lhi semelha, todas aquelas graças que partiu por muitos, assi como dito he, deu-as todas ensembra a este honrado padre San Beento assi como de suso dissemos:

(39) Pedro lhi perguntou, e o seu clerigo don Pedro lhi disse:

(40) - Rogo-te, padre, que mi digas a que logares foi este santo depois morar, ou se algumas virtudes Deus por el fez. (40 a) Mostra-mh'o e ensina-mh'o.

(41) Gregorio respondeu e San Gregorio disse:

(42) - Como quer, Pedro, que este santo fosse a outros logares morar, pero non pôde fugir aas perseguições do enmiigo do linagen d'Adam, ca tanto ouve el maiores lides depois con o enmiigo quanto se mais trabalhava de fazer moor serviço a seu senhor, Jesu Cristo, vencendo aquel que era meestre de maldade en todas aquelas lides que lhi cometia. (43) Ca en hum monte muito alto estava hum castelo que avia nome Casino e estendia-se da costa do monte ata cima que semelhava que se ia pera o ceo per tres milhas, que fazen huma legua e meia. (44) Ali en aquel castelo estava hum templo mui velho do tempo antigo dos gentiis en que avia hum idolo a que dezian Apolo, que quer dizer sol, a que o poboo sandeu de toda aquela terra fazian honra como a Deus. (45) Ca o sol tiinham por Deus por muitas benfeitorias que del receben. (46) Ca sen el nen hommen nen molher nen árvor nen huma, nen nen huma outra cousa non

poderia nacer nen viver na terra. (47) E porende toda gente da terra que moravan derredor viinhan aaquel castelo fazer muitos sacrificos aos enmiigos per razon daquel idolo que hi estava. (48) E pois esto soube o santo homen, veno aaquel templo e derribou o altar en que faziam os sacrificos e esmigalhou todo o idolo e queimou todalas matas que derredor achou. (49) En aquel templo fez huma eigreja aa honra de San Martinho e ali hu estava o idolo d'Apolo, que quer dizer sol, fez hum oragoo de San Joane e aa gente que derredor morava preegava cada dia a fe de Jesu Cristo e tornava-os a bõo estado. (50) Mais o enmiigo do linagen d'Adan non pôde esto sofrer e, non per sonho nen ascondudamente, mais abertamente, se parava ant'os seus olhos e dizia con grandes vozes a San Beento que lhi fezera força porque o deitara de seu logar. (51) E os qu e hi estavam ouvian os seus braados e non viiam a sa fegura. (52) Mais San Beento dizia que aquel enmiigo lhi parecia muito espantoso e todo acendudo con seus olhos e deitava de si fogo e con sa boca aberta de que semelhava que saiam grandes fogueiras e fazia sembrante que o queria ferir. (53) E dizia a grandes vozes que o ouvian todos aqueles que hi estavam:

(54) - Beento! Beento!

(55) E pois viia que o padre santo non lhi queria responder, dizia:

(56) - Maldito, non beento! (57) Que ás comigo? (57a) Por que me persegues?

(58) Mais des aqui adeante vejamos as lides novas que o santo homen ouve con o enmiigo antigo e a maneira en como o venceu.

9

(1) Do seixo grande que tornou leve pela oraçon de San Beento.

(2) Huum dia, trabalhando-se os frades de fazeren cela en que morassen naquel logar de que deitaron o idolo, viron huma gram pedra jazer ante si que tiinhan guardada pera poer por fremosura de lavor que querian fazer. (3) E pois se juntaron dous homens ou tres e viron que a non podian mover, juntaron-se outros muitos e tan pouco a poderon mover ben como se estevesse reigada sô terra. (4) E dava-se a entender abertamente que o enmiigo per si siia na pedra que non poliam mover tanta gente quanta se ali juntara. (5) E por este mandaron dizer ao honrado padre San Beento que veensse e que per sa oraçon alçasse o enmiigo de sobrela pedra

que os esbarrava e non-na podian poer ali hu lhes fazia mester. (6) E el veno logo e pois fez sa oraçon o beenzeu a pedra, alçaron-na tan aginha ben come se non pesasse nemigalha.

10

(1) De como pareceu per arte do enmiigo que ardia a cozinha

(2) Prougue enton ao santo homen que mandasse cavar naquel logar a terra que hi jazia. (2a) E pois cavaron muito altamente acharon hi os frades huum idolo d'arame e deitaron-no per ventura na cozinha que hi estava preto. (3) E logo semelhou aos frades que se levantara huum fogo na cozinha que a queimava toda e deitavan agua sobre aquel fogo e non-no podian apagar. E aos braados dos frades veno o santo homen e entendeu que aquel fogo fazia o enmiigo parecer ant'os olhos dos frades, mais nos seus non parecia nemigalha. (5) E por esso deitou-se logo en oraçon e chamou aqueles frades a que semelhara que a cozinha ardia e disse-lhis que fezessem o sinal da cruz sobre seus olhos. (6) E pois fezeron o que lhis o padre santo mandou, non viron o fogo que lhis primeiramente fezera aparecer e viron a sa cozinha estar sãã e salva e deron graças a Deus.

11

(1) De como o menino servo de Deus caeu e livrou San Beento e foi sãõ.

(2) Outra vez acaeceu que os frades fazian huma parede ja quanto alta ca tal a aviam mester. (3) E o servo de Deus estando en sa cela fazendo sa oraçon, veno o enmiigo antigo a el e apareceu-lhi con gram sobérvia deostando e tragendo-o mal e disse-lhi que ia aos frades que andavan trabalhando. (4) E o servo de Deus enviou-o logo dizer aos frades por huum mandadeiro e o mandadeiro lhis disse:

(5) - Frades, guardade-vos assi en palavras come en feitos ca o maaõ spiritu vai a vós naquesta hora.

(6) E aquel que levava o mandado adur compria as palavras que lhi mandaron dizer, e o spiritu maaõ derribou aquela parede que os frades andavan fazendo e caeu sobr'uum menino

monge filho duum homen nobre que hi estava con os outros monges seus companheiros e esmigalhou-o todo. (7) Todos aqueles que esto viron ouveron mui gram tresteza, non polo dano da parede mais pola morte do monge e mandaron-no logo dizer con gram choro ao honrado padre San Beento. (8) E o servo de Deus mandou logo dizer que lhi trouvessem o corpo do menino assi esmigalhado como era. (9) E os frades meteron o corpo en huum saco, ca en outra maneira non-no poderian levar, ca os seixos que caeron da parede derribada non solamente os nembros mais todo-los ossos esmigalharon. (10) E o honrado padre San Beento mandou deitar aquel corpo na cela en que estava orando sobr' u-a esteira feita de palmas, en que el soia a estar quando fazia sa oraçon. (11) E pois deitou todolos frades fora da cela, deitou-se en sa oraçon mais fortemente que soia. (12) E esto foi gram maravilha, ca logo naquela hora levantou-se o menino são e salvo. (13) E San Beento o enviou logo pera seus companheiros que trabalhasse con os outros e alçassen a parede que caera. (14) E o enmiigo que ja tomara gabo ante San Beento da morte deste monge, poderia entender que contra a vertude de Deus, que mostrava per San Beento, fraco e pequeno era o seu poder. (15) E con esta vertude que o santo de Deus ouve per que fazia muitos miragres, ouve ainda spiritu de profecia ca dezia as cousas que avian de viinr e as cousas que presentes non eran, dezia-as aaqueles que estavam ant'el e totalas cousas assi aviinham como o el dezia.

12

(1) Dos servos de Deus que comeron contra mandamento de sa regra ante tempo.

(2) San Gregorio contou depois que costume era da cela de San Beento que cada que os frades ian fora pera recadar alguma cousa e aviam de tornar logo en esse dia, non devian comer nen beber fora de seu moesteiro. (3) E tal costume guardado por regra muito tempo ja avia, acaeceu huum dia que seus frades foron recadar proveito do moesteiro per mandado de seu maior e veenron mais tarde ca cuidaron. (4) E no caminho huma molher de religion feze-os entrar en sa pousada e deu-lhis que comessen e que bevessen. (5) E quando se tornaron ja tarde pera o moesteiro foron tomar a beençon do honrado padre San Beento assi como era de costume. (6) E el preguntou-os e disse-lhis:

(7) - Hu comestes?

(8) E eles responderon:

(9) - Nenlhur, padre.

(10) E el disse-lhis:

(11) - Por que mentides ora assi? (12) E non entrastes en casa de tal molher e non comestes tal manjar e tal e non bevestes tantas vezes?

(13) E pois o honrado padre San Beento lhis disse a pousada da molher en que entraron e as maneiras dos manjares que comeron e quantas vezes beberon, reconheceron todas as cousas que fezeron e deitaron-se ante os seus pees e pediron-lhi perdon do pecado que fezeron. (14) E el perdoou-lhis logo, porque entendeu que eles non farian des ali adelante nem huma maldade ali hu el non fizesse presente, pois el tod'aquelo que eles fazian sabia, assi come se estevesse deante.

13

(1) Do irmão de Valentiniano monje.

(2) E San Gregorio contou depois que hum irmão de Valentiniano monge de, que suso falei, viinha cada ano do logar en que morava ao mosteiro de San Beento pera veer seu irmão. (3) E nen comia nen bevia todo aquel dia que o caminho andava ata que chegasse aa cela de San Beento. (4) E hum dia, viindo el ao mosteiro de San Beento veer seu irmão, ajuntouse a el no caminho hum companheiro que tragia que comesse e quando foi tempo de comer disse o companheiro aaquel frade:

(5) - Ven-te, irmão, e comiamos ca tempo he e non cansaremos tanto en esta carreira que he tan grande.

(6) E o frade lhi disse:

(7) - Non queira Deus, irmão, que eu ora cómia, ca sempre eu soio a viinr jajunho ao honrado padre San Beento.

(8) E pois o companheiro esto ouvio calou-se naquela hora. (9) E pois que andaron ja quanto hum espaço de terra disse o companheiro ao frade que comesse con el. (10) E o frade sempre soia viinr jejunho a San Beento, non quis comer e o seu companheiro calou-se naquela

hora e non lho quis mais dizer. (11) E quando andaron outro espaço de terra e foron mui cansados, chegaram a huum logar en que acharon mui bõõ prado o mui bõa fonte e todalas outras cousas que ao homen poden fazer prazer quando quisesse comer. (12) Enton aquel que era companheiro do monge disse-lhi:

(13) - Ves, amigo, que bõa agua e que bõõ prado e que saboroso logar he aqieste en que podemos comer o folgar huum pouco e podemos depois andar nosso caminho a moor proveito de nossos corpos?

(14) E pois o monge ouvio as palavras doces que lhi seu companheiro dezia e vio que o logar era mui deleitoso pera comer e pera folgar, consentio ao que lhi disse en esta terceira vez, ca nas primeiras duas non-no pôde vencer, e ficou ali e comeu e folgou. (15) E aa hora de vespera chegou aa cela de San Beento. (16) E quando se presentou ante el e lhi pediu que fezesses sobr'el oraçon en logo de beençon, assi como era custume de fazer aaqueles que ian ou viinhan de caminho, disse-lhi logo o santo homen todas aquelas cousas que na carreira fizera. (17) E arreferiu-lhi a tentaçon en que o meterao enmiigo per aquel companheiro que andara con el pela carreira. E disse-lhi:

(18) - Na primeira vez non te pôde mover pera fazeres sa voontade nen na segunda, mais na terceira venceu-te e feze-te quebrantar ta ordin ca aquilo desejava el pera te meter en pecado.

(19) Enton o monge conheceu sa culpa e deitou-se aos pees de seu abade con gram vergonha e con muitas lagrimas. (20) E pois o santo padre viu que lhi pesava tanto de sa culpa, soltou-o logo do pecado e perdoou-lhi.

(21) E don Pedro, seu clerigo, disse enton:

(22) - Eu vejo que este religioso padre ouve a graça do Spiritu Santo que Deus dera a Eliseu, pois foi presente per alma e non ali hu o seu discipulo estava. (23) Del alonjado, el vio todo aquele que el fizera.

14

(1) Aqui se mostra como rei Totila foi conhecido

(2) E San Gregorio disse enton:

(3) - Conven, Pedro, que te cales entramente se moores cousas quiseres ouvir deste santo homen ca ouvisti ata aqui.

(4) En tempo dos godos, acaeceu que huum seu rei deles que avia nome Totila pois ouvio dizer que o honrado padre San Beento avia spiritu de profecia, per que dezia as cousas que avian de viinr, foi a seu moesteiro e ante que chegasse a el mandou-lhi dizer que el que o ia veer. (5) E do moesteiro lhi mandaron dizer que veensse. (5) Mais el-rei Totila porque non criia o que dezian de San Beento fez vestir sa guarda que avia nome Rigo, que lhi tragia a espada, seus panos e calçar dos seus çapatos e fez tres escudeiros que con el sempre andavan e ian ante el, a que dezian Vult, Ruderique o Bliidin, que fossen ao servo de Deus e que lhi dissessem que aquele era rei Totila e nunca se partissem del. (7) E mandou que toda a outra gente que soia andar con el que fossen con el, e levassen bõas vestiduras e bõõs cavalos, assi que pola nobreza das vestiduras e pola gente bõa e honrada e muita que con el ia o servo de Deus entendesse que aquel era el-rei. (8) E quando este Rigo entrou pelo moesteiro con tan muita e tan gram companhia, vestido de vestiduras reaes, o servo de Deus que siia longe del pois lo viu viinr e chegar-se a el, quando entendeu que o poderia ouvir, começou-lhi a braadar e dizer:

(9) - Leixa, filho, leixa o que trages, ca non é teu.

(10) E enton aquele que era guarda del-rei, a que dezian Rigo, caeu logo muito aginha en terra con gram temor de Deus que veno sobre'el e maravilhou se come se lhi entolhara de querer fazer scárnio a atan santo homen com'era San Beento. (11) E todos aqueles que con el viinhan foron todos derribados en terra per vertude e per temor de Deus que veno sobre eles. (12) E pois se levantaron non se ousaron chegar ao santo homen, mais tornaron-se pera seu rei o contaron-lhi con gram temor quam aginha foron comprendudos no escárnio que quiseron fazer ao servo e amigo de Deus.

15

(1) Da profecia que fez San Beento desse meesimo rei Totila

(2) Contou depois San Gregorio que aquel rei Totila veno per si meesimo ao homen de Deus e quando entrou pelo moesteiro e o viu seer alonjado de si, non foi ousado de se chegar a el mais deitou-se en terra ante el. (3) E o servo de Deus lhi disse tres vezes:

(4) - Levanta-te!

(5) Mais el non se ousava levantar de terra ante el. (5a) E o servo de Deus San Beento veno per si meesimo a el-rei que jazia en terra, alçou-o de terra e repreendeo de seus maaos feitos que fazia e en poucas palabras contou-lhi todas aquelas cousas que lhi avian de viinr e disse-lhi:

(6) - Muitos maaos feitos fezisti e muitos maos feitos fazes ainda. (7) Quita-te ja de maldade ca tempo he. (8) E debes saber que tu passarás o mar e entrarás en Roma e reinarás ainda nove anos e aos dez anos morrerás.

(9) El-rei pois esto ouvio ospantou-se mui fortemente, e pois pediu ao santo homen que rogasse a Deus por el e partiu-se del e des aquel tempo non foi tan cruevil come ante. (10) E el-rei a cabo de pouco veno a Roma e des i foi a Cezilia e a dez anos perdeu o reino e avida per juizo de Deus que á poderio sobre totalas cousas.

(11) Depois desto o bispo da eigreja de Canusio veno ao servo de Deus, assi como soia, pera falar con el, ca San Beento o amava muito porque era homen de bõa vida. (12) E falando o homen santo e bispo con San Beento que pela entrada de rei Totila en Roma seeria Roma destroida, assi que nunca depois hi moraria homen, disse-lhi o servo de Deus San Beento:

(13) - Roma nunca seerá destroida per nen huuns gentiis que venhan sobr'ela mais ir-s'á destroindo pouco e pouco e secará en si meesma per tempestades e per coriscos e per grandes torvões e per muitos tremores da terra que se moverá muito ameudi.

(14) E verdadeiramente a verdade daquesta profecia mais claramente a vemos cada dia a luz do sol que cada dia nace, ca vemos a olhos abertos que os muros e as casas e as eigrejas caen cada dia per grandes torvões e per outras muitas tempestades que sobr'ela veen. (15) E os edificios da cidade caen cada dia mais e mais porque son antigos muito assi como nós vemos con nossos olhos. (16) E como quer, disse San Gregorio, que todo este feito que ora eu contei dissesse huum discipulo do bispo de que falamos, pero non-no ouvi eu de sa boca, mais disseron-mh'os frades en testimonio de verdade que o contara el assi como dito he.

16

(1) Como o clerigo foi livre de demonio per San Beento.

(2) Contou ainda San Gregorio que naquel tempo huum clerigo daquela eigreja de Aquileio era mal treito do enmiigo antigo. (3) E o seu bispo daquela eigreja, que avia nome Constancio feze-o traer per todas as eigrejas dos martires que eran en seu bispado pera gaanhar saude daquel mal que avia, mais os santos martires non lhi quiseron dar este don desta saude que lhis el demandava, ca o leixavan a San Beento pera entender todo o mundo quanta era a graça que Deus en este santo posera. (4) E pois aa cima levaron este mal treito do enmiigo ao servo de Deus San Beento e el rogou a Nosso Senhor Jesu Cristo por aquel homen doente e logo o enmiigo saiu do seu corpo. (5) E pois foi são mandou-lhi que nunca comesse carne e que nunca recebesse orden sagrada, assi come d'epistola ou d'avangelho ou de missa, ca sol que alguma destas ordinins recebesse averia o enmiigo tan gram poder en ele come da primeira. (6) E pois se foi o clerigo são e salvo e sen temor do enmiigo, guardou aquelas duas cousas que lhi mandou o servo de Deus dementre se nembrou da pena e da coita que lhi o enmiigo soia a fazer en seu corpo. (7) E desto se nembrou el dementre a sa pena foi rezente e nova, ca muitos anos e depós morte de todos aqueles que lhi aquel mal viron sofrer en seu corpo, porque viu que seus companheiros melhores ca el eran, mais honrados na eigreja en que viviam ensembra con ele polas ordinins sagradas que recebêram, escaeceu-lhi o mandado do servo de Deus San Beento come cousa ja trastempada e feze-se ordinar d'ordinins sagradas. (8) E o enmiigo que o soia a tomar tornou a el e nunca o leixou ata que lhi tirou a alma do corpo.

(9) E o seu clerigo don Pedro disse enton:

(10) -Este padre San Beento assi como eu entendo soube as puridades de Deus, ca entendeu que este clerigo seria mal treito pelo enmiigo quando tomasse ordinins santas.

(11) E San Gregorio disse enton:

(12) - Por que non saberia as puridades de Deus, Pedro, quen guardava compridamente os seus mandados? (13) Ca scrito he: “Quen se achega a Nosso Senhor huum spiritu he con el”.

(14) E enton disse don Podro, seu clerigo:

(15) - Se huum spiritu he con Nosso Senhor aquel que se chega a el, que he o que disse o mui bõ preegador San Paulo: (16) “quen soube o siso ou entendimento de Nosso Senhor ou quen foi seu conselheiro?” (17) Como se dissesse: (17a) non sabe neguum o que Deus quer fazer, non ha mester que se reja per conselho de neguum. (18) E pero semelha cousa mui sen razon de non saber homen o entendimento daquel con que he huma cousa.

(19) E San Gregorio respondeu:

(20) - Os homeens santos enquanto son huma cousa con Nosso Senhor entenden e saben o entendimento de Nosso Senhor. (21) Ca aquel meesmo apostolo disse: (22) “Quen sabe as cousas que no homen son senon o seu spiritu que en ele he? (23) E outrossi non conhosce nen huum as cousas que de Deus son senon o espirtu de Deus”. (24) E pera mostrar o apostolo que el sabia as cousas que de Deus son, disse depós esto: (25) “Nós non receberemos o espirtu deste mundo mais o espirtu que de Deus he. (26) Ca a nós mostrou pelo seu espirtu aquelas cousas que ten aparelhadas pera os seus amigos, que nunca viu olho, nen orelha ouvio, nen subiu en coraçõ d’homen.”

(27) Enton disse o seu clerigo Pedro:

(28) - Se a aqieste apostolo foron mostradas as cousas que de Deus son polo spiritu de Deus, por que disse o apostolo en esse lugar: (29) “Á hi altidoen das requezas da sabença e do conhecimento de Deus que van ascondudas, son os seus juizos que se non poden compridamente entender e as sas carreiras tan escuras que se non poden achar?” (30) E dementre eu esto digo outra duvida mi nace en meu coraçõ. (31) Ca o profeta David falando a Nosso Senhor disse: (32) “E nos meus beiços pronunciarei eu todos juizos de ta boca.” (33) Come se dissesse: todolos juizos teus eu dixi e ensinei ao teu poboo e meor cousa he entender ca ensinar e dizer a outrin, ca non ensina senon quem entende e muitos son que entenden e non saben ensinar. (34) E pois o profeta disse de si que ensinara e dissera todoslos juizos de Deus ao seu poboo, dava a entender que os entendera e assi non pareceu verdade o que escreveu o apostolo quando disse que os juizos de Deus non se podian comprender, que val tanto come se dissesse, non se podian compridamente entender.

(35) E San Gregorio respondeu e disse:

(36) - Ja ti eu, Pedro, respondera a esta ta demanda suso brevemente quando ti dixi que os santos homeens enquanto son huma cousa con Nosso Senhor entenden e saben o seu siso e o seu entendimento. (37) E todos aqueles que o seguen devotadamente son juntos con el per devoçõ, mais aqueles que en pecado mortal viven son partidos de Deus. (38) E porende os juizos ascondudos de Deus saben aqueles que son juntos con el per amor e per devoçõ mais non aqueles que son partidos del per pecado. (38) E porende aqueles juizos que Deus ten ascondudos e non-nos ensinou ainda aos seus amigos, diz o apostolo que se non poden comprender nen compridamente entender, mais aqueles juizos que el ja ensinou aos seus amigos son aqueles de que o profeta David disse que pronunciara e ensinara ao seu poboo. (40)

E por esso diss'el que aqueles juizos de Deus pronunciara el, que saíran ja da sa boca. (41) E assi o apostolo San Paulo e o profeta David non disseron cousa per que huum fosse contrairo ao outro.

(42) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(43) - Ja, padre senhor, aparece a razon da mha duvida que eu óuvi sobrelas paravras que dissera o apostolo San Paulo e o profeta David, ca entendo ja ben como acorda huum con outro. (44) E cada hãa das sas palavras he verdadeira segundo desvairados entendimentos que ouveron assi como dito he. (45) Mais rogo-te, padre, que mi digas ainda algumas vertudes do honrado padre San Beento se as sabes.

17

(1) Da profecia do destruimento do seu moesteiro

(2) Enton San Gregorio disse:

(3) - Huum homen d'alto sangue que avia nome Teupobro e fora tornado aa fe de Jesu Cristo per San Beento era muit'amigo do honrado padre San Beento, ca era de bõa vida. (4) Este entrou huma vez na cela de San Beento e achou-o chorar mui rijamente e pero non fazia chanto nen huum assi como fazia as outras vezes quando chorava. (5) E el, veendo que non quedava o santo homen de Deus de seu choro, mais cada vez o acrecentava mais, perguntou-lhi que razon era porque tan muito muito chorava. (6) E o servo de Deus lhe disse:

(7) - Todo este moesteiro con todas aquelas cousas que hi son, son outorgadas per juizo de Deus aos gentiis pera destroi-las e aadur pudi gaanhar de Nosso Senhor que me outorgasse que fossen guardados todos aqueles que hi viven.

(8) Esta cousa disse San Beento aaquel seu amigo Teupobro e nos diz San Gregorio, ca veemos ja per feito o que o santo homen disse per palavra: (9) o moesteiro destruido pelos lombardos que veenron hi. (10) Ca, acaecendo huum tempo que jazendo os frades dormindo de noite, veenron os lombardos que eran ainda gentiis e entraron no moesteiro de noite e roubaron-no e levaron ende todas aquelas cousas que hi acharon, mais nen huum dos homeens que no

moesteiro eran non poderon tomar, nem frade nen segral, ca assi o prometera Nosso Senhor a San Beento que guardaria aqueles que hi vivessen.

(11) - En tal feito come este - diz San Gregorio - mi semelha a min que San Beento ouve tal don de Nosso Senhor qual outra vez ouve San Paulo, quando indo en huma nave pera Roma ouve mui gram tempestade no mar e rogou Nosso Senhor que lha tolhesse e Nosso Senhor non lha quis tolher, mais perdeu-se a nave e todalas outras cousas que en ela iam, tirado os homens que Deus quis salvar por seu rogo, pera conforta-lo.

18

(1) Do barril do vinho en que entrou a serpente que soube San Beento polo Spiritu Santo e defendeu ao mandadeiro que non bevesse dele

(2) Contou ainda San Gregorio que huum tempo huum nosso menino que avia nome Exilarado, que tu, Pedro, ben conhocisti, que se tornara aa fe, foi huma vez enviado de seu senhor ao moesteiro do santo servo de Deus que lhi levasse dous barriis grandes cheos de vinho, que chaman en terra de Italia flacões. (3) E o mandadeiro levou huum e indo pela carreira ascondeu o outro en huum lugar hu entenvira o furto do barril cheo de vinho, como quer que pressnte non fosse, recebeu huum pelo mandadeiro e deu muitas graças aaquel que lho enviou, disse ao mandadeiro quando se partiu del:

(5) - Méti mentes, filho, que non bevas daquel barril que a min enviavan que tu ascondisti na carreira pera bevere-lo depois, mais vérti o vinho que en ele anda e veerás o que hi acharás dentro.

(6) - E o mandadeiro ouve vergonha daquelo que lhe disse o santo homen e quando chegou aaquel lugar hu ascondera o barril, nembrou-se do que lhi dissera o santo homen e vertendo o vinho do barril saiu ende logo huma gram serpente. (7) Enton o mandadeiro, que chamavam Eixilarado, pesou-lhi muito do mal e do escárnio que fezera ao homen santo de Deus per aquilo que vira sair do barril que era cheo de vinho.

19

(1) Dos mantees que o servo de Deus recebera das monjas a que preegara.

(2) Contou ainda San Gregorio que preto do seu moesteiro avia huma mui gram rua en que morava muita gente que primeiramente oráran os idolos e eran ja tornados per San Beento aa fe de Jesu Cristo. (3) Ali moravan humas monjas santas e de bõa vida e San Beento enviava ali frades a tempos assinaados que lhis preegassem e que lhis ensinassen as carreiras per que melhor podessem servir Jesu Cristo e per que podessem mais perseverar en seu serviço. (4) E aveno hum dia que hum monge que hi veno pera lhis preegar, assi como era custume, depois que preegou tomou humas toalhas que lhi elas deron a seu rogo grande delas e guardou-as en seu seno. (5) E quando tornou pera o moesteiro o honrado padre San Beento deostou-o e reprendeo con grande amargura de seu coraçõ e disse-lhi:

(6) - Como entrou a maldade en teu seno?

(7) E el maravilhou-se ca non soube que feito era aquele de que o reprendia San Beento ca lhi escaecera o que fezera. (8) E San Beento lhi disse:

(9) - Cuidas tu que non era presente quando aquelas monjas servas de Deus a que fusti preegar ti deron os mantees que tu metisti no seno?

(10) E o monje conhecendo sa culpa deitou-se a seus pees e rogou que lhi perdoasse e deitou logo a longe os mantees que no seno tragia. (11) E o servo de Deus perdoou-lhi e soltou-o logo do pecado.

20

(1) Do cuido sobervioso que cuidara o monje contra San Beento e entendeu-o el pelo Spiritu Santo.

(2) Disse ainda San Gregorio que hum dia o honrado padre San Beento sendo comendo a hora de vespera ja tardi, hum monje que lhi tiinha a candea deante, que fora filho duum nobre homen, disse en seu coraçõ:

(3) - Quen he este a que eu tenho a candea deante quando come, ou filho de qual pai é ele que lha eu deva a teer, e quen soom eu que eu tal homen come este deva a servir?

(4) E o honrado padre San Beento repreendendo-o muito, disse-lhi:

(5) - Que he aqesto, frade, que dizes en teu coraçon? (6) Fázi o sinal da cruz sobre o teu coraçon. (7) Que sobérvia é esta que move teu coraçon? Fázi o sinal da cruz sobr'ele.

(8) E chamou logo os frades e mandou-lhes que lhi tirassen a candeia da mão e feze-o tolher daquel serviço que lhi fazia e mandou-o logo seer quedado. (9) E os frades demandaron-lhi que cuidara en seu coraçon e el contou-lhis todo per orden quanta sobérvia cuidara en seu coraçon contra o servo de Deus. (10) Enton apareceu a todos abertamente que nen huma cousa tan asconduda non podia seer que o santo homen de Deus non podesse saber, pois el viia e entendia os cuidados que os homens teen ascondudos en seus coraçõs.

21

(1) De duzentos moios de farinha que foron achados ante a cela de San Beento no tempo da fame.

(2) Contou ainda San Gregorio que, en outro tempo, naquela meesma terra de Campanha foi huum tempo de gram fame en guisa que todos eran muito apertados pela fame que era mui grande. (3) E no moesteiro de San Beento falecera ja o trigo en guisa que aa hora de comer non poderon aver senon cinque pães pera daren aos frades a comer. (4) E pois o honrado San Beento viu que os frades eran mui tristes pola mengua que entendiam que avia no moesteiro, repreendê-os temperadamente porque os viu tan aginha queixar pola mengua do pan que avia no moesteiro. (5) En outra parte prometeu-lhis asconducamente que toda aquela mengua se tornaria en avondança. (5a) E poren non aviam razon de seer tristes pola mengua do pan que avian ca lhes disse:

(6) - Se hoje pouco pan avedes, o dia de cras averedes avondamento, quanto mester ouverdes.

(7) E en outro dia a acharon duzentos moios de farinha en sacos ante as portas do moesteiro do honrado padre San Beento que lhes enviara Nosso Senhor. (8) Mais ainda hoje este dia non son conhoçudos os mandadeiros per que os enviou. (9) E pois os frades esto viron deron graças a Deus e aprenderon e foron certos que na gram mengua Deus pode fazer grande avondança e desto non duvidaron nada.

(10) E o seu clerigo don Pedro preguntou-o:

(11) - Rogo-te, padre, que mi digas se este honrado padre San Beento avia sempre spiritu de profecia ou por alguums tempos assinaados?

(12) E San Gregorio disse:

(13) - Pedro, o Espirito Santo per que os homeens profetan e dizem as cousas que an de viinr non ven sempre nen alumea sempre as mentes dos homens que soen a falar das cousas que an de viinr. (14) Ca assi como scrito he do Spiritu Santo que spira hu quer e hu lhi praz, assi pode homen entender que outrossi spira e ven quando lhi praz. (15) E porende Natan, o profeta, preguntado de rei David se faria o templo a Nosso Senhor, primeiramente lho outorgou que o fizesse e depois lho defendeu, per que dá a entender que quando lho outorgou non era alumeado do Spiritu Santo, mais foi-o depois e por esso lho outorgou. (16) E por esta razon o profeta Eliseu quando viu chorar a molher, en cuja casa soia pousar, que viinha a el pera lhi pedir mercee, disse ao seu homen que lhi defendia que se non chegasse a ela:

(17) - Leixa esta melhor ca ela anda con grande amargura e Nosso Senhor mh'o encobriu e non mh'o quis mostrar.

(18) E esto faz Nosso Senhor aos profetas que lhis asconde aas vezes as cousas que an de viinr e aas vezes lhas mostra por sa piadade mui grande. (19) Ca naquel tempo en que lhes tolhe o espirito da profecia fican os profetas mais homildosos e conhocen-se por homeens menguados come cada huum dos o outros. (20) E quando son alumeados do Spiritu Santo teen-se por melhores que os outros, ca falan das cousas que sol Deus sabe e outro non.

(21) E don Pedro, seu clerigo, disse:

(22) - Gram razon parece que todo he verdade quanto dizes, mais rogo-te que mi digas todo aquilo que te nembrar do honrado padre San Beento e acabarás a sa santa vida de que começasti a falar.

22

(1) Como San Beento pareceu aos seus monjes e amostrou-lhis en vison como avian de fazer o moesteiro.

(2) E San Gregorio disse:

(3) - Huum tempo acaeceu que huum homen rico e de gram fe rogou San Beento que enviasse seus discipulos pera fazer huum moesteiro en huum seu grande e mui bõõ logar cabo da cidade de Teracina. (4) E o santo padre lho outorgou e enviou hi os frades o ordinou daquel que tevesse seu logar e daquel que fosse preposto e disse-lhis:

(5) - Ide-vos ora.

(6) E pose-lhis huum dia assinaado en que seeria con eles e que lhes mostraria en que logar fezessem a eigreja e en que logar fezessem o refertoiro o o hospicio e todalas outras cousas que fossen mester no moesteiro. (7) E eles pois tomaron a beençon foron-se logo e guisaron pera aquel dia en que o santo padre prometera de viinr todas aquelas cousas que entenderon que fazian mester a el e a todos aqueles que con el verriam. (8) E a noite d'ante aquel dia en que prometera de viinr pareceu San Beento en sonhos aaquel monje que enviara hi pera teer sas vezes e aaquel que enviara hi pera seer preposto do moesteiro. (9) E amostrou a cada huum deles todos aqueles legares en que se deverian a fazer as casas que comprian pera aquel moesteiro. (10) E quando se ambos despertaron contou cada huum ao outro o que vira per sonho, e pero non se atreveron a obrar per aquelo que viron, ca atendian que o santo padre veensse e que lhis dissesse os logares en que aviam de fazer as casas que pera aquel moesteiro compriam. (11) E pois viron que non viinha naquel dia que era assinaado pera viinr tornaron a el con tresteza e con choro e disseron-lhi:

(12) - Padre, atedemos que veensses como nos prometeras e que nos mostrasses os legares en que deviamos fazer nossos edificios e non veensti.

(13) E el lhes disse:

(14) - Por que, frades, por que dizedes taaes cousas? Non fui ou a vós assi como vos prometi?

(15) E eles disseron-lhi:

(16) - Quando veensti a nós, padre?

(17) E el respondeu:

(18) - Non vos apareci eu quando jaziades dormindo e amostrei-vos todos os legares en que deviades a fazer todos os edificios do moesteiro? (19) Ide-vos ora pera vosso logar e obrade e fazed todas aquelas cousas que vos eu mostrei per vison.

(20) E eles veenron-se logo o maravilharon-se daquelo que lhes dissera o santo padre e ordinaron todo o moesteiro assi como el per visom mostrara.

(21) E o seu clérigo don Pedro disse:

(22) - Queria, padre, que me ensinasses per que maneira se pode fazer que San Beento fosse tan longe e que, dementre os seus discipulos dormian, ouvissem o que Ihs el dezia e depois que se despertaron nembraron-se de todas aquelas cousas que do santo padre ouviron e aprenderon.

(23) E San Gregorio respondeu:

(24) - Que he ou por que demandas, Pedro, a maneira do feito que ja passou como se duvidasses que non podia seer verdade? (25) Sabes tu mui ben que mais ligeiramente se move o espirtu que o corpo. (26) E nós sabemos ben pela Santa Scriptura que o profeta Abacuc foi levado de terra de Judea a terra de Caldea en tan pequeno tempo que adur o poderia homen cuidar, pera dar ajantar que levava pera os seus segadores a Daniel, que jazia no logo dos leões, e tan toste se achou logo en terra de Judea onde o anjo levará. (27) E se este profeta Abacuch en tan pequeno tempo andou tan gram terra per seu corpo, por que teens por maravilha que o honrado padre San Beento gaanhou de Nosso Senhor que per seu spirtu ou per sa alma podesse contar aos spirtos ou aas almas dos monjes, que jazian dormindo alonjados daquel logar hu o seu corpo jazia, todas aquelas cousas que compriam naquel logar pera se fazer ende bõ moesteiro? (28) E quis Deus que, como aquel profeta andou tan gram terra per seu corpo en tan pequeno tempo pera manteer o corpo de Daniel, assi este San Beento veno spirtualmente per grande espaço de terra pera ensinar a seus monjes como fezessem logares en que fezessem vida spirtal.

(29) E o seu clérigo don Pedro disse:

(30) - Confesso, padre, e reconhosco que a alteza da ta palavra mi tolheu quanta duvida avia no meu coraçõ. (31) Mais queria saber, se teu prazer fosse, quando siia con seus frades falan do e folgando ante todos en praça, que maneira tiinha de falar e de viver en tal con eles en que todos atendian d'aver solaz o prazer con ele.

23

(1) Das servas de Deus que morreron scomungadas e foron soltas depós sa morte pela oferta que San Beento fez por elas

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) As palabras, Pedro, que el dezia quando el siia folgando con seus frades, adur poderian seer sen gram cárrego de virtudes e de gram bondade. (4) Ca aquel que sempre tragia seu coração raigado no amor de Deus non podia palabras dizer que fossen en vãão e en devaneio. (5) E quando alguma cousa dezia como per sanha por alguum desaguisado que viia fazer nas cousas que aa fe pertenciam, tanta vertude avia a sa palabra que logo se compria come se fosse sentença dada por Deus.

(6) Apreto do seu moesteiro moravan humas monjas d'alto linagen en huum seu logar proprio e huum santo homen de religion as servia naquelas cousas que mester avian pera mantiimento dos seus corpos. (7) E como sol acaecer que alguums, porque son d'alto linagen despreçam os outros que son mais chegados a Deus ca eles, porque non son de tan alto sangui, acaeceu que aquelas monjas porque non refrearon ainda nen tiinhan castigadas sas linguas dezian muitas palabras desaguisadas aaquel santo homen que as servia per que o metian en muita ira e en muita sanha. (8) E este seu sergente, sofrendo as sas palabras desaguisadas e os seus deostos muito tempo, foi huum dia ao honrado padre San Beento e contou-lhi quantas cousas sofria con aquelas monjas. (9) E el pois entendeu que eran de maas linguas mandou-lhes logo dizer que se corregessen e que posessem freo as sas linguas ca senon escomunga-las-ia. (10) E esta sentença d'escomonihon non deitou el sobr'elas per feito nen per obra, mais per meação e per promessa se se non corregessen. (11) E elas non mudaron nemigalha de seus costumes e a poucos dias morreron e soterraron-nas na eigreja. (12) En aquela eigreja cantavan cada dia missa e o clerigo que avia de dizer o Avangelho ante que o dissesse dezia grandes braados ante todos:

(13) - Se aqui está alguum escomungado ou alguma escomungada, saia-se da eigreja.

(14) E esto fazia cada dia segundo o costume que naquél tempo era. (15) E huma sa amadelas que as criara, que as viinha cada dia oferendar aa eigreja, viia-se cada dia sair dos seus moimentos e ian-se pera fora da eigreja depois que o clerigo dezia aquelas palabras que suso ditas son. (16) E a cabo de tempo nembrou-se da ameaça que lhis fizera San Beento quando eran vivas, quando-lhis mandou dizer que as scomungaria se se non corregessen e sabia ela que elas nunca se corregeron nen temeron a escomonihon. (17) E pois este feito foi dito con gram choro a San Beento, el con sa mão deu a oferta que oferecessen por elas. (18) E acaeceu depois

que esta oferta fezeron e foron soltas da oscomonihon nunca as viron sair da eigreja como soiam ante, quando o clerigo aquelas palabras de suso ditas dezia. (19) e per esto parece sen duvida que, pois aquelas monjas non se partian da eigreja con aqueles que eran scomungados aas palabras do clerigo que dezia cada dia na eigreja, foron soltas da escomõihon polo servo de Deus San Beento e recibudas na comonion dos outros fíees de Jesu Cristo.

(20) Pedro preguntou, enton disse o seu clerigo don Pedro:

(21) - Maravilhosa cousa he, padre, como o honrado padre San Beento, vivendo ainda en corpo que se podia conromper, podia soltar as almas que eran ja en juizo de Deus que neguum non pode veer.

(22) E San Gregorio respondeu:

(23) - E non sabes, Pedro, que o apóstolo San Pedro ainda vivia en carne quando lhi disse Nosso Senhor: (24) “Toda cousa que legares en terra seerá legada nos ceos e as cousas que soltares sobre terra seran soltas nos ceos”? (25) E as vezes daquesto San Podre en legar e en soltar gaanhan todos aqueles que per fe e per costumes teen logo de santo regimento na eigreja de Deus. (26) E per poder o homen terreal tan gram poderio aver que, sendo vivo en carne podesse julgar as almas que son no outro mundo e solta-las da scomunihon en que morreron, aquel que fez o ceo e a terra quis decer do ceo e fazer-se homen polos homens e dar tan gram poderio ao homen como dito he. (27) E daquelo de que a alteza de Deus ficou fraca e enferma, a nossa enfermidade se levantou rija e honrada com gram poder.

(28) E o seu clerigo don Pedro disse:

(29) - Muito concordan ben, padre, as palabras que tu dizes con as vertudes que Deus polo santo homen fez.

24

(1) Do monje pequeninho que deitou a terra de si depois que foi soterrado

(3) - Huum dia acaeceu que huum monje menino desejando veer seu padre e sa madre mais ca devia partiu-se do moesteiro sen lecença e sen beençon do abade. (4) E quando chegou a casa de seu padre e sa madre logo naquel dia foi morto. (5) E pois o soterraron, en outro dia acharon o seu corpo fora da cova e o padre e a madre o fezeron soterrar outra vez. (6) E en outro

dia acharon o seu corpo fora da cova como da primeira vez. (7) E foron logo ao moesteiro do honrado padre San Beento e rogaron-no con muitas lagrimas que rogasse a Deus polo seu filho que o recebesse a terra que o tan vilmente deitava de si. (8) E o santo homen deu-lhis logo con sa mão o sagramento do corpo do Nosso Senhor Jesu Cristo que o levassen e o posessem con gram reverença sobrelo peito do monje morto e depois que o soterrassem. (9) E pois todo esto assi foi feito, a terra recebeu o corpo do morto e reteve-o en si e non-no deitou fora de si como o ante deitara per duas vezes. (10) Entendes ora, Pedro - disse San Gregorio - de quam gram merecimento foi este San Beento, pois a terra non quis receber en si o corpo daquel monje que a sa graça non avia.

(11) E Pedro disse:

(12) - Entendo, padre, o que me dizes muit'abertamente e maravilho-me ende muito.

25

(1) Do monje que porque se partiu do moesteiro contra voontade de seu abade achou huum dragon contra si viinr na carreira

(2) Contou San Gregorio que huum seu monje non podia assesegar en seu moesteiro. (3) E pois seu padre e seu abade San Beento o amoestou muitas vezes que non andasse vaguejando pelo mundo mais estevesse assessegado en sa cela e en sa oraçon. (4) O monje, non curando de seus amoestamentos nen de seus castigos, rogava-o muito ameudi e muito aficadamente que lhi desse lecença d'ir fora do moesteiro. (5) E o honrado padre San Beento, veendo-se muito nojado da lecença que lhi tan ameudi demandava e con tanto perigoo de sa alma, disse-lhi con sanha que se fosse. (6) E el pois foi fora do moesteiro achou huum dragon estar na carreira con sa boca aberta e querendo-o comer, deu el grandes braados e disse:

(7) - Correde, correde ca este dragon me quer comer!

(8) E os frades que o ouviron correron aginha mais non viron dragon e trouxeron o monje ao moesteiro que jazia tremendo e ferindo a terra con seus pees con temor que avia da morte. (9) E enton prometeu o monje que nunca se partisse do moesteiro en tempo de sa vida e como o prometeu assi o compriu. (10) Ca, pois viu pelas orações do santo homen, con os olhos

do seu corpo, o enmiigo que o perseguia en semelhança de dragom, mais o temeiu que ante, quando o non viia, como quer que o perseguisse e o quisesse trager a maõ estado.

26

(1) Do que foi curado da enfermidade que dizen alefante

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non cuido que he pera calar huum feito que ouvi contar a don Antonio, huum muito honrado e de muito alto linagen. (4) E el dezia que huum menino de seu padre avia huma enfermidade a que chaman alefante e era tan perigosa que ja todos los cabelos do corpo perdera e o corpo inchara tan rijamente que a enfermidade que avia non-na ja asconder. (5) E pois lo seu padre enviou ao homen de Deus San Beento logo tan toste foi são como ante.

27

(1) Dos soldos que foron entregados per miragre aaquel a que os deviam

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non me calarei do que ouvi dizer a huum seu discipulo que avia nome Peregrino. (4) Este Peregrino soia a dizer que huum dia veno a el huum homen de gram fe porque o constrengian muito per razon de dívida que devia. (5) E non achou outro remedio senon que veensse dizer ao santo homen a coita en que vivia. (6) E pois lhi disse que huum homen o tiinha en gram coita por doze soldos que lhi devia, o honrado padre lhi respondeu que non avia XII soldos con que lhi socorresse, mais que depós dous dias veensse a el e lhi socorreria. (7) E en aqueles dous dias foi San Beento sempre en sa oraçon, assi como era seu custume, e ao terceiro dia veno aquel que andava coitado per razon da dívida que devia e enton acharon sobrela arca do moesteiro, que era chea de pan, muito aginha XIII soldos e mandou San Beento aaquel homen coitado que tomasse os XII soldos pera pagar sa dívida e o huum soldo pera despender.

(8) Mais ora tornarei - diz San Gregorio - pera contar o que ouvi e aprendi, quando este livro comecei, dos discipulos deste honrado San Beento. (9) E eles mi contaron que huum

homen era mui coitado con muito mal que lhi demandava huum seu aversairo e foi o mal tan grande que lhi deu a beber peçonha con que o matasse. (10) E, como quer que o non matasse, tornou o seu corpo a tal estado e mudou-lhi a coor en tal maneira que todos cuidavan que era gafo. (11) E pois o levaron ao servo de Deus, San Beento feze-o per graça de Deus tan são come ante era e cobrou a coor que primeiramente perdera tan toste que o tangeu con sas mãos.

28

(1) Do vaso de vidro que caeu sobrelos seixos e non quebrou.

(2) Contou ainda San Gregorio que no tempo da gram fame que ouve en Campanha o honrado padre San Beento deu totalas cousas que tiinha en seu moesteiro, per que os homens podian viver, a muitos que as aviam mester, assi que no seu celeiro non ficou nen huma cousa per que homen podesse viver, senon huum pouco d'azeite en huma redoma de vidro. (3) Enton huum clerigo d'epistola que avia nome Agapito demandou-lhi muito aficadamente que lhi desse huum pouco d'azeite por amor de Deus. (4) E o homen de Deus, que firmara en seu coração pera dar totalas cousas temporaes que ouvesse en este mundo pera receber depois galardon porende na terra celestial, mandou que o azeite que lhi ficara que o dessen ao clerigo pobre que o demandara. (5) Mais o monje que tiinha o celeiro, como quer que o ouvisse, perlongou-o e non comprio logo o mandado do santo homem. (6) E pois lo San Beento preguntou se dera o que lh'el mandara, respondeu o monje que non dera, ca se o desse en outro dia non ficaria nemigalha pera os frades. (7) Enton o santo homen de Deus foi sanhudo contra a desobedeença do monge e mandou aos frades que tomassen a redoma do vidro en que siia aquel pouco d'azeite e que a deitassen a longe pela feenstra pera non ficar na cela nemigalha per desobedeença. (8) Sô aquela feenstra avia huum grande esfalfamento en que jazian grandes seixos e grandes penedos e pois a rodoma deitaron de cima da feenstra a fundo caeu nos seixos e non quebrou nen o azeite non se entornou. (9) E o santo homen de Deus mandou-a ende alçar e mandou-a dar con o azeite entreguemente ao clerigo pobre que o demandara ante todos os outros monges e trouve-o mal pola sobérvia que ouvera, non querendo obedecer a seu maior e reprendeo muito ante todos da gram mengua da fe que ouvera.

(1) Do tonel vazio que acharom cheo d'azeite

(2) Disse ainda San Gregorio que pois San Beento reprendera aquel monge ante todos, assi como dito he, foi-se con todolos frades pera a oraçon. (3) En aquel logar hu estava en oraçon con os frades avia hi hum tonel en que soiam meter azeite, mais enton era vazio e pero estava coberto. (4) E o santo homen estando en sa oraçon, começou de se alçar a cobertura do tonel porque se enchera ja o tonel d'azeite e crecera tanto o azeite que tolhera a cobertura do tonel e vertia-se per terra. (5) E pois o servo de Deus San Beento esto viu, acabou logo sa oraçon e o azeite quedou de correr. (6) Entom o santo homen chamou o frade que fora desobediente e que non confiara que Deus en outro dia proveeria aos seus servos do azeite pera seus conduitos, amoestou-o e castigou-o polo miragre do azeite, que viu, que ouvesse sempre homildade e fe ca Deus non faleceria aaqueles que o serven. (7) E aquel frade porque viu que seu albade o castigara a gram proveito de sa alma, ouve gram prazer e e gram vergonha pola mengua da fe que ouvera. (8) Ca o santo padre mostrava per feitos maravilhosos a vertude de Deus que lhi per palavra preegara. (9) E antre todos aqueles monjes que estes dous miragres viron, que ora suso ditos son, non avia neguum que ja duvidasse das promissas do santo padre ca prováran ja que todo aquilo que el prometia todo se compria.

(1) Do monje que foi livro do enmiigo.

(2) Disse ainda San Gregorio que hum dia indo San Beento a huma eigrejelinha de San Joane, que estava en cima do monte, de que suso falamos, apareceu-lhi o enmiigo antigo en semelhança de fisico. (3) E o santo homen o preguntou e disse-lhi:

(4) - Hu vas?

(5) E el respondeu:

(6) - Vou a dar de beber aos frades.

(7) E o santo homen foi-se logo pera a oraçon e pois que a compriu tornou-se logo. (8) E o spiritu mao achou huum monge velho estar tirando sa agua e entrou logo en el e derribou-o en terra e torcia-o mui rijamente. (9) E o santo homen pois viu que o enmiigo tragia tan mal aquel monge, deu huma gram palmada ao monje e deitou logo o espiritu maa de seu corpo en guisa que nunca pois en el entrou.

(10) E disse enton don Pedro, seu clerigo:

(11) - Queria saber, padre, se tan grandes miragres se fazian solamente polo talan que el avia que se fezessem ou porque o gaanhava ante de Nosso Senhor pera se fazeren.

(12) E San Gregorio respondeu.

(13) - Aqueles que se a Nosso Senhor per devoçon e per amor chegan quando faz mester, fazem miragres aas vezes porque os peden ante a Nosso Senhor per sa oraçon que se façam e aas vezes porque mandan que se façam come quen ha poder. (14) Ca diz San Joane no seu Evangelho que todos aqueles que Jesu Cristo receberam e creeron que era filho de Deus, deu-lhis el poderio pera seeren filhos de Deus. (15) E Pois filhos de Deus son per poderio que lhis el deu, que maravilha he, se sinaes e maravilhas fazem, pelo poderio que am e non per rogo que façan? (16) E que verdade seja que assi per rogo come per poderio os santos poden fazer miragres parece per San Pedro, assi como diz a Santa Scritura, quando resuscitou per sa oraçon Tabita, que era morta, e Anania e Saphira, por que lhi mentiron no preço porque venderon a sa herdade, deostou-os e disse-lhis que morressem e non vivessen mais. (17) E non conta a Escritura que San Pedro gaanhou de Deus que morressem per sa oraçon mais que os deostou porque lhi mentiron e mandou-lhis que morressem por pena da culpa en que caéran. (18) E assi parece que o santo homen gaanhou vida a Tabita per sa oraçon e tolheu-a Anania e a Safira per poderio de Deus que ouve. (19) E assi parece que os santos aas vezes fazem miragres per poderio que an sobrelas creaturas que lhis Deus deu e aas vezes porque o peden ante a Nosse Senhor per sa oraçon. (20) E pera mostrar esto como he verdade, contarei duas façanhas maravilhosas que foron feitas per este leal vassalo de Nosso Senhor, San Beento.

(1) Do homen que era preso e aa vista de San Beento se desataron as prisões que tiinha.

(2) Contou San Gregorio que en tempo de rei Totilo foi huum godo que avia nome Zalla e era da seita d'Arrio. (3) Aqueste era mui cruevil contra os cristãos assi que cada que ant'el viinha alguum clerigo ou alguum monge non lhi podia escapar que o non matasse. (4) Acaeeo huum dia que mandou atormentar huum homen porque lhi disseron que era mui rico pera aver dele totalas cousas que avia tanto era d'avarento. (5) E o homen con coita dos tormentos grandes que lhi davan, disse-lhi que totalas cousas que avia posera en guarda e en comenda de San Beento e esto fazia ele por perlongar os tormentos que lhi davan e a morte que tiinha ja mui chegada dementre o levassen ao honrado padre San Beento. (6) E pois aquele que mandava atormentar aquesto ouvio, disse aos seus homeens que o non atormentassen mais. (7) E mandou-lhi legar as mãos mui fortemente e ele subiu en seu cavalo e disse ao homen que queria espeitar que fosse ant'el e que lhi mostrasse quen era aquel San Beento que aqueles seus bõds tiinha guardados. (8) E ele levou-o ao moesteiro do santo homen o achou-o soo seer leendo ante a porta da cela e disse aaquel Zalla que viinha en pós ele mui bravo e mui felon come leon:

(9) - Aqueste he o padre San Beento de que ti eu falei.

(10) E o homen desleal o enmiigo de Cristo e dos seus servos pois viu San Beento cuidou-o a espantar e mete-lo en medo per sa bravura e per sa felonía, como espantava os outros. (11) E disse a San Beento grandes braados:

(12) - Levanta-te! (13) Levanta-te! (14) E dá acá totalas cousas deste homen que tomasti.

(15) E San Beento aa sa voz alçou os olhos do livro e meteu mentes en aquel enmiigo da fe que braadava e catou depois aquel cristão que tragia ante si preso e quando pos os olhos nas sas mãos que andavan legadas, tan aginha se desataron elas per si que per ajuda d'homen do mundo non se poderian tan toste desatar. (16) E o enmiigo da fe, pois viu a vertude e o poderio que era naqueste santo homen, deceu de seu cavalo e britou en si toda sa sobérvia e toda sa felonía e deitou-se aos pees do santo homen e rogou-o que rogasse a Deus por el. (17) E o santo homen non se levantou do livro por que siia leendo, mais chamou seus frades que o levassen dentro ao moesteiro e lhi dessen a beençon. (18) e pois aquel Zalla tornou ao santo homen, castigou-o San Beento que se partisse de felonía e da bravesa en que andava e do mal

que demandava aaquel homen bõõ que queria espeitar. (19) E el assi o fez ca ficara mui mal quebrantado pola gram vertude que no santo homen vira.

(20) - E ora, Pedro - disse San Gregorio - podes entender que aqueles que serven a Nosso Senhor estremadamente come seus de sa casa fazen aas vezes miragres sen outra pedida e sen outra oraçon que ante façan a Nosso Senhor per poderio grande que del receberam. (21) Ca este San Beento que, seendo leendo per seu livro, fez aaquel enmiigo de Deus que perdesse toda felonía e toda bravura que avia e, catando de seus olhos as mãos que o homen bõõ tragia legadas, fez que logo fossen soltas, parece abertamente que por que estes miragres foron aginha feitos sen outra demoraça foron miragres feitos per poderio que de Deus recebera. (22) Mais logo eu ora contarei outro miragre duum menino morto que este santo resuscitou per sa oraçon que a Deus fez.

32

(1) Do filho do homen bõõ que foi resuscitado de morte a vida.

(2) Contou San Gregorio que huum dia fora San Beento a seu agro de pan pera segar e enton huum homen veno-o a demandar ao seu moesteiro con gram coita duum filho que tragia morto en seus braços. (3) E pois lhi disseron que San Beento era con seus frades no agro, deitou o corpo do filho morto ant'a porta do moesteiro e foi demandar mui't'aginha con gram doo de seu coraçõ o santo homen. (4) En aquela hora ja se tornava o homen de Deus do agro con seus frades e o hornen bõõ que leixara o filho morto ant'a porta do moesteiro pois o viu começou a braadar e a dizer:

(5) - Da-mi meu filho! (6) Da-mi meu filho!

(7) E San Beento pois ouvio dizer taes palavras esteve huum pouco e disse:

(8) - Como, homen bõõ, eu ti tolhi teu filho?

(9) E el respondeu:

(10) - O meu filho he morto. (11) Ven tu e resuscita-o.

(11) E o santo homen pois esto ouvio ficou logo ende mui triste e disse:

(13) - Partide-vos de min ca tan altas obras non son nossas, mais dos santos apóstolos de Jesu Cristo.

(14) E disse ainda:

(15) - Por que nos queredes poer cárregas que non podemos levar?

(16) E o homen bõõ que andava con gram coita de seu filho pesseverou en sa demanda e viron que se non partiria del se lhi non resuscitasse o filho. (17) E San Beento o preguntou logo e disse-lhi:

(18) - Hu é o teu filho?

(19) E el respondeu:

(20) - Ei-lo, seu corpo jaz aa porta do moesteiro.

(21) E o santo homen de Deus pois chegou con seus frades ali hu o corpo jazia, ficou en geolhos en terra o deitou-se sobrelo corpo do menino e alçou-se depois e tendeu sas mãos ao ceo e disse:

(22) - Senhor, non cates tu aos meus pecados, mais vee i a fe deste homen que roga que lhi resuscite o seu filho e méti en este corpo a alma que ende tirasti.

(23) Adur o santo homen compriu a sa oraçon e a alma tornou ao corpo e a todos aqueles que hi estaban apareceu que todo o corqo do menino tremeu quando a alma en el entrou. (24) E o honrado padre San Beento tomou logo o menino pela mão e deu-o vivo e são a seu padre.

(25) - Ja ora aparece, Pedro, diz San Gregorio, que este miragre non fez o santo homen per poderio, ca non demorara tanto en o fazer, mais feze-o pela oraçon. (26) Ca ante se deitou en terra e pediu a Nosso Senhor que comprisse seu rogo pela fe do padre do menino que resuscitou.

(27) E don Pedro, seu clerigo:

(28) - Se todas estas cousas que tu contas, padre, assi son como tu afirmas, certa cousa e conhoçuda he que o que dissesti per palavras móstra-lo per obras. (29) Mais rogo-te que mi demostres se os santos gaanhhan todas aquelas cousas que queren.

23

(1) Do miragre de Santa Scolastica irmã de San Beento

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Quen seerá, Pedro, en esta vida de maiores merecimentos ca San Paulo? (4) E pero este rogou Nosso Senhor tres vezes que lhi tolhesse a tentaçõ da carne que avia, a que el chamava agrilhan, polo gram mal que dela recebia, e pero non pôde gaanhar o que quise. (5) E por esto faz mester, Pedro, que ti conte eu do honrado padre San Beento que alguma cousa foi que el quise gaanhar de Nosso Senhor e non pôde:

(6) Ca humã irmãã deste abade San Beento que avia nome Scolastica e des sa meninice fora dada e posta en serviço de Deus, cada ano viinha veer seu irmão humã vez e seu irmão saia a ela a hum logar da clastra, a hum logar honesto que avia ant'a porta do moesteiro en que falava con ela. (7) E hum dia acaeceu que o abade San Beento veno a ela con seus discipolos e seve con ela per todo o dia falando en louvores de Deus e nas Santas Escrituras e porque era ja tardi comeron ensembra. (8) E, seendo ainda aa mesa, porque se deleitavan en falar de Deus perlongou-se o tempo muito. (9) E porende Santa Scolastica, sa irmãã, dona de gram religion e muito honesta, rogou seu irmão e disse-lhi:

(10) - Rogo-te, irmão, que esta noite que me non desempares, mais sejamos ambos sempre falando ata a manhã dos prazeres e dos góuvios da vida celestial:

(11) E el respondeu:

(12) - Que he o que dizes, irmãã? (13) Non posso eu ma_er nen ficar fora da mha cela.

(14) E enton era a claridade no ceo tan grande que non aparecia nen humã nuven no aar. (15) E a santa monja Scolastica, sa irmãã, pois viu que seu irmão San Beento lhi negava o que lhi pedia, juntou as mãos metendo os dedos huuns per antr'os outros e pose-as sobrela mesa e ficou a cabeça sobrelas mãos e fez seu rogo a Nosso Senhor que lhi comprisse seu desejo. (16) E pois alçou a cabeça da mesa veenron tantos lâmpados e torvões e tam gram chuvia que nen San Beento nen seus frades que eran con ele non podian tirar o pee fora daquel logar en que siiam. (17) Ca a santa monja posera a sa cabeça sobrelas mãos que tiinha na mesa e chorara tam fortemente que a claridade que no aar era tornara-se en escuridade polagrande chuvia que veenra e nunca quedou de chorar, nen alçou a sa cabeça das mãos que tiinha sobrela mesa ata que Deus aquel tempo tan esquivo fez fazer. (18) E pois seu irmão viu que pelo tempo, muito esquivo que fazia non podia tornar a seu moesteiro con seus frades começou-se a queixar. (19) E disse-lhi con gram tresteza:

(20) - Perdoe-ti, Deus, irmãã! (21) Que he aquesto que fizisti?

(22) E ela respondeu:

(23) - Roguei-te eu que ficasses comigo e non quisisti fazer-meu rogo e roguei meu Deus e ouviu-me e ora deixa-me se poderes e vai-te pera teu moesteiro.

(24) E el porque non podia sair da casa pola gram tempestade do tempo que fazia ficou con sa irmãã contra sa voontade, aquel que ante de grado non quisera ficar. (25) E féze-se en tal maneira que toda aquela noite vegiaron ambos os irmãos e falando a revêzes das Santas Escrituras e dos beens que Deus faz aaqueles que o aman, compriu a santa dona seu desejo bõõ que avia de falar con seu irmão.

(26) E en tal cousa come esta, dix'eu - diz San Gregorio - quis este amigo de Deus San Beento comprir seu desejo mais non pôde. (27) Ca certa cousa he que o amigo de Deus San Beento quisera que a claridade que estava no aar quando el veno, ficasse sempre ata que el fosse pera seu moesteiro. (28) Mais fez Deus outro miragre contra aquilo que el queria pera comprir a voontade de sa irmãã. (29) E non é maravilha se sa irmãã mais aginha gaanhou de Nosso Senhor o que cobiiçou ca seu irmão, ca se Deus he amor, assi como diz San Joane, dereito juizo de Deus foi que aquela podesse mais que mais amou.

(30) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(31) - Confesso e reconhosco, padre, que gram prazer ei no que dizes.

34

(1) De como a alma da irmãã de San Beento saiu-lhi do corpo.

(2) E disse depois San Gregorio que en outro dia, quando se foi aquela honrada femea Santa Scolastica pera sa cela, o homen de Deus San Beento tornou-se pera seu moesteiro e, sendo en sa cela, depós tercer dia alçou os olhos no aar e viu a alma daquela sa irmãã Santa Scolastica sair do corpo e ia-se pera o ceo en semelhança de poomba. (3) E tanto foi o prazer na gram gloria que lhi viu que deu muitas graças e muitos louvores a Deus poderoso. (4) E disse logo aos frades que sa írmãã era passada deste mundo e mandou-lhis logo que fossen polo seu corpo e que o trouvessem ao moesteiro e que o soterrassem naquel muimento que lh'el tiinha aparelhado. (5) E assi se fez per voontade de Deus que aqueles que sempre ouveron huma voontade pera servir Deus mui dereitamente ouveron huma sopultura en que os seus corpos fossen ensembra pera serviço de Deus.

(1) Como San Beento vio todo o mundo e da alma do bispo de Capua.

(2) Contou ainda San Gregorio que huum tempo Servando, clérigo de evangelho e abade daquel moesteiro que fezera fazer en terra de Campanha Liberio, per que se regera en outro temp a cidade de Roma, veno a veer San Beento assi como soia a fazer ameudi pera falar con el das Escrituras Santas e dos beens da terra celestial de que ja alguma cousa gostaron, como quer que ende o prazer comprido non ouvessen, assi como ja an aquelas que hi son. (3) E, quando foi tempo de dormir, San Beento se foi pera sa cela que tiinha en cima duma torre e o abade don Servando se veno pera outra sa cela que estava sô a torre e a cela duum e do outro non se partia sonon per huma pequena subida. (4) E ante a torre avia huma morada grande en que colhiam os discipulos de San Beento e do abade Servando. (5) Naquela noite, jazendo ja dormindo os frades, San Beento levantou-se pera sa oraçon mais cedo que soia e, estando a huma feenstra rogando Nosso Senhor e louvando-o mui de coraçõ, viu huma luz viinr mui'taginha do ceo alumeando aquela noite que era muito escura. (6) E tanta foi a claridade que daquela luz recudia que vencia a claridade do dia. (7) E foi gram maravilha o que lhi enton apareceu, ca disse depois que vira todo o mundo juntado ante si e, dementre se estava maravilhando de tan gram lume como viia, viu a alma de San German, bispo de Capua, levar aos angeos pera o ceo en huma roda que luzia come fogo. (8) E chamou enton con grandes braados o abade don Servando que tiinha a cela preto del, assi como de suso dito he, pera seer testimoniha daquelas maravilhas que el viia. (9) E o abade pois ouviu San Beento braadar contra seu costume, entendeu que alguma cousa grande vira porque o chamara e, quando ja veno a el, non vio senon pouquetinho daquel lume que San Beento vira. (10) E o honrado padre San Beento contou per orden ao abade don Servando todas aquelas cousas que vira. (11) E o abade se maravilhava muito muito de tan grandes miragres. (12) E o homen de Deus San Beento mandou logo a Teopobro que era homen mui religioso e estava en Castro Casino que mandasse logo en essa noite aa cidade de Capua pera saber que era do bispo e que lhi mandasse dizer logo as novas que del achasse. (13) E o mandadeiro quando chegou aa cidade achou novas

que o bispo da cidade era morto e achou que morrera en aquela hora en que o honrado padre San Beento vira a sa alma levar pera o ceo.

(14) E o seu clerigo don Pedro disse:

(15) - Aquesto que me tu contasti, padre, he cousa muito pera maravilhar, mais o que dissesti que todo o mundo lhi trouveron juntado ant'os seus olhos, como sae raio duum sol, esto nunca eu provei, nen posso entender per que maneira huum homen podesse veer todo o mundo.

(16) E San Gregorio respondeu:

(17) - Firmemente ten, Pedro, e por certo sábi que a alma que vee Deus tan alti se alça sobrelo entendimento natural que an as creaturas que Deus fez con razon e con entendimento.

(18) E tan comprido he o entendimento da alma na vista de Deus que todo este mundo lhe parece pequena cousa pera entender, ca tan alto he o entendimento que vee Deus, como o homen que está en huma torre muito alta. (19) E assi como este pode veer compridamente todas as cousas que estan sô a torre, assi aquel que vee Deus, que he criador de todas as cousas, pode veer naquel lume per que e en que vee o seu criador todas as creaturas que son en todo o mundo que el fez ca todas son sô el. (20) E porende este que vira a alma do bispo levar aos angeos na roda que luzia come fogo, certo he que a non viia senon naquel lume e per aquel lume en que e per que viia Deus. (21) E porende, Pedro, que maravilha he se este que era alçado sobre todo o mundo, pelo lume en que e per que vira Deus, vira todo o mundo juntado que estava sô el? (22) E per esto que dizemos que todo o mundo foi juntado e apanhado ant'os seus olhos, non entendemos poren que o ceo e a terra e as outras creaturas fossen porende meores que eran ou menguassen de sa quantidade. (23) Mais porque entendimento deste que viia Deus alçou-se tan muito sobre todas as outras creaturas que ligeiramente e sen nen huum afan vira todas aquelas cousas que eran sô Deus, e portanto per aquela luz que el con os olhos do corpo via recebeo outra luz dentro en sa alma que lhi alçou o entendimento tan muito que todas as outras creaturas lhi apareceron mui pequenas e mui baixas e por esso as vira todas juntas sen afan e sen embargo nen huum.

(24) E o seu clerigo don Pedro disse:

(25) - Ora mi semelha, padre, que meu proveito foi porque eu non entendi tan aginha o que mi dissesti tu e tan claramente pera tolher a duvida que eu avia, que ja entendo abertamente aquilo que primeiramente duvidava. (26) E poren te rogo que tornes a contar a vida do santo homen de que primeiramente falamos.

(1) Como San Beento screveu a regra dos monjes

(2) Enton disse San Gregorio:

(3) - Muito mi prazeria, Pedro, de contar ainda muitas cousas deste honrado padre Sam Beento, mais algumas cousas que sei del leixo-as a ciente porque me coita pera contar vidas doutros padres porque foron mui santos. (4) Pero quero que sábias que este santo de Deus San Beento, como quer que fosse de gram fama no mundo por muitos miragres que fez, pero apareceu leterado comunalmente por alguums livros que ditou. (5) E escreveu a regra dos monjes en que ha latin mui fremoso e muito aberto e mui desempeçado per que homen ainda pode entender a vida e os costumes que este santo avia. (6) Ca o homen bõõ e verdadeiro non pode ensinar aos outros que façan outra vida senon tal qual el faz, nen que ajam outros costumes senon taes quaes el ha.

(1) Da profecia de sa morte que disse aos frades.

(2) Disse ainda San Gregorio que naquel ano en que este grorioso padre San Beento saiu deste mundo disse o dia da sa a alguums seus discipolos que moravam con el e a alguums outros que moravan longe del. (3) E aaqueles que eran presentes disse que lhi guardassen puridade do que lhis dezia. (4) E aaqueles outros que moravan longe del disse que el lhis daria sinal certo per que entendessen quando a sa alma saisse do corpo. (5) E ante seis dias que morresse mandou abrir a cova en que o avian de soterrar e foi a caentura e o odor da fever tan grande en ele que ficou mui fraco e mui coitado. (6) E cada dia crescendo a enfermidade mais, mandou-se levar a sexto dia per seus discipulos aa eigreja. (7) E pois tomou o sagramento do corpo e do sangui de Nosso Senhor Jesu Cristo antr'as mãos dos seus discipulos, alçados os olhos ao ceo e fazendo sa oraçon, deu a sa alma a Deus. (8) En aquel dia dous seus frades, hum que morava con el e outro que estava longe del, viron huma vison duma maneira ca viron huma

carreira escontra ouriente e começava-se na cela e estendia-se ateen-no ceo. (9) Aquesta carreira era estrada de muitos panos preciosos e avia hi lampadas tan sen conto e de tanta claridade que o non poderia nen huum dizer. (10) E huum homen que andava muito honradamente vestido de vestiduras claras e mui fremosas preguntou aqueles que esta carreira viiam cuja era aquela carreira ou quen avia d'ir per ela. (11) E eles disseron que o non sabian. (12) E ele lhis disse:

(13) - Aquesta é a carreira per que o amigo de Deus San Beento sobr ao ceo.

(14) Enton os seus discipolos assi os que eran presentes come os que estavam alonjados dele souberon e foron certos da morte do santo homen pelo sinal que viron, assi como lhis el prometera. (15) E pois que o santo homen morreu e lhi fezeron todo seu oficio soterraron-no na eigreja que el fezera fazer aa honra de San Joane Baptista quando fez destruir o idolo do sol, assi como do suso dito he. (16) E vós devedes saber - que a vida deste santo ouvides que naquela cova en que el primeiramente morou, que avia nome Sublacos, quando primeiramente leixou o mundo e veno morar ao ermo, faz Deus ainda muitas maravilhas e muitos miragres a todos aqueles que a ajuda do santo homen ali veen demandar.

38

(1) Da molher sandia que se meteu na sa cova e foi sãã

(2) Contou ainda San Gregorio:

(3) - Noutro dia acaeceu que huma molher ensandeceu e andava assi de dia come de noite, per montes e per vales, per matos e per campos e nunca folgava senon quando a fraqueza era tamanha que non podia ja mais andar. (4) E acaeceu huum dia que dementre assi andava per montes e per vales veno aaquela cova en que primeiramente morara San Beento e hi folgou toda aquela noite sen outro saber que ela ouvesse dos miragres que hi Deus fazia polo grorioso San Beento. (5) E depois que se levantou aa manhãã achou-se sãã e salva e con todo seu entendimento como se nunca fosse sandia e assi foi sempre sãã e con todo seu siso entregamente todo tempo de sa vida.

(6) Enton don Pedro, seu clerigo, disse:

(7) - Que he, padre, o que veemos que muitas vezes acaece que os santos fazen maiores miragres naqueles logares hu á as sas religas ca naqueles outros hu jazen os seus corpos?

(8) E San Gregorio respondeu:

(9) - Non he duvida, Pedro, que os santos poden fazer muitos miragres ali hu os seus corpos jazem e certamente assi o fazon aaqueles que puras mentes an. (10) Mais porque aqueles que son de pequena fe poden duvidar que os santos non lhi socorrerán ali hu os seus corpos non jazem, portanto faz mester aas vegadas pera tolher a dúvida destes taes que façan maiores maravilhas ali hu non jazem ca ali hu os seus corpos jazem. (11) E acaece ainda esto aas vegadas pola gram fe que alguums an que tragen as sas voontades ficadas en Deus porque son certos que, como quer que en alguums logares os corpos dos santos non jascam, assi he. (12) Mais aas vezes poden receber as sas benfeitorias e sentir as sas ajudas naqueles logares en que os seus corpos non jazem como en aqueles en que jazem. (13) E porende Nosso Senhor Jesu Cristo, que he verdade, disse a seus discipulos pera acrecentar mais en eles a sa fe: (14) “Se me eu non for o Espiritu Santo non verrá a vós.”

(15) Sabuda cousa he pela fe que teemos que o Spiritu Santo recude do Padre e do Filho assi como sal huum amor de padre e de filho que se muito aman. (16) E pois o Padre e o Filho e o Spiritu Santo son huum Deus e huma sustança, como quer que sejan tres pessoas, assi como o Filho sempre he ali hu o Padre he, assi o Espiritu Santo sempre he con o Padre e con o Filho. (17) Ergo, porque o filho de Deus disse que se se partisse dos discipulos que verria a eles o Espiritu Santo que nunca se parte do Filho; (18) e quen esto quiser entender deve saber que o filho de Deus non disse esto aos seus discipulos senon porque o eles sempre desejavam a veer con os olhos do corpo; (19) e porque, veendo o Filho corporalmente e non con os olhos da alma, o Espiritu Santo, que se non podia veer pelos olhos do corpo, ca non tomara carne en que se podesse veer come filho de Deus, pera averen os discipulos fe comprida da deidade do filho de Deus que non viian e do Spiritu Santo que per o corpo non podian veer, ca o non filhara, disse-lhis: (20) “Se m’eu non for o Espiritu Santo non verrá a vós.” (21) Como se lhis dissesse abertamente: (22) Se eu non tirar este meu corpo d’ante os vossos olhos nunca vos mostrarei que pessoa é a do Spiritu Santo que sal do Padre e do Filho, que é amor en que e per que se ambos aman.

(23) E come se lhis dissesse ainda: (24) Se me non leixardes de veer corporalmente nunca aprenderedes en como me amedes espiritualmente.

(25) E o seu clerigo don Pedro disse:

(26) - Muito mi praz, padre, o que dizes.

(27) E San Gregorio disse enton:

(28) - Quedemos ja huum pouquetinho de falar se quisermos contar os miragres que os outros padres fezeron. (29) E entramente cobraremos nossa força pera contar depois mais atrevudamente os beens que dos outros santos quisermos dizer.

(30) Aqui se acaba o Livro Segundo do Dialago do ben aventurado San Gregorio que foi papa de Roma.

LIVRO TERCEIRO

1

(1) Aqui se começa o Terceiro Livro.

(2) Porque ata aqui contei eu os feitos goriosos e maravilhosos dos padres santos nossos vezinhos, e poren cuidaria alguen que queria leixar de contar os feitos dos outros padres mais antigos e mais alonjados de nós, assi como o feito maravilhoso que fez Paulino, bispo da cidade de Nolana, que foi maior per vertude e per tempo ca muitos outros padres de que eu ja falei, e por non cuidar nen huum que nos non nembramos nós dos seus feitos, tornemos a contar taaes cousas quaes primeiramente contamos, o mais brevemente que se poder contar. (3) Ca, por alguums feitos gloriosos que homen ja contou dalguums padres santos, nembra-se doutros taaes que an semelhança con eles. (4) E porque o nome e a fama do honrado bispo Paulino, de que suso falamos, he muito apregoada, porende contaremos primeiro huum feito maravilhoso que fez esse bispo Paulino que mi contaron homens bõos e antigos, compridos de fe e de vertude a que eu tanto creo come se o visse con meus olhos.

2

(1) De Paulino bispo da cidade de Nolana.

(2) No tempo en que os vándalos entraron Italia e despobrarón a maior parte de Campanha, per morte de muitos que mataron e per catividade doutros que trouxeron cativos a terra d’Africa, conta San Gregorio que o honrado baron Paulino, bispo da cidade de Nolana, fez mui grandes esmolnas pera tirar os cativos que desta nossa terra levaron e a todolos outros pobres que lhi esmolna demandavan. (3) E pois despendeu en pobres todas aquelas cousas que no seu bispado avia, acaeceu huum dia que huma molher veuva, que tiinha seu filho cativo en terra d’Africa e era servo do genro do rei dos vándalos, veno ao piadoso baron Paulino que lhi fizesse alguma esmolna pera tirar seu filho de catividade, se pela ventura lho quisesse vender aquel cujo servo era por alguun preço assinaado que lhi desse por el. (4) E pois o homen de Deus non pôde achar nen huma cousa que lhi desse se non si rneesmo, disse aa molher pobre:

(5) - Toma-me por servo e leva-me pera terra d’Africa e da-me aaquel cujo servo he teu filho e leixa-me en seu logar e trági teu filho contigo, ca non ei eu outra cousa nen huma que ti eu possa dar.

(6) E a molher pobre pois ouvio o que dezia Paulino, que era bispo tan honrado, cuidou que lho dezia mais por escarnecer dela ca por doo que dela ouvesse. (7) Mais o bispo piadoso, porque era homen de boa palabra e muito ensinado pera fazer creer a cada huum o que lhi quisesse dizer, disse aaquela molher pobre que non duvidasse nada daquelo que lhi dezia, mais que o tomasse logo por servo e que o fosse dar aaquel que tiinha seu filho en cativo e que trouvesse seu filho e el ficaria en seu logar. (8) E pois ambos chegaron a terra d’Africa viu a molhor pobre en huma cidade d’Africa passar pela rua aquel que tiinha seu filho e rogou-o primeiramente que lhi desse seu filho. (9) E pois viu que a non quis ouvir e partiu-se dela con gram sobérvia, como aquel que non avia temor de Deus nen vergonha dos homens, polo avondamento das cousas temporaes que avia, disse-lhi outra vez a molher pobre:

(10) - Este homen ti dou por meu filho. (10a) Ávi piedade de min e leixa-me levar meu filho ca non ei eu outro senon el.

(11) E pois aquel que tiinha seu filho cativo consiirou a face daquél homen que lhi davan polo seu filho e vio que avia bõa pessoa e honrada, preguntou-o se sabia alguma arte per que podesse viver. (12) E o homen Paulino, servo de Deus, lhi disse:

(13) - Arte nen huma non sei eu, mais sei ben lavrar huum horto e en esto te posso eu ben servir, se ti praz.

(14) E ao gentil prougue muito, pois lhi ouvio dizer que avia sabença per que lavrasse e enderençasse ben qualquer horto en que o podessen e recebeu-o por servo e deu aa viuva seu filho e veo-se logo con el d’Africa pera sa terra. (15) E Paulino ouve cuidado de lavar o horto do genro del-rei en cuja servidoen ficara. (16) E entrando este genro del-rei en seu horto muito ameudi e fazendo algumas demandas de que se pagava a seu hortolan e veendo que el lhi respondia come homen sajes e de bõõ entendimento, começou a leixar seus amigos con que soia ameudi falar e viinha-se pera seu hortolan e avia prazer de falar con el ameudi. (17) E o homen de Deus Paulino tragia-lhi cada dia a sa mesa da fruta e das bõas ervas verdes que eran pera comer. (18) E pois lhi seu dono dava do pan que comesse, ia-se pera seu horto e, fazendo Paulino tal vida con seu dono cada dia, acaeceu huum dia que falando seu dono con el disse-lhi Paulino en gran puridade:

(19) - Vei que devas a fazer e ávi cuidado en como se deve reger o reino dos vandalos, ca por certo sábi que el-rei morrerá mui cedo e muito arravatadamente.

(20) E pois o genro del-rei esto ouvio non-no quis encobrir a el-rei porque sabia que el-rei o amava sobre todolos outros, mais disse-lhi todas aquelas cousas que lhi o seu hortolan dissera. (21) E el-rei pois este ouvio disse-lhi logo que queria veer aquel homen que lhi estas cousas dissera. (21a) E o seu genro lhi disse:

(22) - Aquel homen he meu hortolan e sol mi a levar cada dia aa mesa das ervas verdes do meu horto. (23) E ora lhi direi que mh’as leve e méti tu mentes en aquel que as ervas trage e assi podes conhecer quen he aquel homen que mi estas cousas disse:

(24) E seendo el-rei comendo con seu genro, veo Paulino aa mesa e trouve aquelas ervas do seu horto assi como soia. (24a) E el-rei logo que o viu começou a tremer e a aver gran dó e disse logo a seu genro:

(25) - Verdade he o que tu ouvisti. (26) Ca esta noite vi eu en sonhos como eu estava ante huuns juizes que me avian de juigar e aqeste homen siia antr’eles e era meu juiz e o poderio d’atormentar que eu avia tolheron-mh’o, per sentença daqueles juizes que deron contra min. (27) Mais rogo-t’eu que lhi preguntes que homen he, ca non creo eu que homen de tan gram merecimento fosse destes vaadios que andam pelo mundo.

(28) E enton o genro del-rei sou dono chamou Paulino a de parte e perguntou-o que lhi dissesse que homen era. (29) E o homen de Deus lhi disse:

(30) - Soom teu servo que tu recibisti polo filho da molher viuva.

(31) E seu senhor lhi disse:

(32) - Non ti demando eu que mi digas que ora es, mais que homen fusti en ta terra.

(33) E por esto o santo homen jurou que lhi dissesse verdade. (34) E el veendo que se non podia encobrir que lho non dissesse per razon do juramento que lhi fezera, disse-lhi que en sa terra fora bispo. (35) E seu senhor pois esto ouvio, ouve-lhi gram temor e gram reverença e disse-lhi con grande humildade:

(36) - Demanda o que quiseres e enviar-t'ei pera ta terra con grande honra e con bõs dões e graados que ti darei.

(37) E o homen de Deus Paulino lhi disse:

(38) - Rogo-te que mi des todos cativos que aqui teens da cidade onde eu soom bispo.

(39) E o genro del-rei feze-os logo demandar per toda terra d'Africa hu quer que os podessen achar. (40) E pois foron juntados deu-os todos ao bispo en don e, por enmenda da servidoen en que o tevera, con muitas naves carregadas de triigo. (41) E o bispo veo-se con eles pera sa terra e a cabo de poucos dias acaeceu que o rei dos vandalos morreu e perdeu o senhorio que recebera pera atormentar os cristãos, per ordinaçon de Deus que quis que non vivesse mais no mundo. (42) E assi se compriu que a profecia do bispo Paulino, que dissera da morte do rei dos vandalos, foi verdadeira. (43) E aquel que se quis fazer servo alheo de sa voontade por amor de Deus tirou si e outros muitos de servidoen. (44) E en aquesto se semelhou o filho de Deus que quando se fez homen tomou semelhança de servo pera tirar-nos da servidoen do enmiigo.

(45) E don Pedro seu clerigo disse:

(46) - Quando me acaece que ouço alguma bõa cousa que non posso seguir, mais me praz decalar ca de falar.

(47) Disse ainda San Gregorio que achou scrito na eigreja deste bispo de que ora falamos en como morreu: (48) ca disse ca por huma door grande que ouvera nas costas veno a morte e, sendo a sa casa mui ben fundada e de mui bõas paredes, a camara en que ele jazia quando era enfermo tremeu polo tremor grande da terra que enton foi. (49) E todos aqueles que enton hi foron presentes ficaram muito espantados e assi a santa alma do honrado bispo Paulino saiu do corpo en que andava. (50) E todos aqueles que viron a morte do bispo Paulino ficaram muito espantados por aquelas cousas que hi viron e porque a vertude da misericordia que este santo bispo avia era ja tan chegada e tan acaroadada a ele come se lhi fosse natural. (51) Porende

se ti prouguer, Pedro, venhamos a contar os miragres que os outros santos homens fizeram, que son mui certos e mui conhecidos e que eu aprendi d’homeens tan religiosos de que non posso duvidar nemigalha que assi non sejam como eles contaron.

3

(1) De Johan papa

(2) E San Gregorio disse ainda que en tempo dos godos o ben aventurado baron don Johane, bispo desta eigreja de Roma, indo a Justiniano, o mais velho, que enton era emperador, chegou a terra de Corinto. (3) E porque enton ouve mester huum cavalo pera sa carreira en que cavalgasse, huum homen nobre pois ouviu que o papa Joham avia mester cavalo manso en que cavalgasse, fez-lhi presentar huum cavalo en que soia cavalgar sa molher porque era mui manso, ata que veessen a alguum logar en que podessen achar outro que fosse manso e que convesse a atal homem qual he o papa e disse que lhi enviassen o seu en que soia cavalgar sa molher. (4) E pois veo a logar certo naquel cavalo que lhi emprestaron, demandaron se poderian achar outro cavalo en que cavalgasse o papa, manso e tal qual el mester avia. (5) E pois que o acharon enviaron o outro en que o papa veera a seu dono, mais, pois a molher do nobre homen que o cavalo emprestara ao papa quis cavalgar en el como soia, o cavalo começou a bravejar e soprar e rinchar e mover-se duma parte aa outra e alçar as pernas mui rijamente, assi que a dona non pôde cavalgar en ele. (6) E ben parecia que o cavalo dava a entender que depois que trouvera sobre si tan santo homen non quis sofrer que nen huma molher cavalgasse en el. (7) E o nobre homen, marido da bõa dona, depois que esto entendeu enviou o cavalo ao santo homen e mandou-lhi pedir por mercee que recebesse aquel cavalo por seu e que cavalgasse en el cada que lhi fosse mester, ca o dereito que a sa molher no cavalo avia, todo o el fezera seu, per huum pouco de tempo que cavalgara en ele.

(8) Deste santo papa Johan soen a contar os nossos padres antigos que quando veo aa cidade de Constantinopla e chegou a huma porta da cidade que chaman a Porta Dourada, huum cego que pedia por Deus a quantas iam e vininam per aquela porta, pois ouviu dizer que o papa Johan que era mui santo homen passava per aquela porta, podiu-lhi mercee por amor de Deus.

(9) E o papa, homem de grande piedade, pôs-lhe a mão sobre os olhos ante todos os povos que ali estavam e pediu a Deus mercê por ele e recebeu logo luz de seus olhos.

4

(1) De Agapito papa.

(2) Contou ainda San Gregório que a pouco tempo que aconteceu isto que ora de suso foi dito, o bom aventureiro barão Agapito, bispo desta Santa Igreja de Roma em que ora eu servio por vontade de Deus, foi ao imperador Justiniano e, ele indo já por terra de Greza, ofereceron-lhe hum dia hum homem mudo e çopo. (3) E quando os parentes do enfermo ofereceron com muitas lagrimas o santo homem de Deus lhe fez pergunta se avian fe que este enfermo podia ser são por virtude de Deus ou non. (4) E pois lhe eles responderon que aviam esperança firme de sa saúde em virtude de Deus e da autoridade de San Pedro, cujas vezes ele tinha, o honrado santo papa e amigo de Deus deitou-se muito aginha em sa oração e pois começou cantar sa missa e oferecer seu sacrificio com muito grande devoção a Deus padre poderoso. (5) E pois acabou partiu-se do altar e tomou o mudo e çopo pela mão e ante todo o povo alçou-o de terra sobre seus pees. (6) Pois lhe meteu o corpo de Deus na boca, a lingua que primeiramente fora legada para non falar soltou-se e falou desembargadamente. (7) E pois lo todo o povo viu andar e tan desembargadamente falar começaram a chorar com prazer e dar muitas graças a Deus. (8) E ouveron grande medo e grande reverência a Nosso Senhor Jesu Cristo, porque viron que o bom aventureiro santo Agapito fezera tan grande miraculo em virtude de Nosso Senhor e por ajuda do glorioso apóstolo San Pedro.

5

(1) De Dacio bispo de Milão.

(2) Contou depois San Gregorio que en tempo daquel princepe Justiniano de que suso falei, Dacio, bispo de Milan, indo aa cidade de Constantinopla sobre feito da fe que avia con os hereges chegou a Corintho, e, mandando catar huum gram paaço en que podesse caber con muita gente do seu condado que ia con ele, viu longe estar huma casa soo mui grande e muito alta e mandou-a mui ben guisar pera pousar en ela. (3) E pois os homens moradores da terra lhi disseron que muito tempo avia que naquela casa non morava nequum porque a tomara o enmiigo por sa morada, o santo bispo servo de Deus disse:

(4) - Portanto devemos nós a pousar en ela, que deitemos dela o spiritu mao que en ela mora, assi que os homens possan hi depois seguramente morar.

(5) E portanto mandou hi fazer seu leito e entrou hi mui seguro, guisado e aparelhado pera sofrer todas aquelas cousas de mal que o enmiigo quisesse fazer. (6) E el jazendo dormindo muito alta noite, o enmiigo antigo começou a dar braados e grandes vozes bramindo come leon, berregando come boi, rosnando come asno, asseviando come serpe, grunindo come porco e ferindo os dentes come ratos. (7) Enton o santo bispo Dacio espertou-se mui aginha aas vozes de tantas animalhas e levantou-se mui sanhudo e começou a dar grandes braados contra o enmiigo antigo e disse:

(8) - Ai mesquinho, muito ti aveo mui ben! (9) Tu es aquel que dissesti: (10) “Porrei eu a mha seeda ao Aguion e seerei semelhavil a Deus.” (11) E ora ja per ta sobérvia semelhaste con os porcos e con as ratas e con as outras animalhas viis que arremedas. (12) E tu que quisesti sen teu merecimento semelhar-te a Deus, veesti a atal estado que semelhas as bestas mudas que arremedas!

(13) E o spiritu mao pois ouvio estes deostos que lhi disse o santo homen, ficou mui quebrantado e tan gram vergonha prendeu ende que des ali en deante nunca naquela casa pousou. (14) E acaeceu assi que per huma vez que o santo homen naquela casa pousou, des ali en deante moraron hi todolos outros que cristãos eran. (15) E o spiritu mentireiro e desleal des enton partiu-se ende pera todo sempre.

(16) - Ora faz mester, diz San Gregorio, que nos calemos ja destas cousas que foron feitas en nosso tempo de que os que as ouviren possam receber conforto e prazer pera sas almas.

(1) De Sabino bispo de Canusa.

(2) Disse ainda San Gregorio que huuns homens de gram religion que eran mui conhecidos na proença de Pulha soen a dar testimonio de Sabino, bispo da cidade de Canusia, sobre alguums feitos maravilhosos que Deus fez por el assi como sabem per muitas terras que son longe daqui. (3) E este santo homen perdera o lume dos olhos en tal maneira que non viia ren, e porque Totila, rei dos godos, ouviu dizer que este bispo avia o spiritu de profecia e nonno criia, trabalhou-se de provar aquilo que ouvio. (4) E quando rei Totila veo aaquela terra o santo bispo o rogou que comesse con ele e quando veenron pera seer aa mesa, el-rei non quis comer, mais asseentou-se aa destra parte do honrado bispo Sabino. (5) E quando o sergente quis dar a beber ao bispo, el-rei calou-so e tendeu a mão e tomou o vaso que o sergente dava ao bispo e deu-lho el per si meesmo pera provar se poderia entender per spiritu de profecia, que dezian que avia, quen era aquel que lhi tendia o vaso pera beber. (6) Enton o santo homen de Deus tomando vaso e non veendo o sergente que lho dava, disse:

(7) - Viva muito e por ben essa mão!

(8) E desta palavra ficou el-rei mui ledo, pero ouve vergonha do santo homen porque o conheceu e assi el-rei achou por verdade o que lhi disseron do santo homen.

(9) E porque este bispo honrado e amigo de Deus era ja mui velho, como quer que desse de si bõõ exemplo aaqueles que o querian seguir, huum seu arcediagoo, desejando a seer bispo apos el, trabalhou-se de o matar con poçonha e peitou algo aaquel que escançava o vinho ante el: (10) que desse ao bispo, quando comesse, aquel vinho que lh'el dava en que andava a poçonha. (12a) E quando lha quis dar disse-lhi o bispo:

(11) - Bévi tu primeiro esto que mi tu queres dar a beber.

(12) Enton o escançon entendeu que seu senhor sabia a morte que lhi el queria dar a beber, começou a tremer con medo e mais quis beber o vinho en que a poçonha andava ca sofrer as penas que merecia pola morte que a atan santo homen quisera dar. (13) E, levando ja o vaso do vinho en que a poçonha andava aa boca pera bevê-lo, o santo homen de Deus lhi disse:

(14) - Non-no bevas, mais da-o a min e eu o beverei e tu vai aaquel que ch'o deu e di-lhi ca eu bevo a poçonha, mais ele nunca seerá bispo.

(15) E enton o bispo fez o sinal da cruz e bebeu o vinho en que andava a poçonha seguramente. (16) En aquela hora meesma o arcediagoo que estava en outro logar morreu come se passasse a poçonha pela boca do bispo ao ventre do arcediagoo. (17) E como quer que o arcediagoo non bevesse a peçonha que metera no vinho pera matar o bispo, pero matou-o a poçonha da sa maldade per sentença do direito juiz perduravil ante cujos olhos non se asconde ren que do mundo seja.

(18) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(19) - Maravilhosas son estas cousas que contas, padre, ca non veemos ora en nossos tempos tan grandes cousas fazer, mais pero quen a vida deste santo bispo ben conhocesse non se devia a maravilhar das vertudes que Deus por el fazia.

7

(1) De Cassio bispo da cidade de Narnia.

(2) Contou ainda San Gregorio:

(3) - Pedro, non me quero calar duma cousa de que dan testimonio muitos que aqui son da cidade de Narnia, ca dizem que en aquel tempo medês dos godos veo rei Totilo, de que suso falamos, aa cidade de Narnia e o honrado bispo da cidade, don Cassio, saiu a receber el-rei. (4) E porque, este bispo de sa natura tragia sempre as faces vermelhas, quando o el-rei viu cuidou que aquela vermilhidoen non era natural, mais que avia de sobegidoen do vinho que cada dia bevia. (5) Mas pera mostrar Deus a el-rei que o que cuidara do santo homen non era verdade e de quam grandes merecimentos era ante nosso Senhor, a que se non asconde nemigalha, acaeceu que o spiritu mao entrou en aquel que tragia a espada ante el-rei, no campo de Narnia hu el-rei veera ante toda sa hoste, e derribou-o ante todos e fazia-o torcer e trouve-o mui mal. (6) E aqueles que hi estavam que sabian quam santo e quam amigo de Deus era o bispo levaron-no logo ao santo homen que rogasse a Deus por ele. (7) E o santo homen fez sa oraçon, estando el-rei presente e veendo todo mui ben, tirou o enmiigo del polo sinal da cruz que fez sobre ele assi que nunca depois entrou en el. (8) E pois o rei encreo viu tan fremoso

miragre que Deus fezera polo seu servo, honrou des ali en deante mui de coraçõn o santo bispo que ante pela vermilhidoen das faces despreçara, e a voontade que ante tragia inchada contra el con sobérvia tornou mansa e homildosa.

8

(1) De Andreu bispo da cidade de Funda.

(2) Contou depois San Gregorio e disse:

(3) - Dementre ora eu conto os groriosos feitos que fezeron os santos homens, nembra-me da misericordia de Nosso Senhor que fez a don Andre bispo da cidade de Funda. (4) E desejo muito que aqueles que este feito leeren ou ouviren que se guarden de morar con nen huma molher que seja se quiseren viver en castidade. (5) Ca, pela vista de cada dia da face da molher, crece a cobiiça maa no coraçõn e depois ven consentimento e, pelo aazo que ha, ven ligeiramente a fazer a obra do mal que cuidou. (6) E desto que eu quero contar dan testimonio todos aqueles a de leve que moran na cidade de Funda en que aquel don Andre de que falamos era bispo.

(7) Seendo este bispo de mui santa vida e comprido de muitas vertudes e trabalhando per todas maneiras pera guardar castidade e limpidade, huma molher santa que no seu bispado morava, de que el cuidava a seer certo pola bondade que en ela viia, que non caesse en pecado nen en perigoo de sa alma, prougue-lhi e sofreu que morasse consigo, ca de si meesmo outro tal cuidava que nunca per sa morada lhi veesse dano aa castidade e aa limpidade que el guardava. (8) E per razon desta morada trabalhou-se o enmiigo de tentar o bispo, e metendo mentes ameudi na beldade de sa face começou a cuidar pera fazer maldade con ela. (9) Huum dia acaeceu que hum judeu, viindo de Campanha aa cidade de Roma e querendo filhar seu caminho pela carreira que dizen d'Apia, veno ao término da cidade de Funda e, porque se posera ja o sol e non achava nen hum logar poboado hu fosse, entrou en hum templo d'Apolo e ficou hi aquela noite. (10) E porque se temeiu que os enmiigos lhi fezessem mal, como quer que a fe de

Jesu Cristo non ouvesse, pero fez o sinal da cruz sobre si pera se defender dos enmiigos. (11) E quando foi a noite meiada, el jazendo esperto e con gram medo non avia derredor poboado, meteu mentes e viu consigo no templo gram companha de spiritus maaos e todos davan razon a huum seu maioral que siia en huma cadeira, dos feitos maaos que fezeron. (12) E enquanto os acabaron, e antr'os outros levantou-se huum que disse que tentara o bispo da cidade de Funda, don Andre, per fremosura duma molher que morara no seu bispado e que a fezera morar na casa con ele.

(12a) - Assi que o dia d'oonte a hora de vespera tanto o acendi en amor daquela santa molher que lhi fiz dar en sinal de mao amor que lhi avia huma ferida nas costas con sa mão.

(13) E o spiritu mao e enmiigo do linagen d'Adan graciou-lhi muito o que fezera e rogou-o que acabasse o que começara. (14) E disse-lhi que se homen de tan gram religion como era o bispo don Andre per seu trabalho fezesse caer en fornizeo, antre todos os outros seus companheiros por feitos mui maaos que fezessem, por mortes, por aleivosias, por traições que ordinassen ou por outros maaes quaes quer, tan grandes non poderian seer que sobre todos non fosse louvado, se no bispo don Andre acabasse o que começara; (15) e que lhi daria a coroa de vitoria sobre todos os outros seus companheiros, sol que o santo bispo don Andre fezesse caer da castidade en que sempre vivera en luxuria de sa alma e de seu corpo. (16) E pois o judeu que esperto jazia ouviu aquesto e jouvesse tremendo con gram medo que avia, aquel spiritu mao que de todos era senhor fez demandar quen era aquel que fora ousado d'entrar e jazer naquel templo en que eles estavam. (17) E pois os spiritus maaos demandaron e viron que aquel que no templo jazia era assinaado e seelado do sinal da cruz, disseron:

(18) - Confujon e vergonha! (19) Confujon o vergonha! (20) Vaso vazio e assinaado do sinal da cruz.

(21) E pois esto disseron, toda aquela companha dos spiritos maaos desapareceu e o judeu que aquesto vira levantou-se aginha e veo-se logo pera o bispo e pois achou-o na eigreja apartou-o e preguntou-o que tentaçon era aquela que avia. (22) E o bispo non lho quis dizer con vergonha. (23) E el lhi disse que, pois deitara seus olhos en tal molher que estava en serviço de Deus que pola fremosura grande que avia, ficara namorado dela a gram dano de sa alma. (24) E porque o bispo negara-lho ainda e non lho queria conhocer, enadeu o judeu nas palavras e disse:

(25) - Por que negas o que ti demandan? (26) Ca o dia d'oonte aa vespera a atal estado veesti con ela que pera lhi mostrares o amor maaos que lhi avias desti-lhi huma ferida con ta mão antr'as espadoas.

(27) E o bispo veendo-se vençudo polas palavras que lh'el dissera confessou homildosamente o que lhi primeiramente negara. (28) E o judeu deu-lhi conselho mui são pera se guardar daquela vergonha e daquela confujon que lhi estava aparelhada e mostrou-lhi en como soubera todo seu feito e as palavras que del ouvira aos spiritos maaos e enmiigos do linagen d'Adam. (29) E pois todo esto que lhi o judeu disse el conheceu verdade, deitou-se en terra e fez sa oraçon con muitas lagrimas a Nosso Senhor e deu-lhi muitas graças porque o livrou de tan gram perigoo en que se el per seu pecado queria meter. (30) E deitou logo de sa casa non tan solamente aquela serva de Deus que con el morava, mais totalas outras molheres que con el eran na casa pera lhi fazeren o serviço que en sa casa fazia mester. (31) En aquel templo d'Apolo en que esta vison dos spiritos maaos fora mostrada, fez fazer huma bõa capela aa honra do Santo Andre. (32) E assi pela graça de Deus que no tempo da coita socorre aos seus amigos, perdeu compridamente toda aquela tentaçon da carne que avia. (33) E o judeu que vira esta vison e que lhi contou totalas cousas que ditas foram, babtizou-o, e do inferno en que jazia, pola fe de Jesu Cristo que non avia, trouxe-o aa gloria do paraíso pelos sacramentos da eigreja que lhi deu e que lhi ensinou e assi se compriu per graça de Deus que aquel judeu querendo procurar saude da alma alhea veno aa sua. (34) E Deus que ha poder sobre totalas cousas, per aquel feito per que o bispo guardou en boa vida, per aquel medês trouxe o judeu a corregimento da sua.

(35) E don Pedro seu clerigo disse:

(36) - Este feito que ouvi faz-me aver medo e faz-me aver esperança.

(37) - Assi conven, Pedro - disse San Gregorio - que se faça: ali hu nós tememos de veer, pola nossa enfermidade, ali devemos sempre confiar da misericordia de Deus. (38) E ja non vees, como ouvimos nós ora, o cedro do paraíso que he árvor que nunca apodrece, abalada foi e pero non foi arrigada. (39) E per este ficou exemplo a nós que somos enfermos e fracos e podemos ligeiramente caer en pecado, ca devemos temer en como o bispo de tan santa vida per tentaçon do enmiigo foi abalado e pela misericordia de Deus ficou en seu estado e no amor de Deus firme e arraigado.

(1) De Constantino bispo de Aquino.

(2) Contou ainda San Gregorio que Constantino, bispo de Aquino, foi homen muito honrado e mui religioso. (3) Aqueste bispo noutra dia en tempo de papa Johan, que foi papa ante min, foi homen de vida santa e honrada, comprio o dívido natural. (4) Daqueste bispo disseron aqueles que con el viviam que ouve espirito de profecia, ca no dia de sa morte, assi como contan homens religiosos e verdadeiros que estavan presentes, estando os homens bõõs da cidade onde el era bispo fazendo gram chanto sobre ele, preguntaron-no con muitas lagrimas:

(5) - Padre, quen será bispo depós ti?

(6) E el respondeu:

(7) - Depós Constancio averedes bõõ bispo, huum que guardava os muus nas estalarias.

(7a) E depós aquel averedes outro que lava os panos. (8) E depós aquele non averedes nen huum.

(9) E pois esta profecia disse, saiu-lhi a alma da carne. (10) E pois este bispo foi morto, fezeron outro bispo que avia nome don Andre e fora seu clerigo d'avangelho. (11) Aqueste en outro tempo guardara as bestas nas estalarias assi como dito he. (12) E pois que este bispo morreu, fezeron outro bispo que avia nome Jovino que naquela meesma cidade fora lavador dos panos. (13) En tempo daqueste foron destruidos todos aqueles que na cidade moravan: (14) huuns pelos barbaros que voeron sobre eles, outros per gram tempestade do ceo que veno sobre eles. (15) E assi non acharon neguum que podessem fazer bispo, nen er ficou gente nen huma na cidade de que fosse bispo. (16) E assi se comprio a sentença do santo homen Constancio que disse que depós os dous bispos que avian de viir após el a sa eigreja non averia outro pastor.

(1) De Frigidian bispo da cidade de Luca

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non devo calar huma cousa que eu soubi ante dous anos e ouvi-a contar ao honrado baron Venancio bispo de Lu-a. (4) El dezia que na eigreja de Luca fora huum bispo de maravilhosa vertude e avia nome Frigidian. (5) E todolos homens daquela cidade dan testimonio que o rio que corria a cabo dos muros daquela cidade saia da madre quando fazia as chúvias mui grandes e estendia-se pelos campos daquela cidade e destroia totalas cousas que jaziam semeadas e chantadas en esses campos. (6) E porque se este fazia muito ameudi e os homeens da terra recebiam gran dano, trabalharon-se que fizessem ir o rio quando saisse fora de sa madre per outros logares en que non fizesse dano. (7) E pois viron que trabalhavam en vãão, o santo bispo Frigidian fez fazer huum ancinho pequeninho e achegou-se aa madre do rio o deitou-se en oraçon e mandou ao rio que fosse per aqueles logares que lhi el assinaara con seu ancinho. (8) E o rio leixou todolos outros logares per que soia a ir e foi-se per aqueles semedeiros que lhi aquel homen bõõ assinou-o. (9) E assi os homens bõõs daquela cidade colhiam cada ano seu pan e seu vino e totalas outras cousas per que se mantiinhan que tiinhan semeadas ou chantadas nos campos.

11

(1) De Sabino bispo da cidade de Plazença

(2) Contou ainda San Gregorio que o honrado bispo Venancio, de que ora falamos, lhi dissera outro miragre mui fremoso que fora feito na cidade de Prazença. (3) E don Johane, homen mui verdadeiro, que ora en esta cidade de Roma ten logo d'adeantado e foi nado e criado na cidade de Plazença, nembra-se e dá testimonio que o que o bispo Venancio diz de Sabino bispo de Prazença todo he verdade. (4) E diz que naquela cidade de Prazença foi huum bispo que avia nome Sabino, era de bõa vida e de maravilhosas vertudes. (5) Aqueste bispo Sabino

disse huum seu clerigo d'avangelho que o rio, que dizem Pado, que corria pela cidade en que ele era bispo, saira da madre e enchera todolos campos assi que non ficara en nen huum logares en que podessem semear, ca todolos logares eram cheos d'agua do rio que se estendera per toda aquela terra en que soiam semear. (6) Enton o santo bispo Sabino disse ao seu clerigo:

(7) - Vai e di ao rio: “o bispo ti manda dizer que te retenhas en ti e que tornes a ta madre e aaqueles logares per que soes a correr”.

(8) E o seu clerigo d'avangelho quando lhi esto ouviu, despreçou-o e fez del grande escárnio. (9) Enton o santo homen de Deus chamou o seu notairo e fez ditar huma carta en que era scrito assi: (10) “Sabino, servo de Nosso Senhor Jesu Cristo, mando a ti, Pado, meaçs en nome do Senhor Jesu Cristo que non saias mais per **(pág. 107?)** estes campos de ta madre per que soes a correr, nen trabalhes de danar as terras da eigreja.”

(11) E mandou ainda o santo bispo ao seu clerigo que deitasse esta carta no rio. (12) E pois aquesto foi feito, o rio colheu-se en si e correu per aqueles logares per que soia en que non fazia dano. (13) E des ali en deante nunca a eigreja recebeu dano per aquel rio.

(14) E disse ainda San Gregorio ao seu clerigo don Pedro:

(15) - Non ti semelhas, Pedro, que deven a aver gram vergonha os homeens que Deus fez con razon e con entendimento que san desobedientes aos mandados de Deus, pois o rio que he creatura sen razom obedeceu tan aginha aos mandados de Deus?

12

(1) De Cerbonio de Popolonio

(2) Conta San Gregorio que Cerbonio, homen de vida muito honrada e mui santa, sendo bispo de Popolonio, fez Deus por el gram prova e gram mostra de santidade que el avia.

(3) Este santo bispo trabalhando-se de receber hospedes pelo amor de Deus, huum dia recebeu en sa pousada huuns cavaleiros que passavan pela cidade en que ele era bispo. (4) E pois viu que os godos destroiam toda a terra, chegaram aa sa cidade. (5) E ascondeu os cavaleiros seus

hospedes en tal logar an que lhi non podessem empeecer os godos. (6) E pois todo este feito foi dito a Totilo, rei dos godos, tornou mui sanhudo contra o santo bispo e mandou logo que lho trouvessem a huum logar en que ele era con toda sa hoste, que avia nome Gerulo, e era oito milhas da cidade onde o bispo avia de viinr, que fazem quatro leguas. (7) E quando o bispo chegou, mandou-o deitar ante os ussos que o comessen e todo o poboo se ajuntou pera veer a gram crueza e muito estranha que el-rei mandava fazer. (8) Entom trouveron o bispo ante todos a huum usso mui grande que era ja vezado e afeito pera comer os homens. (9) E pois tirarom o usso da cova en que o tiinham e lhi emposeron o bispo por prea en que devesse travar, correu o usso mui'aginha contra o bispo pera comê-lo e quando chegou a el, escaeceu-lhi toda a crueza que primeiramente mostrara e deitou-se homildosamente ant'o bispo e amergeu a cabeça e começou-lhi a lamber os pees, pera dar a entender abertamente a todos que as bestas bravas mostravam corações d'homeens mansos ao santo bispo a que os homens mostravam corações de bestas bravas. (10) Entom o poboo que veera pera veer a morte do santo, deu grandes braados e maravilhando-se muito começou a honrar o santo bispo pola honra que viu que lhi fezeron as bestas mudas. (11) E entom el-rei pola gram maravilha que viu da honra que fezera o usso ao santo bispo, trabalhou-se d'honrar o santo bispo pois-lo honrava a besta que entendimento non avia, ca entendia que esto non era senon pola gram santidade que en ele avia.

(12) Daqueste miragre que enton acaeceu, diz San Gregorio que ainda muitos vivem que foron presentes que dan testemunho que assi passou esto como de suso dito he. (13) E daquesto medês dá testimonio todo o poboo que enton era naquela cidade.

(14) - Daqueste medês bispo soubi eu, diz San Gregorio, outro miragre que ouvi contar a don Venancio, bispo de Lu-a. (15) El dizia deste santo homen Carbonio que na sa eigreja de Popolonio fezera fazer huum muimento pera si, e quando os lombardos veerom a Italia e destroian totalas cousas que achavam, este bispo foi-se asconder en huma insoa que deziam Elba. (16) E deu-lhi huma doença e, sendo enfermo pera morte, mandou-o dizer a seus clerigos e disse outrossi a todos aqueles que estavam con el que o fizessem soterrar no seu muimento que fezera pera si na sa eigreja de Popolonio. (17) E porque lhi disserom os seus clerigos:

(18) - Senhor, como poderemos nós levar o teu corpo aa eigreja ca todos aqueles legares teem os lombardos assi que nen huum estranho non ousa a entrar antr'eles?

(19) Entom respondeu o bispo e disse:

(20) - Levade-me vós seguramente e non ajades nen humo medo, mais soterrade-me muit'aginha. (21) E depois que o meu corpo for soterrado partide-vos ende logo e non queirades hi mais parecer.

(22) E eles, querendo fazer o mandado do bispo seu senhor, poseron o corpo depois que morreu en huma nave que o levassen aa cidade de Popolonia e que o soterrassem na sa eigreja.

(23) E eles indo pelo mar en que avia doze milhas que fazem seis leguas daquela insoa que deziam Elba en que ele estava ata a sa cidade de Popolonio, deu Deus huma mui gram chuvia.

(24) E pera mostrar quantos e quan grandes eram os merecimentos daquel santo bispo que na nave levavam, quis e ordenou e mandou que de cada parte da nave chovesse e que nen huma gota de chuvia non caesse na nave en que o santo corpo ia. (25) E pois os seus clerigos chegaram aa cidade de Popolonio e soterraron-no na sa eigreja o seu corpo muito honradamente, tornaron-se logo muit'agina pera a nave en que veeron, assi como lhis o santo bispo mandara.

(26) E pois aa nave entraron veo logo aquel logar hu o santo bispo soterraron humo duc dos lombardos mui cruevil que avia nome Gumar. (27) E pela saviinda entenderem os homeens que o santo bispo avia spirito de profecia ca ele, sendo vivo, dissera aos seus clerigos que sol que o soterrassem logo se em partissem sen nen huma demoraça.

13

(1) De Fulgencio bispo de Utrielerana

(2) Conta San Gregorio que aqieste miragre medês da chuvia que se partiu per desvairados logares foi mostrado aa honra doutro santo bispo de que queremos falar, ca humo clerigo d'avangelho que ainda he vivo dá testimonio que foi presente a esta cousa que eu quero contar:

(3) O clerigo diz que don Fulgencio bispo da eigreja de Utrielerana era mui perseguido de Totila, rei dos godos mui cruevil. (4) E quando el-rei con sa hoste chegou aaquela terra en qüio o bispo morava, o bispo se trabalhou per seus clerigos de fazer muitos presentes e mui bõs a el-rei pera podê-lo amansar daquela crueza grande que amostrava contra el e contra sa gente. (5) Mais el-rei pois ouviu, deu pouco por ele e despreçou-o e sendo-lhi mui sanhudo mandou

aos seus homeens que o prendessem e que o tivessem guardado pera lho presentear quando el mandasse por ele. (6) E pois os godos, homens de gram crueza, o prenderon, assinaaron huum cerco en que andasse e de que non saisse sen seu mandado. (7) E porque o santo homen avia gram caentura polo sol que era mui fito e non ousava a sair daquel cerco en que era enserrado polos godos que estavam derredor, deu Deus huum corisco e huuns torvões e huma chuvia tan grande que aqueles que o guardavan non-no poderon sofrer e fugiron. (8) E como quer que a chuvia fosse mui grande per toda a terra naquel cerco en que o santo bispo estava, non caeu nen huma gota d'agua. (9) E pois este miragre contaron ao rei, mui cruevil, toda a maa voontade e cruevil que contra el tiinhan, tornou mansa e donda e mui piadosa. (10) E des ali en deante fez muita honra e muita reverença ao santo bispo assi como el merecia.

(11) E assi Deus que á poder sobre totalas creaturas, pelos nomeens que o mundo despreçan e teen por nemigalha, obra en aqueles que soberviosos sin e faze-os homildosos polo seu gram poderio que lhis mostra.

14

(1) De don Erculan bispo da cidade de Parusio

(2) Contou ainda San Gregorio:

(3) - Noutro dia don Florencio bispo de vida muito honrada mi disse huum miragre que he muito pera contar. (4) E el mi contou que don Herculano bispo de Perusio e homen mui de santa vida, cujo criado eu fui, e vivendo en religion fezeron-no bispo. (5) E acaeceu enton no tempo de rei Totilo, enmiigo de Deus e dos cristãos, a hoste dos godos teve cercada aquela meesma cidade de Parusio per sete anos continuamente e pela gram fame que aviam aqueles na cidade jazian cercados, muitos cidadãos que a fame non podian sofrer fugiron. (6) E ante que os sete anos fossen compridos filharon os godos a cidade. (7) Enton o conde que avia de veer a hoste enviou seus mandadeiros a rei Totila que lhi mandasse dizer que faria ao bispo e ao poboo da cidade. (8) E rei Totila lhi mandou dizer que ao bispo tirasse huma correa des a cabeça ata os

calcanhares e depois que lhi talhasse a cabeça. (9) E todo o outro pobo que ali achassen que o matassen aas espadas. (10) Enton aquel conde tomou o santo bispo don Herculan e levou-o pera cima do muro da cidade e escabeçou-o hi. (11) E depois foi morto, tirou huma correa do seu corpo, da cabeça ata os calcanhares, assi que assaz aparecia a mengua do coiro que no seu corpo avia. (12) E pois lhi esto feze, deitou o seu corpo aalen do muro. (13) Enton huuns homens por piedade que lhi ouveron tomaron a sa cabeça e juntaron-na con o corpo e soterraron o corpo do santo bispo con huum menino pequeno que hi acharon morto cabo do muro da cidade. (14) E depós toda esta mortãidade a quareenta dias, el-rei Totila mandou que todos os cidadãos daquela cidade que andavan fugidos per muitos e desvairados logares tornassem aa cidade sen temor nen huum. (15) E enton os cidadãos que primeiramente fugiron, pela fame grande que aviam, tornaron-se pois foron certos que poderiam viver en paz na cidade e a aver seus haveres. (16) E pois se nembraron do seu santo bispo, trabalharon-se de saber hu jazia o seu santo corpo pera soterra-lo ben e honradamente na eigreja do ben aventurado apostolo San Pedro. (17) E pois foron ao muimento, cavaron a terra que jazia derredor e acharon o corpo do menino que jazia soterrado con el hu era ja desfeito e cheo de vermeens, ca ja avia quareenta dias que o hi soterraron. (18) Mais o corpo do santo bispo acharon-no tan fresco e tan rezente come se en esse dia fosse soterrado e, o que he moor maravilha e mais pera louvar e pera honrar, acharon a sa cabeça tan junta con o corpo come nunca fosse estremada del, nen aparecia en el nen huum sinal de como fora escabeçado. (19) E volveron-no depois da outra parte pera veeren se acharian sinal do coiro que lhi tiraron d'antr'as espadoas e acharon-no assi são e entregue come se nunca o tangesse nen huum ferro.

(20) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(21) - Quen se non maravilhará de tantas maravilhas quantas se fazem nos mortos que Deus faz fazer por proveito dos vivos?

15

(1) De Isaac servo de Deus

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Quando os godos veeron primeiramente a Italia e entraron a terra de Toscania, foi a cabo da cidade de Spolete hum homen mui de santa vida e muito honrada que ouve nome Isaac e durou ata o prestumeiro tempo dos godos. (4) Aqueste Isaac conhoceron muitos destes que ora som do nosso tempo e maiormente a santa virgen Gregoria que ora mora en esta cidade cabo da eigreja de Santa Matia Sempre Virgen.

(5) Aquesta virgen Gregoria, quando no tempo da sa mancebia a quiseron casar os seus parentes e todo ja enderençado como se fizessem as vodas, a santa virgen fugiu e f oi-se pera a eigreja e disse aos clerigos e aos santos homeens que hi estavan que queria guardar vida santa de castidade. (7) E este homen honrado Isaac defendeo-a daqueles que lhi queriam embargar o seu santo desejo e a sa santa vida que ela queria fazer e pela ajuda de Deus fez-lhi aver aquel hávito de religion que ela desejava. (8) E porque fugiu e non quis o esposo terreal, mereceu per que ouvesse o esposo celestial.

(9) Daqueste honrado baron Isaac soubi eu muitas cousas - diz San Gregorio - que mi contou o honrado padre Eleuterio que sabia todolos seus feitos come aqueles que en sa casa moravan e, pola santa vida que ele fazia, cria-lhi quanto el dezia.

(10) Aqueste santo padre Isaac non naceu en Italia, mais eu - diz San Gregorio - quero contar os miragres que el fez quando en Italia morou. (11) Aqueste honrado padre Isaac, quando primeiramente veo da terra de Siria aa cidade de Spolete, entrou na eigreja e rogou aaqueles que a eigreja guardavan que lhi dessem lecença de fazer sa oraçon na eigreja quanto x'el quisesse e que o non deitassen da eigreja quando a noite vesse. (12) E el esteve ena eigreja o primeiro dia todo e a noite que depós el veo continuamente. (13) E o segundo dia con a noite sen enfadamento nen hum esteve na eigreja en muitas preses e en muitas orações. (14) E aquesta oraçon ajuntou o terceiro dia. (15) E quando hum daqueles que guardavan a eigreja, que era mais sobérvio que os outros, viu que o santo homen stevera tres dias continuamente en sa oraçon, cuidou que o fazia con enfinta e disse ao santo homen per sas palavras vilããs que aquela oraçon que fezera per tres dias e per noites mais o fezera por louvaminha dos homeens ca por galardon que de Deus atendesse. (16) E foi logo mui'taginha e deu-lhi huma ferida no seu rosto e deitou-o da eigreja come homen hipocrita e que mostra que fez vida de gram santidade que consigo non ha. (17) Mai o espirito maa que per mandado de Deus vinga os tortos que fazen aos seus servos, entrou logo en seu corpo e derribou-o ante os pees do santo homen e começou a dizer per sa boca:

(18) - Isaac, me deita deste corpo! (19) Isaac, me deita deste corpo!

(20) E o nome do santo homen por cujo rogo o enmiigo devia a sair do corpo en que entrara non era ainda sabudo nen conhoçudo, mais aquel spirito maa o fez saber e conhocer porque disse que por seu poderio e per sa vertude el sairia daquel corpo e per esto parecia que de gram merecimento era ante Nosso Senhor, pois os enmiigos dos corpos dos homeens podia deitar. (21) E o santo homen Isaac deitou-se logo sobrelo corpo do homen en que o enmiigo entrara e o enmiigo partiu-se logo do seu corpo e nunca mais hi entrou e en toda a cidade souberon logo todo aquilo que na eigreja foi feito. (22) Enton começaram a correr pera o santo homen, homens e molheres filhos d'algo e vilãos e cada huum se trabalhava pera levar o santo homen pera sa casa. (23) Huuns lhi davan possissões pera fazer moesteiro, outros lhi querian dar grandes haveres, outros lhi faziam outras grandes ajudas e todos o rogavan homildosamente que recebesse aquelas cousas que lhi oferecian a louvor de Deus. (24) Mais o servo de Deus, non querendo receber nemigalha de quanto lhi oferecian, saiu-se da cidade e foi-se pera huum deserto que estava hi preto e fez hi huma morada mui pequena e mui sen sobérvia en que morasse. (25) E os homens que moravan derredor polo bõo exemplo da vida bõa que fazia viinhan a ele e acendian-se no amor de Deus per aquelas cousas que en ele viiam e faziam-se seus discipulos pera servir a Deus naquel logar en que el vivia. (26) E porque os seus discipulos lhi dezian con grande homildade que tomasse aquelas possissões que lhi davan pera mantiimento daqueles frades que con el viviam, el que avia gram cuidado de guardar a pobreza que começara, tiinha contra si mui forte sentença. (27) E dizia:

(28) - O monge que en terra demanda possisson non he monge.

(29) E assi temia de perder a pobreza que avia con que andava seguro per hu quer que ia, como os avarentos ricos soen a guardar as requezas que falecen mui'aginha.

(30) E ali pareceu a sa vida que el avia, assi en dizer as cousas que avian de viir come en outros muitos miragres que Deus por el fazia, assi aaqueles que moravan preto come aaqueles que moravan longe. (31) E huum dia o homen santo fez deitar en huum horto do moesteiro, escontra a vespera, muitos alferces pera lavrar o horto en que queria semear algumas cousas pera os frades. (32) E disse aos seus discipulos:

(33) - Deitade tantos alferces no horto e viinde vós ende aginha.

(34) En aquela noite quando se levantou con seus frades pera dizer sas matinhas a louvor de Deus, mandou-lhis que guisassem de comer pera os obreiros que lavraron no seu

horto toda a noite, assi que fosse todo guisado en guisa que podessen comer de gram manhã. (35) E depois que a manhã veo, fez levar o conduito que mandara guisar pera o horto e tantos obreiros achou quantos alferces hi mandara deitar, ca ladrões entraron no horto pera furtar. (36) Mais pois foron dentro, mudou-lhis Nosso Senhor a voontade de furto porque entraron e tomaron os alferces que no horto acharon e cavaron todo aquel campo que jazia por cavar on que os monges querian semear sas verças e aquelas cousas que mester avian pera mantiimento do seu moesteiro. (37) E pois o santo homen entrou eno horto disse aaqueles que hi achou trabalhando:

(38) - Folgade já irmãos e alegrade-vos, ca pois muito trabalhastes, faz mester que comiades e que vos confortedes.

(39) E depois que lhis deu a comer avondadamente, disse-lhis:

(40) - Amigos, cada que alguma cousa deste horto quiserdes tomar, viinde aa porta do horto e pedide o que mester ouverdes e dar-volo-am de bõa mente e non-no queirades tomar per furto e con dano de vossas almas.

(41) E pois o santo homen fez colher as verças pera os frades do moesteiro, mandou carregar os ladrões que toda a noite andaron cavando no seu horto daquelas cousas que eles quiseron furtar. (42) E foi o seu feito en tal maneira enderençado que o que quiseron levar con dano de sas almas, levaron-no por preço de seu trabalho e sen pecado.

(43) Outro tempo veeron a el huuns que semelhavan romeus e apareceron ant'el con vestiduras rotas e assi desfeitas, andando desnudados e mui méselos e mui menguados e rogaron-no que lhis fizesse misericordia e que lhis mandasse dar pelo amor de Deus que vestissen. (44) O santo homen ouviu o rogo que lhi faziam e calou-se e fez chamar huum seu discipolo sen braados e sen roido e disse-lhi:

(45) - Vai aaquela mata e en tal logar acharás huma arvor toda cavada e os panos que hi acharás, tragi-mh'os.

(46) E o seu discipolo fez o que lhi mandaron e as vestiduras que achou na árvor de que lhi disseron, trouxe-as ascondudamente a seu meestre. (47) E o santo homen recebeu-as e deu-as aaqueles que semelhavan pelegrinins e que andavan desnudados e lhi pedian que lhis fizesse mercee pelo amor de Deus. (48) E pois aqueles que semelhavan pobres as receberam e conheceron que aquelas eran as sas vestiduras que eles asconderon, ficaram muito

envergonhados e os que con engano demandavan as vestiduras alheas con vergonha e con gram confujon receberam as suas.

(49) Outro tempo acaeceu que huum homen se comendendo en sas oraçoes enviou-lhi dous cestos cheos de pan e de fruita e daquelas cousas que mester avia pera viver. (50) E o mandadeiro levou-lhi huum e ascondeu o outro na carreira e quando lho presentou deante, da parte daquel que lho mandava, e lhi disse todas aquelas cousas que lhi per el mandara dizer, o santo homen lho mandou muito gracir, mais pero disse ao mandadeiro:

(51) - Quando quiseses tomar o cesto que na carreira ascondisti que a min teu senhor mandava, guarda-te que o tomes, assi que ti non empeece a serpente que dentro en el acharás.

(52) E pois o mandadeiro viu que o santo homen entendera o furto que el fezera, ouve gram vergonha. (53) Como quer que per sas palavras fosse guardado de morte, ca pois se tornou e foi ao cesto que ascondera, achou dentro a serpente assi como lhi o santo homen dissera e guardou-se dela que lhi non pôde empeece per aquilo que lhi o santo homen dissera.

(54) E, como quer que este santo homen fosse comprido de muitas bõas vertudes, assi en jahunhar come en catar pouco polas cousas temporaes senon como devia, come en dizer as cousas que aviam de viir per spirito de profecia que avia e per grandes orações e mui devotas que fazia, pero tanta era a lediça que avia que, quen quer que o visse cada dia tan ledio como ele era, non cuidaria que tanto ben en el avia se o primeiramente non conhecesse.

(55) Enton o seu clerigo don Pedro disse San Gregorio:

(56) - Rogo-te, padre, que mi digas se esto santo padre Isaac en que tan grandes vertudes avia se se dava el a prazer e a lediça de seu talan ou contra seu coraçõn avia o góuvio e a lediça que lhi viinhan.

(57) E San Gregorio respondeu:

(58) - Grande he, Pedro, a mercee dos beens de Deus en que despensa con os seus servos, ca muitas vezes acaece que aqueles a que dá alguums beens grandes, non lhi dá outros meores en tal que sempre ache en si algum defalimento de que se possam repreender e aver razon de se humildar. (59) Ca os que desejam a seer perfeitos e non poden por alguums beens que de Deus non receberam, demente se trabalham pera aver o que non aprenden, e veen que os beens que an non an de si, mais de Deus os ouveron. (60) E por esto se trabalham de seer sempre homildosos con aqueles beens grandes que lhis Deus deu, pois huuns pecados pequeninhos desejam vencer e non podem. (61) E porende Nosso Senhor Deus quando trouve o

poboo d'Israhel pera a terra da promisson, tolheu-lhis e estragou-lhis todos os seus enmiigos que eran mui fortes e mui poderosos. (62) Pero, guardou-lhis per muito tempo os filisteus e os cananeus contra que lidassen e con que se provassen en muitas guerras que con eles sempre aviam pera non ensobervieceren per morte de muitos poderosos e mui fortes seus contrairos, quando huuns poucos seus vezinhos que eran seus contrairos con pequeno poder e pequena força que aviam tantas batalhas lhis davam e en tanta pressa os tiinhan. (63) E assi acaece per gram maravilhosa sabença de Deus que huum homen meesmo seja ledo pelas vertudes que ha e triste per mengua doutras que en si non pode aver. (64) E en huma parte se tem por feito e en outra se tem por desfeito, assi que pelo bem que demanda e o non pode aver, guarda e logra con homildade aquel que ha pera o non poder perder. (65) Mais que maravilha he d'acaecerem estas cousas no homen que he tam fraco pois acaecerom na cidade do ceo que recebeu dano per alguums cidadãos que ende caeron. (66) E en outra parte esteve mui forte pelos outros que ficaram, ca assi como huuns caeron per sobérvia, assi os outros estiveron per homildade. (67) E assi per dano que aquela cidade do ceo recebeu duma parte, per razom dos spiritos soberviosos que caeron, recebeu proveito da outra parte, per razom dos outros spiritus bõds que ficaram, ca foron confirmados en graça que non podessen pecar. (68) E assi acaece en huum homen meesmo que per huum pequenininho dano que recebe per homildade, con homildade logra e guarda os mui grandes beens que ha.

(69) E don Pedro seu clerigo disse:

(70) - Muito mi praz, padre, o que mi dizes.

16

(1) De Eutucio e Florencio

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non me calarei duum feito que ouvi a huum clerigo de missa que avia nome Santulo que acaeceu naquela terra meesma de Spolete. (4) E sei eu, meu amigo don Pedro, que, porque tu soubesti de quam santa vida foi aquel sacerdote e de quam bõa fe e de quam bõa

verdade, non duvidarás do feito que me el contou que assi non seja, ca sabes tu que non diria el senon toda verdade.

(5) Aquel Santulo sacerdote i contou que naquel meesmo tempo en que vivia Isaac, amigo de Deus, de que ja falamos, en huma parte de proença de Mersina foron dous santos homens de mui santa vida e moravam ensembra e huum avia nome Euticio e outro Florencio. (6) Mais Euticio avia çeo espirital das almas, ca, hu quer que soubesse que alguen estava en pecado mortal, trabalhou-se d'ir a el e per seu bõõ exemplo que de si dava e per sas bõas razões que lhi dezia e per graça de Deus que avia, tragia as almas a bõõ estado. (7) E Florencio era homen mui simprez e non curava doutra cousa senon de sa oraçon. (8) Preto daquel logar hu estes dous homens bõõs viviam avia huum moesteiro de que morrera o abade, e os monges daquel moesteiro rogaron santo Euticio que fosse seu abade e el leixou-se vencer a rogo dos monges e regeu aquel moesteiro per muitos anos e per seu trabalho aqueles monges viveron mui santamente. (9) E pera non ficar soo aquel oratorio en que primeiramente morara, leixou hi Florencio seu companheiro, homen de grande oraçon e mui simprez. (10) E el morando hi soo, huum dia deitou-se en sa oraçon e pedia a Nosso Senhor que ha poder sobre totalas cousas que lhi desse naquel logar alguen que morasse con el con que ouvesse solaz e prazer. (11) E pois compriu sa oraçon saiu-se do oratorio e achou ant'a porta estar huum usso. (12) E pois que o usso vio o santo homen Florencio, amergeu a cabeça a terra come se lhi dissesse ca lhi queria obedecer en totalas cousas e que fizesse del quanto fazer quisesse. (13) E pois o santo homen vio que a besta que ante fora brava tolhera de si toda felonía e toda crueza e tornara mansa, entendeu que lha enviara Deus pera o servir e deu-lhi logo a guardar quatro ovelhas ou cinque que avia. (14) E aquel que soía a comer as ovelhas tornava-se con elas jajuun dos logares en que as apasquara aa hora en que lhi mandavan, ca no tempo en que o santo homen jajunhava, mandava ao usso que se tornasse con as ovelhas a hora de noa. (15) E no outro tempo en que non jajunhava mandava-lhi que se tornasse aa hora de sesta. (16) E fazendo o santo homen tal vida con seu usso per muito tempo, creceu a fama da sa bondade e da sa vertude per toda a terra derredor. (17) E porque o enmiigo antigo per aquelo per que os bõõs soen viir aa gloria do paraiso, per aquelo leva el os maos per enveja aas penas do inferno, meteu en coraçõ a quatro discipulos do honrado baron Euticio que matassem aquel usso do santo homen Florencio. (18) Ca tanta foi a enveja que ouveron ao santo homen Florencio pola besta muda que lhi obedecia e porque este miragre era mui louvado e muito apregoado por santo e o seu abade Euticio non

fazia muitos miragres come ele, e porende o maaõ cuido que ouveron pela enveja que os moveu, meteron-no en obra e mataron o usso. (19) E o santo homen Florencio pois viu que o usso non viinha aa hora en que mandaron viir, atendeu ata a noite e ficou mui triste porque lhi non veno. (20) En outro dia foi ao agro pera demandar as ovelhas e o usso, e pois achou o usso morto e foi certo daqueles que o mataron, chorou mui rijamente de seus olhos a Deus, mais pola maldade dos frades que o mataron ca pola morte do seu usso. (21) E o honrado padre Euticio mandou por seu amigo Florencio e trabalhou-se de o confortar, mais o santo homen Florencio, estando ante seu padre Euticio, creceu-lhi a tresteza grande da morte do seu usso pola maldade grande dos frades que o mataron. (22) E disse:

(23) - Espero eu en Deus poderoso que aqueles que mataron o meu usso, que lhis non empeecia nemigalha, receberán vindita de Deus que verrá sobre eles, dementre en este mundo foren, ante os olhos de todos pola gram maldade que fezeron.

(24) E pois esta palavra disse, vingança de Deus veno logo sobre aqueles quatro monges que mataron o usso, ca lhis deu Deus huma enfermidade que chaman elefante per que lhis apodreciam todolos nembros ata que morreron. (25) E quando esto viu o santo homen de Deus Florencio, espantou-se muito e temeu des ali en deante de maldizer seus frades e todo tempo de sa vida chorava porque o exouvira Deus e dizia de si que era homecida e cruevil por tan gram vingança que Deus por el fezera.

(26) - E creemos - diz San Gregorio - que Deus fez tan gram vendita sobre aqueles quatro frades polas palavras do santo homen pera castigar o homen simprez: (26a) Que por doo nen por ira nen huma que aja, non deite palavra de maldiçon sobre nen hum!

(27) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(28) - Devemos nós creer, padre, que he mui grave pecado se maldizemos alguen por sanha que avemos del por mal que nos faça?

(29) - Por que me perguntas tu, Pedro - diz San Gregorio - deste pecado se he grave? (30) Ca sabes tu que diz San Paulo que os maldizentes non possirán o reino de Deus. (31) E poren se consiirares, tan grave culpa he a que parte o homen do reino de Deus, logo entenderás quam gravemente peca quem maldiz d'alguem.

(32) - Que pode seer, padre, se pela ventura alguum homen, non por maldade, mais per escorregamento da lingua diz palavras de maldizer contra seu proximo?

(31) E San Gregorio respondeu:

(34) - Se a palavra ociosa, Pedro, repreende o juiz a que se ren non asconde, quanto mais repreenderá a palavra que empeece. (35) Ca ben podes tu cuidar que, se pela palavra de que non recebe proveito teu proximo dan alguma pena, mais a deven a dar por aquela palavra que non he sen parte de maldade.

(36) E Pedro seu clerigo disse:

(37) - Consentio, padre, no que dizes.

(38) E San Gregorio contou ainda daqueste santo homen Florencio huum miragre que non era pera calar, ca disse que huma vez veera a el huum clerigo d'avangelho que morava a longe del pera se encomendar en sas orações, ca a fama da santidade que avia era mui grande per toda aquela terra, e quando o clerigo chegou aa sala achou todo o logar derredor cheo de tantas serpentes que adur as poderia homen contar e maravilhou-se muito e avendo gram pavor braadou e disse:

(39) - Servo de Nosso Senhor, ora que ti tolha Deus esta tempestade de que jazes coitado.

(40) E enton seendo o aar mui claro, saiu Florencio fora da cela e estendeu seus olhos e sas palmas ao ceo rogando a Nosso que lhi tolhesse tempestade, assi como el sabia que lhi fazia mester. (41) E logo depós sa oraçon fez huum torvon mui grande e matou todas aquelas serpentes que jazian derredor daquel seu logar. (42) E o santo homen Florencio pois as viu todas mortas disse:

(43) - Ei-a, senhor, ja as matasti, mais quen as levará daqui?

(44) E tan toste pois esta palavra disse, veeron tantas aves per conto quantas eran as serpentes mortas e tomou cada huma ave sa serpente e levaron-nas mui longe da cela do santo homen e assi alimpiaron o logar en que el morava todo daquelas serpentes poçoentas.

(45) E o seu clerigo don Pedro disse:

(46) - De tan gram vertude e de tan gram merecimento dizemos que foi este santo homen que tan chegado tiinha Nosso Senhor aa sa boca e tan preste pera cumprir o que lhi rogava.

(47) E San Gregorio respondeu e disse:

(48) - Muito val, Pedro, ante Nosso Senhor, que he fonte de toda limpidoen, en que he huma deidade tan simprez con que se pode compoer nen mesturar nen huma outra cousa que seja a limpidoen e a simplicidade do coraçõ do homen. (49) Ca os seus servos verdadeiros,

porque son partidos dos feitos do mundo, non saben falar palabras ociosas e guardan-se de çujar sas mentes per muito falar, gaanhan sobre todolos outros aqueles que a Nosso Senhor peden, ca estes taes, porque son puros e simplezes, semelhan-se con el en semelhança e razon d'amor. (50) Mais nós outros que todo o dia falamos con estes homens do mundo e ameudi dizemos palabras ociosas e muitas vezes outras palabras que se tornan en mal e dano daqueles que as dizemos, tanto a nossa boca he mais arredada de Deus pera nos cumprir o que lhi rogamos quanto he mais chegada aaqueste mundo en que nós todo dia falamos. (51) E muito tornamos a çaga e caemos do estado de grandes merecimentos polas falas continuadas que avemos con os homens do segre a que nos todo o dia juntamos. (52) E esto deu a entender Isaia quando disse que era homen que avia os seus beiços lixosos e logo mostrou razon porque os seus beiços eran lixosos, ca certamente mui cara cousa he ca disse: (53) “Eu moro en meio do poboo que ha beiços lixosos.”

(54) Ca certamente mui cara cousa per he que a lengua dos sagraes con que homen vive non luxe a mente daquel que tange. (55) Ca, como quer que os santos homens primeiramente venhan a falar con eles graves contra sas voontades, pero, depois que usan a falar con eles, tanto he o prazer que hi reciben que se non poden partir de sas falas. (55a) E assi de palabras ociosas a palabras de maldizer e de palabras leves a palabras graves veen muito ameudi polo costume que an daqueles con que falan. (56) E portanto a nossa boca tanto a meos exouve Nosso Senhor no rogo que lhi faz quanto ela he mais çuja pela palavra sandia e desaguisada e de que adur se pode quitar. (57) Ca assi como scrito he: (58) “Quem torna a sa orelha pera non ouvir a lei, a sa oraçon non seerá ouvida ca he rogo daquel que he partido e arredado de Deus”. (59) E poren que maravilha he se nos Deus tarde ouve nas cousas que lhi demandamos, si he porque nós tardi ou nunca ouvimos os seus mandados. (60) E que maravilha he se o santo homen Florencio Deus tan toste ouviu no rogo que lhi fez, pois ele tan aginha ouve Nosso Senhor en totalas cousas que lhi manda fazer.

(61) E o seu clerigo don Pedro disse:

(62) - Non ha cousa, padre, que se possa dizer contra esta razon que dizes que tan aberta e tan conhoçuda he!

(63) Disse ainda San Gregorio que Euticio que fora companheiro de Florencio, assi como de suso dissemos, fez pela vertude de Deus depós sa morte muitos miragres. (64) E antre todo-los outros miragres que os cidadãos da cidade a cabo de que estava o seu moesteiro que

soian a contar dele, aqieste era mui grande maravilha e mui gram miragre que Deus fazia muito ameudi pola sa vestidura ateens aqueles tempos que os lombardos veeron en esta terra. (65) Ca, todo aquel tempo que gram séquia era na terra pola gram caentura de que ficava queimada e as gentes braadavan a Deus por chuvia, juntavan-se todos os cidadãos daquela cidade a cabo de que estava o seu moesteiro en que el jazia soterrado. (66) E tomavan a sa saia que el soia a vestir quando era vivo e tragian-na nos clamores ante os olhos de Nosso Senhor, andando pelos agros e rogando a Nosso Senhor Jesu Cristo que pelos merecimentos daquel cuja fora aquela saia lhis fizesse mercee. (67) E logo lhis dava tan gram chuvia que toda a terra ficava farta d'agua.

(68) E per tal miragre, diz San Grerorio, parece quanta vertude e quanto merecimento este santo homen Euticio dentro a sa alma avia que, pela vestidura que de fora tragia, tolhia e tornava a Nosso Senhor Jesu Cristo a ira do seu poboo.

17

(1) De Martinho monge en monte Marsico.

(2) Disse ainda San Gregorio que noutro dia, en terra de Campanha en monte Marsico, foi huum homen muito honrado que avia nome Martinho e viveu soo per muitos anos enserrado en huma cova muito estreira. (3) Aqieste foi conhecido de muitos destes nossos clerigos que viven conosco e foron presentes en muitos maravilhosos feitos que ouvi dizer ao papa don Paaio que foi ante nós e a outros homens mui religiosos. (5) E antr'os outros miragres que Deus por el fez, o primeiro foi que tan toste que se meteu na cova que estava naquel monte Marsico, de que falamos, fez Deus sair duma pedra que estava cavada en si meesma - e fezeron huma morada muito estreita en que se o monge colhia - a agua tanta que abastava o servo de Deus cada dia quanto avia mester e non lhi menguava nen lhi er sobejava. (6) E en este feito apareceu quanto foi o cuidado que Deus poderoso ouve do seu servo Martinho, a que quis dar seu beber da pedra dura, como no tempo antigo deu ao poboo d'Israel quando andavan pelo deserto mortos de sede e braadaron a Nosso Senhor e a Moises seu servo. (7) Mais o enmiigo antigo d o linagen

d'Adam, por enveja grande que ouve ao esforço grande que vio que este monge avia pera servir Nosso Senhor, trabalhou-se per sa arte de que el sol usar muitas vegadas pera deitar o santo monge da cova en que morava. (8) Ca el entrou en huma serpente que he animalha de que se el muito paga, ca per sa semelhança venceu os primeiros homens e entrava na cova en que o monge santo jazia. E quando estava en oraçon deitava-se ant'el e quando dormia deitava-se na cama con el, assi que per medo cuidava o enmiigo que lhi leixasse a morada en que estava. (10) Mais o santo homen sen pavor nen huum poina-lhi as mãos na boca e os pees aas vegadas e dezia-lhi:

(11) - Se lecença tomasti pera me morder, non ch'ó defendi eu.

(12) E, vivendo assi per tres anos continuamente, huum dia o enmiigo antigo, veendo-se vençudo per tan gram forteleza do santo monge, assanhou-se e saiu da cova e tan grande foi a chama que da sa boca saia que queimou quantas arvores derredor do monte achou. (13) E, per prema da vertude de Nosso Senhor, conve-lhi que dissesse e que mostrasse a todos quanta era a vertude e a santidade que naquel santo monge Martinho avia que per tan grande forteleza o vencera, pois o non podera deitar daquela cova en que morava per medo que lhi per tres anos fezera.

(14) - Ora, diz San Gregorio, pensa, Pedro, en quam alto monte este santo homen esteve e de quan grandes e de que altos merecimentos foi ante Deus que con serpente per tres anos jouve seguro.

(15) E o seu clerigo don Pedro disse:

(16) - Pavor me toma, padre, do que ouço.

(17) E San Gregorio respondeu e contou ainda deste santo homen e disse:

(18) - Aqueste homen de vida honrada que disseron Martinho, no tempo en que se ele enserrou na cova de que suso falamos, propose e firmou en seu coraçõ primeiramente que ja des ali en deante nunca visse molher. (19) E este non fez el por despreçamento das molheres, mais porque temia que per sa vista delas veesse en tentaçon de sa carne. (20) E pois aquesto ouvio, huma molher subio muito atrevudamente ao monte hu el morava e veo sen vergonha aa cova en que o santo homen jazia. (21) E pois el vio de longe que molher viinha aaquel seu logar e esto entendeu pela vestidura que ela tragia, deitou-se en oraçon e abaixou a sa face contra terra pera non-na poder veer, nen ela ele e jouve tanto tempo en oraçon con seu rostro deitado en terra ata que a molher sen vergonha se vio cansada e con enfadamento partio-se da feestra da sa

cela. (22) En aquel dia meesmo que aquela molher deceu do monte, enserrou os seus dias da vida, pera dar a entender pola sa morte, que veo sobre ela que muito pesara a Nosso Senhor porque per sa ousança perseverada fezera aver gram tresteza ao seu servo.

(23) Outro tempo acaeceu que huma vegada, indo muitos homens pera veer este servo de Deus con devoçon grande que en ele avian e porque a carreira per que sobian ao monte en que el morava era muito estreita, huum menino que ia ante a outra gente, non metendo mentes como devia a ir cordamente per tan perigoso lugar, caeu do monte que estava tan alto sobre huum vale que, quantas arvores naciao no vale por altas que fossen, non semelhavan aaqueles que estavam en cima do monte senon mouteiras mui pequenas. (24) E acharon-no no fundo do vale ben come se o esfalfassen duma mui' alta torre a fondo. (25) E porque cuidaron todos que mil vegadas devera a seer todo espedaçado, ante que ao vale chegasse polos penedos muitos que antre o vale e o monte avia, quis Deus que acharon o menino vivo e são pela oraçon do seu servo don Martinho.

(29) Acaeceu ainda que sobre aquela cova en que o servo de Deus don Martinho morava, estava huum penedo de que semelhava a todos que estava cada dia pera caer e se caesse mataria o o santo homen e destruiria toda a sa cela en que el morava. (27) E pois esto vio, huum homen devoto e mui poderoso neto de don Ermentario, homen nobre e de gram sangui, veo con gram poder de gente pera arrincar aquel penedo que estava sobrela cova en que o santo homen morava pera poder el hi morar mais sen pavor e mais seguro. (28) E porende o rogava que se partisse daquela cela ata que el arraigasse aquel penedo. (29) E o santo homen non lho quis outorgar, mais mandou-lhi que fizesse todo seu poder e que el estaria entanto na prestumeira parte de sa cela. (30) Mais pero non era duvida que se o penedo caesse e o Deus non embargasse que non matasse o servo de Deus don Martinho e que non derribasse todo aquel lugar en que el morava. (31) E pois a gente muita que o devoto homen trouxe se trabalhou pera derribar o penedo per seu trabalho foi arrincado. (32) Ante que o penedo chegasse aa cela de San Martinho deu huum tan grande salto per cima da cela do servo de Deus don Martinho que non empeeceu ao seu lugar en nen huma cousa que fosse, nen fez nojo ao servo santo de Deus, mais caeu muito alonjado dele e do seu lugar. (33) E todo homen que cree que por cuidado e per proviimento de Deus se enderençan e se regen e se governan totalas cousas que no mundo son, ben pode entender que todo este feito foi per serviço do anjo que Deus dera por guarda e por emparamento ao seu servo don Martinho.

(34) Aqueste santo homen, quando primeiramente veo morar a este monte, e a cova en que se colhia non era de cada parte serrada, fez legar hum cadea de ferro a seu pee e feze-a afirmar mui ben da outra parte a hum gram penedo pera se non poder daquel logar partir mais longe ca era a cadea. (35) E pois esto ouvio o honrado baron San Beento, de que suso falei, mandou-lhi dizer per hum discipulo:

(36) - Se tu es servo de Deus non te tenha a cadea do ferro, mais a cadea de Cristo.

(37) E o servo de Deus Martinho deslegou logo a cadea de seu pee e nunca depois sen ela mais longe foi ca ata hu ante soia a ir quando estava legado da cadea. (38) E vivendo este homen don Martinho en aquela cova, começou a aver discipulos que moravan apartados dele. (39) E avia hum poço de que soian a tirar sa agua pera as cousas que mester avian. (40) E porque a corda per que tiravan quebrava muito ameudi, rogaron o seu meestre que lhes emprestasse a cadea que soia a teer no seu pee pera tiraren a agua con ela. (40a) E eles juntaron-na con a corda e legaron a canada na corda e tiravan assi a agua de cada dia. (41) E des ali en ceante tan rija ficou aquela corda do ajuntamento da cadea do santo homen, come se fosse ferro ca tiravan a agua cada dia con ela e nunca quebrava.

(42) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(43) - Aquestas cousas que mi contas, padre, prazen-mi muito porque son novas.

18

(1) Do monje de monte Argentario que resuscitou o morto

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Ora en nosso tempo foi hum clerigo d'epistola na eigreja de Duxenta e ouve nome Quadragesimo e soia a guardar sas ovelhas en terra de Aurelia. (4) Aqueste mi contou a min hum miragre mui grande que foi feito ascondudamente, ca mi disse naquel tempo en que el guardava as ovelhas foi hum monge de santa vida que morava en monte Argentario e o hávito que tragia mostrava-o per bõs costumes que avia. (5) Aqueste monge viinha cada ano

daquel monte Argentario en que morava aa eigreja de San Pedro apostolo e pousava con aquel clerigo d'epistola que avia nome Quadragesimo. (6) Seendo huum dia en sa pousada que estava preto da eigreja, ouvio huma molher chorar mui dooridamente de noite sobre seu marido que tiinha morto na eigreja, ca o non poderon soterrar de diia porque morrera escontra a vespera. (7) E o monge servo de Deus por doo grande que ouve da molher que ficava veuva e sen outro conselho, assi como ela dezia, e non se quedava de chorar muito de coraçon, disse ao clerigo con que pousara:

(8) - Muito ei gram doo desta molher. (9) Rogo-te que te levantes e que rogemos Deus por seu marido que o resuscite de morte a vida.

(10) E pois rogaron mui gram peça e compriron sa oraçon tomou o servo de Deus huum pouco de poo da beira do altar e veo-se con o clerigo pera ali hu o corpo do morto jazia e deitou-se hi en oraçon. (11) E pois orou huma gram peça, deu-lhi a beençon e levantou-se logo ende. (12) E porque tragia o poo que colhera no altar na mão destra, tolheu con a mão seestra a pano de que a face do morto era coberta. (13) E pois a molhor esto vio fazer, começou-se a queixar e a dizer-lhi que o non fizesse e maravilhava-se que queria fazer. (14) Mais o monge servo de Deus non leixou-a acabar sa obra por ela. (15) E pois tolheu o pano ao morto de sobrela face, fregou-lhi a face con aquel poo que tragia. (16) E pois lha fregou huma gram peça, tornou a alma ao corpo e bucegeou e abrio os olhos e alçou a cabeça e as costas do chumaço en que jazia e seve no leito e maravilhou-se que era aquelo que fazia e assi acordou come se se espertasse de gram sono. (17) E pois a molher esto vio começou a chorar, mais con gram prazer que avia e dar grandes vozes a louvor de Deus. (18) Mais o bõõ monge servo de Deus defendia-lhi que non braadasse e dezia-lhe mui mansamente:

(19) - Cala-te, cala-te! (20) E se alguen demandar deste morto como viveu, esto solamente dizede: que o senhor don Jesu Cristo mostrou sa vertude e seu miragre en ele, tornando-o de morte a vida.

(21) E pois que esto disse veo-se con o clerigo d'apístola pera a pousada e des i partiu-se da pousada e do clerigo e nunca mais pareceu naquel logar, ca non quis que lhi fizessem honra per que podesse aver a gloria do mundo daqueles que lhi viron tam grande miragre fazer.

(22) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(23) - Non sei eu o que dizen os outros leterados quando departen sobre los miragres que Deus faz, mais eu cuido que o maior de todos los miragres he fazer o morto viver e a alma que jazia asconduda fazê-la tornar ao corpo.

(24) E San Gregorio respondeu:

(25) - Se consiirmos as cousas que veemos, assi ha mester que creamos como tu dizes, ca muito he gram cousa que homen faça viver o homen que ante vio morto. (26) E pero se metermos mentes nas cousas que non veemos, assi como son as almas, muito he maior miragre tornar o pecador do estado maa en que vive aa saude da sa alma, ca de resuscitar o morto no corpo que ante avia. (27) Ca assi como a alma he melhor ca o corpo e a vida pera que o converteron, porque ha sempre de durar, he melhor ca a vida pera que resuscitaron o corpo porque ha ainda outra vez de morrer, porende o miragre per que converten a alma do pecador he maior ca o miragre per que ressuscitan o corpo daquel que ja morreu. (28) E a questo podemos nós veer e entender en Lazaro que Deus resuscitou pera viver en carne come os outros que no mundo viven. (29) E pero non fala a Escritura de nen humas vertudes que ouvesse nen doutra vida santa que fizesse depois que o Nosso Senhor resuscitou. (30) Mais Saulo, que depois chamaron Paulo, depois que o Nosso Senhor converteu o resuscitou a sa alma da morte perduravil que era obrigada pera a vida perduravil que nunca falece, gaanou muitas vertudes e fez vida mui santa assi como conta s Santa Escritura. (31) Ca este que ante era mui cruevil e non se cuidava a fartar do sangui dos cristãos, tamanho mal lhes queria, tornou depois tan manso e tan dondo e de tan gram piedade que desejava a morrer polos cristãos tamanho amor lhes avia. (32) E por amor do seu senhor Jesu Cristo que ante perseguia ordinando e dando mortes e desonras aaqueles que en ele criiam depois que foi convertudo, tan grande foi o amor que ouve a Jesu Cristo que sofreu por ele muita fame e muita sede e muita nuidade e muitos açoutes en seu corpo e muitas outras desonras de que el fala en sas Pistolas. (33) E a queste que ante que fosse convertudo era mui leterado na Lei, depois que ouve conhocença de Jesu Cristo afirmava de si que non sabia ren senon Jesu Cristo que por el fora crucificado. (34) Esto dizia el porque en conhocer Jesu Cristo compridamente ha homen conhocimento de todas aquelas cousas que se conteen no Testamento Velho e Novo. (35) E como quer que este Sam Paulo fosse ao terceiro ceo e ouvisse hi muitos segredos de Deus, pero tanto foi o amor que ouve aaqueles que teen a fe de Josu Cristo que se trabalhou de falar en como os casados deven a viver ordinadamente, ca disse que o marido deve dar seu dívedo aa molher e a molher ao marido. (36)

E aquel que soia a cuidar nas companhas dos anjos que el vira e en que se deleitava, amor lhi fazia que cuidasse nas cousas carnaes e nas mesquinindades dos homens, pera os ensinar en como vivessen a serviço e a louvor do seu senhor Jesu Cristo. (37) E aqieste San Paulo depois que foi convertudo avia prazer nas enfermidades que avia e nos tortos que lhi fazian por amor do seu senhor Jesu Cristo e dezia que o seu viver era Cristo e a morte tiinha por ganho, ca sen ela non se podia juntar con Jesu Cristo, assi como son juntos con ele aqueles que ja na gloria do paraiso viven. (38) E como quer que aqieste vivesse en carne depois que foi convertudo, viveu como anjo que carne non ha, ca se non deleitou en nen hum deleito carnal que ouvesse. (39) E assi podemos entender como viveu este San Paulo depois que o Nosso Senhor chamou de fundo do inferno a que tiinha ja a sa alma obligada e chamou-o pera a gloria do paraiso per mui santa vida que feze, assi como ja de suso dissemos. (40) Onde parece que ressuscitar alguen en corpo e non en alma, come aquele que depois que o ressuscitaron se non faz vida boa e santa, muito he moor miragre tornar o pecador de morte da alma a estado de salvaçon. (41) Mais se aquel que se resuscitaron cobrou vida do corpo e da alma pera seer sempre salva per obras bõas e santas que faz depois que o ressuscitaron, maior miragre he ca en converter o pecador que non recebe senon vida da alma solamente.

(42) E disse o seu clerigo don Pedro:

(43) - Muito ha que eu esto criei, padre, que mi ora dissesti, mais rogo-te que vaas adeante polo que começasti e dementre avemos tempo non leixemos passar nen huma hora en que a alma non recebe conforto.

19

(1) De Beento monje

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Migo no moesteiro mora huum frade que estuda muito continuadamente e he moor ca min de dias e sol me dizer muitas cousas que eu non sei, en que a mha alma recebe gram

conforto. (4) Aqueste me contou que foi huum monge en terra de Campanha quarenta milhas da cidade de Roma e ouve nome Beento, mancebo per idade, mais velho per custumes e per santa vida. (5) Aqueste monge acharon os godos jazer en sa cela en tempo de rei Totila e poseron o fogo aa cela pera queimá-lo e arderon totalas cousas que derredor da cela estavam, mais o fogo non se poude chegar aa cela nen a queimar. (6) E os godos pois esto viron tornaron mui sanhudos e con gram tresteza e tiraron o monge da sa cela en que jazia e viron hi preto estar huum forno muito acendudo en que querian cozer pan e deitaron-no dentro e serraron a boca do forno aa de fora. (7) E en outro dia veeron pera veer como ardera e acharon o seu corpo são e salvo e sas vestiduras todas entregues, ca nen a ele nen a sas vestiduras nunca lhi pôde empecer o fogo.

(8) E o seu clerigo don Pedro disse:

(9) - Este miragre que ora eu ouço he tal come o dos tres meninhos que deitaron no fogo e non-nos queimou.

(10) E San Gregorio disse:

(11) - Eu osmo, Pedro, que o miragre dos tres meninhos desassemelha-se ja que deste, ca os tres meninhos foron deitados no fogo con as mãos legadas e con os pees outro tal. (12) E quando en outro dia os veo demandar el-rei, achou-os andar na fogueira ledos e louvando Deus e non queimou o fogo os seus corpos nen a sas vestiduras. (13) E pero, porque os achou andando e ante foron legados dos pees e das mãos, entendemos que o fogo queimou aquelas cousas de que andavan legados, assi que en huum tempo usou o fogo da sa vertude pera fazer solaz e conforto aos tres santos meninhos e reteve-a pera os non atormentar en seus corpos nen lhi fazer dano en seus panos.

20

(1) Da eigreja de San Zenono bispo da cidade de Verona

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Outro miragre semelhavil aaqueste que ora contamos do fogo, acaeceu en nossos dias da agua que he elemento contrairo ao fogo. (4) Ca mi contou a min noutro dia don Hoane, que paga as soldadas aos cavaleiros, que quando aquela maravilha que mi el contou acaeceu era presente. (5) El-rei don Euterio e o conde don Promolso, estes ambos davan testimonio e faziam maravilha que acaeceu. (6) Disse-mi aquel don Hoane, de que ora falamos, que naquel tempo en que o rio de Tibre, que corre per Roma, saio da madre e creceu tanto que cobria todolos muros da cidade e corria per cima deles e dostroio derredor muitas cidades e muitas vilas, naquel tempo hum rio que dizen Athesis que corre pela cidade de Verona creceu tanto que veo ata a eigreja do ben aventurado Zeno martir, que fora bispo daquela cidade e jazia soterrado naquela eigreja. (7) E tanto creceu a agua derredor da eigreja que chegou ata as feestras que estavam chegadas ao teito da eigreja. (8) E pero as portas da eigreja estavam abertas e a agua corresse derredor da eigreja, non entrou dentro na eigreja, mais estava ante as portas da eigreja come muro forte e firme e non come agua que corre segundo sa natura per u quer que non acha embargo. (9) E a gente muita que estava na eigreja e querian fugir e non avian per u e temian que durasse ali tanto aquela agua que morressen de fame e de sede, mais pero viinhan ata a porta da eigreja e beviau daquela agua que hi estava come muro mais non entrava na eigreja nen corria como deve fazer agua segundo sa natura. (10) E esto queria Deus que se fizesse pera mostrar a todos o gram merecimento do seu martir. (11) E assi parece que este miragre que ora contamos da agua que corria fora da eigreja e non entrava nen corria na eigreja, non se desassemelha do miragre que acaeceu en tempo antigo do fogo que queimou aquelas prisões de que andavan legados os tres meninhos quando os deitaron na fornalha do fogo e pero non queimou sas vestiduras que tragian vestidas, nen er empeeceu en nen huma cousa que fosse aos seus corpos.

(12) E o seu clerigo don Pedro disse enton:

(13) - Muito son maravilhosos feitos, padre, estes que contas dos santos e son tan altos e tan grandes que os homeens que ora viven que an fe pequena e fraca espantan-se deles muito quando os ouven. (14) Mais porque ouvi ou dizer que en terra de Italia avia barões de grandes e maravilhosas vertudes queria saber se sofreron algumas tentações do enmiigo e se foron de maiores merecimentos ante Deus polos sofrer bem.

(14a) E San Gregorio respondeu:

(51) - Non dizen, Pedro, de nen huum que vence ou que ha vitoria senon daquel que primeiramente entrou en lide. (16) E como serian os homens vencedores senon porque lidaron ante contra as tentações do enmiigo antigo? (17) Ca debes tu saber, Pedro, que o espirtu maa sempre he contrairo ao homen assi no que cuida come no que fala, come no que obra e traballase sempre se lhi poderá achar alguma cousa de que o acuse quando estiver ante a face do juiz a que se ren non asconde. (18) E queres tu, Pedro, saber como se o enmiigo sempre trabalha pera enganar o homen?

21

(1) De Stevan clerigo de missa da
provincia de Valeria

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Huuns homens de bõa vida que ora conosco dan testemuinho daquesta cousa que eu quero contar e dizen que don Stevan homen de vida muito honrada foi preste da proença de Valeria e foi parente daqueste nosso Bonifacio, clerigo d'avangelho e despenseiro da nossa eigreja. (4) Aqueste don Stevan viindo huma vez da carreira e chegando a sa casa disse ao seu mancebo, non metendo mentes na palabra que dezia:

(5) - Ven, diaboo, e descalça-me.

(6) E sol que esta palabra disse, começaron-se a desatar as cintazes das calças tan agina que todo homen poderia entender sen duvida nen huma que o enmiigo que el chamara pera descalçá-lo obedecera-lhi aginha pera lhi descalçar as calças. (7) E o preste don Stevan pois esto vio espantou-se ende muito e disse mui grandes braados:

(7a) - Vai-te, mesquinho! Vai-te! Non dixi eu a ti, mais ao meu mancebo.

(8) E o enmiigo se foi tan toste,e, pero ja os cintazes ficavan pela moor parte desatados. (9) E por esto, Pedro, podes entender que o enmiigo antigo que tan prestidado está nos feitos corporaes, como cuidas que o non seja mais nos feitos spirituaes, assi como nas maas cuidações que el faz cuidar a homen pera o meter sempre en mal?

(10) E don Pedro seu clerigo disse:

(11) - Gram trabalho he, padre, e cousa muito espantosa meter sempre mentes en como se guarde homen.continuadamente contra ele come na lide hu a aaz está contra outra.

(12) E San Gregorio disse:

(13) - Cousa de gram trabalho, Pedro, non seerá esto que dizes se nós quisermos creer e saber que a nossa guarda non he per nós, mais pela graça de Deus, e se nos non trabalharmos per todo nosso poder que nos ponhamos sô seu defendimento. (14) Ca depois que o enmiigo foi deitado de nossas mentes e de nossas vontades, assi como parece per aqueles que sempre fazem boas obras e guardan-se sempre das maas, tanta será a graça de Deus sobre nós que non solamente o enmiigo non seerá já temudo, mais ficará muito espantado pelas vertudes que ouvermos e pelas boas obras que fezermos.

22

(1) Da menina religiosa per cujo mandado saiu o enmiigo duum homen.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Eleuterio, baron mui santo e padre velho e antigo de que suso falamos, he testemunha desta cousa que eu quero contar. (4) El mi disse que na cidade de Spoleto era huma menina per idade ja casadoira, filha duum nobre homen e desejava a fazer vida celestial, mais seu padre a embargava quanto el mais podia. (5) E ela deu pouco por seu padre e tomou hávito de religion e por esto seu padre ficou mui sanhudo e exerdou-a de todos seus beens, salvo que lhi deu huma possisson pequena que lhi rendia cada ano VI onças d'ouro en que se mantevesse. (6) E pola bõa façanha que esta menina nobre de si deu, começaram as outras meninas que na terra moravan, que eran de mais nobre linagen ca ela, tomar hávito de religion e prometian a guardar sa virginidade a Nosso Senhor pera todo sempre. (7) Enton acaeceu huum dia que o abade don Eleuterio, homen de boa vida e muito honrado, veera a veer aquela menina que se metera en orden contra vontade de seu padre de que suso falamos pera ensinar-lhi como vivessen naquela religion que tomara e pera lhi dizer palavras de Deus per que ficasse confortada. (8) E seendo assi falando con ela chegou aquel homen que lhi lavrava a herdade, que lhi seu padre dera que lhi rendia as VI onças d'ouro, con serviço que lhi trouve. (9)

E estando ante eles entrou o enmiigo en ele e fazia-o torcer e espumar e braadar mui rijamente.

(10) Enton a monja santa e amiga de Deus levantou-se e disse ao spiritu maa con grandes braados e con sembrante de sanhuda:

(11) - Mesquinho, salte dele! Mesquinho, salte dele!

(12) E tan taste a estas palabras que esta santa monja disse, falou o enmiigo per boca daquel homen en que entrara e disse:

(13) - Se deste sair, en quen entrarei?

(14) Enton, andando huum porco pascendo ante a cela per ventura, disse-lhi a monja monja santa:

(15) - Sal deste homen e entra en aquel porco.

(16) E o spiritu maa saio logo dele e entrou no porco, assi como lhi mandou a santa molher, e matou logo o porco e partio-se dele.

(17) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(18) - Queria saber, padre, se fez o que deve outorgando o porco ao spiritu lixoso.

(19) E San Gregorio respondeu:

(20) - Os feitos, Pedro, que fez Nosso Senhor Jesu Cristo son regra e ensinanaçadas obras que nós devemos a fazer. (21) Ao nosso remiidor foi dito, Pedro, da leigion dos enmiigos que entrara en huum homen que son VI mil e VI centos e LX e VI:

(22) - Se nos deitas deste homen, mandí-nos entrar na companha daqueles porcos que ali andan pascendo.

(23) E eles sairon todos do homen en que jazian por mandado de Nosso Senhor e entraron nos porcos e meteron-nos no mar e morreron. (24) E assi pelo exemplo do nosso remiidor esta santa monja mandou ao enmiigo que saisse do homen e entrasse no porco que matou. (25) E per esto ainda, Pedro, podemos entender que sen outorgamento de Deus o espíritu maa non ha nen huum poderio-contra o homen, ca nen nos porcos non pode entrar senon per seu mandado. (26) E portanto.conven a nós que obedeescamos e sejamos sojeitos de nosso graado aaquele a que os enmiigos obedeecon contra sa voontade, assi que tanto sejamos nós mais poderosos ca nossos enmiigos quanto mais somos juntos con o nosso remiidor per humildade. (27) E non te debes, Pedro, a maravilhar daquesta monja poder fazer tan gram miragre, ca non he maravilha, Pedro, se aqueles que Deus ten oscolheitos pera a gloria do

paraíso poden fazer muitos miragres dementre viver, pois os seus ossos depós sa morte fazem viver os mortos assi como parece muitas vegadas per muitos miragres.

23

(1) Do preste da proença de Valeria
que teve o ladron ao seu muimento

(2) Disse ainda San Gregorio que na proença de Valeria acaeceu este miragre que eu quero contar e-aprendi-o duum santo homen que foi meu abade e avia nome Valencio. (2a) Naquela proença ouve huum santo sacerdote que con seus clerigos se trabalhava sempre de louvar Deus, dizendo sas horas mui ben e mui compridamente e fazendo muitas outras bõas obras. (3) E quando veo o dia en que o chamaron pera o outro mundo, saiu-lhi a alma da carne e soterraron-no ante a eigreja. (4) E ante aquela eigreja estavan curraes d'ovelhas dos clerigos que moravan na eigreja e pelo seu muimento avia de passar quen quer ao curral das ovelhas quisesse ir. (5) Acaeceu huma noite que estando os clerigos na eigreja cantando sas matinhas, veo huum ladron e foi aos curraes das ovelhas e tomou huum carneiro e saiu-se logo muito aginha. (6) E quando chegou aaquel lugar hu o santo sacerdote jazia soterrado non se pôde mais mover e tirou o carneiro que tragiui. no colo e quise-o leixar mais non pôde desaprender as mãos dele. (7) E assi começou a estar o mesquinho con sa prea preso e mui culpado. (8) E el queria leixar o carneiro, mais non.podia. (9) E assi per tan maravilhosa maneira o ladron que temia que o vissen os vivos esteve preso pelo morto. (10) E assi, non podendo desaprender as mãos do carneiro nen podendo mover os pees do logo en que estava, esteve ali ateens a manhã. (11) E enton, pois que os clerigos acabaron sas matinhas, sairon da eigreja e acharon huum homen que non conhocian teer huum carneiro con sa mão e duvidaron se o tragia pera ofertá-lo por sa alma aos clerigos ou se o furtara do curral das ovelhas da eigreja. (12) Mais pois entenderon en como estava preso ao muimento polos merecimentos do santo homen que naquele lugar jazia soterrado, entenderon pola pena que sofria a culpa e o furto en que caera e deitaron-se logo en oraçon e adur poderon gaanhar que aquel que veera furtar as sas cousas fosse vazio e sen o

carneiro. (13) E aa cima gaanharon de Nosso Senhor polos merecimentos do santo homen que o ladron que ali estivera tan gram peça preso con sa prea fosse livre e sen pena pero vazio e sen o carneiro.

(14) E don Pedro seu clerigo disse:

(15) - Aparece, padre, quam doce e quam saboroso amor Deus ha aos homens a que mostra maravilhas de tan gram prazer.

24

(1) Do abade de monte Prestino e do preste desse meesmo logar

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Sobre a cidade de Prenesto está huum monte en que á huum moesteiro do glorioso San Pedro apostolo. (4) Pelos monges daquel moesteiro e per outros muitos servos e amigos de Deus, aprendi eu o que quero contar quando ainda vivia en meu moesteiro. (5) A min disseron que naquele moesteiro de San Pedro de que falamos foi huum abade de vida muito honrada que criou huum monge que foi depois de boas manhas e de bõs custumes e de mui santa vida. (6) E pois o abade vio que aqeste seu criado cada dia crecia en temor e en amor de Deus, feze-o ordinar de missa naquele moesteiro. (7) E pois aquele monge foi ordinhado, foi mostrado per Deus que cedo sairia deste mundo. (8) E porende rogou o abade do moesteiro que o criara que lhi desse lecença pera mandar fazer huum muimento en que o soterrassen depós sa morte. (9) E o abade lhi disse:

(10) - Ante morrerei eu ca tu, mais pero vai e fazi guisar teu muimento como quiseras.

(11) A cabo de poucos dias enfermou o abade pera a morte e disse ao seu criado que ante ele estava:

(12) - Soterra-me no teu muimento que pera ti fezisti.

(13) E o monge lhi respondeu:

(14) - Tu ben sabes, padre, que logo m'eu devo a ir deste mundo depós ti e ambos non podemos caber naquele muimento.

(15) E o abade respondeu e disse:

(16) - Fázi tu como ti eu dixi, ca o teu muimento nos receberá ambos.

(17) E pois o abade morreu, soterraron-no naquel muimento que mandara fazer pera si aquel monge seu criado. (18) E o monge criado do abade logo depós a morte do abade enfermou e, crecendo a enfermidade cada dia -mais, morreu cabo de pouco tempo. (19) E quando levaron ao muimento en que jazia o abade, abriron o muimento e viron que o corpo do abade jazia sobinho e enchia o muimento e viron que non ficava nen huum logar no muimento en que o podessen poer. (20) E huum daqueles frades que levaron o corpo daquel monge ao muimento deu grandes vozes e disse:

(21) -Ai, don abade, hu he a palavra que vós dissestes que aqeste muimento receberia vós ambos?

(22) E aaquestas vozes tan toste, ante todos aqueles que estavam presentes e que viiam o seu corpo jazer no muimento, o corpo do abade que ali ante fora soterrado jazia sobinho, volve se en huum lado e leixou o logar vazio no muimento pera soterrar o corpo do monge seu criado.

(23) E assi como prometera, seendo vivo, que aquele muimento os receberia ambos assi o comprio depois que foi morto. (24) E porque aqeste miragre que ora eu contei foi feito no moesteiro do ben aventurado San Pedro apostolo que está a cabo da cidade de Preneste, queres, pela ventura, Pedro, que ti conte algumas maravilhas das guardas da eigreja daquel moesteiro en que jaz soterrado o mui santo corpo daquele abade de que ora falamos?

(25) E don Pedro seu clerigo disse:

(26) - Quero, padre, e rogo-te quanto posso que assi o faças.

25

(1) De Teodoro que guardava a igreja de San Pedro e nurca se en partia

(2) Disse San Gregorio:

(3) - Ainda alguums son vivos que conhoceron Theodoro, guarda da eigreja do moesteiro de San Pedro. (4) Per aqieste Theodoro foi sabuda huma gram maravilha que a ele aveo naquela eigreja: (5) Huma noite se alevantou este Theodoro pera melhorar os lumes aas lampadas que naquela eigreja avia e, ele estando en cima duma escaada que estava sô as lampadas, melhorando e aviventando o lume aas lampadas, pareceu-lhi o glorioso San Pedro apostolo con huma estola branca estando sô ele en terra e disse-lhi.

(6) - Coliberto, por que te levantasti tan cedo?

(7) E pois esto disse desapareceu d'ant'os os olhos daquele que o viia, mais tanto foi o pavor e o medo que en ele caeu que toda a força e a vertude do corpo lhi faleceo e per muitos dias non se pôde levantar do estrado en que jazia. (8) E que se entendia per tal vison senon que o glorioso apostolo dava a entender que o serviço e a honra que lhi os homens fazen sempre o ele vee e está aparelhado pera lho agalardoar quando vir que lhi faz mester?

(9) E o seu clerigo don Pedro disse:

(10) - A min, padre, non solamente mi parece maravilha porque o apostolo se quis mostrar aaquel seu sergente, mais maravilho-me porque seendo sãão enfermou depois que o vio.

(11) E San Gregorio respondeu:

(12) - Que te maravilhas, Pedro, sobr'esta cousa? (13) Ja pela ventura te nembrarás como o profeta Daniel depois que o vio aquela vison grande e espantosa do anjo que lhi apareceu e que lhi contou o tempo que avia de viir aquele que foi prometudo na Lei, Nosso Senhor Jesu Cristo, a que eles chaman Messias que tanto quer dizer come enviado, e despola vison tremeu logo en todo o corpo e disse: (14) “Eu enfraqueci e enfermei per muitos dias”. (15) Ca a carne, Pedro, do homen non pode sofrer nen receber en si aquelas cousas que son do Spiritu assi come as puridades do anjo. (16) E porende, quando o entendimento do homen se alça pera veer algumas cousas grandes que son sobre sa vertude e sobre seu poder, conven que aqieste corpo en que anda, que he de carne que non pode sofrer a alteza das maravilhas que lhi mostram, fique fraco e enfermo.

(17) E o seu clerigo don Pedro disse:

(18) - Razon clara e conhoçuda tolheu a duvida do meu cuido que eu avia.

(1) D'Aconcio que guardava a igreja de San Pedro

(2) Contou San Gregorio que naquela igreja de San Pedro assi como contaron os padres antigos que foron ante nós, foi outro homen bõõ que guardava a igreja de San Pedro e avia nome Aconcio. (3) Non longe, ante tempo daqueste Colimberto de que suso falamos, aqueste Aconcio que se nunca partia da igreja de San Pedro era homen de grande humildade e de bõõs costumes e de mui santa vida e servia tan lealmente a Nosso Senhor naquela igreja de San Pedro que o apostolo San Pedro mostrou, per maravilhas que lhi fez fazer, de quam grandes merecimentos ele era ante Deus e por qual o el tiinha e por qual o devia a teer ante que a Deus servia: (4) ca hãa menina paralitica, que siia naquela igreja e jorrava-se pelas mãos e tirava o corpo per terra depós si, ca totalas sas costas eram departidas huma da outra,e andou demandando naquela igreja per gram tempo mercee ao glorioso San Pedro que assãasse, vio huma noite per vison o apostolo San Pedro que lhi apareceu e disse-lhi:

(5) - Vai a Aconcio que nunca se parte desta igreja e a guarda de diia e de noite e roga-o que ti dê saude e logo te el sããrá.

(6) E pois ela foi certa daquelo que lhi disseron naquela vison, mais non sabia quen era Aconcio, começou-se a jorrar pela igreja duma parte e da outra e demandava que lhi dissessen quen era Aconcio. (7) E Aconcio parou-se ant'ela e perguntou-a quen demandava e ela lhi disse:

(8) - Rogo-te, padre, que mi demostres quen he Aconcio, guarda daquesta igreja.

(9) E ele lhi respondeu:

(10) - Eu soom.

(11) E ela lhi disse:

(12) - O ben aventurado San Pedro apostolo, meu pastor e meu senhor a cuja mercee fui criada en esta igreja me enviou a ti que me livres e me sães desta enfermidade que ei.

(13) E ele lhi disse:

(14) - Se te San Pedro enviou a min, levanta-te en nome de Deus.

(15) - E enton teve-a pela mão e alçou-a logo ereita e assi des aquela hora todos los nérvios e todos los nembros foron assi afortelegados en seu corpo que des ali en deante non

apareceron nen huuns sinaes de como os nembros do seu corpo foron departidos desjuntados huuns dos outros. (16) Mais se nós quisermos dizer todas aquelas maravilhas que Deus fez na eigreja deste glorioso San Pedro, tantas son que nos converria a leixar as santas vidas dos outros padres de que prometeramos a falar. (17) E por esso, pera comprirmos aquilo que de suso prometemos, faz mester que se torne o nosso conto aos padres deste tempo que fezeron maravilhosas vidas per totalas proenças d'Italia.

27

(1) De Menna monaco.

(2) Disse ainda San Gregorio que noutro dia na proença de Sania foi huum monge muito honrado e de mui santa vida que conhoceron muitos dos nossos companheiros e adur ainda ha X anos que morreu. (3) Da vida santa e das bõas obras que este monge fazia tantos mi deron en testimonio quantos a de leve aquela proença de Sania souberon e conhoceron. (4) Aqueste monge non avia pera seu mantiimento nen huma outra cousa do mundo senon huuns poucos de cortiços en que criava sas abelhas. (5) E porque entendeu que huum lombardo se trabalhava de lhi furtar sas abelhas, castigou-o primeiramente per sa palavra que se partisse de seu dano e ele non-no quis fazer. (6) E, entrando huma vegada en seu lugar pera lhi furtar sas abelhas, entrou o enmiigo en ele e deitou-o ant'os pees do monge e atormentou-o mui rijamente. (7) E des ali en deante por este mal que acaeceu aaqueste lombardo todos daquel lugar onde el era guardavan-se de seu mal, e teveron-no por homen santo assi como fazian aqueles que a cabo del moravan. (8) E des ali en deante nunca neguum ousou entrar en sa cela senon con gram reverença e con grande humildade.

(9) Muitas vegadas saiam os ursos duma mata que cabo de sa cela avia e trabalhavan-se de viir comer o mel das sas colmeas. (10) E ele quando os hi colhia, feria-os con huma tavao que soia trager en sa mão. (11) E eles fugian e iam braadando polas feridas que lhis el dava, ca mais temiam e mais se sentian das feridas que lhis el dava con aquela tavao ca lançadas nen humas que lhis outren desse.

(12) O sabor e o estudo que este monge naqueste mundo ouve foi en non aver nen gaanhar nen huma cousa temporal, senon en se trabalhar d'avivar e de fazer desejar todos aqueles que a el viinhan por amor de Deus os beens que nunca averam cima. (13) E se pela ventura acaecia que el entendesse os pecados dalguums, nunca se parteria de os repreender pelo amor de Deus que en ele mais e mais crecia. (14) E quanto o amor de Deus en ele era moor tanto ele mais percurdia per sa lengua aqueles que enmiigos de Deus eran e non se querian partir dos pecados en que jazian. (25) Os homens bõds que derredor del moravan avian en custume que todolos dias do mundo pela domaa lhi enviavan sas ofertas pera aver el que desse aaqueles que a el viinhan.

(16) E huum tempo acaeceu que huum que avia nome Castorio foi vençudo de desejo lixoso e ávol, fugio con huma monja e vivia con ela como vive marido con molher. (17) E pois esto soube o santo homen de Deus mandou-lhi dizer per aqueles que pôde aver aquilo que merecia quen tal feito come ele fezera. (18) E aquele maaos homen que era sabedor daquela maldade en que ele vivia, temendo de viir a ele en tal o trouvesse mal como tragia os outros que tan maaos eran come ele, enviou-lhi sas ofertas e juntou-as con as ofertas dos outros pera receber ele, se al non per desconhecimento, aquelas suas que lhi el enviava. (19) E quando totalas ofertas foran postas ante ele, o servo de Deus seve mui ben calado e trabalhou-se de conhecer totalas ofertas estremadamente humas das outras. (20) E pois que escolheu totalas outras que os homens bõds enviaron, conheceu pelo Spiritu Santo aquelas ofertas que lhi enviara Castorio de que suso falamos e despreçou-as e non-nas quis receber e disse aos – mandadeiros:

(21) - Ide e dizede a Castorio: (22) tu tulhisti a sa oferta a Nosso Senhor e envias tu as tuas a min?. (23) E porende eu non recebo a tua porque tulhisti tu a Deus a sua.

(24) E aqueles que estavan presentes naqueste feito deron muitos louvores a Deus e temeron o santo que tan certãõ e tan verdadeiro juizo dera daqueles que tan alonjados eram dele.

(25) E o seu clerigo don Pedro disse:

(26) - Sospeito, padre, que muitos daquestes homeens santos receberam marteiro por amor de Deus se acharon o tempo da perseguiçon en que os emperadores mandavan atormentar os cristãos.

(27) E San Gregorio respondeu:

(28) - Duas son, Pedro, as maneiras do marteiro: huum marteiro á hi ascondudo e o outro aberto e conhoçudo. (29) No marteiro ascondudo, como quer que non aja perseguçõn aa de fora e como quer que homen non receba mal en seu corpo, pero, porque a voontade está aparelhada pera receber morte pola fe do seu salvador e aquesto deseja mais ca outra cousa que seja a coroa de tal marteiro ascondudo, non se pode negar aaqueles que o muito desejan. (30) De tal marteiro ascondudo que os santos chaman marteiros voontade per voontade e non per obra, fala Nosso Senhor no Evangelho quando preguntou aos filhos de Zebedeu, San Tiago e San Joane, per razon de sa madre deles que o rogava que quando fosse no seu reino huum de seus filhos sevesse aa parte destra e outro aa seestra; (31) enton disse Nosso Senhor a eles e preguntou-os:

(32) - Podedes beber o calix que eu ei de beber?

(33) E eles lhi responderon:

(34) - Podemos.

(35) E ele lhis disse:

(36) - Vós beberedes o meu calix aa mha destra ou aa mha seestra. (32) Non perteence a min de o dar a vós senon aaqueles a que he outrogado ante que o mundo fosse.

(38) Naqueste logo pelo nome de calix entendemos o beber da paixõn e da morte que el sofreu. (39) E porque sabemos por certo que San Tiago recebeu morte e paixõn por amor de Jesu Cristo e San Joane morreu de sa morte e non por marteiro que lhi neguum desse, dizemos sen duvida nen huma que quando el disse a Nosso Senhor que beberia o seu calix e pelo calix entendemos o marteiro que el desejava a aver pelo amor de seu Senhor, e pero non morreu ele per marteiro que lhi neguum desse, mais de sa morte, aparece que o desejo do marteiro que avia chama aqui a Escritura marteiro ascondudo.

(40) E porende, Pedro, porque diremos nós de taes e de tan altos barões de que eu suso falei que non poden seer martires? (41) Se fora no tempo da perseguçõn en que os outros matavan pola fe, ca aquestes taes vencian as tentações do enmiigo ascondudo e amavan aqueles que os perseguian por amor de Deus e partian-se de todos os prazeres da carne, e assi, sacrificando si meesmos a Deus poderoso sobre todas as criaturas en que seus corações foron martires como quer que vivessen en paz e os non perseguisse neguum. (42) Ca vemos nós ora en nosso tempo homens mui metudos nos prazeres do mundo de que homen non poderia cuidar que quisessen sofrer nen huum mal pera aver a gloria do paraíso; por huum pequeno d'aazo que

ouveron, per razon do tempo en que foron en que alguums princepes fazian matar os cristiãos se non quisessem orar os idolos, quiseron estes taes, de que os homens non cuidavan, ante a receber morte ca renegar a fe en que sempre viveron e orar os idolos que princepes mandavan.

28

(1) De quareenta homens que foron mortos dos lombardos.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Ante estes quinze anos que ora passaram, assi como deron testimonio aqueles que foron presentes, quareenta homens foron presos pelos lombardos porque non querian comer as carnes que eles sacrificavan aos seus idolos. (4) E como quer que os ameçassem muito con morte e lhis dessen muitas penas por que as non querian comer eles, estaban mui rigos e mui fortes e davan pouco por sas ameças nen por penas que lhis dessen, caamavan a vida perduravil mais ca a vida mesquinha deste mundo que se passa muito aginha. E porende os lombardos todos aqueles quareenta homens mataron, porque non quiseron comer as carnes que eles sacrificavan aos idolos que eles chamavan seus deuses.

(7) Non ti semelha pois, Pedro, que estes non foron martires de vertude que, porque non assanhassem o seu criador comendo aquela carne que lhis era defesa, ante quiseron morrer? (8) E per ventura se o tempo assi non acertara, nunca eles morte pola fe receberam, nen foron demandar, pois a ante non desejaron. (9) E pois estes taes martires son, como podemos dizer daqueles que sempre desejaron receber morte pola fe que non sejan martires e que non ajan galardon e coroa de martires, como quer que marteiros en seus corpos non recibessen senon en sas vontades solamente, en que tragen a graça e o amor do seu salvador que os move pera morrer por ele e que he raiz e começo de todo merecimento?

29

(1) De muitos que foron cativos porque non quiseron orar a cabeça da cabra.

(2) Disse ainda San Gregorio que naquel meesmo tempo prederon os lombardos ben quatrocentos homens. (3) E pois que aquestes lombardos sacrificaron aa cabeça da cabra ao enmiigo do linagen d'Adan e andando correndo derredor dela fazian grandes alegrias con seus cantares maaos e çujos que dezian e fazian-lhi reverença ficando seus geolhos e amergendo sas cabeças ante ela; (4) pois que todo este fezeron constrengian todos aqueles cativos que tiinhan que sacrificassen aa cabeça da cabra assi como eles, mais mui gram peça deles non quiseron sacrificar e prougue-lhis mais per morte ir aa vida en que neguum non pode morrer, ca orando e sacrificando ao enmigo ficar en esta vida mesquinha. (5) E por esso non quiseron obedecer aos mandados escomungados nen abaixar sa cabeça con que sempre fezeron reverença ao seu criador aa creatura mesquinha e sen entendimento. (6) E porende aqueles pagãos assanharon-se malamente contra aqueles que tiinhan presos que non quiseron seer quinhoeiros do erro e da descreença que eles fazian e mataron-nos todos.

(7) Pois, Pedro, que maravilha he que digamos nós que aquestes son martires que sempre desejaron marteiro, como quer que nunca fossen marteirados, ca non chegaram ao tempo en que os princepes marteiravan os cristãos e dementre viveron fezeron vida muito estreira e marteiraron os seus corpos per muitas maneiras, se aquestes que nunca desejaron marteiro dementre viveron a gram prazer e a gram sabor de seus corpos segundo a vida deste mundo a eigreja chama martires, porque per aazo tal que se fez, ante quiseron morrer ca fazer sacrificio ao enmiigo en desonra de Deus e en deosto da sa fe.

(8) E aquesta sentença que aqui ora demos dos martires que non foron marteirados porque desejaron sempre marteiro e fezeron vida muito estreita porque marteiraron seus corpos dementre viveron, non-na damos geeralmente de todos aqueles que dementre vivian mostravan de si pela vida que fazian que morrerian pola fe cada que fosse mester. (9) Muitas vegadas acaeceu que aqueles de que homen cuidava que non morrerian pola fe porque vivian a grandes deleitos de seus corpos, quando veo o tempo que constrengian que sacrificassen aos idolos, ante quiseron morrer ca fazer nen huma cousa que fosse contra sa fe. (10) E aqueles de que homen cuidava que morrerian pola fe quando fosse mester pola vida de gram marteiro e de grande asteença que fazian, quando veo tempo de receber marteiro por amor de seu salvador tanto foi o medo e o temor da morte que en eles caeu que se tiraron a fora e non quiseron morrer. (11) Mais aquestes de que nós aqui falamos pola cima que lhes vimos fazer, dissemos que eran martires polo gram marteiro que aos seus corpos davan como quer que nunca fossen marteirados per

outren. (12) Ca entendemos pola cima que fezeron, se chegaron a tempo en que os quisessen matar pola fe de Jesu Cristo, nunca volveron ende os rostros, mais leixaron-se matar de toda sa voontade e de todos seus coraçõs. (13) Ca a cima, que homen faz, gram conhecimento dá ao homen do que fezera dementre viveu quando lhi tempo veesse.

(14) E o seu clerigo don Pedro disse:

(15) - Assi he, padre, todo como tu dizes. (16) Mais, maravilho-m'eu de nós outros que a fe de Jesu Cristo teemos como non somos dignos pera receber del misericordia en tanta perseguçon e en tanta crueza quanta os lombardos mostran contra os cristãos, ca se Deus tanto mal non quisesse sofrer non se faria, ca ele he o que tempera a sanha enos bõs e nos maaos.

30

(1) D'Arriano bispo, como cegou per vertude de Deus.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Muitas vegadas, Pedro, se traballaron aquestes lombardos que eran da seita d'Arrio de mostrar per obra contra os cristãos a crueza que nos seus coraçõs tragian. (4) Mais os miragres que Deus polos cristãos fazia, embargavan-nos que non podessen fazer tanto mal quanto querian. (4) E porende ti quero contar huum miragre que aprendi non ha tres anos de Bonifacio monge do meu moesteiro que viveu con esses lombardos cerca de quareenta anos.

(5) Aquele monge Bonifacio mi contou que quando huma vez huum bispo dos lombardos que era da seita d'Arrio veu aa cidade de Spolete e non achou logar guisado na cidade en que fezesse a festa segundo seus erros, disse ao bispo da cidade que lhi desse a eigreja, ca a queria consagrar segundo seu custume e fazer hi sa festa. (6) E o bispo da cidade non lha quis dar. (7) E porende aquel bispo da seita d'Arrio jurou que en outro dia entraria per força na eigreja de San Paulo apostolo que estava hi preto. (8) E pois esto ouvio aquel que avia de guardar a eigreja, correu muito aginha e ferrou a eigreja e fechou-a mui ben. (9) E quando foi hora de vespera apagou todas as lampadas e ascondeu-se dentro. (10) E en outro dia naquela hora que chaman antre lobo e can o bispo da seita d'Arrio veu aaquela eigreja con gram poderio de gente guisado e aparelhada pera britar as portas da eigreja que estavam ben serradas, mais per vertude de Deus e sen força doutro homen do mundo, abriron-se as portas da eigreja e

desfecharon-se as fechaduras e todalas outras arcas que na eigreja siiam con gram roido e acenderon-se as lampadas que ante foron apagadas per lume que do ceo veo. (11) E o bispo da seita d'Arrio que veera aaquela eigreja pera britar as portas per força, ficou muito aginha cego per vertude de Deus que lhi quise dar o que el merecia e non pôde tornar a sa pousada senon per aqueles seus que o adestraron. (12) E pois tan grande miragre come este souberon os lombardos que andavan en toda aquela terra, non se trabalharon des ali en deante d'entrar per força as eigrejas nen os logaras segrados en que os cristãos fazian seu sacrificio e dezian sas horas. (13) E foi tan gram maravilha, Pedro, que porque as lampadas foron acezas na eigreja de San Paulo per razon daquel bispo da seita d'Arrio, foi juizo de Deus que naquel meesmo tempo, en que o lume veo do ceo perque as lampadas foron acezas o bispo falso perdeu o lume dos seus olhos.

31

(1) Da eigreja dos hereges da seita d'Arrio que avia na cidade de Roma como foi depois consagrada pelos cristãos.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non calarei, mas direi a maravilha que a piedade de Deus mostrou non ha dous anos naquesta cidade de Roma a gram cofojon da heresia d'Arrio e o grande eixalçamento da eigreja de Jesu Cristo. (4) E desto que eu quero contar doutra cousa dá testemunho o poboo que sentio e doutra cousa o que guardava a eigreja que vio e doutra o sacerdote que a missa cantava que vio.

(5) Os hereges da seita d'Arrio avian huma egreja en huum logo daquesta cidade que dizen Suboura e porque aquesta egreja esteve serrada per gram tempo, non perforon dous anos, prougue aos cristãos que a consegrassen e possuessen hi as religas de San Sevaschão e de Santa Ágada, martires ben aventurados. (6) E quando todos entramos ena eigreja - diz San Gregorio que foi huum daqueles que hi entraron - e cantamos nossos cantos de muitos louvores de Deus e quando veeron a dizer as missas os sacerdotes que hi estavan e o poboo era grande que non cabia na eigreja, ca o logar era come estreito e o poboo muito e premiam-se huuns outros,

acaeceu enton que aqueles que estavam fora do logar segrado en que a missa dezian se ajuntaron, acharon a seus pees correr a huma parte e aa outra hum porco e como o cada hum sentia assi o dezia a outro que estava cabo de si. (7) E o porco correndo assi veu aas portas da eigreja per que saio fora e todos aqueles per que passava maravilhavan-se muito daquele porco, ca o sentian e non-no podian veer. (8) Esto quis a piedade de Deus que se mostrasse pera entenderen que o spiritu lixoso que-ali morava partia-se mui a envidos daquel logar que ante fora seu. (9) E pois as missas foron ditas veemo-nos todos, cada hum pera sa casa. (10) Mais ainda naquela noite ouviron grandes roidos e grandes sooms sobrelos teitos da eigreja come se alguen andasse correndo sobre ela. (11) E na outra noite que depós aquesta veu, ouviron ja maiores sooms e mais espantosos que semelhava que toda a eigreja ja caia de seu fundamento. (12) E a cabo de pouco quedou aqieste soom espantoso e des ali en deante non apareceu hi malfeitoria nen huma do enmiigo antigo, mais, pelo soom espantoso que fez quando se partiu, deu a entender que per gram força e muito contra sa voontade leixava aquel logar en que per grandes tempos morara. (13) E a cabo de poucos dias, sendo o aar mui claro, deceu sobrelo altar daquela eigreja huma nuve do ceo e cobrio todo o altar per maneira de tenda e toda a eigreja ficou chea duum odor tan maravilhoso qual homen nunca vio en nen huma cousa temporal. (14) E, como quer que as portas da eigreja estevessem abertas, non ousava nen hum entrar dentro tanta era reverença que cada hum aa eigreja fazia por aquel odor maravilhoso que ende recudia. (15) E os sacerdotes da eigreja e as guardas e aqueles ainda que veeron cantar a missa con gram solenidade viiam tan gram maravilhosa cousa e non podian entrar dentro pero cheiravan o odor maravilhoso que ende saia.

(16) En outro dia, estando totalas lampadas da eigreja sen lume, foron acezas per lume que veu do ceo. (17) E a cabo de poucos dias, pois os clerigos entraron na eigreja e disseron sas horas e cantaron sas missas, o que a eigreja guardava apagou as lampadas e saiu-se da eigreja. (18) E a cabo de pouco entrou na eigreja e achou acezas as lampadas que apagava e cuidou que as non apagara ben per sa negligença, e por esso as apagou outra vegada mais de coraçõ e de maior femença e saio-se logo e serrou as portas da eigreja. (19) Mais depós espaço de tres horas tornou aa eigreja e achou as lampadas que apagara acezas. (20) E o miragre deste lume quis fazer piadade de Deus naquela eigreja que primeiramente fora dos hereges e ora era dos cristãos pera dar a entender que aquel logar veera de teevra a luz.

(21) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(22) - Como quer que vivamos en grandes tribulações, parece per estes miragres maravilhosos que eu ouço que non somos deseparados nem despreçados de todo en todo do nosso remiidor a que somos teudos polo seu sangue justo per que nos comprou.

(23) E San Gregorio disse:

(24) - Como quer, Pedro, que eu propoesse contar solamente os feitos maravilhosos que acaeceron en terra d'Italia, pero queres que volvamos nosso conto a Espanha pera contar as maravilhas que hi acaeceron e desi contaremos as que acaeceron en Africa. (25) E pois tornaremos a contar as maravilhas d'Italia que primeiramente contar proposeramos e esto, Pedro, faremos pera entenderes quam maa e quam daninha foi a heresia d'Arrio.

(26) E disse o seu clerigo don Pedro:

(27) - Vai per teu conto a qual terra quiseres ca con gram prazer me levas a gram prazer me tornas, ca ouvir os feitos maravilhosos de Deus en qual terra quer que acaescan gram prazer he a quen quer que amor de Deus ha.

32

(1) De Herminigildo rei, filho de Levirgildo rei dos godos que foi morto per seu padre pola fe catolica.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Assi como eu aprendi de muitos que viinhan de Spanha, Ermenigildo, filho de Leovegildo, rei dos godos, tornou-se aa fe catolica pela preegaçon do muito honrado San Leandro bispo de Sevilha, que eu muito amei muito tempo ha, e leixou a heresia d'Arrio en que foi criado. (4) E pois aquesto soube seu padre que era outrossi daquela heresia, trabalhou-se quanto pôde per promessas de grandes do-es e per grandes ameaças de o fazer volver aa heresia que ante leixara. (5) E pois o cavaleiro novo de Jesu Cristo respondeu atrevudamente que nunca poderia ja leixar a verdadeira fe de Jesu Cristo que huma vegada ja conhecera. (6) Assanhou-se enton seu padre contra ele e tolheu-lhi o reino e todalas outras cousas que avia. (7) E porque entendeu que nen per esta maneira non podia quebrantar a vertude e o atrevimento daquele seu filho ben aventurado, mandou-o prender e deitar-lhi grandes candeas no colo e salgemas nas mãos e meteron-no en huma casa muito estreita. (8) Enton aquel rei mancebo Hermenigildo

começou a despreçar en seu coração o reino terreal e todas outras cousas terreaes que no mundo son e a desejar mui fortemente o reino do ceo que por sempre ha de durar. (9) E assi como jazia carregado de ferro, vestiu-se de celicio pera atormentar mais sa carne e rogava mui de coração a Nosso Senhor que o confortasse. (10) E quanto mais compridamente despreçava a gloria do mundo que se passa, quanto ele na prison en que jazia melhor conhocia que non era nemigalha o que lhi seu padre tolhera, pois non era cousa que por sempre podesse durar. (11) E pois en este comeios veo a festa de Pasqua e enviou a el seu padre de meia noite huum bispo da seita dos hereges que o comungasse, e, se quisesse das sas mãos receber a comuihon que el consagrara, come mao escomungado e herege e partido dos beens da eigreja de Deus, recebe-ia seu padre en sa graça e perdoar-lh'ia quanto avia feito. (12) Mais aquele que se ja oferecera a Deus entreguemente, trouxe mal e deostou assi como devia aquel bispo da seita d'Arrio que a el veera pera comunga-lo de noite e disse-lhi que, como quer que el jovesse no corpo legado e desonrado e maltrato, pero a sa alma tiinha mui segura, e muito assessegada e mui firme no amor de Jesu Cristo e na sa fe. (13) E Pois se o bispo tornou e contou esto a seu padre. (14) Seu padre ficou mui sanhudo contra ele e enviou a el seus algozes que o matassen ali no cárcer hu jazia e eles assi o fezeron ca lhi deron con huma segur pela cabeça que logo lhi deitaron os meolos en terra e assi lhi tolheron o que poderon: (14 a) o corpo e a vista deste mundo por que el ja non dava nemigalha. (15) Mais o amor de Jesu Cristo que el tragia na sa alma e o galardon que lh'el porende deu, non lho poderon eles tolher. (16) Ca, depois que este glorioso martir foi morto, ouviron derredor do seu corpo os anjos cantar cantos de mui grandes sabores e de muitos louvores de Deus e aparecian ali hu o corpo fora morto lampadas acendudas a honra de Deus e do santo rei e martir de Deus que naquel logar mataron. (17) E portanto todos aqueles que en Cristo criiam viinhan sempre fazer muita honra ao corpo daquel rei que ali jazia soterrado. (18) E pois seu padre entendeu e vio os miragres que Deus por seu filho fazia, pesou-lhi e doeu-se muito porque o mandara matar e entendeu que a fe catolica ca era verdadeira. (19) Mais pero non se fez cristão porque se temeu da sa gente. (20) E, jazendo el mui mal enfermou pera morte, comendou o seu filho Recaredo que ainda era herege ao bispo de Sevilha San Leandro que o tornasse cristão per sa preegaçon assi como tornara seu irmao. (21) E pois que esta comenda comprio, morreu.

(22) E depós sa morte rei Recaredo non seguio o padre que morrera na heresia d'Arrio, mais seguio seu irmão que morrera pola fe de Jesu Cristo e tornou-se da heresia d'Arrio en que

fora criado con toda a gente dos godos, ca ele era rei, aa verdadeira fe de Jesu Cristo. (23) E en tal feito como este devemos consiirar que a piadade de Nosso Senhor quis que pelos merecimentos de Hermenegildo rei que morrera pola fe de Jesu Cristo fosse salva tan gram gente come a dos godos.

(24) E poren diz a Escritura que se o grãão do triigo que meten sô a terra non for morto non poden del nacer outros, mais depois que jaz sô a terra se for morto e mudado daquel estado en que primeiramente era faz muito fruto. (25) E o que nós vimos en Nosso Senhor Jesu Cristo que he nossa cabeça que pela sa morte soo son todos os outros salvos, assi vemos nós nembros de Nosso Senhor Jesu Cristo, que son aqueles que am a sa fe, muitas vegadas per huum salva Deus os outros. (26) E assi acaeceu que, porque rei Hermenegildo pola fe de Jesu Cristo foi morto, mercee e piedade foi de Nosso Senhor que polos seus merecimentos salvasse todos os outros, ca duum grãão que cae sô terra, assi como deve, se levanta muita messe per que se gaanha e acrecenta a fe das almas daqueles que se deven salvar.

(27) E don Pedro seu clerigo disse enton:

(28) - Maravilhosa cousa he esta que contas, padre pera os homens que ora son en nosso tempo.

(29) Contou ainda San Gregorio que no tempo de Justiniano emperador, quando a seita dos arrios que naceu dos vandalos perseguiam os cristãos en Africa e lhes davan muitos tormentos per razom de sa heresia d'Arrio, huuns cristãos levantaron-se ante todos e defendian mui frotemente a fe de Jesu Cristo. (30) E pois o rei dos vandalos vio que os non podia trager aa sa seita per paravras bõas que lhis dissesse, nen per meações grandes que lhis fizesse, cuidou que os quebrantasse per tormentos grandes que lhis desse e mandou-lhis que se calassen e que non defendessen jamais aquela fe de Cristo que defendian. (31) E a eles semelhou-lhes que se se calassen da verdade que defendian que consentirian aa heresia d'Arrio que o rei dos vandalos e os seus tiinhan. (32) E porque se non quiseron calar contra defendimento del, el-rei ficou mui sanhudo e muito irado contra aqueles bispos e mandou-lhes cortar as linguas pelas raigadas. (33) E foi gram maravilha e cousa que souberon muitos homens bõos e antigos que assi falavan defendendo a verdade da fe sen linguas como ante soian a falar quando as tiinham.

(34) E o seu clerigo don Pedro disse:

(35) - Pera maravilhar he muito, padre, esto que contas e cousa he de que nos espantamos muito.

(36) E San Gregorio respondeu:

(37) - Scrito he, Pedro, do filho de Deus que se chama paravoa e diz: (38) “No começo era paravoa e paravoa era con Deus e Deus era paravoa e todas as cousas per el son feitas”. (38a) E assi non nos maravillhemos se a paravoa pode mostrar outras paravoas sen linguas, pois a lingua podia fazer.

(39) E o seu clerigo don Pedro disse:

(40) - Muito mi praz, padre, o que dizes.

(41) Disse ainda San Gregorio:

(42) - Naquel tempo fugiron estes bispos e veeron aa cidade de Constantinopla. (43) En aquel tempo que eu a Constantinopla fui enviado ao emperador sobre uums negocios da Igreja, achei huum bispo antigo e homen bõõ que mi disse que vira as bocas daqueles bispos de que suso fizemos mençon falar sen linguas e abrian as bocas e bradavan e dezian:

(44) - Veede a gram maravilha de Deus ca nós non avemos linguas e falamos.

(45) - E assi como mi disse, semelhavan aaqueles que os viian que as linguas foron talhadas pelas raigadas e parecia come poço fundo na garganta de cada huum deles e nas bocas vazias e sen linguas formavan compridamente as palavras que dezian. (46) E huum daquestes bispos caeu en pecado de luxuria e logo juizo de Deus foi mui direito contra ele que, pois ele limpidade de carne non quisera guardar, sen lingua de carne non podesse nen huma paravoa falar e assi ficou privado do don do miragre que lhi Deus dera. (47) E ora, Pedro, abastante estas cousas que eu contei, pera conhoceres quam maa e quam daninha e como he condanada de Deus e dos homens a heresia d’Arrio. (48) E assi como prometemos de suso, tornemo-nos pera contar aquelas maravilhas que noutro dia foron feitas en terra d’Italia.

33

(1) De Eleuterio servo de Deus.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Aquele Eleuterio de que eu suso falei, que foi abade do moesteiro de San Marcos Evangelista que está nas hortas da cidade de Spoleto, muito tempo foi comigo naquesta cidade de Roma e morou en este meu moesteiro e hi o soterraron. (4) E dezian os seus discipulos que ressuscitara huum morto per sa oraçon. (5) Aqueste Eleuterio foi homen mui simples e de gram devoçon e de muitas lagrimas e quen o a el visse chorar en sa oraçon non duvidaria que aquelas lagrimas que saiam de mente tan homildosa e tan simples non podesse gaanhar ante a face de Deus muitas cousas daquelo que lhi rogava. (6) E huum miragre que m'el a min confessou de que o eu preguntei-vos quero eu ora aqui dizer:

(7) El indo huma vegada per seu caminho chegou a huum moesteiro de virgeens e ficou hi aquela noite porque era ja mui tardi e non avia outro lugar hu fosse. (8) Naquel moesteiro avia huum menino parvoo en que entrava cada noite o enmiigo e atormentava-o mui rijamente. (9) E as mulheres santas daquel moesteiro pois viron o servo de Deus receberam-no mui ben e rogaron-no e disseron-lhi:

(10) - Tigo dormirá esta noite, padre, aqueste menino.

(11) E a ele prougue ende muito e dormio con el na cama aquela noite. (12) E depois que foi manhã preguntaron as monjas aquel santo padre se o menino fizera alguma cousa de noite e el maravilhou-se por que lho preguntavan, respondeu:

(13) - Non fez nemigalha.

(14) - Enton aquelas santas mulheres disseron aaquel santo padre que o spiritu maa cada noite entrava naquel menino e rogaron-no mui de coraçõ que o levasse consigo pera seu moesteiro. (15) E o homen bõõ lhillo outorgou e levou o menino consigo. (16) E o menino vivendo muito tempo naquel moesteiro e non se chegando o enmiigo a ele, disse o padre santo con prazer grande e destemperado que avia da saude do menino:

(17) - Frades, quando este menino vivia con aquelas donas trabalhava o enmiigo con el. (18) Ca totalas noites do mundo entrava en ele e atormentava-o mui mal, mas, depois que o menino se veo pera os servos de Deus, nunca se o enmiigo trabalhou de se chegar a ele nen lhi fazer mal nen dano.

(19) E pois que o abade aquestas parvoas disse, adur o abade acabara as parvoas e logo o enmiigo entrou no menino ante todos los frades e atormentou-o mui rijamente. (20) E pois o abade a questo vio, começou a chorar tan rijamente que non podia receber nen huum conforto como quer que os frades o confortassen. (21) E disse enton aos frades:

(22) - Creede-me que non entrará hoje pan en boca de nen huum de vós ata que este menino seja livre do enmiigo.

(23) Enton se deitou o abade en oraçon con todos los frades e oraron tanto ata que o menino ficou sãão do spiritu maa. (24) E des ali en deante nunca o enmiigo ousou entrar naquel menino nen lhi fez nojo nen espanto nen huum.

(25) E o seu clerigo don Pedro disse:

(26) - Creo, padre, que por aquela vãã gloria que o abade ouvera do miragre que Deus fezera por ele, entrou o enmiigo no menino. (27) E quis ainda Deus que o que lhi foi tolheito per pequena sobérvia, que os seus discipulos fossen seus ajudadores naquel feito.

(28) E San Gregorio respondeu:

(29) - Assi é, Pedro, como dizes, ca o peso do miragre non-no pôde o abade soo trager e partio con seus frades e soffeo. (30) Eu provei en mim meesmo diz San Gregorio de quam gram vertude era a oraçon daqueste abade, ca huum tempo, vivendo eu ainda no moesteiro, óuvi huma enfermidade que semelhava que mi talhavan as tripas todas; e tantas eran as coitas que ende avia e tan ameudi que en cada huma hora do dia muitas vegadas me tiinhan pera morte, ca, segundo como dizen os fisicos, esta enfermidade he que chaman en grego “sincopen”, que quer dizer en nossa languagen esmorecimento, faz-se dos vermeens que nacen nas tripas. (31) E quando en elas non achan vianda alguma que cómian, tornan-se aas tripas e rooen-nas e sente homen tan grande door come se as talhassen. (32) E quando aqueles vermeens achan nas tripas alguma vianda que o cómian non rooen enton as tripas. (33) E porende aquele que esta enfermidade ha queria comer ameudi. (34) E se me os frades ameudi non dessen a comer semelhava-me que mi arrigavan o espirtu do corpo. (35) E eu esta enfermidade avendo, chegava-se a festa de Pasqua e porque no Sabado Santo en que todos los meninhos jejunhavan e eu non podia jejunhar, comecei a chorar mui rijamente e falecia ja mais polo choro, tan sobejo era, ca pela enfermidade. (36) Enton o meu coraçõ triste ouve conselho que levasse aquele servo de Deus en gram puridade pera a eigreja e que lhi pedisse que me gaanhasse de Nosso Senhor que mi desse vertude e esforço que podesse jejunhar aquel Sabado Santo e assi se comprio todo. (37) Ca, pois nós entramos na eigreja e o eu roguei con mui humildade, deitou-se logo el en oraçon con muitas lagrimas e a cabo de pouco saiu-se e beenzeu-me e aa voz da sa beençon tanta vertude recebeu o meu estamago que me non nembra per nen huma maneira comer nen enfermildade e comecei de me maravilhar quen era e quen fora. (38) Ca quando me

nembrava da enfermidade nen sabia nen entendia nemigalha daquelas cousas de que me ante nembrava quando as sofria. (39) E quando er metia mentes en enderençar feito de meu moesteiro, escaecia-mi a mha enfermidade que ante ouvera, maravillava-me se non comera pois me tan forte achava. (40) E eu passando assi esse dia, veo hora de vespera e achei-me tan forte e tan esforçado que podera perlongar o jajunho ata outro dia se eu quisera. (41) E assi se fez que per aquelas cousas que eu provei en min deste santo homen e as achei por verdade, creo as outras en que non fui presente que dele os outros disseron.

(42) E o seu clerigo don Pedro, disse:

(43) - Porque dissesti, padre, que aqeste santo homen de que ora falasti se doia muito dos pecados e sentia-se tanto deles come se lhi metessen agulhadas pelo corazón con que o pungessen e aaquestes taes dizen en latin homens de gram compunçon desejaría a aprender de ti se ti prouguesse quam grande he a vertude das lagrimas. (44) E poren te rogo que mi digas quantas son as maneiras da door ou da compunçon que homen toma polos seus pecados.

34

(1) Quantas son as maneiras da door que homen toma por seus pecados.

(2) E San Gregorio respondeu e disse:

(3) - Os que queren fazer verdadeira peendença, Pedro, tantos chantos fazen e tantas doores e tantas amarguras toman en seus corações quantos son os pecados que fezeron. (4) E assi a maneira da door ou da amargura ou da compunçon que homen toma polos seus pecados parte-se per muitas maneiras assi como son os pecados muitos. (5) E por esso disse o profeta Jheremia: (6) “Muitas partes fezeron os meus olhos das aguas que deles saen e por cada pecado deve homen fazer seu chanto”. (7) Pero, geeralmente falando, dizemos primeiramente que duas son as maroiras da door da amargura dos pecados: (8) a primeira amargura ou a primeira door he de temor grande que homen ha das penas do inferno que sabe que mereceu polos pecados que feze. (9) E porende faz chanto sobre eles continuamente cada que pode. (10) E pois que muito tempo chorou os seus pecados, nace en sa alma huma asperança que ha de perdon dos

pecados. (11) E enton começa a desejar a gloria do paraíso e, porque lha perlongan e non lha dan aginha, recebe ende gram door e grande amargura e gram pesar en seu coração, ca a esperança do ben que homén ama quando lho perlongam atormenta o coração. (12) E esta he a segunda maneira da door que homén deve a aver por seus pecados, que nace do amor da terra celestial. (13) Ca assi como o temor das penas do inferno punge homén e lastima-o e faze-o chorar, assi o amor da gloria do paraíso quando a perlongan, punge homén e lastima-o e faze-o desejar e chorar ata que lha dem.

(14) E todo esto foi feegurado na Escritura Santa de Deus e verdadeira en que conta que huma filha de Caleph, seendo en cima de seu asno, sospirou e seu padre perguntou-a porque sospirara, e ela respondeu:

(15) - Dá-mi a ta beençon, padre. (16) Tu mi desti por herdamento huma terra que he escontra o ávrego e seca. (17) Dá-mi ainda outra terra que se regue per si.

(18) E seu padre lhi deu por herdamento duas terras que se regavan per si: (19) huma estava en cima e a outra en fondo. (20) Per esta filha de Caleph que siia en cima da asna que he animalha sen razon, entendemos a alma que se deve assenhorar aos desejos e aos deleitos da carne que son contrairos aa razon e ao entendimento do homén. (21) Enton esta alma á a terra de cima que se rega per si quando deseja a gloria do paraíso pera que a fezeron e nunca foron espinhas nen agulhas que assi possan punger e atormentar carne d'homén como o desejo daquesta gloria, quando a perlongan e atormenta a alma do homén ata que a faz volver en lagrimas. (22) Esta he a segunda maneira da amargura dos pecados de que suso falamos. (23) Dizemos ainda que enton a filha de Caleph tomou a terra que está en fondo que se rega per si, quando a alma temendo as penas do inferno dooi-se tanto dos seus pecados porque he obrigada aaquelas penas que chora mui rijamente e faz gram chanto por elas. (24) E esta he a primeira door da maneira de que suso falamos. (25) Mais porque a primeira door he do temor das penas do inferno e a segunda do amor da gloria celestial que ao homén perlongan mais ca el queria, e portanto cuidaria alguen que primeiramente devera falar a Escritura da terra que se rega per si que está en fondo, per que se entende a primeira maneira da door que he do temor das penas do inferno; (26) e depois da terra que se rega per si que está en cima, per que se entende a segunda maneira da door que he do amor da gloria por que homén chora porque lha perlongam. (27) E todo o contrairo faz a Escritura en que se fegulan estas duas maneiras da door. (28) Porende devedes saber que porque o amor he melhor e mais digno ca o temor, portanto a Escritura pos

primeiramente a terra que se rega per si, que está en cima, per que entendemos a maneira da door do amor da gloria que faz homen entrestecer e chorar porque lha perlongan. (29) E depois fala a Escritura da terra que se rega per si que está en fondo per que se entende a primeira maneira da door que he do temor das penas do inferno. (30) Pero, segundo verdade, primeiramentechora o pecador os seus pecados polas penas do inferno a que he obrigado e depois que cuida que os pecados que lhi son perdoados começa a amar e desejar a gloria do paraíso e chora e faz chanto porque lha perlongan ja tanto. (31) E por esto dixi eu suso que a primeira maneira da amargura e da door que homen ha polos pecados he do temor das penas do inferno. (32) E a segunda maneira da door he de que perlongam ao homen a gloria do paraíso que ama ja o pecador mais ca totalas outras cousas.

(33) E o seu clerigo don Pedro disse:

(34) - Praz-me, padre, o que dizes, mais pois me contasti que Eeluterio de que suso falasti foi de vida tan honrada e de tan grandes merecimentos ante Deus, praz-mi que ti demande se podemos creer que ora no mundo aja taes homeens come ele.

35

(1) De Martirio preste da proença de Turlia.

(2) E San Gregorio respondeu e disse:

(3) - Pedro, tu ben sabes que don Frolido bispo da eigreja de Teburço foi homen de gram verdade e de gram santidade. (4) Aqueste mo contou a min que huum clerigo de missa se colhia con ele, homen de gram simplicidade e sen nen huma maa sabedoria do mundo que avia nome Martirio. (5) Aqueste era de tan gram vertude e de tan gram poderio ante Nosso Senhor que segundo custume dos apostolos poinha a mão sobre los enfermos e logo ficavan sãos. (6) E como quer que a enfermidade fosse mui grande ao tanger da sa mão logo se do enfermo partia. (7) E dezia ainda daquele santo baron Martirio que quando achava alguma serpente, como quer que fosse mui grande, fazia o sinal da cruz sobr'ela e quebrava per meio e morria. (8) E se pela ventura a serpente fogia pera alguma cova pera se asconder ant'el, beenzia ele a boca da cova

con o sinal da cruz e logo tiravan a serpente morta da cova. (9) Aqueste santo homen de que tanto ben dezian me trabalhei eu de veer e fizi-o trager a min e fiquei con ele en huma casa hu jazian muitos enfermos huuns poucos de dias, pera poder provar mais cedo se Deus saava os enfermos por el assí como dezian. (10) Ali antr'os outros enfermos jazia huum frenetico que era todo alheado da mente e huma noite deu mui grandes braados e non leixava os outros dormir. (11) E era gram maravilha ca onde huum avia mal, ende os outros todos avian peor. (12) E assi como eu aprendi do muito honrado bispo Florido que jazia enton ensembra ali con o dito Martirio, e como ouvi outrossi depois do menino que naquela noite servia os enfermos, aquele preste honrado Martirio, levantou-se de seu estrado mui calado e achegou-se ao leito do frenetico e, poendo sas mãos sobre ele fez sa oraçon con gram devoçon o o enfermo sentiu-se logo melhor e levou-o pera o oratorio que estava en huma casa de cima e ali fez sa oraçon mais livremente e de maior vagar polo enfermo. (13) E pois o, enfermo foi são, trouxe-o pera seu leito onde o levava e des enton non braadou jamais o enfermo nen embargou os outros enfermos que ali jazian nen acrecentou a enfermidade alhea pois recebera compridamente saude de sa mente. (14) E deste feito en que nós fomos presentes aprendemos nós - diz San Gregorio - que creamos deste santo homen todalas maravilhas.

(15) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(16) - Muito val ao homen pera fazer vida boa e santa veer os homens santos fazer miragres e vivendo na terra veer a cidade de Jherusalen celestial nos seus. cidadãos que conosco viven e fazem ja obras daqueles que aló som.

36

(1) De Maximian bispo da cidade de Siracusa.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non cuido eu que he pera calar o miragre que Deus poderoso quis mostrar sobre Maximian seu servo que era bispo de Siracusa e enton foi abade do meu moesteiro. (4) Ca no tempo en que eu estava per mandado de meu bispo en Constantinopla por procurador dos negocios da Egreja de Roma, veo a min aqueste honrado padre Maximiano con seus frades pera me veer por amor que mi avia. (5) E quando s'el tornou pera o meu moesteiro de Roma,

indo pelo mar que dizen Adriatico, ouve huma tempestade con todos aqueles que na nave iam de qual homen nunca ouvio falar, ca ben poderon enton entender que a ira de Deus veera enton sobr'elos. (6) E quando chegaron ao porto, entenderon visivilmente que a graça de Deus que os ali portara e que os guardara en quantos perigoos sofreron, era e fora sempre con eles. (7) Ira de Deus grande semelhava nos ventos mui sobejos que se levantaron no mar e nas ondas que se levantaron muito iradas e no masto da nave que quebrou e na nave que perdeu todolos cravos de que era pregada e na vela que andava ja pelas ondas do do mar. (8) E todo o corpo da nave assi andava ja abalado pelas ondas grandes da huma parte e da outra que toda a nave era ja come desapageada, e huma tavia era ja come estremada da outra en aqueles logares en que se devia juntar. (9) E tan grandes foron as aberturas na nave que se encheu d'agua ata as tavoas que estavam en cima da nave, en guisa que non solamente semelhava que a nave andava antr'as ondas, mais semelhava que as ondas andavan antr'a na nave (10) E o servo de Deus Maximian que andava con seus frades na nave, pois viron ja a morte non chegada, mais presente, deron-se paz huuns outros e tomaron o corpo e o sangui do seu remiidor Jesu Cristo e comendaron-lhi as sas almas que as recebesse no outro mundo pois os corpos dera a morte tan espantosa e tan estranha. (11) Mais o poder de Deus que as sas mentes maravilhosamente espantara, a vida de todos estes mais maravilhosamente guardou, ca a nave que per oito dias foi chea d'agua ateens as tavoas que estavam en cima, nadou con todos aqueles que en ela andavan per seu caminho direito, ata que aos nove dias chegou ao porto do Castelo de Citaron. (12) E enton todos aqueles que en ela andavan con o honrado bispo Maximian sairon dela sãos e salvos. (13) E pois el saio da nave depós todos, leixou-se a nave afundar e alargar naquel porto, como se andasse mui carregada e non trouvesse nen huma cousa que a alçasse pera cima, como semelhava que a alçava sobrelas aguas San Maximian quando en ela con seus frades andava. (14) E per aquesto deu Deus a entender que quando a nave andava carregada de San Maximian e de seus frades, Deus era aquel que a alçava sobrelas aguas pelo merecimento do santo homen, ca, depois que San Maximian con seus frades dela saio, logo a nave se alagou como se andasse carregada de quanto chumbo ha no mundo e non pôde ficar sobrelas aguas.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non ha quareenta dias, Pedro, que tu visti aqui comigo huum sacerdote de vida muito honrada e santo e avia nome Santulo e viinha a min cada ano pera me veer por amor que mi avia ben da proença de Nursia, mas non ha tres dias que chegou huum monge daquela proença e trouxe-mi mandado mui grave, ca mi disse que aquele meu amigo era passado deste mundo. (4) E porende posso eu ja contar sen temor nen huum alguums beens que eu ouvi dizer daquel santo homen aos sacerdotes de bõa verdade e de bõa simplicidade que a cabo dele moravan. (5) Pero contarei ante huum miragre que me ele a min disse, seendo falando comigo a louvor de Deus, e en atrevimento do amor grande que ele avia a min e eu a ele.

(6) Aqueste sacerdote veo huum tempo a huum lagar en que os lombardos deitaron sas olivas de que querian fazer seu azeite, e ele como era homen de mui ledõ coração e de mui bõõ sembrante e de mui bõõ doairo, salvou aqueles lagareiros que eran gentiis e amostrou-lhis huum odre que tragia e disse-lhis con bõa cara e leda, non rogando, mais mandando que lhi enchessen aquel odre d'azeite. (7) E porque os gentiis lagareiros trabalharon ja per huum dia e non poderon tirar azeite daquelas olivas, assi eran secas, foron mui sanhudos contra o santo homen e trouveron-no mui mal. (8) E o santo homen fez-lhis melhor sembrante e mais ledõ ca da primeira e disse-lhis:

(9) - Fazed vós ora que assi roguedes Deus por min, que enchades este odre a Santulo sacerdote, e enton se partirá de vós e ir-s'á pera sa casa.

(10) - E porque os lagareiros non viian nen huum azeite correr das olivas e viiam o servo de Deus que os coitava pera lhi encheren o odre d'azeite, assanharon-se contra ele mui rijamente e trouveron mui peor ca da primeira e viltaron-no e deostaron-no mui mal. (11) E pois o santo homen vio que das olivas que jazian apremudas pelo peso do lagar non saia nemigalha d'azeite, pediu huma pouca d'azeite e beenzeo-a ante todos e deitou-a con sas mãos sobrelo peso do lagar. (12) E por aquela beençon tanta avondança saiu logo d'azeite que os lombardos que ante trabalharon en vãõ, encheron quantas taalhas e quantos tonees tiinhan e totalas outras cousas en que podian meter azeite e encheron depois o odre do santo homen e deron grandes graças a Deus polo ben que polo santo homen roceberon, ca aquel que veera pedir o azeite pela sa beençon deu o que demandava.

(14) - Outro tempo foi gram fame per toda a terra e o santo homen, querendo fazer a eigreja de San Lourenço martir que fora queimada pelos lombardos, juntou muitos meestres e muitos outros obreiros pera fazer a eigreja. (15) E porque todos estes aviam mester de comer cada dia e ao santo homen falecera o pan pola fame grande que na terra avia, começaram todos estes que trabalhavan muito aficadamente a demandar que comessen e dezian ca se non comessen ca non averia força pera trabalhar. (16) E o santo homen de Deus confortava-os per sas palavras, prometendo-lhis o que non tiinha e porende andava ele mui coitado en sa alma porque non podia aver aquilo que prometera. (17) E andando duma parte e da outra catando se acharia alguma ren que lhis desse per que saisse de vergonha, veo a huum forno en que as molheres daquel logar cozeron ante huum dia seu pan. (18) E emergeu-se pera veer se per ventura ficara algum pan no forno daquelas molheres que o hi cozeron, e vio dentro no forno huum pan mui grande à maravilha e mais branco que soen a seer os pães que naquela terra cozian por mui brancos que fossen. (19) E tomou-o logo mui aginha mais non-no quis logo levar aos seus obreiros, temendo que per ventura fosse alheo e que per piadade que a outrin fizesse caesse el en pecado. (20) E por esso foi mostrar aquel pan aas molheres sas vezinhas que hi ante cozeron seu pan e perguntou cada huma se per ventura era seu aquel pan que no forno achara e cada huma disse que non, ca todo seu conto cheo trouveron do forno. (21) Enton o servo de Deus foi-se mui ledado pera seus obreiros con aquel huum pan que achara no forno e disse-lhis que dessen graças a Nosso Senhor que lhis enviara que comessen. (22) E pois se asseentaron a comer pose-lhis aquel pan deante e pois se fartaron todos, ficaram tantos pedaços daquel pan no relen en que avia mais pan ca en todo o pan inteiro. (23) E en outro dia pôs o pan ante eles que ficara pera comer, e foron mais os pedaços do pan que ante eles poseron que ficaram do primeiro dia, ca aqueles pedaços do pan que partiron no segundo dia. (24) E foi feito en tal maneira que per dez dias todos aqueles meestres e aqueles obreiros fartavan-se cada dia daquel huum pan e cada dia del comian e cada dia mais crecia ca os pedaços daquel pan per se comerem crecian.

(25) Enton Pedro seu clerigo disse:

(26) - Esta cousa, padre, que contas he muito espantosa e mui maravilhosa ca he feita a eixemplo e a semelhança da obra do salvador.

(27) E San Gregorio respondeu:

(28) - Aquele, Pedro, fartou duum pan per este seu servo muitos, que per si meesmo fartou de cinque pães cinque mil homeens e que de poucos grãos sementeos acrecenta en muitas messes de que saen grãos de pan enfinidos e quen aquelas sementes tirou da terra e que ensembra criou todalas cousas de niente. (29) Mais pera te non maravilhares muito, Pedro, do que este santo homen fez aa de fora per vertude de Nosso Senhor, óuvi e aprénde quegendo foi per vertude de Deus dentro en sa alma:

(30) Ca huum dia acaeceu que os lombardos tiinhan preso huum clerigo d'avangelho e querian-no matar. (31) E o servo de Deus Santulo foi aos lombardos hora de vespera e rogou-os que o non matassen e que o leixassen ir sa carreira. (32) E eles disseron que o non fariam. (33) E pois o homen de Deus vio que eles de todo queriam matar o clerigo, rogou-os que lho dessen a guardar e eles disseron que lho darian sô condiçon: (34) se el fogisse que morresse el por ende. (35) E a condiçon prougue ao santo amigo de Deus e recebeu o clerigo en sa guarda. E quando vio que era meia noite e que os lombardos jazian todos dormindo muito assessegadamente, espertou o clerigo e disse-lhi:

(37) - Levanta-te e fúgi muit'aginha. (38) Deus poderoso seja aquele que te livre.

(39) Mais o clerigo nembrando-se da promessa que o santo homen fezera por ele, respondeu e disse:

(40) - Fugir, padre, non posso eu, ca se eu fugir tu morrerás por min.

(41) E o santo homen de Nosso Senhor, Santulo, coitava-o que fugisse e dezia-lhi:

(42) - Levanta-te e vai-te. (43) Deus poderoso te tire dessas mãos. (44) E eu na mão de Nosso Senhor soom e non poden os lombardos fazer contra min senon quanto lhis El leixar fazer.

(45) Enton fugio o clerigo e ficou o fiador antr'os lombardos come enganado polo clerigo que fugira. (46) E quando veo a manhã, veeron os lombardos e demandaron o clerigo que deron ao santo homen a guardar. (47) E el respondeu que fugira. (48) Enton disseron eles:

(49) - Tu sabes a condiçon que nosco ás.

(50) E o servo de Deus respondeu e disse muito atrevudamente:

(51) - Sei mui ben e nunca a negarei.

(52) E eles lhi disseron:

(53) - Tu es homen bõõ e porende non ti queremos dar muitos tormentos, mais escólhi tu huma morte qual quiseres e darch'a-emos.

(54) E o servo de Deus lhes disse:

(55) - Eu en mão de Deus soom e aquela morte que vos El leixar que mi dedes, aquela mi dade.

(56) Enton prougue a todos aqueles lombardos que hi estavam presentes que o escabeçassen e assi sen gram tormento acabaria a sa vida per morte arravatada. (57) E depois que foi sabudo que o homen de Deus a que todos fazian honra pela gram santidade que en ele avia devia a morrer, veeron todolos lombardos que en aquel logar eran mui ledos por que son homens de gram crueza, pera veer a morte que davan ao santo homen e estiveron en aazes, huma дума parte e outra da outra, e pararon o santo homen en meios. (58) E escolheron d'antr' os mais fortes que aviam huum de que non era duvida que дума ferida lhi talharia a cabeça. (59) E pois que o trouveron antr'aqueles todos que eran armados, correu o santo homen muito aginha pera as sas armas, ca lhis pediu que lhi dessen lecença pera fazer huum pouco oraçon. (60) E pois lho outorgaron, deitou-se en terra e fez sa oraçon, e pois orou huum pouquetinho mais perlongadamente ca eles quiseron, aquele que fora escolheito antr'os outros pera escabeçalo deu-lhi do pee e disse-lhi:

(61) - Levanta-te e fica os geolhos en terra e esténdi teu colo.

(62) E o santo homen fez o que lhi mandaron e, teendo el o colo estendido, vio a espada tirada contra si e disse publicamente aqieste palavra:

(63) - San Johane, recébi-lha.

(64) Enton aquel escabeçador, teendo a espada nua na mão, alçou o braço muit'alti pera lhi dar maior colbe, mais non-no pôde encolher, ca ficou logo todo enterido e non-no pôde encolher e tiinha-o assi ereito no aar con a espada nua o non-na podia mover pera huma parte nen pera a outra. (65) Enton a companha grande dos lombardos que veeron veer a morte do santo homen maravilharon-se muito do que viron e deron muitos louvores a Deus e des ali en deante temeron e honraron o santo homen, ca sen duvida a todos apareceu quam gram santidade era no santo homen que tan fortemente tevera no aar legado o braço e estendido do seu escabeçador. (66) Disseron-lhi enton ao santo homen que se levantasse e el levantou-se. (67) Rogaron-no ainda que saasse o braço do seu escabeçador e el non-no quis ouiorgar e disse-lhis:

(68) - Eu nunca rogarei por ele se mi non fezer juramento que con aquesta mão nunca mate cristão.

(69) - E o lombardo que avia o braço perdido porque o tendera, assi como homen diz, contra Nosso Senhor, ca o tendera contra o seu servo, pela pena grande que sofria coitou-se pera prometer o que lhi demandavan, e enton prometeu que nunca matasse cristão. (70) E o servo de Deus disse-lhi:

(71) - Cólhi teu braço a ti!

(72) E ele logo o colheu. (73) Disse-lhi ainda:

(74) - Míti ta espada na bainha!

(75) E ele logo a meteu. (76) E pois todos entenderon que era homen de tan gram vertude, querian-lhi oferecer toda pre assi de vacas come doutros gaados, come das bestas outras que naquela terra tomaron, mais el non quis tal don receber e demandou-lhis don de melhor soldada ca aquel que lhi eles queriam dar e disse-lhis:

(77) - Se mi quiserdes outorgar todos los cativos que tragedes, dade-mh'os e averei onde rogue Deus por vós.

(78) E feze-se assi que polo seu amor e pola misericordia de Deus que o enderençou, todos los cativos que tragian foron livres. (79) E porque aquele huum santo homen se ofereceu a morte por huum outro homen que a torto querian matar, por huum livrou Deus muitos de morte.

(80) E o seu clerigo don Pedro disse:

(81) - Esta cousa que me contasti, padre, he mui maravilhosa e como quer que a eu ja soubesse per outrin confesso-ti e digo-ti en verdade que tan de boa mente ouço como se a nunca ouvisse ca os feitos de Deus cada que mh'os contas sempre mi son novos.

(82) E San Gregorio respondeu e disse:

(83) - Non te maravilhes Pedro, porque estas cousas que Deus feze por este seu servo Santulo, mais cuida, se podes, que spiritu foi aquele que alumeou a sa mente que era tan simples e a alçou en tan alto monte de tantas bõas vertudes. (84) Hu cuidas que foi o seu coração quando propose e firmou morrer tan atrevudamente por seu proximo e por vida temporal duum seu cristão despreçou a sua e tendeu o seu colo pera o degolar? (85) Que força d'amor tan grande que venceu o coração daqueste santo que non temeu morte por salvar a vida duum seu proximo? (86) Sabemos nós certamente que aqueste santo honrado Santulo conhocia ben as leteras, mais non sabia os mandados da Lei. (87) E porque o amor de Deus e do proximo he comprimento da Lei querendo este santo morrer por amor de Deus pera salvar seu proximo de morte guardou toda a Lei como quer que ante non leesse nen aprendesse. (88) E guardava polo

amor que dentro na sa alma avia aquilo,que nunca aa de fora per outro homen aprendera. (89) E aquele que nunca pela ventura leera o que disse San Joane apostolo do nosso remiidor que assi como ele morrera por nós, assi deveríamos nos morrer polos nossos, proximos cada que fosse mester por saude de sas almas. (90) Tan alto e tan glorioso mandado do apostolo San Joane comprio a queste santo per obra e per feito a que o movia o amor de Deus que de dentro tragia na sa alma, mais ca per outra sabença que doutro homen do mundo aprendesse. (91) E se ti praz, Pedro, assemelhemos dous homens en saber e en fazer e digamos que huum sabe muito ben e fala mui compridamente das vertudes e nos feitos de Deus e non obra en nemigalha. (92) E o outro nunca leeu Teologia nen sabe falar antr'os homens das vertudes nen dos feitos de Deus, pero per obra mostra todas aquelas cousas que escritas son pelo Spiritu Santo que lhi move seu coraçõn pera esto e non per sabença que doutrin aprendesse. (93) Que podemos dizer destes dous senon que o primeiro que ha sabença e non obra per ela, he vazio de ben que sabe e non pode gostar as cousas que lhi ben cheiran. (94) E o outro come e logra as pomas que lhi non cheiran, e faz per obra as cousas que nunca aprendeu per palavra e assi mais val fazer sen saber ca saber sen fazer ca pela bõa obra dá Deus bõõ galardõn e pola sabença que sen obra he da tormenta e maldiçõn.

(95) Entõn o seu clerigo don Pedro disse:

(96) - Rogo-te, padre, que mi digas porque se van os bõõs deste mundo tan aginha e os que poderian viver a proveito das almas de muitos ou os non achan ja no mundo ou certas son-xi mui poucos

(97) E San Gregorio respondeu:

(98) - A maldade dos que fican no mundo merecerõn que aqueles que poderian profeitar aos outros saian-se do mundo. (99) E quanto se mais chega a fin do mundo, mais aginha leva Nosso Senhor deste mundo aqueles que pera si escolheu pera non veeren a ainda peiores cousas que aquelas que ja viron. (100) E por esse disse o profeta Isai: (101) "Morre o justo e non cuida nenguum en seu coraçõn can gram mengua faz aos que fican e os homens que sempre misericordia fezerõn aos pobres e aos coitados colhen-se pera a gloria do paraiso e non ha hi nen huum que entenda quam gram dano recebe: (102) Diz ainda a Escritura: (103) "Tolhede as pedras da carreira". (104) E Salomon ainda disse que á hi huum tempo d'enviar as pedras e outro tempo de as colher, ca a fin do mundo quanto se mais achega quanto mais faz mester que as pedras vivas, per que entendemos os homens santos se devan a acolher o

a apanhar pera fazer aquela morada do ceo, ata que cresca aquela cidade do Jherusalem, que quer dizer vista de Paz, de que todos bõs deven seer cidadãos, per juntamento dos bõs que Deus ten escolheitos tanto quanto El sol sabe e non outrin. (105) E pero non creemos que todos bõs Deus ensembra queira levar pera ficaren os maos soos no mundo ca nunca os pecadores verrian a peendencia se non achassen alguuns bõs de que tomassen eixemplo pera corregeren os seus estados

(106) E o seu clerigo don Pedro disse:

(107) - En vãõ me queixo eu, padre, dos bõs soos que se van deste mundo, ca assi mi vejo eu ir os maaos e mais de maaosca de bõs.

(108) E San Gregorio respondeu:

(109) - Non te maravilhes, Pedro, desta cousa que ti eu contei da fin do mundo ca o bispo da cidade de Ferença don Redento, homen de vida muito honrada, que tu mui bon conhocisti, e passou ja daqueste mundo ha sete anos ou oito, aqueste me disse a min, quando ou ainda vivia no moesteiro huum miragre que sabia da fin do mundo que lh'eu perguntei e acaeceu en tempo de don Johane, o mais mancebo que foi prelado en esta eigreja de Roma ante min. (110) E non solamente o souberon en esta terra, mais en outras terras que son mui longe daqui, foi este feito sabudo. (111) Ele mi contou que andando visitando as eigrejas do seu bispado, assi como he custume, veo aa eigreja do ben aventurado martir Euticio e, porque era ja preto da noite, mandou fazer sa cama cabo do muimento do martir o hi se deitou a folgar porque era mui cansado do trabalho que ouvera. (112) E quando foi meia noite, assi como el dezia, non dormia nen vigiava compridamente mais pero gravava o sono ja que e o coraçõ era esperto. (113) Entõ apareceu ant'el o ben aventurado martir Euticio que ali jazia soterrado e disse-lhi:

(114) – Redento, dormes ou jazes esperto?

(115) E el respondeu:

(116) - Esperto jasco.

(117) E o martir lhi disse esta palavra que he scrita polo profeta:

(118) - Fin ven a toda carne! (119) Fin ven a toda carne! (120) Fin ven a toda carne!

(121) E pois esto tres vegadas disse desapareceu d'ant'ele. (122) E enton o noso bispo levantou-se e fez sa oraçon con muitas lagrimas e apareceron logo no ceo sinaes muito espantosos ca viron muitas hastas e muitas azes de fogo da parte do aguion. (123) E a gente dos lombardos que era mui cruevil usou de toda sa crueza e de toda sa maldade contra os cristiãos. (124) E todolos outros homens que en esta terra moravan, que eran tan acrecentados como se acrecentan as espigas de poucos grãos, foron logo mortos, e as cidades ficaron logo despobradas e os castelos derribados e as eigrejas queimadas e os moesteiros dos barões e das molheres destroidos. (125) E toda a terra ficou sen lavrador, ca non ficou hi nen hum possuidor que a morasse. (126) As bestas e as outras animalhas guarecian nos logares en que os homens soiam viver. (127) E como se fez nas outras partes do mundo non-no sei eu mais, naquesta terra en que nós vivemos, vejo eu que o mundo mostra ja sa fin e porende faz a nós muito mester que tanto de moor coraçon demandemos as cousas que pera sempre an de durar quanto veemos que mais aginha nos leixan e fugen de nós as cousas temporaes. (128) E quanto o mundo nos mais afagar con as cousas deleitosas que á, tanto o nós mais devemos a despreçar pois veemos que nos mente con aquilo que nos promete. (129) E pois nós veemos que tanta tormenta e tanta coita o tanta mesquiindade e tantas doores avemos cada dia polo mundo, que he o que nos diz ou que braada per todo esto que nos mostra senon que o non amemos? (130) Muitas outras cousas, Pedro, foron pera contar dos feitos maravilhosos dos santos homeens que Deus ten escolheitos pera si, mais ora calo-me deles o non-nos conto porque me acoito pera contar outros feitos de que ei gram prazer,

(131) E o seu clerigo don Pedro disse:

(132) - Por que, padre, muitos daqueles que son na eigreja de Deus, assi como eu entendo, duvidan que as almas non viven despois que se parten dos corpos, rogo-te que me queiras dizer, por proveito das almas de muitos, aquelas cousas que se poden dizer per razon que mi proves que as almas viven despois que saen dos corpos. (133) E os eixemplos que ende sabes per razon que os homens poden entender que as almas non morren con os corpos, mais viven sen eles ata dia de resurreiçon e reciben seus galardões assi en ben come en mal polas obras que fezeron. (134) Di-mh'os pera aprenderen aqueles encreos que esto sospeitan, pera creeren que as almas non morren con os corpos, mais ata dia da resurreiçon como dito he

receben seus galardões ensembra con seus corpos assi en ben come en mal. (135) Ca razon he e guisado semelha que os corpos que foron ajudadores das almas naquelas cousas que fezeron os homeens assi bõas come maas, sejan quinhoeiros nos tormentos e nos prazeres que as almas an, segundo as ajudas que lhis fezeron dementre os homens foron vivos.

(136) E San Greorio respondeu:

(137) Obra de mui gram trabalho he, Pedro, o que demandas, e maiormente quando coraçõ he embargado per outros cuidados e que queria contar outras cousas que lhi caen en prazer. (138) Mais pero se alguum hi ha a que podesse profeitar pera lhis contar aquelo de que me tu rogas, leixo a mha voontade por proveito das almas dos meus cristãos. (139) En aqeste Quarto Livro que eu ora quero começar mostrarei eu pola graça que mi Deus der que as almas viven despois que se parten dos corpos.

(140) Aqui se acaba o Terceiro Livro do Dialago de Gregorio o papa.

LIVRO QUARTO

1

(1) Aqui se começa o Quarto Livro do Dialago do papa.

(2) Conta San Gregorio que depois que o primeiro homem don Adam, que foi padre e começo de todolos outros homens que nasceron d'homen e de molher, foi deitado dos prazeres e dos góuvios do paraiso terreal polo pecado que fez, traspassando os mandados de Nosso Senhor, veo en coita e en mesquiindade daqueste esterramento e daquesta ceguidade que padecemos en este mundo. Ca, polo pecado que fez, os prazeres que soia a aver no paraiso terreal do conhecimento de Deus e dos seus anjos que viia, en que se muito deleitava, todolos perdeu. (3) Ca, dementre no paraiso foi, deleitava-se nas palavras que ouvia dizer a Deus e aos seus santos anjos e do coraçõ límpio e sen pecado que avia, e do alto conhecimento que avia dos feitos de Deus, assi como ora an, naturalmente, os anjos que son na gloria do paraiso. (4) Mais pois caeu do estado en que era, perdeu o comprimento do lume e do conhecimento que enton avia. (5) E nós que da sa carne nacemos e fomos nados na ceguidade e no esterramento en

que el deitaron, ben ouvimos dizer que avia hi terra celestial en que os anjos moravan, en que as almas dos bõds e dos perfeitos moravan con eles naquela terra. (6) Mais, porque nós non veemos nen huma cousa senon pelos olhos do corpo, e per eles non podemos veer os anjos e as almas que viven con eles na gloria do paraíso, duvidamos se he alguma outra cousa que se pelos olhos do corpo non veja. (7) E esta duvida nunca a ouve nosso padre don Adam, ca vivendo no paraíso terreal, assi como dissemos, conhocia os anjos assi como se ora eles huuns outros conhocen naturalmente. (8) E depois que esterraron do paraíso terreal e o deitaron en esta terra polo seu pecado, se nembrou dos beens que perdera e do conhocimento dos anjos con que avia gram prazer e por esto non podia duvidar que hi non avia outras cousas, salvo aquelas que veemos polos olhos do corpo. (9) Mais nós outros que nacemos en esta terreal cativa e conhocimento nen huun non avemos senon pelos cinque sentidos do corpo, per que se os anjos non poden conhocer, ben podemos duvidar se á hi outras creaturas que Deus fezesse senon aquelas que pelo olho veemos.

(10) Ca, se huma molher prenhe metessen en huun cárcer muito escuro e hi jovesse tanto ata que fezesse seu filho, se aquele menino que no cárcer foi criado e crecesse ata que ouvesse entendimento naquele meesmo cárcer, se sa madre lhi falasse algúas vegadas do sol e da lúha e das estrelas e dos montes e dos campos e das aves que voan pelo aar e dos cavalos que corren pela terra, quando aquel menino que no cárcer naceu e criou e que non sabe nen huma outra cousa senon as teevras do cárcer en que naceu, quando taes cousas ouvir dizer a sa madre que nunca provou nen conheceu per vista de seus olhos, verdadeiramente pode duvidar se á no mundo aquelas cousas de que lhi falou sa madre. (11) E ben outrossi acaece aos homens que nacen naquesta ceguidade daqueste mundo en que somos estarrados, porque nunca conhoceron senon estas cousas corporaes que veen con seus olhos antre que naceron: (12) quando lhis falan das cousas muit'altas que se non poden veer pelos olhos do corpo, duvidan se á hi taes cousas quaes son aquelas de que lhis falan, pois per seus olhos delas non poden aver conhocimento.

(13) E porende o filho de Deus que criou totalas creaturas, assi as corporaes que veemos con nossos olhos come as que non an corpo, que se non poden veer pelos olhos do corpo, veo tomar carne da virgen gloriosa e meter en ela a alma e fazer-se homen por nós e assi se fez veer pelo corpo que tomou aos homens a que a sa fe ensinou; (14) e porque morreu aquel que se non podia veer por corpo que non avia e enviou a graça do Spiritu Santo sobrelas almas daqueles que a sa fe receberam pera viveren per ela depois na gloria do paraíso; (15) e pera

creeren e saberen que á hi outras cousas que se non poden veer pelos olhos do corpo que ainda non provamos e, portanto, todos aqueles que recibemos a graça do Spiritu Santo en nós per que somos herdeiros da herdade que se nunca conromperá, nen perderá, nen en alheará, non duvidamos da vida dos anjos e das almas que son no outro mundo, como quer que pelos olhos de noso corpo os non vejamos. (16) E todo homen que en esta creença firme non he, deve creer sen duvida nen huma aaqueles que, ja pela graça do Spiritu Santo que receberam, probaron e son certos que á hi outra vida dos anjos e das almas que se pelos olhos non poden veer. (17) Casandeu seria o filho que non quisesse creer a sa madre quando lhi do lume falasse, mais cuidasse ca mentia, creendo ca non avia lume no mundo porque ele nunca soube nen conheceu senon as teevas do cárcer en que naceu.

(18) E o seu clerigo don Pedro disse:

(19) - Muito mi praz, padre, o que dizes, mais aquele que non cree que á hi cousas que se non poden pelos olhos veer, certamente non he fiel, assi como o herege ou outro pagãõ qualquer que quando duvida non demanda fe, mais razon.

2

(1) Como non vive sen fe o que fiel non he.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Ousadamente ti digo, Pedro, que o que fiel non he non vive sen fe, ca se aquel meesmo que fiel non he eu quiser preguntar quen ouve por padre ou por madre logo mi ele responderá:

(4) - Foam he meu padre e foaan he mha madre.

(6) E, se lhi logo quiser demandar depós esto, se soube quando foi concebudo ou se vio quando naceu, confessará e dirá que de todo esto non sabe ren, nem vio nemigalha. (7) E pero cree o que non vee, ca atesta sen duvida nen huma que aquel foan he seu padre e foaan he sa madre e assi parece que o que fiel non he non vive sen fe, ca cree o que non vee.

(8) E o seu clerigo don Pedro disse:

(9) - Confesso e reconhosco, padre, que ata ora non soubi que o que non he fiel avia fe.

(1) Aqui segue que Deus criou tres spiritos que viven.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Os que fiees non son an fe assi como ti ja mostrei, Pedro, mais mandasse Deus que ouvessen razon, ca se razon ouvessen non serian encreos e non fiees. (4) E porende en parte os devemos a repreender porque son perfiosos e en parte os devemos a tirar pouco e pouco pera receberen a graça da fe de Cristo. (5) Ca, se eles creen do seu corpo que se pode veer pelos olhos algúas cousas que nunca viron, por que non creerán aquelas cousas muit'altas e mui nobres que se corporalmente non poden veer? (6) Ca razon parece, como quer que seja ajudada pola fe, que depola morte viverán as almas. (7) Ca Deus poderoso criou tres spiritos que viven: (8) Huum que non he cuberto de carne assi como he o anjo bõ e maa; outro que he cuberto de carne, mais non morre con a carne assi como as almas dos homens; o terceiro he cuberto de carne assi como o espirtu das bestas e das outras animalhas que non an razon. (9) E assi como Deus criou o homen en meio dos anjos que son spiritos que non son cubertos de carne, e antr'as outras animalhas que an spiritos que son cubertos de carne e morren con a carne, assi o homen porque ha spirtu cuberto de carne he meor que o anjo, porque a carne d'homen corrompe-se e morre ata dia de juizo e he maior ca as outras animalhas porque o espirtu do homen vive pera sempre, o espirtu das outras animalhas morre con a carne. (10) E assi o homen conven con o anjo, porque o espirtu de cada huum deles non pode morrer e conven ainda con as outras animalhas porque a carne das outras animalhas morre, sol que se parte o espirtu dela e a carne do homen outro tal, ata dia da resurreiçon, salvo que despola resurreiçon viveran os homens en corpo e en alma, avendo grandes galardões ou sofrendo muitas penas pera todo sempre jamais polos beens ou polos maes que fezeron.

(11) Enton disse o seu clerigo don Pedro:

(12) - Todalas cousas que tu dizes, padre, prazen e concordan con as razões que por si dizen aqueles que teem a fe de Cristo, mais rogo-te que me digas porque fazes tu tan gram departamento antr'os spiritus dos homens e das outras animalhas que razon non am, dizendo que os spiritos dos homens viven pera sempre e os das outras animalhas morren logo con a

carne. (13) Pois Salomon que foi alumado polo Spiritu Santo disse: (14) “Huma he a morte dos homens e das outras bestas e igual he a condiçõ de cada huum” (15) E disse-o ainda mais abertamente: (16) “Como morre o homen assi morren as outras animalhas, e todalas cousas morren per huma maneira e non ha o homen melhora sobrelas outras animalhas.” (17) E disse-o ainda mais geeralmente per outras palavras, dizendo: (18) “Todalas cousas son vããs e todas van a huum lugar, ca assi como son feitas da terra assi se tornan en terra.”

4

(1) Da demanda de Salomon en que disse que huma era a morte dos homeens e das outras bestas

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - O livro de Salomon, Pedro, en que todas estas outoridades son escritas á nome Ecclesiastes, que quer dizer razoador, ca naquel livro pon Salomon as razões que os homens que van apolos deleitos do mundo dizen por si. (4) E porende en pessoa deles disse:

(5) “Huma he a morte do homen e das outras animalhas”, non pera entender ele que assi he, mais porque o dezian eles assi. (6) Ca aqueles que se pagan dos deleitos da carne, non querian que as almas vivessen despolos corpos pera non averen penasdespola morte polos maes que fezeron, mais querian que as almas morressen con os corpos assi como morren os das outras animalhas pera fazerem mais atrevudamente quanto quisessen fazer, pois porende nen huma pea non devessen a aver.

(7) Disse ainda Salomon algumas cousas naquel livro, come aquel que razõa con verdade e he alumado da graça de Deus e porende, querendo trager a huma sentença verdadeira todos aqueles en cujas pessoas razõõu, disse en cima deste livro: (8) “Ouçamos todos ensembras a cima das nossas razões: (9) témi Deus e guarda os seus mandados, ca aqeste he o que todos devemos a fazer.” (10) E porque convida todos pera ouvir a cima das razões, pera assessega-los que non queira nen huum tirar per seu freo, defendendo sa razon, parece que as palavras que disse naquel livro foron ditas en pessoas de muitos.

(11) Disse ainda en pessoa daqueles que se pagan de comer ben e de beber: (12) “Aquesto he o que me a min semelha ben en este mundo, que cada huum cómia ben e beva ben e aja prazer e folgança naquelas cousas en que ouve trabalho”. (13) E falando depois en esse logar en pessoa daqueles que razoados son, disse: (14) “Melhor he d’ir aa casa en que choran, ca a casa en que am prazeres en seus comeres”. (15) E dá logo razon porque: (16) ca a casa en que choran mostra a fin e o ensarramento dos dias de cada huum en que quen quiser cuidar ameudi amará pouco os deleitos e os prazeres do mundo, assi en comer come nos outros sabores que tan pouco duran e tan aginha falecen. (16a) E assi parece que per esta sentença prestumeira que disse en pessoa dos ben razoados, desfaz a sentença primeira que disse en pessoa daqueles que se pagan de ben comer e beber.

(17) Disse ainda en pessoa dos homens vããos que se pagan do mundo: (18) “Alegra-te, mancebo, e deleita-te en ta mancebia”. (19) E depós esto disse en pessoa daqueles que falan razoadamente e dizem a verdade: (20) “A mancebia e o deleito son cousas vããs”. (21) E per esta sentença prestumeira desfaz a outra sentença que deu en pessoa dos homens vããos quando aconselhou o mancebo que se alegrasse e que se deleitasse en sa mancebia, ca se a mancebia e o deleito que homen en ela ha son cousas vããs, assi como dizem aqueles que as verdades saben das cousas, pola cousa vãã non deve a catar, senon aquele que devaneador he.

(22) E per esta maneira falando Salomon en pessoa daqueles que van apolos deleitos da carne disse: (23) “Huma he a morte do homen e das outras animalhas e igual he a condiçon de cada huum”. (24) E querendo depois Salomon desfazer esta sentença, deu depois outra sentença en pessoa daqueles que se moven per razon e con verdade quando disse: (25) “E que á hi mais, o que sabedor he de sabença verdadeira ca o sandeu que vai apolas cousas que non duram? (26) Ca o que ha saber, quando deste mundo sal, vai ali hu á a vida e prazer pera sempre, e o sandeu que anda devaneando depolos beens do mundo vai a vida amara en que sempre ha d’aver coita”. (27) E per esto parece que aquela sentença que disse suso Salomon en pessoa dos homens carnaes quando dizia que non ha mais o homen na morte ca as outras bestas, ca assi como morre o spiritu da besta con a carne, assi morrian as almas dos homens con seus corpos. (28) Ca, per esta sentença prestumeira que Salomon aqui dá en pessoa dos que razoan con verdade, diz que non solamente o homen sabedor ha mais ca a outra besta na morte, mais he mais ainda ca o homen sandeu e devaneador e esto porque vai ali hu á vida pera

sempre. (29) E per estas palabras dá a entender abertamente que a vida pera que o homen he feito non he en este mundoo, mais no outro.

(30) Ergo parece que o homen ha mais ca as outras bestas, ca os spiritos das outras bestas morren logo con seus corpos e despola morte non viven mais.

(31) Mais o homen depois que acaba per morte a vida deste mundo começa logo outra vida que por sempre há de durar. (32) E porende Salomon falando en pessoa destes que falan con razon e con verdade conselha a cada huum homen e diz: (33) “Fazi quantas boas obras poderes dementre en este mundo viveres, ca nen razon nen sabença nen nen huma outra cousa non ti pode valer no outro mundo pera hu te tu ja vás, senon o ben que en este mundo fezești”.

(34) E por todo esto parece, Pedro, que todas aquelas palabras en que se mostrava que as almas dos homens morrian con os corpos, assi como os spiritos das outras animalhas quaesquer, sen razon foron ditas en pessoa daqueles per Salomon que son tentados dos deleitos da carne. (35) E aquelas outras palabras en que se mostra que as almas dos homens viven despola morte e an seus galardões assi en ben come en mal, segundo as obras que fezeron, disse-as Salomon en pessoa daqueles que falan razoadamente e aquesto leixou por sentença definitiva e verdadeira.

(36) E o seu clerigo don Pedro disse enton:

(37) - Muito me praz, padre, porque non soubi o que demandei, pois ouvindo cousas sotiis aprendi o que non sabia. (38) Mais rogo-te que me sofras e que te non queixes contra min, ca eu quero ti fazer demanda en pessoa daqueles homens que non son muitoentendudos e son de fraco entendimento e pola verdade que mi tu dirás averan proveito os que pouco entenden, ca non averan as duvidas que avian.

(39) E San Gregorio respondeu:

(40) - Por que non sofrerei eu, Pedro, con gram paccença naquelas cousas que me tu preguntares, pois tu, pelas tas demandas queres profeitar a teus proximos que non entenden as cousas assi como lhis faz mester? (41) Ca San Paulo disse: (42) “Con todolos homens do mundo me eu afaço pera poder trager todos a salvaçon.” (43) E pois tu nas demandas que mi fazes te moves por amor dos teus proximos, mais mereces que ti faça homen honra pois queres tu seguir o custume do glorioso preegador San Paulo.

(44) E o seu clérigo don Pedro disse:

(45) - A min acaeceu, padre, que huma vegada fui eu presente quando hum frade morria e, seendo el falando comigo e con outros que hi estavan, saiu-lhi a alma da carne. (46) E aquele que primeiramente falava comigo vi-o muit'aginha morto, mais non vi se a alma lhi saio do corpo ou se lhi non saio. (47) E cousa mui dura e mui grave, padre, semelha que crea homen tal cousa que neguum non possa veer.

(48) E San Gregorio respondeu:

(49) - Que te maravilhas se non vисти a alma quando saio do corpo pois a non vees quando anda en ele? (50) E cuidas que dementre ora tu falas comigo porque tu non podes veer en min a mha alma, porende crees que ando eu sen alma? (51) Natureza da alma, Pedro, he que se non possa veer e assi como anda no corpo sen poder de se veer, assi sal dele que se non possa veer segundo sa natura. (52) Mais pero, Pedro, porque a alma, dementre no corpo he, dá vida ao corpo e a vida do corpo parece per se mover e per se sentir, dementre nós veemos que o corpo se move e ha os sentidos que Deus ao corpo deu pela alma, assi come quando o homen vee e ouve e gosta e cheira e maiormente quando tange, que he fundamento de todolos outros sentidos sen que non pode viver nen huma animalha. (53) Quando todo esto nós veemos no homen que se pode mover e pode sentir, sabemos que a alma anda en ele como quer que a per nossos olhos non vejamos, ca depois que se a alma parte do corpo fica o corpo cepto feito, ca non pode sentir nen se mover. (54) E depois que se parte do corpo, como quer que viva, non vejo como se move, nen vejo as obras que faz, pera provar pelo que vejo que vive a alma que non posso veer. (55) Onde pelas razões que de suso ditas son entendemos nós que a alma vive depois que sal do corpo e non per mover nen per sentir que lhi nós vejamos, assi como faz no homen dementre vive, ca porque o vejo mover e sentir entendo que a alma que pelos olhos do corpo se non pode veer vive eno corpo, ca se a non ouvesse non se moveria nen sentiria. (56) Mais, porque o senhor que totalas creaturas fez e a que todos deven servir non he cousa que se possa veer pelos olhos do corpo; e antre o senhor e aqueles que o serven, maiormente aqueles que mais ahogados son a ele, deve aver alguma semelhança, razon semelha que assi como o senhor se non pode veer porque non ha corpo e pero non leixa poren de seer e de viver, assi aquelas creaturas que ele fez sen corpo, come os anjos e as almas que, como quer que as fizesse no corpo pero non son con corpo, non deven nen se poden veer pelos olhos do corpo, pois corpo

non am, e pero non leixarán poren de seer e de viver e de servir a seu se nhor naquelas cousas que el quiser ca per ele an o seer e o viver.

(57) E o seu clerigo don Pedro disse:

(58) - Dereitamente, padre, todo dizes quanto se deve dizer mais a voontade do homen avorrece creer o que se pelos olhos do corpo non pode veer.

(59) E San Gregorio respondeu:

(60) - Porque San Paulo disse que fe he fundamento das cousas que homen espera, assi como son os beens da gloria do paraíso que nós asperamos pela fe que avemos. (61) Ca a fe nos faz creer as cousas que non vemos nen aparecen a olho, podemos dizer ousadamente que aquela cousa se deve creer que se non pode veer, ca o que homen ja vee non devemos dizer que o cree mais que o sabe. (62) E porende os que son na gloria do paraíso porque an ja conhocimento e veen os beens que atendian e que criam quando no mundo eran, dizemos deles que ja non an fe nen creença daquelas cousas que an e en que se deleitan, mais an sabença e conhocimento comprido do que primeiramente creeron quando no mundo vivian. (63) E pera te trager eu, Pedro, aa demanda que primeiramente fezești en que dezias que avorrece ao entendimento de creer o que pelos olhos do corpo non se pode veer, debes saber que totalas cousas que se poden veer nunca se veen senon per aquelas que se non poden veer. (64) E vee i como o olho do teu corpo vee as cousas que corpo am. (65) Pero esto non poderia veer senon pela alma que non ha corpo e que se non pode veer, ca a hora que a alma sal do corpo fican os olhos abertos enon vee homen nemigalha. (66) Onde se os olhos per si viiam, por que non veen quando se a alma do corpo parte? (67) Ergo parece, Pedro, que as cousas que se poden veer non se veen senon per aquelas que se non poden veer. (68) Emaginemos ainda e ponhamos ant'os olhos da nossa alma muitos homens que fazen cousas e outros que levan grandes pesos e outros que poen colunas e grandes penedos en sas alcarradas e en seus engêhos muitos que teem. (69) Rogo-te, Pedro, que mi digas quen he o que todo esto obra, o corpo que se pode veer que tira todos estes penedos con sas mãos ou a alma que aviventa o corpo? (70) E certamente se tu tolheres do corpo a alma que se non pode veer totalas cousas que ante viias desaparecerán e non veerás en nemigalha. (71) E assi parece que pela cousa que se non pode veer, vee homen e emagina as cousas que se poden veer. (72) Esto meesmo vemos ainda naqueste mundo que vemos con nossos olhos, ca se rege per Deus e pelos anjos que se non poden veer. (73) E assi como Deus poderoso manten e rege totalas creaturas, assi as que se poden veer como as que se

non poden veer, assi en sa maneira as cousas que se non poden veer come as almas moven e aviventan comunalmente os corpos en que se non poden veer.

(74) E don Pedro, seu clerigo, disse:

(75) - Conhosco, padre, e confesso mui da boa mente que per tas bõas razões e per tas mui bõas declarações das outoridades que eu trouxe contra ti, e per outras muitas outoridades per que tu provasti a ta entençom, sãõ vençudo. (76) Eu que primeiramente duvidando das cousas que se non poden veer fazia mhas razões en pessoa daqueles que non creen senon as cousas que se poden veer, venho ora per força das razões que mi tu dissesti a outorgar e a dizer que os corpos que se poden veer son de pequena vertude e de pequeno valor, pois non poden seer, nen se mover, nen sentir senon per aquelas cousas que se non poden veer, assi come per Deus e pelos anjos e pelos outros spiritos que morren con os corpos e pelas almas, e poden viver por sempre. (77) E assi mi praz en muito totalas cousas que mi tu dissesti, mais como conhosco a vida da alma dementre he no corpo pelo mover e pelo sentir do corpo, assi desejo saber a vida da alma depois que do corpo sal per algumas façanhas ou per alguuns feitos conhecidos de que homen non pode prender duvida.

(78) E San Gregorio respondeu:

(79) - Se naquesta cousa que mi tu demandas, Pedro, eu achar o teu coração endereçado e amigo de toda verdade, pouco trabalharei en ti mostrar o que mi demandas. (80) Cuidas tu, Pedro, que os santos apostolos e os martires de Jesu Cristo despreçaron a vida deste mundo e quiseron morrer polo seu amor se non souberon que as almas suas avian de viver en gram prazer, quanto se non pode dizer, ata o dia da resurreiçon e depois ensembra con os corpos? (81) E pola ventura por que tu dirás que tu conoces a vida da alma dementre he no corpo polo mover e polo sentir do corpo, eu ti digo que aqueles que receberam morte por Jesu Cristo e creeron que as almas viven, pois que saen dos corpos fazem muitos miragres pela vertude de Deus, ca todos aqueles que vivos son e an algumas enfermidades que veem aos seus corpos fican sããos. (82) Aqueles que maaos son e perjuros fican mal treitos e mal confundidos do enmiigo. (83) Os que mal treitos e mal confundidos do enmiigo son, se bõds son e veem aos logares en que jazen os seus corpos fican livres. (84) Os gafos que ali veem fican limpios. (85) Os mortos que ali tragen tornan vivos. (86) E por esto, Pedro, pensa e cuida como viven ali as almas daqueles e en quanto prazer por cujos ossos Deus tantos miragres faz. (87) E porende se tu entendes que a alma dementre he no corpo vive polo mover e polo sentir do corpo que vees,

por que non entenderás assi que a alma depois que he fora do corpo ha vida de mui gram deleito e de mui gram prazer pois Deus polos seus ossos mortos tantos miragres faz?

(88) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(89) - Non cuido, padre, que razon ha nen huma que possa seer contraira aaquesta que tu dissesti, ca o conto que tu fezești nos faz que per força creamos as cousas que non vemos per aquelas que vemos.

5

(1) Da saida da alma do bispo de Dapua.

(2) E San Gregorio respondeu e disse:

(3) - Pouco ha que te queixasti, Pedro, nas cousas que suso ditas foron, que non viras a alma duum homen quando saio do corpo seendo tu presente, mais debes tu saber que esto foi ta culpa que quisesti veer pelos olhos de teu corpo as cousas que se per eles non poden veer. (4) Ca muitos daqueles que teem a fe de Cristo, porque alimpiaron ben as sas almas e ouveron fe comprida e foron de grande oraçon, viron muitas vegadas as almas quando saian dos corpos. (5) Onde a min faz ora mester que ti conte como as almas aparecen quando saen dos corpos ou que cousas e que grandes son aquelas quando as almas saen e per taes façanhas e per taes eixemplos entenderán aqueles que duvidan que as almas non viven depois que se parten dos corpos o que per razon compridamente non poden entender. (6) Ca sabes tu, Pedro, o que no Segundo Livro daquesta obra dixi e o que o honrado baron San Beento, estando longe da cidade Capua, assi como eu aprendi dos seus discipolos que eran mui fiees e mui leaes, vio a alma de San German bispo daquela cidade de Capua de meia noite levar aos anjos pera o ceo en semelhança duma pela luzente como fogo. (7) E metendo mentes naquela alma que se ia pera o ceo, acrecentou-lhi Deus o lume do entendimento per sa graça que visse mais e vio todo o mundo como se o visse per humraio de sol verdadeiro que veo sobr'ele estar junto ant'os seus olhos.

6

(1) Da saída da alma de Specioso.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Eu aprendi daqueles discipulos de San Beento que foron dous irmãos de gram sangue e muito ensinados nos feitos do mundo e entraron en huum moesteiro de San Beento pera guardar a santa regla e a santa vida como el tevesse por ben. (4) E o padre San Beento os fez morar en huum seu moesteiro que el fezera cabo da cidade de Taraçona. (5) Huum deles avia nome Specioso e o outro Gregorio e ambos dementre no mundo vivian avian grandes riquezas, mais, quando entraron en ordin e ficaram no moesteiro, deron quanto avian a pobres por amor de Deus e por remiimento de sas almas. (6) E acaeceu que quando huum deles que avia nome Specioso foi enviado por proveito do moesteiro a huum logar que estava cabo da cidade de Capua, seu irmão Gregorio, seendo huum dia comendo com seus frades aa mesa, per lume do Spiritu Santo que veo sobr'ele, vio a alma de seu irmão, que dezian Specioso e estava muito alonjado dele, sair do corpo en que andava e ir-se pera o outro mundo. (7) E disse-o logo aos frades con que siia comendo e levantou-se logo da mesa e foi aaquel logar hu o irmão vira morrer e achou-o já soterrado e soube logo por certo que en aquela hora morrera en que el vira, estando longe dele, que lhi saira a alma do corpo.

7

(1) Da alma duum emparedeado.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Huum homen mui religioso e mui fiel contou a min quando ainda era no meu moesteiro que, viindo huma peça de gente de terra de Cecilia en huma nave a Roma, andando en meiogoo do mar, viron a alma duum servo de Deus que jazia emparedeado em huum logar que dizen Sannio levar ao ceo. (4) E quando sairon aa terra demandaron se era assi, se non, acharon que en aquel dia morrera aquele emparedeado servo de Deus en que o eles viron ir pera o reino do ceo.

(1) Da saída da alma dum abade que avia nome Asperança.

(2) Contou depois San Gregorio e disse:

(3) - Morando ainda eu no meu mosteiro aprendi o que quero dizer dum homem de mui santa vida. (4) El dizia que hum padre muito honrado que avia nome Esperança fizera muitos mosteiros em hum logar que avia nome Caplem que jaz sex milhas da cidade antiga de Nursia. (5) Aqueste guardou o senhor de gram misericórdia e defendeu-o das penas perduráveis per coita que lhi deu em este mundo dementre viveu, em que lhi mostrou gram cruza e gram graça e mostrou-lhi depois que o sãou compridamente quam grande amor lhi avia na pena temporal que lhi dava em que lhi mudou a pena que sempre dura: (6) a aqueste tolheu Deus lume de seus olhos per quarenta anos continuamente. (7) E, porque as grandes penas que Deus dá em este mundo aos homens por seus pecados, non-nas poderian sofrer se graça del non ouvessem pera aver pazeença con que a soffressen, porende, metendo Deus mentes na nossa enfermidade, dá aqueles que ama come filhos que ten escolheitos pera a gloria do paraiso pazeença pera sofrer as penas em que os deixa viver, onde e per que aja depois de que se amercee deles. (8) Ca, se per negros dos pecados, nas penas em que Deus os homens deixa viver pera purgarem os maaes que fizeram os homeens, non ouvessem pazeença, acaecer-lhis-ia que onde homem cuidava que a culpa menguasse, ende creceria e faria-se maior e a correição que Deus ao homem fazia pelos pecados, pois paciente non fosse em a sofrer, non menguaria, mais acrescentaria os pecados. (9) E porende aqueste honrado padre que Deus privou do lume dos seus olhos, quarenta anos confortou a sa alma, dando-lhi lume da sa graça e, hu o corpo era quebrantado per tormentos grandes que soffria, a alma era confortada per graça do Spiritu Santo que avia. (10) E pois passou quarenta anos em sa ceguidade deu-lhi Nosso Senhor lume de seus olhos ante que morresse e disse-lhi que se parelhasse pera sa morte, ca preto a tiinha e a mostou-o que andasse per todos aqueles mosteiros que fizera e que lhis preegasse a vida perdurável. (11) E enton pois os todos visitasse, dar-lh'ia Deus lume de seus olhos e vee-los-ia todos e folgaria con eles. (12) E el fez todo esto que lhi Nosso Senhor mandou e visitou os frades dos seus mosteiros que el fizera e recebeu o lume de seus olhos e preegou-lhis os mandados da vida perdurável que el fazia. (13) E a quinze dias depois que acabou sa preegaçon, tornou-se pera seu

moesteiro e chamou hi todos os frades e, estando en meiodo deles, tomou o sacramento do corpo e do sangue de Nosso Senhor Jesu Cristo. (14) E pois começou a cantar com seus frades salmos e louvores a Nosso Senhor e, dementre os frades cantavan seus salmos e o padre abade estava en sa oração muito aficadamente, deu a sa alma ao seu remiidor e todos os frades que hi estavam viron per sa boca huma pomba que saio logo per cima do teto da igreja que estava aberto e, veendo-o todos os frades, foi-se pera o ceo.

(15) E porende, Pedro, devemos creer que a alma daqueste servo de Deus apareceu en semelhança de pomba pera dar Nosso Senhor a entender pela pomba que he mansa e sen fel con quam simplex coração e quam limpio e con quanta mansidoen e homildade este abade sempre servira Nosso Senhor.

9

(1) Como o abade Dulsino sacerdote passou deste mundo.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Non me calarei mais o que mi contou o abade don Stevan que acaecera na proença de Nursia. (4) Aqueste abade, baron muito honrado que tu ben conhocisti, Pedro, e morreu non ha muito naquesta cidade de Roma, dezia que naquela proença de Nursia avia hum sacerdote que tiinha e regia con gram temor de Deus huma igreja que lhi deron. (5) Aqueste depois que foi ordinado de missa nunca quis que sa molher se chegasse a ele, mais amava a come irmã e guardava-se dela ben come de enmiiga. (6) Nen er sofreu que ouvesse con ele nen hum afazimento nen en comer nen en beber nen en falar nen en seer nen estar hu el sevesse ou estevesse. (7) Ca os santos homens a questa cousa fazem estremadamente pera seeren sempre guardados das cousas que lhis non conven a fazer e de todo pecado parten-se muitas vegadas as cousas que poderian fazer sen maa estança e sen pecado. (8) E porende este santo homen non queria que esta molher o servisse en aquelas cousas ainda que lhi fazian muito mester, pois aqueste santo homen viveu muito tempo. (9) Ha quareenta anos depois que se ordinou de missa ouve huma gram féver de que veo a morte. (10) E pois aquela sa companheira vio que ele era ja mui desapossado e non parecia en el sinal nen hum de vida, pose-lhi a orelha

nos narizes pera veer se bafejaria ainda. (11) E pois o el entendeu, como quer que ouvesse o sopro mui somido e que adur se eixergava, colheu o espiritu assi e ficou escaentado ja que con nojo que recebera da face da molher que lhi posera en seu rostro e trabalhou-se de falar quanto pôde e disse:

(12) - Parte de min, molher, ca ainda os acendimentos de mha carne son en min e porende tolhi a palha que non possa o fogo mais crecer.

(13) E pois se ende ela partio, creceu-lhi a ele mais a vertude do corpo e começou a braadar con grande lediça e dizer:

(14) - Ben venhan os meus senhores! Ben venhan os meus senhores, porque quisestes ora viir a atan pequeninho vosso servo. (15) Logo m'eu vou convosco! Logo m'eu vou convosco! Muitas graças! Muitas graças!

(17) E porque ele esto dezia muito ameudi, os seus amigos que estavan derredor dele preguntaron-lhi a quem dezia e ele se maravilhou ende muito e disse-lhis:

(18) - E non vistes ora aqui viir os santos apóstolos e non veedes estar os ben aventurados San Pedro e San Paulo princepes dos apóstolos?

(19) E tornou-se outra vegada o santo homem pera os apóstolos e disse-lhis:

(20) - Logo me vou, senhores. (21) Logo me vou, senhores.

(22) E dizendo estas palavras saiu-lhi a alma da carne e assi deu testemõiho como o vira verdadeiramente e assi se foi con eles e os seguio verdadeiramente. (23) Esto acaece muitas vegadas aos homens santos que na sa morte vejan alguuns outros santos que morreron ant'eles que os veem receber pera non temeren a sentença e a pena de sa morte per que an de passar, mais, dementre veen os cidadãos da gloria do paraíso que os veem acompanhar, parten-se as almas dos corpos sen temor e sen door.

10

(1) De como passou o bispo don Pobro.

(2) Contou San Gregorio e disse:

(3) - Non me calarei ainda do que mi contou Probo, servo de Deus que ora he presente naquesta cidade de Roma, no moestiro que dizen Reatino. (4) El mi contou que don Probo seu tio, bispo da cidade de Reate, chegando-se ja o término da sa vida, ouve hũa mui grave enfermidade e seu padre don Maximo enviou os seus homens pelas terras en que soube que avia alguuns bõds fisicos. (4a.) E pois foron juntados, viron-lhi o pulso e julgaron que mui cedo devia morrer daquela enfermidade. (5) E, estando huum dia seu padre e os fisicos mui coitados con ele, e, passando ja a hora do comer, o honrado bispo que curava mais deles ca da saude de seu corpo, disse-lhis que fossen con seu padre comer a humas casas do seu bispado que estavan sô aquelas en que ele jazia. (6) E pois se foron todos, ficou huum menino pequeno con el, de que mi enton disse aquele servo de Deus que mi esto contou, que ainda era vivo. (7) E, jazendo aquele menino a cabo do bispo enfermo, vio muito aginha entrar ao santo bispo huuns homens que andavan vestidos de vestiduras mui brancas e tragian outrossi stolas mui brancas, mais o lume e a claridade que das sas faces recudia era mui maior ca a formosura das sas vestiduras. (8) E pois los o meniho vio, começou a braadar come homen espavorentado e preguntar que homens eran e aas vozes do menino se moveu o bispo e vi-os entrar e conhecê-os e começou a confortar o menino que carpia e braadava con temor e disse-lhi:

(9) - Non temas, filho, ca San Juvenal e Santo Eleuterio martiris son aqueles que veeron a min.

(10) E porque o menino non pôde sofrer a vison tan nova e tan alta que non soia a veer, fugiu mui'aginha da casa e veo dizer a seu padre do bispo e aos fisicos que con ele eran quen eran aqueles que veeron veer o bispo. (11) E o padre e os fisicos veeran mui'aginha, mais o bispo que leixaran enfermo, acharan-no ja morto, ca aqueles o levaran consigo cuja vista o menino non pôde sofrer.

11

(1) De como passou dona Gala serva de Deus.

(2) Contou San Gregorio e disse:

(3) - Non cuido que he pera calar huma cousa de que dan
testemuniho muitas pessoas honradas e dignas de fe. (4) En tempo dos godos ouve na cidade de Roma huma menina mui nobre que avia nome Galla e era filha de Symaco que era de tan alto sangui e de tan gram conselho que toda a cidade de Roma se regia e governava per ele. (5) Aquesta menina casaron-na con hum nobre homen en sa meninice e a cima de ano morreu-lhi o marido e ficou viuva e porque era de gram sangui e mui manceba e mui rica demandavan-na homens de gram sangui que se casasse con algum deles. (6) Mais a ela prougue mais de se juntar con Nosso Senhor e fazer vodas spiritaes que se começan en choro e acaban-se en góuvio perduravil, ca fazer vodas carnaes que se começan en prazer e aa cima veem con choro. (7) Porque esta menina avia per todo seu corpo huma vermilhidoen maa que avia color do fogo, disseron-lhi os fisicos que se non casasse. (8) Pola caentura grande que en ele avia, averia barvas contra natureza de molher e assi acaeceu depois. (9) Mais a santa molher que mais amava a fremosura do seu esposo, ca temia a fealdade do seu corpo, non temia de seer fea en seu rosto per barvas que lhi nacessem, poila o seu esposo celestial non leixasse d'amar por tal fealdade e por tal desapostura. (10) E porende sol que lhi morreu o marido, tirou de si as vestuduras do segre que tragia e meteu-se a gram serviço de Deus en hum moesteiro de donas que está a par da eigreja do ben aventurado apostolo San Pedro. (11) Ali viveu ela muitos anos en oraçon e en gram simplicidade de seu coração e fazendo muitas esmolnas a muitos pobres que as aviam mester. (12) E querendo ja Nosso Senhor dar soldada perduravil aos seus trabalhos, quise-a ante atormentar per praga de cancer que a comesse en huma teta. (13) E jazendo ela de noite en seu leito e teendo dous cireos mui grandes ant'ele, que cada noite estavam acesos, ca assi como se pagava do lume spirital e avorrecia as teevras da alma, assi se pagava do lume corporal e avorrecia as teevras corporaes, (14) Enton ali hu jazia de noite en seu leito coitada per grande enfermidade que avia, vio o ben aventurado San Pedro estar antr'ambalas candeas ante seu leito e nen temeu nen se espantou, mais tomou grande ousança do amor que avia de Deus e alegrou-se muito e disse-lhi:

(15) - Que he, meu senhor, que he? (16) Os meus pecados son-mi perdoados?

(17) E ele como avia a face leda e de bõõ doairo, amergeu-lhi a cabeça e disse-lhi:

(18) - Perdoados son. (19) Ven-te.

(20) E porque aquela santa dona Galla amava hũa monja naquel moesteiro mais ca totalas outras, disse logo ao apostolo:

(21) - Rogo-te que a soror dona Beenta venha migo.

(22) E ele lhi respondeu logo:

(23) - Non verrá essa, mais foan verrá contigo e aquela que tu demandas irá depós ti ata triinta dias.

(24) E pois que todo esto foi dito, desapareceu o apostolo que ante ela estava e con ela falava. (25) E ela mandou logo chamar a abadessa do moesteiro e disse-lhi todas as cousas que vira e que ouvira. (26) E a cabo de tres dias morreu aquela santa dona con aquela outra soror que lhi dissera San Pedro, mais aquela outra que ela demandara foi-se depós aquelas duas aos triinta dias. (27) E aqeste feito he ora assi nembrado naquel moesteiro, ben come se hoje aqeste dia acaescesse, ca as donas que enton presentes foron contaron-no aas outras que despós elas veeron, e as outras aas outras, assi que todas son hoje tan certas ben come se presentes fossen.

12

(1) De como passou Servulo paralitico.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Muito he pera saber ante todas estas cousas que dizemos que muitas vegadas, quando as almas dos santos homens saen dos corpos, *ouven* os cantos dos anjos per que louvam Deus, que son de tan gram prazer que senten a door que os outros reciben quando se as almas parten dos corpos. (4) Onde, nas Homelias dos Avangelhos que eu figi, nembra-me que dixi que naquela porta per que van aa eigreja de San Clemente foi huum paralitico, que avia nome Servulo, de que eu non duvido que te nembras tu mui ben. (5) Este era mui pobre das cousas temporaes, mais mui rico de fe e das cousas espirituas. (6) Non nos podemos nós acordar daqueste homen que fosse nunca sãão, mais acordamos-nos que foi sempre paralitico ata a cima de sa vida. (7) Este nunca podia estar nen en seu leito, non se podia levantar nen seer, nen sa mão aa boca levar, nen se volver duum lado en outro. (8) Aqeste servia-o sempre huma sa madre e huum seu irmão e todo aquilo que d'esmolna recebia, todo dava con sas mãos a pobres. (9) Este, como quer que nunca leesse leteras, comprava os livros de Santa Scriptura e

recebia de boa mente os religiosos que pera ele viinhan en *sa pousada* o fazia-os leer ante si per aqueles livros que tiinha. (10) E, como quer que leteras non soubesse, assi como de suso dissemos, aprendeu muitas cousas da Santa Scritura segundo a sa maneira (11) O estudo daqueste era en dar graças a Deus e en cantar e en louvá-lo de diia e de noite polas doores mui graves que sofria. (12) E quando se achegou ja o tempo pera lhi galardoar Nosso Senhor tan gram paccença que avia en sas graves enfermidades, toda las doores que sofria de fora en desvairadas partes de seu corpo tornaron-se dentro pera o coração e pera os outros nembros principaes que son dentro no corpo. (13) E quando vio ja de todo en todo que era chegado a morte, disse aos romeus e aos hospedes, que consigo na casa tiinha, que se levantassen e que cantassen con ele e dessen graças a Deus ata que lhi a alma saisse da carne. (14) E ele morrendo e cantando, disse aos outros todos grandes braados que se calassen e disse-lhis ainda:

(15) - Non ouvides ora quantos louvores e de quam gram sabor cantam ora os anjos no ceo a Nosso Senhor?

(16) E dementre ele metia mentes nos cantos e nos louvores que anjos cantavan no ceo, aquela sa santa alma partiu-se da carne. (17) E depós esto, tanto foi o bõ odor que naquela casa ficou que todos aqueles que presentes foron nunca tan ledos podéran seer per odor de nen huma outra cousa qualquer que fosse. (18) E per aquesto entenderon todos que aquela alma santa receberam os anjos nos ceos con cantos e con louvores de grandes prazeres. (19) E o monge que foi a todo esto presente, que ainda vivo he e que mi esto soe a contar con muitas lagrimas, afirma e diz que nunca aquel odor maravilhoso se partiu dos narizes de quantos ali estavam ata que o corpo daquel santo homen soterraron.

13

(1) De como passou Romula serva de Jesu Cristo.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Nas Homelias dos Avangelhos que eu figi, nembra-me que contei huma cousa de que dá testemõiho Specioso, meu clerigo, e diz que sabe que eu que a contei: (4)

Naquel tempo en que eu primeiramente demandei moesteiro en que me apartasse pera servir a Deus, huma monja que avia nome Redenta, de grande idade e de grande santidade, era naquesta cidade de Roma e morava a cabo da eigreja de Santa Maria Sempre Virgen. (5) Aquesta fora discipola duma ermitãã que ouve nome dona Erunda e vevia no ermo, sobre los montes da cidade de Preneste, comprida de muitas vertudes e de muita santidade. (6) Aquesta Redempta. avia duas discipolas que aviam hávito de religion come si: (7) huma avia nome Romola e a outra, que ainda he viva, que conhosco per face, non sei como xi ha nome. (8) Aquestas tres moravan en huma casa compridas de riquezas de bõs costumes, mais pero mui pobres dos beens temporaes. (9) Aquesta Romula de que falei era de maiores merecimentos ante Deus ca aquela outra sa companheira a que non soubi o nome, ca era mui paciente e muito obediente, e guardava sa boca pera non dizer a neguum palavra per que o magoasse e todo seu estudo e todo seu trabalho era en estar continuamente en sa oraçon. (10) E assi como muitas vegadas os homens cuidan por alguuns que son ja perfeitos e acabados e pero, ante os olhos de Nosso Senhor a que se ren non vemos asconde, non he assi como julgan os homens. (11) Assi como muitas vezes que os homens que non son sabedores das cousas, quando veen lavar os seelos louvan-nos e dizen que son mui ben feitos e acabados; (12) e pero o meestre que os faz, como quer que os ouça louvar, porque sabe que ainda non son acabados, non queda de os limar e de os melhorar ali hu entende que faz mester. (13) E assi aquesta Romula de que falamos, como quer que fosse mui perfeita segundo o juizo dos homeens, Nosso Senhor que a non tiinha por perfeita deu-lhi huma parelesia con que jouve muitos anos en huum leito e non podia mover pee nen mãõ, nen nen huma outra parte do seu corpo, salvo que fazia sa oraçon mui devota, e con tanta paccença soffria ela esta mui grande enfermidade que poren lhi deu Deus muitas vertudes e acrecentamento de gram bondade. (14) Acaeceu huma noite que aquesta Romula, serva de Deus, chamou aquela molher antiga e santa dona Redempta que criava ela e outra sa companheira, e disse-lhi:

(15) - Madre, ven acá! Madre, ven acá!

(16) E ela levantou-se logo con a outra sa discipola e foron ao leito daquela Romula que jazia paralitica e estiveron ant'o seu leito de meiaa noite. (17) E assi como disseron aquelas duas molheres que foron presentes e muitos outros que naquel tempo souberon aquesta maravilha que enton acaeceu e eu meesmo que o soubi: (18) Naquel tempo veo mui'aginha luz do ceo e alumeou todo aquel espaço da terra en que siia a cela en que

aquelas tres santas molheres moravan. (19) E tanta foi a claridade que, con pavor maravilhoso que ende ouveron en seus corações, todolos seus corpos ficaram entiridos e non pdian falar con medo, nen se mudar duum logar, ca lhis semelhava que pela porta da cela que elas ouvian abalar entrava gram companha de gente, e ouvian elas o sôõ daqueles que entravan, como quer que os non vissen e semelhava-lhis que tan gram pressa avian d'entrar que huuns apremiam os outros. (20) Mais pero o medo grande que aviam e o lume grande que lhis dava nos olhos baixavan os olhos pera fundo, en guisa que os non podian veer como quer que sentissen que gram companha entrava con eles na casa. (21) E depós este gram lume, sentiron hum odor tan maravilhoso e tan bôõ e de tan gram sabor e de tan gram prazer qual non poderia recudir de nen huma cousa temporal, assi que os seus corações que estavam espantados polo gram lume que viron, ficaram mui confortados polo odor maravilhoso que sentiron. (22) E porque aquela meestra dona Redempta e a outra sa discipula non podian sofrer a claridade da luz, tan grande era, começou a confortar aquela santa Romula sa madre e sa meestra dona Redempta, e dezia-lhi:

(23) - Non temas, madre, ca non morrerei ora eu.

(24) E dizendo-lhi esto muitas vegadas foi-se tirando o lume pouquetiño e pouco, mais ficou o odor maravilhoso naquela cela tres dias e tres noites. (25) E quando veo a quarta noite chamou aquela serva de Deus Romula outra vegada aquela sa meestra e disse-lhi que lhi fizesse dar a comuihon. (26) E depois que a recebeu, ante que se partisse dona Redempta e a outra sa discipula do leito daquela santa serva de Deus, veeron duas companhas d'homeens e de molheres e cantavan na rua ant'a porta da cela daquelas tres santas donas e dezian as duas delas, que estavam ant'o leito daquela que jazia enferma, que departian pelas vozes dos que cantavan quaes eran os homeens e quaes eran as molheres, ca afirmavan que os homeens dezian os cantos dos salmos e as molheres lhi respondian. (27) E pois que aquelas companhas que foron do ceo enviadas fezeron todo seu ofizio ant'a porta da cela aaquela santa Romula que jazia enferma, assi como o soen a fazer aos passados,aquela santa alma daquela santa dona partiu-se do corpo. (28) E quanto aqueles que levavan a alma e ian cantando con ela mais alti sobian, tanto mais pouco ouvimos nós os cantos dos salmos e dos louvores que cantavan ata que se alonjaron tanto de nós que nen ouvimos o sôõ dos salmos que cantavan, nen er sentimos o maravilhoso e de gram conforto odor que ante sentiramos.

(1) De como passou Tarsila.

(2) Contou despois San Gregorio e disse:

(3) - Muitas vegadas aven que por conforto da alma que se ha de partir do corpo, sol aparecer o outor e o agaldoador da vida perduravil. (4) Onde o que eu ja outra vegada contei, nas Homelias do Avangelho, de Tarsila mha amiga, contá-lo-ei outra vegada a louvor de Deus e a conforto das almas daqueles que o ouviren. (5) Aquesta Tarsila veera a atan gram santidade que sobrepojava ja outras duas sorores con que vivia, per vertude da oraçon que cada dia continuava e per mui grave vida que fazia e per mui grande esteença con que se atormentava. (6) Aaquesta apareceu per vison huum meu trisavoo, que avia nome don Fiiz e foi bispo daquesta cidade de Roma, e mostrou-lhi huum logar de claridade perduravil e disse-lhi:

(7) - Ven-te comigo, ca aqui te reciberei eu pera viveres con mui gram prazer en morada de tan gram luz e de tan gram claridade.

(8) E depois que lhi esto disse caeu en ela huma tan gram féver per que veo ao seu prestumeiro dia. (9) E segundo como he custume que muitos veem aas molheres nobres e aos homens de gram sangui quando jazen en passamento pera confortaren os seus amigos, ca fican mui desconfortados porque fican mui desabrigados e desemparedados dos bõs senhores; naquela hora en que se partia a alma do corpo daquela santa dona; veeron muitos homens bõs e muitas bõas donas e estiveron derredor do seu leito. (10) E alçou ela os olhos escontra o ceo e vio Jesu Cristo viir e começou a dizer con grandes braados quaaes os ela ja podia dar e dezia:

(11) - Ide-vos daqui! (12) Ide-vos daqui! (13) Jesu Cristo ven!

(14) E dementres ela metia mentes de gram coraçõ no seu senhor que viia, partiu-se aquela santa alma do corpo en que andava e assi ficaron confortados todos aqueles que enton ali estavan do odor maravilhoso que enton todos sentiron, ca ben se dava a entender que o senhor dos confortos e de todos os prazeres fora presente en partida da santa alma do corpo da virgen santa Tarsilla. (15) E quando veeron a lavar o seu corpo, assi como he custume de lavar o corpo dos mortos, acharon-lhi nos covados e nos geolhos grandes calos polo custume

das grandes orações que fazia assi como tragen os camelos, ca crecera naqueles logares o coiro e fezera-se duro polas pedras asperas en que se ela con os covedos descobertos e con os geolhos desnudados soia deitar quando sa oraçon fazia. (16) E assi a carne morta dava testemõio da oraçon que ela quando era viva sempre fazia.

15

(1) De como passou huma menina que avia nome Musa.

(2) Disse ainda San Gregorio:

(3) - Non me quero calar do que disse Probo, servo de Deus, duma menina pequena sa irmã que avia nome Musa. (4) El dezia que huma noite lhi aparecera a santa madre de Deus Virgen Maria e que lhi mostrara meninas da sa idade, cidadãas da gloria do paraíso, vestidas de vestiduras muito alvas. (5) E porque ela desejava a companha daquelas meninas e non se ousava a chegar a elas, perguntou-a a sempre virgen gloriosa madre Maria se a queria servir e andar sempre con aquelas meninas e a menina disse que lhi prazia ende muito e que queria. (6) E a Virgen lhi mandou logo que des aqui en deante se guardasse de riir e de jogar e de fazer nen huma outra liveldade nen meninice nen huma e que soubesse por certo que a triinta dias seeria con ela para servi-la e viveria sempre con aquelas meninas virgeens que vira. (7) E depois que todas estas cousas foron vistas e ditas mudou a menina todos os seus costumes e todas as meninices que soia a fazer, mudou-as en vida muito honesta e de gram peso. (8) E pois os seus parentes a viron assi mudada, maravilharon-se e preguntaron-na qual fora a rason porque se assi mudara. (9) E ela disse toda a verdade e disse-lhis o que lhi mandara fazer a madre de Deus e en que dia se avia d'ir pera seu serviço. (10) Enton aos XXV dias enfermou duma féver mui grande e aos triinta, naquela hora en que a alma saia da carne, vio pera si viir a ben aventurada madre de Deus con aquelas meninas que ante vira per vison. (11) E porque a chamou a virgen gloriosa que se veesse con ela, começou ela a responder e a baixar seus olhos con mui gram reverença e a dizer muito abertamente:

(12) - Senhor, eu me vou! (13) Senhor, eu me vou!

(14) E dizendo esto saiu-lhi a alma da carne e foi morar con aquelas virgeens con que desejava a viver a serviço e a louvor da sempre virgen madre de Deus, gloriosa Santa Maria.

(15) Enton o seu clerigo don Pedro disse:

(16) - Porque o ãagen d'Adam he cheo de muitos pecados e sen conto, cuido, padre, que a mui maior parte daquela cidade da gloria do paraíso, , a que chaman os santos a cidade de Jherusalem celestial, poderá seer comprida pelos meninhos parvos e pelos infantes babtizados que non poden falar.

16

(1) Do menino que deostava Deus pelo ensino que lhi dava seu padre.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Como quer que nós creamos, Pedro, que os meninhos ante que sábian pecar, se morren, van aa gloria do paraíso, pero non podemos creer que todos os parvos que ja saben falar deven a entrar no reino celestial, ca a muitos se sarrou a porta do paraíso a maa criança dos seus padres. (4) Ca huum homen mui conhecido naquesta cidade de Roma ouve huum seu filho ainda non ha tres anos e assi como cuido era ja o menino de cinco anos. (5) E porque o seu padre amava mui carnalmente, leixava-lhi fazer quanto el queria e criava-o a gram dano da sa alma e do seu corpo, ca a hora que lhi fezessem alguma cousa contra sa voontade avia en costume, assi como fora criado, de deostar Deus e dizer muitas maas palavras contra o seu senhorio. (6) Aqueste menino ante tres anos, per huma tempestade que ouve na terra, veo a huma enfermidade onde xi lhi atou morte. (7) E teemdo-o huma vegada seu padre en seu regaço, assi como deron testemõiho aqueles que presentes foron, vio o menino os spiritos maaos con seus olhos, que lhi tremian, con pavor e con medo viir pera si e começou a braadar e a dizer:

(8) - Guarda-me, padre! (9) Guarda-me, padre! (10) E sei contrairo a estes que mi queren fazer mal e defende-me deles!

(11) E braadando assi o menino, amoorava a sa face pera se asconder deles no seo de seu padre. (12) E pois o padre vio que o menino tremia con medo que avia,

preguntou-o se viia alguma ren. (13) E o menino lhi disse:

(14) - Homeens negros come mouros d'Etiopia veeron a min e queren me levar consigo.

(15) E pois esto disse deostou o nome e o poderio de Deus, assi como avia en custume, pelo padre que o criara e saiu-lhi logo a alma da carne. (16) E pera mostrar Nosso Senhor poderoso porque pecado o leixava en mão de taes exsecutores, desemparou-o assi que na morte deostasse Nosso Senhor, assi como soia a fazer, de que o seu padre quando vivia nunca o quisera correger. (17) E per aquesto entendesse seu padre que, porque non castigara o seu filho parvoo do mal que soia a dizer contra Nosso Senhor, criara-o pera os fogos do inferno hu nen pequeno nen parvoo pecador non entra. (18) Mais ora, Pedro, leixemos estas cousas de que recebemos trestezas e tornemos con gram prazer aaquelas cousas que eu começara a contar.

17

(1) Do passamento de Stevan servo de Deus.

(2) Contou ainda San Gregório e disse:

(3) - Aprendi eu per aquel servo de Deus Probo, de que suso falei e doutros barões religiosos e dignos de fe, aquelo que eu depois pugi nas Homelias do Evangelho do honrado padre don Stevan. (4) Aqueles todos disseron e davan testemõiho que aqeste padre don Stevan non avia nemigalha no mundo, nen-no er demandava. (5) Aqeste avia paceemça nas cousas contrairas que lhi viinhan e fugia sempre aa companha dos homens segraes e deleitava-se muito en sa oraçon. (6) Daqeste vos conto huum ben soo, per que se pode entender quam grande era a sa paciencia:

(7) Aqeste semeara seu pan con sa mão e pois foi pera colher, segou-o e trouxe toda sa messe legada en moolhos aa eira e non avia outra cousa no mundo que comesse pera si e pera seus discipulos pera todo o ano. (8) O enmiigo meteu en coraçõ a huum homen maaõ que lho vesse queimar e ele queimou-lho todo, assi como siia na eira. (9) E pois lho veo dizer huum que o vira, enadeu mais e disse:

(10) - Cofujon, cofujon, padre Stevan, ti acaeceu!

(11) E ele lhi respondeu muit'aginha con sa cara leda e de bõõ doairo e con sa voontade chãã e sen ira nen huma:

(12) - Cofujon, irmão, acaeceu aaquele que esto feze; ca a min, que me acaeceu?

(13) E per estas palavras ben dava a entender en quam alto monte de vertudes siia quen tan pouco dava por perder quanto no mundo avia que pera seu govérnio e de seus discipulos tiinha,ca mais se doia do pecado que o outro fezera ca do dano que el sofria. (14) Quando aaqueste santo homen don Stevan chegou o dia en que a sa alma avia de sair do corpo, ajuntaron-se muitos de muitos logares pera comendar as sas almas ant'a santa alma que se saia do corpo. (15) E estando todos aqueles que ali veeron ante o seu leito, huuns viron os anjos entrar a ele e pero non poderon falar nen dizer nemigalha. (16) E outros daqueles que hi estavam non viron nemigalha, mais pero assi ficaram todos amedorentados que assi aqueles que viron os anjos come aqueles que os non viron, fugiron. (17) E per esto se dava a entender abertamente que vertude e que poderio era aquele que aquela alma recebera cuja saida do corpo nen hum homen non podia sofrer.

18

(1) Aqui se mostra o merecimento da alma como non se demostra logo quando sal do corpo mais depois.

(2) E San Gregorio disse:

(3) - Ainda mais antre estas cousas que eu dixi, Pedro, debes saber que aas vegadas o merecimento da alma non se mostra logo quando sal do corpo, mais despola morte se demostra mais certamente. (4) Onde os santos martires muitos tormentos e muitas cruezas sofreron dos encreos e pero non logo, mais non depois, aos seus santos ossos faz Nosso Senhor cada dia muitos sinaes e muitas maravilhas.

19

(1) Dos dous monjes do abade Valencio.

(2) Contou depois San Gregorio e disse:

(3) - O abade Valencio, homen de vida honrada e santa, que foi meu prelado naqueste meu moesteiro na cidade de Roma. assi como tu sabes, Pedro, este mi contou que na proença de Valeria fora ante que vesse ao meu moesteiro de Roma, abade duum moesteiro. (4) Aaquele seu moesteiro que era na proença de Valeria veeron os lombardos e, porque eran homeens mui crueves e mui sen piedade, emforcaron dous monges en senhos ramos duma árvor e logo naquel dia morreron. (5) E quando veo aa hora de vespera, começaram a cantar as almas daqueles monges seus louvores a Nosso Senhor per vozes mui claras e muito abertas, assi que aqueles que os mataron quando ouviron as vozes daqueles que cantavan ouveron mui grande medo e mui grande espanto. (6) E todolos cristãos que ali os lombardos tiinhan cativos ouviron as vozes dos salmos e dos louvores que eles a Deus cantavan e deron ende depois testemõiho. (7) Mais aquestas vozes e aquestes cantares que as almas a Deus cantavan, quis o poderoso Deus que as ouvissen os homeens con as orelhas dos corpos pera aprenderen e saberem que, se as almas dementre viveren e nos corpos ben serviren a Deus, mais saborosa e mais deleitosa vida averan depois que se dos corpos partiren.

20

(1) Da morte do abade Soram.

(2) Contou depois San Gregorio e disse:

(3) - Quando ainda eu era no moesteiro, aprendi duums barões religiosos que dezian e atestavam que no tempo dos lombardos, que enton tiinhan a heresia d'Arrio naquesta proença que chaman Sura, que está cabo de nós, foi huum abade duum moesteiro de vida muito honrada e mui santa e ouve nome Surão. (4) Aqueste era de tanta misericordia e de tanta piedade que deu totalas cousas que no seu moesteiro avia aos cativos probes cristãos que a ele viinhan e aos outros que fugiron da prea dos lombardos. (5) E pois deu antr'as outras

esmolnas as sas vestiduras que lhi filharon e quanto triigo e quanto vïho no moesteiro avia e todas aquelas cousas que pôde aver no seu horto. (6) E assi non ficou nen huma cousa con el que todo non fosse dado polo amor de Deus, veeron os lombardos a ele arravatadamente e prenderon-no e começaram-lhi a pedir o ouro que tiinha ascondudo. (7) E pois lhi ele disse que non avia nen huma cousa que do mundo fosse, levaron-no pera huum monte que hi avia preto en que estava huma mata mui grande e mui basta a maravilha. (8) Ca lhis fugira huuns dos cativos que os lombardos tiinham e jazia ascondudo en huma árvor mui grande que tiinha o pee todo cavado, e ante aquela árvor huum daqueles lombardos tirou a espada da bainha e escabeçou aquele abade santo. (9) E pois o corpo caeu en terra, moveu-se todo aquel monte e a mata que en ele estava e tremeu toda a terra hi müi rijamente ben come se non podesse sofrer o peso da santidade daquel abade.

21

(1) Da morte duum clerigo d'avangelho da eigreja de Marso

(2) Disse ainda San Gregorio que na proença dos marsãos foi outro clerigo d'avangelho de vida muito honrada e mui santa. (3) Aqueste acharon os lombardos e prenderon-no e huum deles tirou a espada da bainha e talhou-lhi a cabeça. (4) E quando o seu corpo caeu en terra, travou o espiritu maaos naquel que o escabeçara e deitou-o a seus pees. (5) E porque matara o amigo de Deus, deu Nosso Senhor poder ao enmiigo que o atormentasse e que o vingasse del.

(6) E o seu clerigo don Pedro disse:

(7) - Rogo-te, padre, que mi digas que he aqueste que Nosso Senhor leixa assi morrer aqueles de que mostran, pois que morren, de quam gram santidade foron. (8) E non quer que se asconda e que se encobra a santidade e a bondade que ouveron.

(9) E San Gregorio respondeu:

(10)- Porque, Pedro, scrito he que o justo e o bõõ, qualquer morte que moira quer que a ferro quer a fogo quer a agua ou outro qualquer, tan crua non pode seer que lhi tolhan a sa justiça e a sa bondade que, dementre viveu, gaanhou. (11) E poren, que perden estas

taes que son escolheitos e van ja aa gloria do paraiso se en huum pequeninho de tempo reciben morte dura por amor de Nosso Senhor Jesu Cristo? (12) E, per ventura, muitas vegadas acaeceu que algum pecado que en eles ha venial purga-se per aquela morte que recebeu. (14) Onde sofre Nosso Senhor que os maaos ajam poderio contra os bõos dementre viven, mais depois que morren faz Nosso Senhor tomar grave vendita pelo seu meirinho, que he enmiigo do liagen d'Adan, porque tomaron e mostraron poderio de tan gram crueza contra aqueles que eran mansos e homildosos e bõos. (15) Assi come aqieste lombardo cruevil a que sofreu Nosso Senhor que escabeçasse o honrado clerigo d'avangelho caeu en mão do enmiigo per mandado de Nosso Senhor, e non lhi quis Nosso Senhor sofrer que ouvesse prazer sobrelo morto que a torto matara.

22

(1) Da morte do baron servo de Deus que enviara a Bachel.

(2) E disse ainda San Gregorio:

(3) - Desto que ora eu dixi, Pedro, dá en testemõiho a Santa Scritura ca diz que huum homen de Deus foi enviado contra Samaria e, porque comeu na carreira contra o mandamento daquel que o enviara, pecou per desobedeença e porende achou-o huum leon na carreira e matou-o. (4) E diz ainda ali a Escritura depois, que esteve o leon cabo do asno e non comeu nen tangeu o corpo do santo homen que matara. (5) E per esto podes entender que o pecado da desobedeença lhi foi perdoado pola pea que na morte sofreu. (6) Ca^aaquele meesimo leon que o ousou a matar quando era vivo, non ousou a tanger o seu corpo depois que o matou. (7) E aquele que ouve lecença de o matar non ouve lecença de comer dele depois que morto foi. (8) Ca, aquele que dementre era vivo caera en pecado de desobedeencia, foi límpio de pecado pela pea da morte que sofreu e assi despola morte ficou justo. (9) E porende o leon que tolheu primeiramente a vida do pecador guardou depois o corpo do justo.

(10) E o seu clerigo don Pedro disse enton:

(11) - Muito mi praz, padre, o que dizes, mas queria saber ora: (12) ante

que seja a resurreiçon dos corpos possan entrar as almas dos justos no ceo?

23

(1) Se ante a resurreiçon dos mortos entran as almas dos justos no ceo

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Aquesta demanda que tu fazes, Pedro, das almas dos justos se ante o tempo da resurreiçon entran na gloria do paraíso ou non, mais depois, aquesto non podemos nós confessar de todos os justos nen o podemos negar de todos. (4) Ca ha i almas d'alguns justos sol que saen dos corpos non van logo aa gloria do paraíso, mas van lhi perlongando, en que as fazen deteer muito contra sas vontades. (5) E que se dá, Pedro, per esto a entender se non que ainda non ouveron aquela justiça e aquela bondade comprida, segundo o juizo de Deus, per que deveron a ir sol que dos corpos sairon aa gloria do paraíso. (6) E pero verdade firme e mais clara que a luz he que as almas dos justos que perfeitos e acabados son, segundo o juizo de Deus, sol que saen dos corpos en que jazen enserradas logo as reciben nas seedas celestiaes. (7) Daquesto dá testemõio per si meesmo Nosso Senhor Jesu Cristo que he verdade comprida quando disse no Evangelho: (8) "Hu quer que for o corpo ali se ajuntarán as aguias, ca ali hu for o nossp remiidor con seu corpo, ali sen duvida nen huma se colherán as almas dos justos". (9) E San Paulo disse que desejava que a alma sua se saísse do corpo e fosse con Cristo. (10) E porende aquele que duvida que con Cristo é no ceo, non nega que a alma de San Paulo cobiiçava o desfazimento do seu corpo e a morada da terra celestial quando disse: (11) "Sabemos que, se esta nossa casa que he feita de terra segundo aquesta morada que en ela fazemos en este mundo caer e for desfeita, averemos quando se partir a alma do corpo outra casa que nos Deus dará que non seerá feita per mão, mais durará pera sempre, nos altos ceos en que ele ora he en corpo e en alma e con todas as outras almas que con el son e con corpos d'alguns poucos santos que ja son glorificados e con todos os outros que en almas e en corpos an con ele de viver".

(12) E o seu clérigo don Pedro disse:

(13) - Pois, padre, se as almas ora dalguuns justos son ja no ceo, que he o que receberán en dia do juizo polo galardón da justiça que fezerán e da bondade que ouvéram?

(14) E San Gregorio respondeu:

(15) - Ora, Pedro, as almas dos justos son ja no ceo que perfeitos foron, segundo o juizo de Deus. (16) E despola resurreiçon juntaran os anjos os poos en que se tornaron os corpos, e formaran ende, per maravilhoso poderio de Deus, aqueles corpos en que as almas andaron a gaanhar per muitos trabalhos que ouveron e per muitos tormentos que receberam. (17) E assi as almas dos justos despola resurreiçon an maior galardón, ca reciben seus corpos que ante non avian e parten con eles os deleitos e os prazeres en que ante sen eles viviam. (18) E assi o homen que he feito da alma e do corpo ante a resurreiçon avia gloria na alma solamente. (19) E despola resurreiçon averan gloria na alma e no corpo. (20) E destas duas glorias diz a Escritura: (21) "Os homens quando en essa terra foren averan os beens dobrados". (22) E do tempo que he ante a resurreiçon diz a Escritura das almas dos santos: (23) "Dade-lhis senhas estolas brancas e dize-de-lhis que folguen e atendan huum pouquetiño de tempo ata que se compra o conto dos seus irmãos que son servos e vassalos de Jesu come eles. (24) E porende, Pedro, aqueles que ora receberam senhas stolas e despola resurreiçon receberám duas duas non quer al dizer senon que os justos que ja son en paraiso receberam ja senhas stolas, ca receberam solamente gloria nas almas e despola resurreiçon receberán duas duas, ca receberán gloria nas almas e nos corpos.

(25) E o seu clérigo don Pedro disse:

(26) - Consentó, padre, e outorgo o que dizes, mais queria saber como se faz que muitas vegadas os que morren dizen muitas cousas das que an de viir.

24

(1) Per quantas maneiras os que morren dizen as cousas que an de viir e primeiramente da morte duum vogado e da revelaçón de Jeroncio e de Mellico monje e da

morte do menino Armentario e das desvairadas linguas que falava.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) Aas vegadas acaece, Pedro, que tanta he a vertude e a soteleza das almas que dizem ante que saiam dos corpos algumas cousas daquelas que an de viir. (4) Aas vegadas acaece ainda que ante que saian dos corpos amostra-lhis Deus as cousas que an de viir e dizem-nas. (5) Aas vegadas acaece que ante huum pouco que as almas saian dos corpos envia sobre elas o Espiritu Santo a sa graça e ensina-lhis os segredos celestiaes. (6) E que verdade seja o que primeiramente dissemos que as almas per sa vertude e per sa soteleza conhocen as cousas que an de viir, parece per este feito que en esta cidade de Roma acaeceu:

(7) En esta cidade avia huum vogado que non ha dous anos que foi morto por gram door da ilharga que ouve. (8) Mais ante huum pouquetiño que morresse chamou o seu sergente e disse-lhi que lhi guisasse seus panos ca queria andar. (9) E porque o seu sergente teve que lhi falava come sandeu e non quis obedecer a seus mandados, levantou-se o enfermo e vistio seus panos e disse que queria ir pela carreira que dizem Apia aa eigreja de San Sisto. (10) E a cabo de pouco creceu-lhi a enfermidade e morreu. (11) E os que aviam de veer a sa fazenda firmaron antre si que levassen o seu corpo pela carreira de Penestre e o soterrassen na eigreja de San Jennuarii martir. (12) Mais porque semelhou aaqueles que o seu corpo levavan que a eigreja de San Januarii era longe, ouveron muit'aginha outro conselho e foron-se pela carreira que dizem Apia e poseron-no na eigreja de San Sisto, non sabendo que ele ante que morresse dissera que pera aquela eigreja queria ir. (13) E porque aqeste homen era muito metudo nos feitos do mundo e entendia muito en seus gaanhos de sas merchandias terreaes que fazia, onde lhi poderia viir que adeviãsse as cousas que avian de viir, depós sa morte, se non porque a alma he de tanta vertude e de tanta soteleza que vio aquelas cousas que avian de viir ao seu corpo? (14) E pera entenderes tu, Pedro, como aqueles que se chegan aa morte sabem as cousas que an de viir per revelações que lhis muitas vegadas mostra Nosso Senhor, podemos-lo entender per aquelas cousas que acaeceron e que nós escrevemos nos nossos moesteiros.

(15) Ca no meu moesteiro foi huum frade, non ha ainda dez anos, e avia nome Jeruncio que jazia con grande enfermidade de que en seu corpo avia. (16) Vio de meiaa noite viir do ceo homens vestidos de vestiduras brancas e mui claras e decer naquele meesimo moesteiro. (17) E eles estando ant'o leito daquele enferno, huum disse contra o outro:

(18) - Aaquesto veemos aqui: (19) Que do moesteiro de Gregorio enviemos alguuns frades pera a cavalaria daqueles que viven no reino daqueles que ja venceron.

(20) E portanto aquel que esto disse mandou e disse ao outro seu companheiro:

(21) - Scrévi: (22) Marcello, Valenciano, Agnello... e outros que - diz San Gregorio - de que me ora eu non nembro. (23) E pois tod'esto foi feito enadeu mais aquel que esto mandou fazer e disse:

(24) - Scrévi ainda aqieste que nos vee.

(25) E depois que foi manhã e aquele frade Jeruncio que esto vira foi certo de quanto ouvio per tan certa vison que vira, disse todalas cousas aos frades que vira e que ouvira e quaes eran aqueles daquel moesteiro que avian de morrer e como ele avia a ir despós eles. (26) E enton logo en outro dia começaram de morrer aqueles frades huuns despós outros, assi como foron nomeados. (27) E aquele que lhes esto disse foi-se deste mundo despós todos, assi como el ante vira e aos frades dissera.

(28) Acaeceu ainda que naquela mortãidade per que se esta cidade destroio, non ha tres anos per pestelença grande que veo sobre ela, no moesteiro da cidade do Porto foi huum mancebo Mellico e era mui simples e muito homildoso. (29) Aqieste foi chegado aa morte per aquela pestelença geeral que veo sobr'ele. (30) E pois aqiesto soube don Fiiz, o honrado e mui santo bispo daquela meesma cidade, de que eu esto que conto aprendi, veo logo aquele monge muito aginha que jazia pera a morte e confortou-o per sas palavras mui boas e mui doces e disse-lhi que non temesse a morte. (31) E começou-lhi ainda a prometer da misericordia de Deus espaço de vida mui perlongada. (32) E o monge respondeu a aqiesto e disse:

(33) - Ja o tempo da mha vida he cumprido.

(34) Ca disse ca lhi aparecera huum mancebo e trouvera-lhi sas cartas e dissera-lhi:

(35) - Abri e leei.

(36) E depois que as cartas foron abertas, afirmou e disse que ele con todolos outros que huum tempo foron babtizados daquele bispo na festa da Pasqua - "achei scrito naquelas Pistolas de leteras d'ouro " e primeiramente dezia que achara escrito o seu nome e depois o nome daqueles outros que naquel tempo foron babtizados. (37) E porende afirmava e dezia que ele e todolos outros que hi eran scritos avian de morrer mui cedo. (38) E assi se fez que naquel dia morreu aquel monge e depós el todolos outros que naquel tempo foron babtizados e en aquela carta

eran scritos. (39) E assi se foron huuns despolos outros que a cabo de poucos dias non ficou nen huum deles en este mundo. (40) E os nomes destes vio este monge scritos con letas d'ouro porque aviam de viver naquela claridade perduravil que nunca ha de falecer. (41) E assi como as almas poden conhocer as cousas que an de viir per algumas revelaões que lhis Nosso Senhor quer fazer, assi quando an de sair do corpo veem muitas vegadas non dormindo, mais vigiando muitos segredos de Deus.

(42) Tu, Pedro, ben conhocisti Amonio monge do meu moesteiro. (43) Aquele dementre viveu no mundo ouve por molher huma filha de Valeriano, vogado daquesta cidade, e porque siia con sa filha achegava-se a ele continuamente e servia-o e sabia aquelas cousas que se fazian en sa casa. (44) Aqueste Amonio mi contou a min, depois que foi monge, que naquela tempestade mortal que atormentou esta cidade per morte de muitos que enton morreron en tempo de Narso, per que se esta cidade regia, en casa de Valerio foi huum menino que avia nome Armentario, mui simpliz e muito homildoso. (45) E quando per esta tempestade geeral aqueles que naquela casa de Valerio moravan foron feridos a morte, aqueste antre eles outrossi foi ferido tan mal que veo depois a morrer. (46) E porque jazia muito espantado e fora de si, aqueles que hi estavam alcançaron-no mui't'aginha e fezeron-no seer e tornou a si e fez chamar seu senhor e disse-lhi:

(47) - Eu fui no ceo e sei aqueles que an de morrer desta casa: (48) Foam e foan an de morrer, mais tu non temas ca non ás ora de morrer en este tempo. (48) E pera saberes que ti digo verdade, afirmando que fui no ceo, sábi que mi deron alá don pera poder falar todolos languageens. (49) E non sabes tu mui ben ca non sei falar per nen huma maneira o languagen de Greça? (50) E pero fala-o ora tu e per esto poderás saber se verdade he que eu sei falar todolos languageens.

(51) Enton o seu senhor falou-lhi o grego e el respondeu-lhi naquela meesma lengua assi que se maravilhavan todos aqueles que hi estavam. (52) E huum homen que fazia as espadas que avia nome Vúlgaro e vivia en casa de don Narso, de que suso falamos, era d'Ungria natural; (53) pois ouvio que aquel enfermo falava totalos languageens, trouveran-no mui 'aginha ao enfermo e falou-lhi en seu languagen, mais o menino que fora nado e criado en Italia rospondeu-lhi naquele meesmo languagen barbaro per que o o outro preguntara ben come se fosse nado e criado antr'aquela gente. (54) E todos aqueles que o ouviron e provaron que aquel menino sabia aqueles dous languageens falar eran certos que ante que os non

soubera, creeron que assi falaria todos os outros como ele dezia, mais non tiñan homes doutro linguagen per que o provar. (55) E enton jouve dous dias que non morreu, mais no terceiro dia non sei per que juizo ascondudo desfeze-se todos os braços con seus dentes e assi lhi saiu a alma do corpo. (56) E pois que este morreu, morreron todos os outros que naquela casa avia de que el dissera que morrerian. (57) E daquela tempestade non morreu nen huum outro daquela casa senon aqueles de que o ele primeiramente dissera.

(58) E o seu clerigo don Pedro disse:

(59) - Muito he cousa espantosa, padre, que aquel que tal don mereceu receber de Deus fosse depois per tan grave pena atormentado.

(60) E San Gregorio respondeu:

(61) - Quen he aquele, Pedro, que pode saber os juízos de Deus ascondudos? (62) E porque nós non podemos compridamente saber todas as cousas que Deus per si examinava e provava, mais as devemos a temer ca departir con nenguum sobre elas.

25

(1) Da morte do conde Theophanio.

(2) E disse depois San Gregorio:

(3) - Pera dizermos aquelas cousas que começamos, que as almas quando saen dos corpos conhocen muitas cousas daquelas que an de viir, non tenho que he pera calar o que eu soubi de Theophanio, conde da cidade de Centocelas, estando naquela cidade meesma de muitos homes bõs que davan ende testemõio. (4) Aqueste conde foi homen de gram misericordia e de muitas bõas obras e recebia quantos iam e viinham e por esso trabalhava pera acrecentar os beens temporaes do condado quanto el mais podia, pera poder comprir as esmolnas que fazia a todos aqueles que polo seu condado passavan. (5) Quando acaeceu a morte daqueste conde foi huma tempestade tan grande no aar que non poderian levar a soterrar. (6) E porende sa molher preguntou-o con muitas lagrimas ante que morresse:

(7) - Que farei, senhor, ca pois eu non posso sair desta casa pola tempestade grande que vejo que faz e fará, assi como parece, per gram tempo? (8) Como te poderei levar a

soterrar?

(9) Enton o conde respondeu:

(10) - Non chores, molher, ca sol que eu for morto quedará esta tempestade que tu vees e tornará mui bõ tempo e ficará o aar mui claro e mui límpio.

(11) E sol que esto disse, morreu. (12) E depós sa morte, quedou logo a tempestade e ficou o aar mui claro e tornou mui bõ tempo. (13) E porque ele avia as mãos gotosas e os pees outro tal e tiinha-os mui inchados e chagados duma enfermidade que chaman podagra e deitava sempre de si muito lixo, sol que o desnaron e lavaron seu corpo, assi como soen a fazer aos mortos, acharon as sas mãos e os seus pees tan ben sãos come se nunca ouvesen nen huma enfermidade. (14) Levaron-no depois e soterraron-no e prougue a sa molher que ao quarto dia a pedra mármore que poseron sobre ele que a mudassen e posessem outra melhor. (15) E quando a tolheron de sobrelo seu corpo, tanto foi o bõ odor que da sa carne podre en logo de vermeens recudio que nunca foi. speciaria do mundo de que tantos bõs odores homen podesse sentir. (16) E contando eu huma vegada este feito aas Homelias duum Evangelho, que declarei, huuns homens fracos de fe duvidaron daquelo que eu dezia. (17) E sendo eu huum dia con muitos homens bõs falando, veeron os meestres que mudaron a pedra mármore de sobrelo seu corpo e preguntaron-nos aqueles con que eu siia d'algumas cousas porque enviaron por eles. (18) E eu os preguntei ante muitos homens bõs clerigos e leigos que hi siiam do miragre que acaecera quando mudaron a mármore de sobrelo corpo do conde Theophanio. (19) E eles deron testemõiho que nunca tan grande nen tan bõ nen huum odor sentiron nen de que ficassen tan confortados nen tan assaborados. (20) E disseron ainda outras maravilhas grandes que acaeceron na sopultura daquel conde de que me ora eu calo, ca vos non quero deteer porque son muitas.

(21) E o seu clerigo don Pedro respondeu:

(22) - Mui ben entendo, padre, que assaz respondisti compridamente aa demanda que eu figi, mais duvido ainda e pregunto-te porende se as almas dos bõs son ja, assi como tu suso dissesti, con Jesu Cristo na gloria do paraiso, hu creeremos que as almas dos maaos deven seer senon no inferno? (23) E a verdade da questa cousa, padre, non sei eu. (24) Ca alguuns homeens do mundo creen que as almas dos pecadores quando deste mundo saen non-nas atormentan ante que venha o dia do juízo.

(1) Das almas dos justos e dos pecadores.

(2) E San Gregório respondeu:

(3) - Se tu criisti, Pedro, per testemõio da Santa Scritura que as almas dos maaos sejan no inferno, ca o juiz direito que non pode errar galardoa aos bõõs, a sa justiça que fezeron e a bondade que ouveron, dementre viveron, dando-lhis gloria en que sempre vivan en prazer pera todo sempre jamais, assi conven de todo en todo que galardoe aos maaos os tormentos que fezeron e as maldades en que viveron de que nunca ouveron pesar, dando-lhis penas pera duraren por sempre. (4) Ca assi como aqueles que escolheitos son an góuvio e prazer pelo ben que reciben, assi conven que creamos que as almas dos maaos depois que saen dos corpos ajam door e tresteza polo fogo do inferno que os queima.

(5) E don Pedro seu clerigo disse:

(6) - Per que razon, padre, podemos creer que o fogo do inferno que he corporal possa teer e atormentar a cousa que corpo non ha?

(7) E San Gregório respondeu:

(8) - Se a alma do homen que corpo non ha dementre o homen vivo he, jaz e he reteuda no corpo assi que non pode ende sair senon quando prouguer aaquel que a hi meteu, por que despola morte non receará e non logrará assi o fogo do inferno que he corporal a alma do homen, que he sen corpo, en guisa que nunca se possa dele desenvolver e departir, senon per mandado de Deus per cuja justiça a alma he atormentada daquel fogo en que jaz e de que he reteuda?

(9) E o seu clerigo don Pedro disse:

(10) - Porende, padre, a alma que corpo non ha jaz no corpo do homen dementre vive. (11) He hi reteuda porque aviventa o corpo e non aviventa assi o fogo que a reten depois que do corpo sal. (12) E assi non semelha que porende o fogo deva a reteer a alma despois que se parte do corpo, como quer que ela jasca e seja reteuda pelo corpo dementre homen vive.

(1) Per que razón debemos creer que o fogo do inferno que é corporal pode reter os espiritos que corpo non an.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Se o spiritu que corpo non ha, Pedro, pode seer reteudo no corpo dementre homen vive, ca o corpo recibe vida per ele, por que non seerá assi reteudo despola morte do fogo do inferno, pera receber morte e tormenta e pena per ele? (4) E a tormenta que a alma recibe do fogo do inferno de que jaz legada e investida, assi como a alma do homen dementre he vivo jaz investida do corpo. (5) E en veer e en sentir aquel fogo a que he obligada polo mal que feze, e porque o maior desejo que a alma ha depois que se parte do corpo he en se juntar con aquel que a fez, dementre a meteu no corpo, o fogo do inferno que lhe embarga este desejo, ca a non leixa ir pera seu remiidor, dá-lhi tan gram tormenta que se non pode maior cuidar. (6) E porende a Escritura Santa quando fala da pena do fogo do inferno assemelha esta pena que a alma recibe a todas aquelas penas que homen en este mundo pode emaginar. (7) E assi se entende que a cousa corporal, assi como he o fogo do inferno, queima a cousa que corpo non ha, assi como he a alma do homen. (8) Non en tal maneira que a alma que se desfaça, tornando-se en poo ou en ciinsa per aquel fogo, assi como se torna o corpo quando o meten no fogo, mais porque recibe tan gram tormenta de que se non pode juntar con aquel que a fez e que a remiio, pelo fogo de que he investida que a embarga do desejo natural que ha polos pecados en que viveu e de que se non repeendeu. (9) E assi do fogo do inferno que he corporal e que se pode veer, recibe a alma huum ardor e huma door que se non pode veer e tan grande que se non pode cuidar. (10) E por esso dizemos que a alma, que corpo non ha, recibe penas e tormentas polo fogo corporal do inferno. (11) Pero podemos nós aver pela palabra do Evangelho que non solamente a alma recibe pena daquel fogo, porque o vee e porque conhoce que he obligada pera seer investida dele per que se embarga o seu desejo natural que se non pode juntar con seu Deus, mais que sofre ainda tormenta e coita, provando e sofrendo a vertude e a forteza do fogo. (12) Ca per justiça de Deus, assi sente ela que a queima o fogo como queimaria outro corpo qualquer, como quer que se ela non desfaça nen possa tornar en poo nen en ciinsa nen en outra cousa nen huma como tornan os corpos que son queimados do fogo.

(13) E por esso disse Nosso Senhor no Evangelho, en que fala do rico que morreu e soterraron-no no inferno, que aquel rico rogava Abraham per que se entende Jesu

Cristo e dezia: (14) "Envia Lazaro que molhe a cabeça duum dedo ena agua pera mi arrefeentar a mha lingua, ca mal jasco atormentado naquesta chama?". (15) E porende se aquele que he verdade dezia que a alma daquel rico pecador jazia atormentada no fogo do inferno, quen he aquel tan sabedor que deva a negar que as almas dos maaos non sejan reteudas e atormentadas pelo fogo do inferno?

(16) E o seu clerigo don Pedro disse:

(17) - Ben vejo, padre, que pela razon que dissesti e pelo testemõio que trouvesti, move-se o meu coraçõn pera creer o que dissesti, mais, se o leixo per si, torna-se aaquelo que tiinha da primeira. (18) Ca non sei como se possa fazer que a cousa que corpo non ha se possa reteer e seer atormentada pelo fogo do inferno que he cousa que á corpo.

(19) E San Gregorio respondeu:

(20) - Rogo-te que mi digas se os spiritos maaos que se partiron de Nosso Senhor e foron deitados da gloria do paraiso sospeitas que an corpo ou son sen ele?

(21) E o seu clerigo don Pedro respondeu:

(22) - Que homen pode seer aquele que ha bõõ e sãõ entendimento que possa creer que os spiritos an corpo?

(23) E San Gregorio preguntou-o ainda mais:

(24) - Confessas, Pedro, que o fogo do inferno en que se poden queimar os corpos dos homens non seja sen corpo, ca en outra maneira non-nos poderia queimar?

(25) E San Gregorio respondeu:

(26) - Leemos no Evangelho que aquele que he verdade dirá quando se acabar o mundo aaqueles que maaos foron: (27) "Ide-vos pera o fogo perduravil que he aparelhado ao princepe da sobérvia e a todolos seus anjos", (28) E porende se o princepe da sobérvia e os seus anjos corpo non an e pero son atormentados pelo fogo do inferno que he corporal, que maravilha he se as almas despois que sairen dos corpos per si meesmas, ante que os corpos tornen, poden receber tormentos do fogo que he corporal?

(29) E o seu clerigo don Pedro disse:

(30) - Parece, padre, a razon daquelo que dissesti; o meu coraçõn non deve duvidar jamais desta demanda.

(31) E San Gregorio respondeu:

(32) - Pois, Pedro, con tanto trabalho criisti aquelas cousas que ti homen de

suso disse, creio que faz mester que conte ora eu aquelas cousas que eu en este tempo d'homeens bõs e dignos de fe aprendi.

28

(1) Da morte de Theodorico rei dos da seita d'Arrio.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Juiãõ que foi o segundo defendedor desta eigreja de Roma, en que ora eu sérvio quanto for sa mercee de Deus, e que morreu ainda non ha sete anos, viinha a min ameudi quando eu era no moesteiro e soia a falar comigo do proveito de sa alma. (4) Aqueste mi contou huum dia e disse:

(5) "En tempo de Theodorico, rei dos da seita d'Arrio, huum homen bõõ, padre de meu sogro, fez en Cecilia huma sacada de aver que aviam a dar de direito e, tornando-se a Italia per mar, a nave en que andava veo aportar a huma insoa que chaman Liparis. (6) E porque morava ali huum ermitan de gram santidade e de muitas vertudes, prougue aaquele padre de meu sogro que dementre os marñheiros refazian e enderençavan os aparelhos da nave, veesse ele veer o santo homen de Deus e que se encomendasse en sas orações. (7) E o ermitan servo de Deus, pois vio ele e seus companheiros, e falou con eles muitas cousas, preguntou-os:

(8) - Sabedes se rei Theodorico he morto?

(9) E eles lhi responderon:

(10) - Non queira Deus. (11) Nós o leixamos vivo e sãõ e de sa morte nunca ainda a neguum ouvimos falar.

(11) E o ermitan servo de Deus, enadeu mais e disse:

(12) - Eu vos digo por certo que he morto, ca o dia d'oonten, hora de noa, levaron-no ante o papa Joham e ante Simaco per que se regia a cidade de Roma, que ele mandara matar, descinto e descalço e con as mãos legadas e, per seu mandado destes dous, deitaron-no na ola do vulcan que está aqui preto de nós.

(13) E pois eles esto ouviron, escreveron o dia e a hora, e quando se tornaron a Italia acharon por certo que rei Theodorico fora morto naquel dia e naquela hora que lhis dissera o ermitan amigo de Deus.."

(14) E, porque aqueste rei Theodorico matara o papa Joham no cárcer en que o tiinha per tormenta grande que lhi dera e matara ainda Simaco, governador da cidade de Roma,

per espada con que lhi mandara cortar a cabeça, apareceu ao ermitan que aqueles o mandavan meter no fogo do inferno pera todo sempre jamais, con gram direito e con gram justiça, que ele julgara en este mundo pera morte sen direito e sen justiça.

29

(1) Da morte de Reparado.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Naquel tempo en que eu desejava a fazer vida muito alonjada desta terra pera poder melhor servir a Deus per razon dos parentes que me non embargassen, huum homen bõõ velho muito honesto, que avia nome Deslodeu e era mui conhoçudo e muito amigo dos homens nobres daquesta cidade e comigo avia ainda mui grande amizade, contou-mi e disse-mi que no tempo dos godos huum homen mui fremoso e mui guisado, que avia nome Reparado, veo a morte e jazendo ele muito tempo en seu leito enfermo e con gram door, era mui mudado e pero rijo. (4) Aaqueste semelhou que lhi arrigavan a alma do fundo dos pees e ficava o corpo sen a alma e, juntando-se toda sa casa e outros muitos amigos que avia, e fazendo chanto sobr'el porque cuidar an que era morto, tornou mui'aginha a alma ao corpo. (5) E os que fazian chanto ficaron muito espantados e o que fora morto pois se vio vivo e tornou a si, disse:

(6) - Enviade-mi aginha huum menino aa eigreja de San Lourenço mártir, que ha nome Damasco, come aquel que a fez, e veja que fazen de Tiburço, clerigo de missa, e venha-mh'o dizer aginha.

(7) Daqueste Tiburço dezian que era homen que fazia muito polos deleitos e polos sabores da carne. (8) E Florencio que ora he clerigo de missa daquela eigreja meesma ben se nembra ainda que vida este Tiburço fazia e que costumes avia. (9) E dementre o menino ia aa eigreja de San Lourenço recadar o mandado que lhi dissera, aquel Reparado que tornara ja a si meesmo e era en seu sen e en seu recado disse aquelo que vio no outro mundo daquel clerigo de missa Tiburço, ca disse que vira aparelhar huma fugueira mui grande e tomaron aquel Tiburço, clerigo de missa, e meteron-no em ela e foi queimado mui aginha. (10) E disse ainda que vira aparelhar outra fugueira mui grande e o fogo dela era tanto que semelhava que tangia da terra ao ceo. (11) E oviu huma voz non sei de quem e perguntava:

(12) - Cujá he esta fugeira?

(13) E depois que esto foi dito, aquel Reparado que esto contava, morreo. (14) E o menino que enviaron aa egleja de Sam Lourenço pera saber que era de Tiburço, quando chegou a el achou-o morto. (15) E aquel Reparado foi levado aaquel logar das penas, e des que o viu tornou-se e contou esto e morreo logo.

(16) E pero, Pedro, debes tu a entender que non quis Deus mostrar este feito de Reparado que morreu e viu os logares em que penan as almas e as penas que lhes davan, e depois viveo e contou a nós aquelas cousas que vira no outro mundo, e depois que as contou morreo e foi-se logo pera aquelas penas que vira e que lhe ja a el eran aparelhadas, mais todo esto que lhe a el acaceo e que nos el contou foi por nosso proveito. (17) Ca Deus outorga que vivamos ainda em este mundo e podemos correger as maas obras que fizemos pera non irmos aas penas a que aqueles ambos foram. (18) E debes ainda a entender, Pedro, que quando Reparado disse que vira fazer grandes fugeiras no outro mundo, esto non he per lenha que hi aja, per que se faça maior fogo, ca se non acende, nen crece, nen mingua senon pela justiça de Deus, segundo a maldade maior ou menor dos pecados que Deus quer atormentar. (19) Mais porque em este nosso mundo non crece o fogo se non per lenha ou per outra cousa que lhe pōõi, e as cousas que homen non vee, non se entendem tan bem per aquelas que vee, poren falando Reparado do acendimento das penas do inferno, disse-o per aquela maneira per que se as fugeiras sooin acender e a crecer antre nós, pera ementre veeren aqueles que ouvissem as cousas que non sooin a veer aquelas que a cada dia veen.

XXXIº capitulo

(1) Da morte d'huum que era da corte do emperador a que se queimou o corpo e o muimento en que jazia.

(2) Sam Gregorio disse ainda:

(3) - Maximiano, homen de vida mui honrada e santa, bispo de Siracusa e plalado muito

tempo naquela cidade de Roma, em-no meu moesteiro suia-me a contar cousa muito spantosa que acaecera na provencia de Valeria. (4) E dizia que huum homen da corte do emperador recebera no Sabado Santo de Pascoa huma manceba, filha dhuum homen bõõ que fizera babtizar naquel dia por afillhada. (5) Aqueste, porque naquel dia jajunava, tornou-se pera sua casa e depois que foi bem bevedo demandou aquela sua afillhada que dormisse con ele. (6) E foi con ela em aquela santa noite e foi mui maaõ feito e mui spantoso pera dizer, maiormente pera fazer. (7) E quando se levantou de manhã aquel homen maaõ, começou a cuidar que se fosse ao banho e que logo seeria quite daquel pecado bem come a augua do banho lhe ouvesse a tirar aquel pecado. (8) E poren foi aló e lavou-se. (9) E temia d'entrar na egleja, mais avia vergonha dos homeens se en tan gram festa non entrasse na egleja. (10) E se aló entrasse temia o juizo de Deus. (11) E aa cima venceo a vergonha dos homeens e foi aa egleja e começou a star na egleja con gram temor, ca sospeitava continuamente que Nosso Senhor o metesse em mão do enmiigo e que entrasse em ele e que o atormentasse ante todo o poboo. (12) Estando ele muito temendo, acabaron as missas que dezian na egleja e saiu-se daquela egleja mui ledõ porque non acaecera aquel mal que ele temia. (13) E em outro dia veõ aa egleja mui seguro e mui ledõ e cuidava que a sua gram maldade que el fizera, que a non vira Nosso Senhor, ou se a vira que lhe perdoara pola sua grande misericordia. (14) E aos sete dias morreo de morte subitania. (15) Aqueste homen mal andante, depois que soterraron o seu corpo, saiu do seu muimento huma gram chama e durou per mui gram tempo ataa que queimou os seus ossos que jazian no muimento. (16) E consumiu todo seu muimento. (17) E esto viiam todos aqueles que hi stavan. (18) E a terra que lhe meteron no muimento con seu corpo vian-na jazer fora. (19) E esto fez Nosso Senhor pera dar a entender a todos quam gram pena sofria a alma abscondidamente, pois o corpo e o muimento ardian ante todos tan abertamente. (20) E em tal feito come este quis Nosso Senhor dar sa chama de gram temor, a nós que o ouvimos, e que cuidemos quanta coita a alma daquel pecador sempre averá e sempre sofrerá, pois os ossos do seu corpo que non senten nen huma cousa ardian e ficavan queimados per tam gram tormento de fogo.

(21) E o seu clerigo dom Pedro disse:

(22) - Queria saber, padre, se os bõõs conhocen os bõõs no reino de Deus ou se os maaõs conhocen os maaõs no inferno em que som atormentados.

XXXIIº capitulo

(1) Dos bõds e dos maaos se se conhocen no outro mundo.

(2) Sam Gregorio respondeo:

(3) - Pedro, a stençan desta demanda que tu fazes parece mui clara e mui aberta nas palavras de Nosso Senhor que ja nós suso dissemos em que disse que era huum homen rico e andava vistido de purpura e de viso e comia cada dia mui bem. (4) E era outro pobre mindigo e avia nome Lazaro e jazia a sua porta cheo de sarna e de úçara e cobiiçava-se a fartar das migalhas que caian da mesa do rico e non lhas dava nen huum, e viinhan os cães e lambiam-lhe a sarna e a úçara que tiinha. (5) E diz adeante Nosso Senhor naquel Evangelho que Lazaro morreo e levaron-no os angeos pera o seo de Abrãão per que se entende a gloria do paraiso. (6) E o rico morreo e levaron-no ao inferno, e, jazendo en grandes penas, viu mui longe de si Abrãão per que se entende Jesu Cristo e viu Lazaro jazer no seu seo per que se entende a sua gloria e a sua folgança. (7) E braadou e disse:

(8) - Rogo-me, padre Abrãão, que te amercees de min. (9) E envia Lazaro que meta a cabeça do seu dedo na augua pera me arrefeentar esta minha lingua.

(10) E Abrãão lhe disse:

(11) - Acorda- te, filho, que dementre viviste ouveste muito bem e Lazaro ouve outrossi muito mal.

(12) E o rico que ja era desesperado de sa salvaçon começou de rogar se poderia guaanhar salvaçon pera os seus irmãos e disse-lhe:

(13) - Rogo-te, padre, que o enviis a casa de meu padre, ca eu ei cinque irmãos e dirá-lhe e protestar-lhe-á que faça bem pera non virem depois aaqueste logar daquestes tormentos em que eu jaço.

(14) E assi per estas palavras, Pedro, se mostra abertamente a resposta desta demanda. (15) Ca parece que os maaos conhocen os maaos no inferno e os bõds conhocen os bõds no paraiso. (16) Ca se Abrãão que he bõd non conhocera Lazaro que era outrossi bõd, nunca dissera ao rico quando jazia nas penas do inferno que como el ouvera muito bem dementre vivia no mundo, assi Lazaro ouvera muito mal mentre outrossi fora vivo. (17) E se maaos non conhocen os maaos nunca o rico que nas (1) penas do inferno jazia se nembrara dos

seus irmãos que non eran presentes e como non poderia ele conhecer aqueles maaos que ali non eran presentes mais vevian ainda en este mundo.

(2) E per aquesto que dito he, ainda parece mais ca o que tu demandasti, ca parece que os bõs que son no paraíso conhecen os maaos que son no inferno e os maaos que son no inferno conhecen os bõs que son no paraíso. (3) Ca Abraham que era bõ e jazia no paraíso conheceu o rico que era mao que jazia no inferno ca lhe disse: (4) "Tu que recibisti muitos bens en ta vida". (5) E non lho dissera se o non conocera. (6) E o rico mao que jazia no inferno conheceu Lazaro bõ que jazia no paraíso, ca rogou Abraham que lhi enviasse Lazaro que molhasse a cabeça do seu dedo na agua pera lhi refeentar a sa lingua. (7) E porque disse ainda suso que o rico quando jazia nas penas do inferno alçou os seus olhos, e vio Abraham estar longe de si e Lazaro en seu seo non conocera nen dissera que o vira. (8) E assi parece que os maaos que jazem no inferno veem os bõs que jazem no paraíso. (9) E desta vista e deste conhecimento an assi os bõs come os maaos seu galardón, assi como o mereceron, ca os bõs polas penas que veem aos maaos sofrer dan mui grandes graças a Deus porque os partiu daquelas penas que sofrem aqueles que son no inferno. (10) E outrossi aqueles que son no inferno an seu galardón qual eles mereceron, ca veendo os bens que an aqueles que son no paraíso, crecem as penas que an. (11) Ca saben que per sa maldade que fezeron de sa vontade veeron aas peas que an e perderon os bens que veem aver aaqueles que son ha gloria do paraíso pera que eles foron feitos. (12) An ainda prazer os do paraíso se veem alguuns consigo na gloria do paraíso daqueles que en este mundo amaron. (13) E se no inferno son aqueles que seus amigos foron, traz-lhis ende ca se compre em eles a justiça e a vontade de Deus e eles non queren outra cousa senon o que Deus quer. (14) Mais os que son en inferno se veem aaqueles que amaron no mundo consigo nas penas do inferno, non solamente reciben tormentos pelas penas que eles sofren, mais polas penas que sofren aqueles que seus amigos eran quando no mundo vivian. (15) E deu Deus outro don maravilhoso aaqueles que salvos son, ca non solamente conhecen aqueles que en este mundo conoceron, mais conhecen todos os bõs que son na gloria do paraíso que nunca ante no mundo conoceron, ben como se o sempre vissen e sempre o conocessem quando no mundo eran. (16) E porende Abraham, Isaac e Jacob e todos os outros padres santos que son ja con Deus, tan ben os conhecen os que no paraíso son come se os sempre vissen. (17) Ca, pois todos aqueles que hi son, veem Deus per huma claridade comun, que he o que non saberan hu conhecen e saben aquele que todas as cousas sabe e vee.

[31]

(1) Duum religioso que morria que conheceu
os profetas

(2) Contou ainda San Gregorio que huum homen religioso e de vida mui santa que non ha ainda quareenta anos que morreu, na hora que lhi saio a alma do corpo vio os santos profetas Jonas e Ezechiel e Daniel, assi como deron testomõio outros religiosos que enton foron presentes e começou-os a chamar seus senhores e cada huum per seu nome. (3) E os santos profetas veeron a ele e ele en sinal de reverença amergeu os olhos e recebê-os con grande honra. (4) Partiu-se logo a sa alma do seu corpo e foi-se con eles. (5) E porende, Pedro, ti digo eu se aqeste santo homen demente vivia en esta vida cativa e que non pode muito durar, conheceu os santos profetas que nunca vira, quam comprido conhocimento ti semelha que averá naquele outro mundo, en que viverá e fará vida ben aventurada , comprida de tanto prazer quanto se non pode dizer e que pera todo sempre non pode perder?

[32]

(1) Da morte de Johane e de Urso e de Morfio e de Stevan

(2) E disse ainda San Gregório:

(3) - Sol muitas vegadas acaecer que quando a alma sal do corpo conhece aqueles con que ha de sair deste mundo e con que ha d'aver huma morada no outro por humas meesmas penas que averan, porque se iguaron nos pecados ou polos galardões bõos que lhis daran porque son iguaes nas bõas obras que fezeron. (4) Ca Eleutério, homen de santa vida e antigo, de que eu ja falei suso no Terceiro Livro d'ante este, mi disse que no seu moesteiro avia huum seu irmão,

que avia nome Johane, que dissera aos frades con que vivia o dia e a hora en que avia de morrer ante quatorze dias que morresse. (5) E, contando ele cada dia os dias e tolhendo sempre hum dia daqueles quatorze, ante tres dias que o chamassen pera o outro mundo, ouve huma féver mui grande de que morreu. (6) E quando veo a hora da morte tomou o corpo e o sangui do filho de Deus e chamou os frades ante de si e feze-os cantar e louvar e dar louvores a Nosso Senhor. (7) E ele meesmo cantou huma antifãã de si meesmo aaqueles frades que louvavan Deus com ele e disse: (8) “Abride-mi as portas da justiça e entrarei en elas e confessarei e reconhecerei a Nosso Senhor todolos beens que mh’a feitos. (9) Aquesta he a porta do Nosso Senhor per que entrarán e iran os bõds e os justos.

(10) E estando os frades cantando ante ele e dando graças a Deus alçou ele muit’aginha a voz e braadou e disse:

(11) - Urso, ven-te!

(12) E pois que esto disse, saiu-lhi a alma do corpo e acabou a vida mortal deste mundo. (13) Maravilhavan-se os frades porque non sabian porque quando morria chamara aquel frade que avia nome Urso e morava en outro moesteiro que se fosse con ele. (14) E pois aqueste morreu, ouve gram tresteza no moesteiro de sa morte. (15) E a quatro dias foi mester aos frades daquel moesteiro en que morava aquel frei Urso que era di longe. (16) E depois que os frades chegaron aaquel moesteiro acharon os outros frades mui tristes a demais, preguntaron-nos e disseron-lhis:

(17) - Que avedes? (18) Por que andades tan tristes e tan chorosos?

(19) E eles responderon e disseron:

(20) - Nós gememos e choramos o desconforto e a mengua que cada dia veeremos naqueste lugar, ca hum frade que nos en este nosso moesteiro mantinha e per cuja vida viviamos, morreu hoje ha quatro dias.

(21) - E pois os frades preguntaron enton como avia nome, responderon e disseron que avia nome Urso. (22) E pois que os preguntaron en que hora morrera, acharon por verdade que morrera quando fora chamado per aquel Johane que morrera no seu moesteiro. (23) E per este feito, Pedro, podemos entender que estes ambos que sairon ensembra deste mundo foron duum merecimento e por esso ouveron huma morada e hum galardon no outro mundo. (24) Nen me calarei ainda, Pedro, dumas cousas que soubi duums meus vezinhos no tempo en que eu ainda era leigo e morava en huma casa que ha en esta cidade de Roma que mi acaeceu de direito de meu padre:

(25) Eu soubi que huma bõa dona viuva que morava cabo de min e avia nome Galla, avia hum filho mancebo que avia nome Eumorfio. (26) Preto deste mancebo morava outro que avia nome Stevan e dizen-lhi ainda per outro nome, Opicio. (27) Aquesto Eumorfo enfermou e veo ao pustumeiro dia de sua vida, e ante que morresse chamou hum seu minino e disse-lhe:

(28) -Vai aginha a Stevan Opocio que se venha aginha ca já a nave stá guisada em que nos ham de levar a Cezilia.

(29) E porque aquel menino non quis fazer seu mandado, cuidando que ensandecia, começou-se o enfermo de assanhar e ameaça-lo fortemente. (30) E disse-lhe:

(31) - Vai dizer o que te mando, ca por certo sabe que non ensandeço.

(32) Enton saio o menino e indo pera aquele Stevan dizer-lhe o que lhe mandavan; quando chegou aa metade do caminho, achou outro mandadeiro que enviava aquel Stevan a seu senhor. (33) E disse-lhi:

(34) - Hu vas?

(35) E ele respondeo:

(36) - Envia-me meu senhor a Stevan Opocio.

(37) E ele lhe disse logo:

(38) - E eu dele venho, mais por certo sabe que ora morreo.

(39) E tornou o menino pera seu senhor Eumorfio mais achou-o ja morto. (40) E assi podemos cuidar pela mea da carreira em que se acharon os mandadeiros quando cada hum deles morreo que em hum tempo foron chamados ambos deste mundo.

(41) E o seu clerigo dom Pedro disse:

(42) - Muito spantosa cousa he, padre, o que dizes. (43) Rogo-te que me digas porque pareceo nave a alma que saia do corpo como se ouvesse d'ir em ela, ou porque disse que ele e outro que morreo, quando el avia d'ir Cezilia.

(43) Sam Gregorio respondeu:

(44) - A alma, Pedro, non ha mester nave nen ouotra cousa em que vaa. (45) Mais pero non he maravilha se a alma ementre no corpo he, aparece aquilo que o corpo sooi a veer e de que se sooi ajudar pera andar folgadamente seu caminho, pera se dar por esto a entender spiritualmente que a sua alma ajan-na de levar pera o outro mundo e non per nave, nen per outra cousa corporal assi como a ele quando era vivo parecia.

(46) E do que disse que avia d'ir a Cezilia, por que podemos al entender que o disse senon porque nas insoas daquela terra, mas ca en nem huuns outros logares, apareceron muitas vegadas tormentos de fogos que saain de sô a terra naqueles logares? (47) E parecen foran assi como sooin a contar aqueles que os viron. (48) E quanto mais se chega a fin do mundo tanto ali mais parecen logares de mais tormentos em que se atormentan as almas e os spiritos maaos que hi som. (49) E abre-se a terra en muitos logares e veen grandes fugueiras recudir do fundo da terra e fazen-se huuns seos muito anchos em alguums logares daquela terra em que ouven muitos gimidos e muitos choros e muitos braados de grades doores. (50) E esto quis Deus poderoso que se mostrasse em este mundo que se correjan aqueles que ainda no mundo viven. (51) E os encreeos que non creen que as almas ham tormentos no inferno, vejan con seus olhos o que non querem creer quando o ouven preegar.

(52) E que verdade seja, Pedro, que assi os bõds come os maos, que humas obras fezeron ementre no mundo viveron, deven aver galardom cumun assi em bem come em mal, segundo as obras que fezerom ementre viverom. (53) E assi parece per aquilo que conta o Evangelho, espicialmente polos bõds, hu diz: (54) “ Em casa de meu padre ha muitas moradas.” (55) Per que dá a entender que se na gloria do paraíso non fosse garladom desigual polas obras desiguaaes que os homeens fazem, ca humas obras son de maior merecimento e outras de meor, non dissera Nosso Senhor no Evangelho que em casa de seu padre avia muitas moradas. (56) Mais debes tu, Pedro, saber que o galardom primeiro e principal que ha na gloria do paraíso he hum solamente na vista de Deus. (57) E quem esta ha non deseja maior, nen ha enveja a nen hum por maior ben que aja. (58) Ca pera se deleitar e aver prazer em veer Deus ha totalas cousas que deseja e nunca pode desejar senon bem. (59) E este he o galardom geeral que ham todos aqueles que som em paraíso. (60) E porque alguums antre aqueles que som scolheitos pera a gloria do paraíso fezeron algumas obras stremadas per que mereceron sobre os outros alguums galardos)es spiciaaes, assi como os martires e as virgeens e os doutores que ensinam e preegan a fe de Jesu Cristo; e os bõds casados e os bõds viuvos e viuvas que guardan ben sua castidade, por todos estes e por todos outros que algumas obras stremadas fezerom per que per elo ouverom alguums galardões spiciaaes, disse Nosso Senhor no Evangelho: “Na casa de meu padre muitas moradas ha”. (61) E por as moradas dá a entender a Scritura os galardões spiciaaes que ham. (62) E assi como todos aqueles que fezerom humas obras enquanto viveron ham no paraíso humas moradas e huuns galardões spiciaaes, assi, e os que fezerom outras

obras han outras moradas e galardões spiciaaes, assi como os virgeens que foron dhuum merecimento han todos huma morada e huum galardom spicial; e outrossi todos os meestres que foron dhuum merecimento han huma morada e huum galardom spicial; e outrossi os preegadores que foron dhuum merecimento han huma morada e huum galardom spicial. (63) Bem assi he na terra que aqueles que som no inferno, salvo a pena geeral que ham que nunca jamais veerom Deus polo fogo do inferno de que as suas almas som envistidas a que pera sempre som obrigadas, han outras penas spiciaaes segundo os pecados que fezerom. (64) E os que em este mundo viveron en huuns pecados han no outro mundo meesma penas: porende atormentam huuns sobervos con outros sobervos; e huuns luxuriosos con outros luxuriosos; e huuns enganadores con outros enganadores; e huuns avarentos con outros avarentos; e huuns envejosos con outros envejosos; e huuns pagããos con outros pagããos. (65) E aqueles que se semelharon e iguaron na culpa em este mundo, iguan-nos e assemelhan-nos nas penas no outro. (66) E todo esto dá a entender Nosso Senhor Jesu Cristo que he verdade no Evangelho, em que dando a entender o dia do juizo diz: (67) “Enton direi eu aos segadores: (68) colhede a ervilhaca e legade-a em moolhos pera queimar”. (69) Pelos segadores entendemos os angeos, pela ervilhaca legada em moolhos entendemos os maaes que foron semelhaviis e iguaaes nos pecados que fezerom. (70) Ca enton os angeos legaram os moolhos da ervilhaca pera queimar quando forom as almas daqueles que foron iguaaes nas culpas, nas penas e nos tormentos igualmente.

E o seu clerigo dom Pedro disse:

(72) - Assaz me tenho por entregue, padre, da resposta que tu deste na demanda que eu fige. (73) Mais rogo-te que me digas como acaece que a muitos tiran as almas dos corpos come per erro, non seendo aqueles que Nosso Senhor chama mais outros. (74) E porende tornan depois as almas aos corpos e diz cada huum depois que a este mundo torna que ouviu dizer quando a sua alma se partiu do corpo que non era ele aquele que mandaron sair deste mundo, mais que era outro.

XXV^o capitulo

(1) Daqueles que semelhan que saain deste mundo come per erro. (2) E da devonçon de Pedro monge. (3) E da morte e resurreiçon dhuum cavaleiro

(4) Sam Gregorio respondeo:

(5) - Aquesto, Pedro, quando se faz se o bem entendem non he erro, mais amoestamento.

(6) Ca pela piedade de Deus e sua misericordia grande he ordinado que as almas de muitos depois que saain dos corpos tornan logo aginha a eles. (7) E os que foron mortos tornan vivos pera temeren e pera se saberem guardar das penas do inferno que viron e non quiserom creer quando delas ouviron falar.

(8) Ca huum monge que dizian Uciano, que vivia comigo no meu moesteiro em aquesta cidade de Roma, suia a contar que em huum tempo, quando ainda morava no ermo, soube e foi certo que huum monge que avia nome Pedro de terra de Ibernia, que morava em huma parte do ermo que avia nome Evasa e stava junta con aquel logar em que ele morava, assi como aquel que o a min contou o aprendera do monge que era natural de Ibernia que ante que veese morar ao ermo foi enfermo dhuma infirmitade mui grande de morreo. (9) Mais a cabo de pouco tornou a alma ao corpo e viveo e contou muitos tormentos que avia no inferno e muitos logares outros en que atormentavan as almas. (10) E dizia que vira ainda alguums homeens poderosos daqueste mundo jazer naquelas penas do inferno. (11) E quando eles quiserom o olhar naquelas en que os outros atormentavan, dizian que aparecera muito aginha huum angeo que tragia suas vistiduras mui freosas e defendeo que o non metessen no fogo e disse aaquel:

(12) - Salte d'ende! (13) E daqui em deante para mentes em como debes a viver.

(14) E depois destas palavras entrou-lhe a alma no corpo e aqueecerom os nembros do corpo que eran friios tornou vivo. (15) E contou totalas cousas que lhe acaecerom e tanta foi a steença que depois fez vigalias e en gejuums que bem dava a entender ainda que o ele nunca dissesse que temia os tormentos do inferno. (16) Ca sua vida era mui santa e de muitas orações e de muitas lagrimas e mui devota come aquel que Deus pola sua misericordia grande tornara da morte aa vida. (17) E aqui mostra as penas do inferno a que el era obrigado ja se o Deus pola sua misericordia grande non livrara.

(18) Mais porque o coraçon do homen he mui duro e creen todos igualmente non solamente o que ouven mais ainda aquelo que veen, non presta a todos igualmente veer as penas do inferno a que van os pecadores.

(19) Ca huum nobre homen que avia nome dom Stevan que tu bem sabes, Pedro, suia a mi contar de si meesmo que stando huum tempo na cidade de Constantinople, em razon dhuum

preito que hi avia de desembargar em a corte do emperador, foi tam gravemente enfermo que morreo. (20) E porque o non podian trager a esta cidade de Roma em que el mandara soterrar o seu corpo, se o non abrissem e se lhe non enchessem o ventre de muitas boas specias que cheirassem bem, demandaron huum dia todo o meestre que o abrisse e que lhe enchesse o ventre de specias de muitos bõds odores e non o acharon. (21) E assi jouve o seu corpo aquela noite que veo depós aquel dia que demandaron o meestre e non foi soterrado. (22) E contou ele depois que naquel dia e naquela noite em que seu corpo jouvesse pera soterrar que o levaron ao inferno e viu muitas cousas das penas e dos tormentos do inferno e do purgatorio que d'ante non criia quando o ouvia. (23) E quando o apresentaron ante huum juiz ao qual apresentavan as almas de aqueles que detes mundo saiam, o juiz non o quis receber e disse:

(24) - Non he este aquel Stevan porque eu mandei, mais Stevan ferreiro que mora cabo del.

(25) E logo o Stevan ferreiro que morava a cabo del morreo em aquela hora e a alma daquel Stevan que era homen nobre tornou ao corpo. (26) E pelo que se fez pareceu que o que disse era verdade.

(27) E dá a entender Sam Gregorio que este Stevan que depois foi ressuscitado non melhorou en sua fazenda nen huma cousa, como quer que creesse as penas do inferno que ante non criia quando as ouvia contar. (28) Ca disse Sam Gregorio no começo desta façanha que os corações dos homeens son mui duros e non aproveita a todos igualmente veer as penas do inferno e do purgatorio assi como parece per estas cousas que aqui conta Sam Gregorio. (29) Disse ainda Sam Gregorio que aqeste dom Stevan morreo ainda non ha tres anos naquela pestelença geeral per que desta cidade de Roma foi despobrada gram peça de gente que hi morreo, ca viron os homeens visibilmente seetas viinr do ceo e firir aqueles que andavan vivos, ora huuns, ora outros, assi como tu sabes, Pedro.

(30) Contou ainda Sam Gregorio e disse:

(31) - Huum cavaleiro em esta nossa cidade de Roma foi mal chagado de chagas de que veo a morrer. (32) E depois que morreo a cabo de pouco tornou a alma ao corpo e contou aquelas cousas que vira no outro mundo; (33) E disse que naquel logar a que levaron a sua alma avia huma ponte sô que corria huum rio mui negro e muito scuro e de gram fedor que o non podia sofrer homen que em este mundo fosse. (34) Do rio recudia huma nevoa mui grande e muito spessa. (35) E aalem da ponte avia huuns plados de grandes deleitos e de grandes plazer

e todos verdes em que se deleitavam muito os olhos daqueles que os viam. (36) E das flores que saiam das ervas que naqueles prados nasciam recudiam huuns oa res tan bõs que non ha homen que se em eles muito non deleitasse. (37) Ali moravan gram companhia d'homeens vestidos de vistiduras brancas e mui claras e tanto era o bõ odor e gram prazer naquel logar que assaz se sentiam por avondados e por mui confortados e por mui ben andantes, todos aqueles que ali moravan e que podian andar per aqueles prados. (38) Ali ha muitas moradas mui nobres e de mui grade lume e dam a cada huum sua morada, segundo o que em este mundo mereceo. (39) Ali fazian huma casa mui maravilhosa e semelhava que fazian as paredes de tegelhos d'ouro, mais non podian ainda saber pera quem era. (40) Sobre a riba daquel rio avia muitas moradas e a algumas tangia a nevoa fedorenta que do rio recudia e a outros non podia atanger nen huum fedor que da nevoa do rio recudisse nen de nen huma outra cousa. (41) E por esto se prova que aalem da ponte non podian morar senon homeens justus e santos, ca se algum homen que non fosse justo quisesse passar per aquela ponte pera ir morar aaquele logar deleitoso stava aalem da ponte, so que na ponte subia, caia naquel rio scuro e fedorento de que ja falamos. (42) E se fosse justo e santo e sem pecado nen huum, iria seguramente e ousadamente e sem empeço nen huum ataa que chegasse aaqueles logares deleitosos de que suso falamos. (43) Disse aquel cavaleiro que vira huum moordomo da gente desta nossa egleja jazer ali en logares muito scuros carregado de muito ferro e mui mal(1)treito que morrera ainda non avia quareenta anos e avia nome Pedro. (2) E quando o perguntou porque jazia en tan grandes penas disse-lhi que quando lhi mandavan dar alguums tormentos a alguen por justiça fazer, mais lhos dava con desejo e con gram coraçõ de crueza que avia, ca por obedecer aaqueles que lho mandavan. (3) E deste nós acordamos todos - diz San Gregorio - que el quando era vivo assi o fazia como o depois confessou quando era morto. (4) Disse ainda aquel cavaleiro que vira huum clerigo de missa estranho quando veno aaquela ponte con tan gram poderio e con tan grande outoridade passou per ela, con tan gram limpidade vivera dementre no mundo fora. (5) E disse ainda que aquel don Stevan, de que ora falamos, que o conhecera mui ben no outro mundo e quando quis passar aquela ponte escorregou-lhi o pee e quando se amergeu da ponte pera caer no rio, levantaron-se huuns homens mui negros do rio e tiravan-no pelas coixas a fundo. (6) Entõ recudiron acima da ponte outros homens de vistiduras brancas e mui fremosas e tiraron-no suso pelos braços e dementre os bõs anjos tiravan pera cima da ponte e os maaos pera o rio a alma do cavaleiro

que esto viia tornou-se ao corpo e non soube dizer compridamente en que estado ficara o seu feito.

(7) E per esto que el contou, daquel don Stevan que vira as penas do inferno, podemos entender que pelas esmolnas que fizera depois que a sa alma tornara ao corpo, quando depois morreu na segunda vez, os anjos bõds tiravan-no pera cima da ponte. (8) E porque se non partira ainda compridamente dos prazeres e dos deleitos da carne, os anjos maaos tiravan-no pera o rio negro e fedorento e assi era contenda antr'os spiritos bõds e maaos sobrelas obras bõas e maas que aquel homen fizera. (9) Mais pero nen nos nen o cavaleiro que esto vio non sabemos quaes destas obras poderon mais, segundo o juizo ascondudo do juiz a que ren non he ascondudo. (10) Pero sabemos nós por certo que aquel don Stevan pois que vio os tormentos que no inferno aos pecadores davan e a sa alma tornou ao corpo, assi como eu de suso dixi, non corregeu sa vida compridamente como quer que depois vivesse per muitos anos.

(11) - E por esto, Pedro, podemos entender que as penas do inferno quando as Deus mostra a alguums, profeitan de as veer porque corregen per i a sa vida. (12) A outros as mostra Deus pera seeren certos do que primeiramente non criiam. (13) E assi alguums guardan-se depois que aos corpos tornan que non vaam aas penas que no outro mundo viron. (14) E os outros quanto os mais atormentan quanto mais pouco guardaron de fazer obras per que non fossen aaquelas penas que ante no inferno viron e conhocerom.

(15) E o seu clerigo don Pedro disse:

(16) - Rogo-te que mi digas, padre, que se mostra per aquelo que suso dissisti que semelha que naquel logar deleitoso fazian huma casa de tegelos d'ouro. (17) Grande escárnio semelha se nós devemos creer que naquela vida perduravil avemos mester ouro ou prata ou outro metal qualquer por bõd que seja.

(18) E Sam Gregorio respondeu:

(19) - Quen bõd he se saõ entendimento ha non entende que na vida do outro mundo non dam a neguum casa feita d'ouro nen de prata, mais portanto dizen que a casa que lhi dan he feita d'ouro porque muitas esmolnas que fez enquanto no mundo vive, mereceu no outro mundo morada de lume e de claridade perduravil.

(20) E portanto dezia aquel cavaleiro de que suso falamos que vira muitos velhos e muitos mancebos e muitas meninas e muitos meninhos trager muitos tegelos d'ouro pera fazer aquela casa que el vira no outro mundo, como quer que non soubesse cuja devia seer. (21) E

per esto se dava a entender que aqueles lha ajudavan a fazer, a quen en esta mundo el fezera muita piedade e muita misericordia pelas esmolnas que lhis dera.

[34]

(1) De Deuslodeu a que vininam fazer cada sabado huma casa no outro mundo.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Aqui morava cabo de nós huum çapateiro de santa vida que avia nome Deslodeu de que foi mostrado a hum santo homen que lhi fazian huma mui bõa casa no outro mundo, mais os obreiros non lavravam en ela senon no dia sabado. (4) Aquel santo homen a que esta vison foi mostrada trabalhou-se ascondudamente de saber que vida fazia aquel çapateiro e achou por verdade que de quanto lhi ficava daquele que gaanhava en cada huum dia, salvo aquelo que despendia en vestir e en manteença de seu corpo todo o levava aa igreja de San Pedro ao sabado e dava-o aos pobres que hi achava. (5) E per esto entendi, Pedro, que non sen razon crecia a obra da sa casa que lhi no outro mundo fazian sempre no dia sabado.

(6) E o seu clerigo don Pedro disse:

(7) - Assaz mi respondisti, padre, aa demanda que figi das moradas que no outro mundo fazen aaqueles que en este mundo fazen algumas esmolnas por amor de Deus. (8) mais rogo-te que mi digas porque as moradas dalguums tangia o fedor e a nevoa que recudia do rio e as moradas dalguums outros eran sen este fedor e sen esta nevoa. (9) E di-me ainda se ti praz que se demostra pela ponte e pelo rio que aquel cavaleiro vio no outro mundo.

(10) E San Gregorio respondeu:

(11) - Pelas imaginações , Pedro, das cousas que as almas no outro mundo veen, entendemos os merecimentos bõos ou maaos segundo a melhoria ou a peioria das cousas que a homen pela imaginaçon son demostradas. (12) Ca a ponte per que o cavaleiro vio passar os justos e os bõos aos logares deleitosos que estavan aalen da ponte he a carreira estreita per que homen ven aa vida perduravil assi como diz o Avangelho. (13) E o rio que sô a ponte corria dá a entender aqueles que decen dos estados bõos en que estan e corren cada dia mais e mais aos deleitos e aos prazeres da carne que sol a apodrecer e criar vermeens e fedor. (15) E pelas moradas dalguums a que sobia e que tangia a nevoa e o fedor que do rio recudia, entendemos

aqueles que, como quer que façan muitas boas obras, pero ainda an muitas cuidoções dos deleitos da carne a que consenten. (16) He mui gram justiça de Deus que aa casa daqueles venha a nevoa e o fedor que se ainda nas teevas do pecado e no fedor dos prazeres da carne deleitan. (17) E porende o ben aventurado San Job Veendo o espirtu dos deleitos da carne que os luxuriosos an e a ceguidade e a escuridade da mente e o fedor en que jazen chamtados, deu sentença dos luxuriosos e disse: (18) “O sabor do luxurioso e o prazer he vermen e fedor”. (19) E pelas moradas daqueles outros a que non podia atanger a nevoa e o fedor que do rio recudian, entendemos os corações daqueles que se partiron ja compridamente dos prazeres e dos deleitos da carne. (20) E debes tu a entender, Pedro, que per huma cousa se entende o fedor e a nevoa que aquel cavaleiro vio, ca o deleito e o prazer da carne cega e escurenta o entendimento do homen que non veja a claridade do lume verdadeiro e afedorenta e faz con seu fedor avorrecer a Deus a alma daquel homen, assi que lhi faz perder a graça de Deus e obriga-lo aas penas do inferno pera todo sempre jamais. (21) E pelo deleito que a alma recebe da carne que esta en fundo, onde dece o fedor, recebe no entendimento que está en cima nevoa e escuridade per que non possa veer o melhor.

(21a) E don Pedro seu clerigo disse:

(22) - Cuidas, padre, que se possa demostrar per outoridade de Santa Escritura que os pedados dos deleitos da carne devan seer tormentados per pena de fedor?

[35]

(1) Dos de Sodoma.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Pode se demostrar pela Scritura Santa aquilo que demandas, ca no primeiro livro da Santa Scritura que dizen Genesi, en que fala como Deus criou o mundo e como formou Adam e como todos os outros homens foron geerados dele e de dona Eva, ali conta que enviou Nosso Senhor per maneira de chuvia sobre los de Sodoma fogo e eixufre pera acende-los fogo e pera mata-los per fedor do eixufre. (4) Ca, porque eles foron acezos en seus corpos per amor desaguizado de defedorento e tan avorrido que non he pera falar, razon semelha que parecen per

fogo e per fedor para entenderem pena que sofriam, ca eles se obligaron aa morte do fogo perduravil polo deleito do fedor da sa carne e pelo acendimento desguisado de seus corpos.

(5) E o seu clerigo don Pedro disse:

(6) - Reconhosco, padre, que de todas aquelas cousas en que duvidava soon certãõ per aquilo mi dissesti.

[36]

(1) Das almas dalguums que dementre foron nos corpos viron algumas penas do outro mundo assi como foi Theodoro. (2) E da morte de Crisauo e da morte duum monje que semelhava bõõ e non-no era.

(3) Contou ainda San Gregorio e disse:

(4) - Muitas vezes sol acaecer que as almas dementre andan nos corpos veen as penas que an no outro mundo. (5) E alguums as veen por seu proveito, ca melhoran per i sa vida depois. (6) E alguums outros non-nas veen por seu proveito, ca non enmendan sa vida per aquele que viron, mais veen-nas a proveito daqueles que lhas ouven contar. (7) Ca huum homen que avia nome Theodoro sen assesego nen huum e sen outra bõa vida vida que fizesse, de que eu ja falei ante o poboo nas Homelias que figi, veo-se pera o meu moesteiro per razõ duum seu irmão qui hi era monge o vivia hi con ele, non por voontade de ben fazer que ouvesse, mais por mengua e por pobreza que avia. (8) Aqueste Theodoro non podia sofrer se lhi alguen dezia alguma cousa por prol de sa alma, ca o ben quando lhe dezian non solamente non-no queria fazer, mais non-no podia ouvir. (9) E quando lhi dezian que entrasse na ordin escarnecia ende e assanhava-se e jurava que nunca tomaria o hávito da orden. (10) E aqueste naquela pestelença que noutro dia acaeceu naquesta cidade de Roma, de que morreu mui gram peça de gente, foi ferido mui mal na inguen, assi que cuidaron que morresse daquela ferida. (11) E ele, jazendo ja pera lhi sair a alma do corpo, juntaron-se os frades do convento e veeron ali hu o seu corpo jazia e rogavan a Deus por sa alma. (12) E quanto mais de coraçõ rogavam a Deus por el quanto viiam que a alma se partia mais aginha do seu corpo. (13) E jazendo todo o seu corpo frio, salvo que tiinha os peitos caentes per que entendian que a alma non era ainda partida do corpo,

começou a braadar aos frades que estavam ant'el. (14) E con seus braados embargava as orações que por el fazian e dezia-lhis:

(15) - Ide-vos, frades! (16) Ide-vos daqui ca o dragon a que ja sōo dado per juizo, pera me comer, non me pode comer por vós que estades presentes. (17) E a mha cabeça ja a el ten metuda na sa boca e porque, me atormenta mui forte, ide-vos e acabará o que ha de fazer, ca pois non lhi eu sōo dado pera me comer dementre vós comigo estades.

(18) Enton os frades lhi começaram a dizer:

(19) - Que he irmão, que he isto que dizes? (20) Fázi o sinal da cruz en ta fonte.

(21) E el respondeu con grandes braados:

(22) - Quero me sinar e non posso, ca o dragon me preme con sas escamas muito asperas e non me deixa sinar.

(23) E pois os frades esto ouviron, deitaron-se en terra con muitas lagrimas e rogaron a Deus que o livrasse de mãoo daquel dragon e logo o enfermo começou mui't'aginha a dar muitas vozes e disse:

(24) - Dou muitas graças a Deus, ca ja o dragon que me tiinha pera comer fugio. (25) Deitaron-no daqui pelas vossas orações e non pôde hi mais estar. (26) Ora rogade a Deus polos meus pecados, ca aparelhado sōo pera me converter e pera deixar a vida de mundo en que vivia.

(27) E assi aquele que era ja come morto recebeu saude no seu corpo e per aquelas penas que vio e que era ja julgado, corregeu sa fazenda e viveu mui santa vida. (28) E pois que sofreu muita coisa en seu corpo por amor de Deus, saiu-lhi a alma do corpo e foi-se pera gloria do paraiso.

(29) E assi como a este Theodoro ouve prol a pena do outro mundo que vio que lhi tiinha guardada, assi a outro que dezian Crisauro non profeitou nemigalha aos spiritos maaos que vio ante que lhi a alma saisse do corpo, assi como soia contar Probo seu coirmão de que eu ja suso falei.

(30) Aqueste Probo soia a dizer que aqueste Crisauro foi mui rico dementre que en este mundo viveu e assi como era rico d'aver, assi era mui rico de muitos pecados ca era mui sobérvio e mui luxurioso e mui grande avarento. (31) E Nosso Senhor querendo ja fazer cima aas sas maldades deu-lhi huma enfermidade de que veo aa morte. (32) E ante que morresse abrio os olhos e vio os spiritos maaos estar ante si e trabalhavan-se de o levar pera o inferno. (33) E el pois esto viu, começou a tremer e a temer e con gram coita que avia suava e a grandes

vozes pedia treguas e espaço pera correger sa fazenda e chamava ainda a grandes vozes huum seu filho que avia nome Maximo que eu vi ja monge. (34) E dezia:

(35) - Mal figi, recebe-me na ta fe.

(36) E Maximo recudio muit'aginha con gram torva que ouve no seu coraçõ e con muitas lagrimas. (37) E toda a companha sua recudio ali con gram choro e non podian veer aqueles maaos spiritos que estavam ant'el, que lhi fazian todo aquel medo e todo aquel espanto, de que se el guardava. (38) Mais pero quen a sa face visse tan amarela con temor que avia e que lhi ouvisse dizer as paravoas que dezia e como se resolvia no leito, ora duma parte, ora da outra, pera non veer huma imagen negra e muito avorrida que sempre ante a sa face aparecia hu quer que se el volvia, ben podia entender que ant'el estavam os spiritos maaos de que el tan de grado queria fugir e non podia. (39) Ca se se volvia pera a parede ou se deitava no lado seestro sempre os enmigos ante el aparecian. (40) E pois se el vio tan apretado o desasperar-se ja que non podia sair de mão daqueles seus enmigos tan avorridos e tan medonhos que ante el estavam, começou a braadar a grandes vozes e dizer:

(41) - Treguas, se al non ata a manhã! Tregua, se al non ata, a manhã!

(42) E el dizendo estas paravoas a grandes braados, os enmigos que estavam ant'el tiraron a sa alma do corpo en que andava e levaron-na consigo. (43) E assi parece que esta vison non profeitou a el que a viu, mais a nós que a ouvimos e que Deus ainda atende con gram pazeença per tan gram tempo pera lhi fazermos peendença dos pecados que lhi fizemos. (44) Ca que prol lh'ouve a el de veer os spiritos maaos tan negros e tan avorridos ante que morresse pois lhi non outorgaron o espaço e as treguas que con tan grave medo pedia?

(45) Ainda aqui cerca de nós ha huum clerigo de missa e he preste d'Isauria que ha nome Athanasio. (46) E este nos contou que en seu tempo acaecera huma cousa muito espantosa en Iconhio, ca disse que ali ha huum moesteiro que á nome Conlagaton en que morava huum monge que os monges tiinham por mui santo e por de mui bõds costumes e por muito honesto en todolos feitos que fazia e nas palavras que dezia. (47) Mais assi como se mostrou pela cima que fez, outro era e outro parecia, ca no tempo en que el dava a entender que jajunhava como os outros seus frades, comia ascondudamente e deste pecado e dos outros que el fazia non sabia os outros frades parte. (48) E el assi vivendo enfermou tan gravemente que veo ende a morte, e ante que morresse fez chamar todolos frades que no moesteiro eran. (49) E eles pois foron juntados ant'el cuidavan que el lhis queria dizer alguma cousa de gram prazer de

que as sas almas ficassen confortadas ca o tiinhan por mui santo homen. (50) E el per juizo de Deus con gram coita e con gram temor foi constrenjudo a que o enmiigo era ja dado que lhi tirava a alma do corpo per força. (51) E disse-lhis ainda:

(52) - Quando vós cuidávades que eu jajunhava come vós, comia ascondudamente. (53) E ora per sentença sãõ ja dado a huum leon que me cómia e el con sa coa ten-mi ja legados os pees e os geolhos e meteu sa cabeça dentro na mha boca e bebeu-mi todo o spiritu e tirou-o do corpo en que andava.

(54) E pois que esto disse, morreu e non-no atenderon mais pera fazer peendencia per que fosse livre daquel dragon. (55) E assi, Pedro, parece cousa certãã que aquelo que el vio e que disse a seus frades non profeitou a el, mais profeitou aaqueles que o ouviron ca lhis leixou façanha pera nunca mostraren de si o que non son.

(56) E o seu clerigo don Pedro disse:

(57) - Queria que me ensinasses, padre, se devemos a creer que despola morte á hi fogo de purgatorio que atormente as almas que saen dos corpos.

[37]

(1) Se devemos creer que despola morte á hi fogo de purgatorio.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - O apostolo San Paulo diz que Nosso Senhor Jesu Cristo he fundamento da eigreja e sobre aqueste fundamento põe alguums ouro e prata e pedras preciosas per que entendemos bõas obras e con esto põe ainda sobre este fundamento lenha, feo, resteba, per que entendemos os pecados veniaes sen que non pode o homen en este mundo viver. (4) E diz ainda o apostolo que o fogo prova qual he a obra de cada huum, ca aquel cuja obra ficar e non arder receberá galardon. (5) E aquel cuja obra arder receberá ja que dano, ca o purgaran pelo fogo, pero salvar-s'á. (6) E como quer que se esto entenda do fogo do purgatorio en que se purgan os pecados meores, pero pode-se entender do fogo da tribulaçon que homen en este mundo sofre per que se poden purgar estes pecados pequenos que homen chama veniaes. (7) Ca se pela tribulaçon que homen en este mundo sofre se non purgan, purgan-se depois pelo fogo do purgatorio. (8) E esto he verdade se homen mereceu ante, dementre no mundo que vivia, per bõas obras que fez que

se purgassen os seus pecados veniaes pelo fogo do purgatorio eno outro mundo. (9) Son ainda outros homens que sobrelo fundamento da nossa fe que Nosso Senhor Jesu Cristo põe ferro, arame e chumbo per que entendemos os pecados mortaes que se non poden tolher nen purgar per aquel fogo do purgatorio, mais aqueles que os fezeron reciben tormenta por eles no fogo do inferno en que viven por todo sempre jamais. (10) E assi parece que no outro mundo ha fogo de purgatorio per que se purgan os pecados veniaes e en que homen ten as peendenças que en este mundo non teve polos pecados que fez. (11) Parece ainda per eixemplo que no outro mundo ha fogo de purgatorio.

[38]

(1) Da alma de don Pasqual clerigo d'avangelho.

(2) Contou ainda San gregorio e disse:

(3) - Quando eu era mancebo, ante que tomasse hávido de religion, ouvi dizer a homeens d'outoridade e de verdade que don Pasqual, clerigo d'avangelho, desta eigreja de Roma que fez muitos bõos livros do Spiritu Santo que ainda en esta eigreja de Roma ha, foi homen de gram santidade e que fazia muitas esmolnas aos pobres e despreçava si meesmo e dava por si mui pouco. (4) Aqueste don Pasqual, quando foi a contenda antre Simaco e Lorenço qual deles seeria papa, elegeu Lourenço por papa. (5) E como quer que todos os outros fiees da eigreja tevessen com Simaco, este don Pasqual sempre teve con don Lourenço e amou-o mais ata dia de sa morte. (6) E quando este don Pasqual morreu en tempo de Simaco, que era ja apostolo de Roma, tomaron a dalmatica que possuem sobrelo seu leito en que levavan o seu corpo pera soterrar e deron-na a huum demoniado que a tangesse e pois que a tangeu logo ficou sãão e salvo e livre e quite do mal que lhi o enmiigo soia a fazer. (7) A cabo de mui gram tempo mandaron os fisicos a don German bispo de Capua, de que suso ja falamos en esta nossa obra, que por saude de seu corpo entrasse ameudi nos banhos d'Ongulana e que se banhasse en eles. (8) E quando hi huma vegada entrou, achou aquel don Pasqual que era morto estar servindo naqueles banhos per mui grandes caenturas e pois o vio, ficou muito espantado e demandou-lhi que estava hi fazendo homen que de tan gram santidade e de tan boa vida fora. (9) E el respondeu que non estava naquel logar daquelas penas por nen huma outra razon, senon porque

tevera con don Lourenço e non con Simaco en feito da eliçon do apostolo. (10) E disse-lhi don Pasqual enton:

(11) - Rogo-te por Deus que rogues Nosso Senhor por min que me tire destas penas e esto podes provar que Deus ouvio a ta oraçon, se non achares aqui depois que aqui er veeres.

(12) E porende o santo homen de Deus don German rogou Nosso Senhor pola alma de don Pasqual e a cabo de poucos dias tornou aos banhos e non-no achou. (13) E por que aquel don Pasqual non pecara per maldade, mais per erro de non saber, cuidando que aquel don Lourenço que el elegera por apostoligo era melhor e de mais santa vida ca don Simaco, que todolos outros elegian, porende pôde purgar despola morte o seu pecado pela oraçon do santo bispo don German que el fizera. (14) E esto mereceu ele que se podesse fazer depós de sa morte polas esmolnas muitas e mui graadas que el faze dementre vivia, ca ja despola morte non podia nemigalha merecer.

[39]

(1) Das almas que se demostran despola morte

(2) E o seu clerigo don Pedro disse:

(3) - Rogo-te, padre, que mi digas que he aqesto que ja en estes pustumeiros tempos muitas cousas pareceron das almas que ante foron abscondidas e non sabudas dos homeens que ja per revelaçõs e per outros signaaes abertos e conhecidos. (4) E ora semelha que se ven chegando a nós o outro mundo em que sempre avemos de viver.

XLI^o capitulo

(1) Das almas reveladas depois da morte.

(2) Sam Gregorio respondeo:

(3) - Assi he, Pedro, como dizes. (4) Ca segundo que soubemos por certo quanto se este mundo em que vivemos mais chega pera cima tanto o outro se vai mais demostrando e parecendo per signaaes abertos que conhecemos e que cada dia veemos. (4a) Mais non

entendemos o que cuidamos huuns outros. (5) E no outro mundo cada huun ha de veer aquelas cousas que tragen abscondidas em seu coração. (6) E que podemos dizer a este mundo que he senon noite e o outro senon dia? E assi como quando se a noite quer fujir e o dia começa a nacer, ante que o sol naça compridamente, as treevas som juntadas con a luz ensembra atas que as treevas da noite que se passam sejan tolheiros de todo em todo per o lume do sol quando raia compridamente sobrelo aar. (8) E assi semelha que ja a cima daqueste mundo se vai miscrando e juntando con o começo do outro em que sempre avemos de viver. (9) Ca as cousas do outro mundo spirituaaes de que ante non aviamos conhecimento, van ja parecendo pouco e pouco per que entendemos que se ven chegandoo outro mundo a que aquelas cousas pertecem. (10) E assi começamos a veer, depois que a álvor começa a romper e o dia se começa de chegar, aaquelas cousas que non viamos ante porque nos embargavan as treevas da noite. (11) Mais quanto o sol se chega mais a nós e arraia sobrelo aar, tanto mais conhecemos as cousas que de noite non podemos conhecer. (12) E aasi as cousas que ao outro mundo pertecem imo-las ja conhecendo como antre lobo e cam. (13) E as deste mundo que se vai ja acabando come noite e as do outro que se vai ja começando come dia , ca no outro mundo conhecemos os corações de todos que em este mundo non podemos conhecer.

(14) E o seu clérigo dom Pedro respondeo:

(15) - Plaz-me muito, padre, o que dizes. (15a) Mais de tam santo homen como era dom Pascoal, clérigo da igreja de Roma, me maravilho muito como o levaron despola morte a logar en que pena ouvesse. (16) Pois Nosso Senhor pola sua vistidura que poserom sobre o seu leito em que levarom o seu corpo, quando o levarom a soterrar, tam grande virtude mostrou que fazia fugir os enmigos dos corpos dos homeens.

(17) Sam Gregorio respondeo:

(18) - Em tal demanda que tu fazes, Pedro, parece o gram poder e gram saber de Nosso Senhor, ca, porque este homen dom Pascoal era homen de grandes smolas e era teudo por mui santo ante todo o poboo, quis Nosso Senhor polo milagre que por el fez, por levar a sua alma adeante e mostra-lo por bõõ ante toda a gente, assi como era verdade; mais porque ele pecou em feito da enliçom de dom Lourenço de que suso falamos, non por maldade mais por mingua e por erro de bõõ conhecer, e este pecado nunca o el conheceo ementre viveo e quis-lhe Nosso Senhor dar despola morte alguma pequena pena per que o conhecesse e per que purgasse o erro em que caira.

(19) E o seu clérigo dom pedro disse:

(20) - Bem he o que dizes, pero esta tua razom me constringe pera temer non solamente os pecados que fige mais aqueles de que entendo em mim que nunca fige. (21) Mais rogo-te, padre, que pois ja suso falamos dos logares en que penan as almas depois da morte, que me ensignes e mostres hu devemos creer que he o inferno, se sobre a terra ou sô a terra.

XLII^o capitulo

(1) Hu devemos a creer que he o inferno.

(2) Sam Gregorio respondeo:

(3) - Non ousa a determinar nen dar sentença sobre esta demanda que me tu, Pedro, fezeste arrebatadamente, ca muitos cuidarom que o inferno he em huma parte da terra e outros cuidarom que he sô a terra. (4) Mais pero o meu coração prende duvida, ca se nós algum logar chamamos inferno porque jaz de juso, assi como outra terra jaz sô esta em que nós andamos, segundo esto cada huma destas terras podem chamar inferno. (5) E por esta razom semelha que disse o profeta David no Salteiro: (6) “Livraste-me tu, Senhor, a minha alma do inferno que está mais de juso.” (7) Per que dá a entender que hum inferno stá de cima em alguma parte desta terra em que nós vivemos e que outro inferno stá em fundo em outra terra que está sô esta em que nós andamos. (8) E em aquesto semelha que acorda Sam Johan quando disse no Livro das Revelações que vira hum livro seelado de sete seelos e non achavan nen hum no ceo, nen enna terra, nen sô a terra que fosse digno de abrir aquel livro e soltar e declarar os signaaes que em ele jazian. (9) “E eu chorava muito”, disse el. (10) Empero que aquel livro foi aberto pelo leom que se levantou do tribu de Judá, per que entedemos Nosso Senhor Jseu Cristo, e pelo livro entendemos a Santa Scritura que ele despose e declarou quando se fez homen e morreo por os pecadores e depois resurgiu e depois subiu ao ceo. (11) E assi non acharon nen hum no ceo dos angeos que hi avia, nen aacharom na terra nen hum dos homeens que hi vivian, nen acharon nen hum sô a terra das almas e dos spiritos que hi avia que podesse declarar os segredos da Scritura Santa senon Nosso Senhor Jesu Cristo que era Deus e homen compridamente. (12) E pois aqui - diz Sam Johan - que non acharon nen hum sô a terra que

fosse digno pera abrir aquel livro que contrairo ou que mal nos pode nacer se dissermos que creemos que o inferno he sô a terra?

(13) E o seu clerigo dom Pedro disse:

(14) - Rogo-te, padre, que me digas se devemos creer que o fogo do inferno he huum ou se ha hi tantos fogos no inferno quantos som os pecados dos homeens que em ele atormentan.

XLIII^o capitulo

(1) Se o fogo do inferno he huum ou desvairado

(2) Sam Gregorio respondeo:

(3) - Huum he, Pedro, o fogo do inferno, mais non atormenta todos per huma maneira, ca aqueles que maires pecados fizeram maiores penas senten em ele, (4) E os que meores pecados fizeram meores penas senten. (5) Ca assi como nós veemos en este mundo que huum he o sol que todos aqueenta, Pero non senten todos igualmente que huum atormenta mais a caentura do sol e outros meos segundo as desvairadas compreisoões dos corpos que ham. (6) Assi no inferno huum he o fogo que as almas atormenta, e que atormentará as almas e os corpos ensembra depois do dia do juizo. (7) Empero desvairadas seeram as penas que daquel huum fogo sairam per juizo de Deus, segundo como foren os pecados desvairados que fizeram enquanto viverom e de que non ouverom nen huma contriçom nen fizeram nen huma peendencia.

(8) E o seu clerigo dom Pedro perguntou ainda e disse:

(9) - Rogo-te, padre, que me digas se aqueles que meten no inferno ham sempre de arder.

XLIII^o capitulo

Dos que son no inferno se arden sempre.

[40] (1) E Sam Gregorio respondeu:

(2) - Muito he cousa firme e verdade, sen duvida nen huma, que assi como os bõos an prazer e góuvio sen fin, assi o marteiro e a pea dos maaos non ha d'aver cabo. (3) Ca diz a verdade no Evangelho: (4) “Iran os maos en tormenta perduravil e os bõos en vida perduravil”. (5) Ca assi como he verdade o que Nosso Senhor Jesu Cristo Deus e homen compridamente prometeu, assi non pode seer sen duvida cousa falsa e con infinta ameaça que lhi fez.

(6) E o seu clerigo don Pedro disse:

(7) - Como pode contradizer, padre, alguen aaquel que disser ca portanto ameaça Deus os pecadores con pena perduravil que os vãã tirando pouco e pouco pera non caeren en pecado?

(8) E San Gregorio respondeu:

(9) - Se a ameaça que el faz aos pecadores non he verdadeira e non lhila faz senon pera constregeren-se dos pecados, outrossi a promessa falsa que lhis faz sa vida perduravil he falsa e non lhila faz senon pera fazeren bõas obras. (10) Mais quen seeria aquele ainda que fosse louco que tal cousa ousasse a dizer? (11) Ca se ele fez meaça que non entende a cumprir dementre queremos dele dizer e afirmar que he de gram misericordia. (12) Verdade conhoçuda non constrengue que digamos dele que he enganador e sen verdade e tal dizer como este he mui mao e de gram maldade.

(13) E o seu clerigo don Pedro preguntou ainda San Gregorio e disse:

(14) - Queria saber, padre, como he direito que a culpa e o pecado que se faz en pequeno tempo e acaba-se mui'aginha, como manda Deus atormentar sen cima pera todo sempre jamais?

(15) E San Gregorio respondeu:

(16) - Aquesto, Pedro, que tu dizes diria-se dereitamente se o juiz que nos ha de julgar non metesse mentes nos corações dos homens quando pecan, mais nas obras e nos feitos que fazem, ca os maaos homens portanto pecan con cima porque viveron con cima. (17) Ben querian eles se podessen viver sen cima e por todo sempre pera poderen pecar sen cima e pera todo sempre. (18) E ben parece que desejan sempre viver en pecado os que nunca leixan de pecar dementre viven. (19) E porende he gram justiça do juiz que sempre aja tormenta quem en este mundo nunca quis viver sen pecado.

(20) E o seu clerigo don Pedro preguntou ainda San Gregorio e disse:

(21) - O juiz direito, padre, non se deleita na crueza e portanto manda ferir o seu servo quando peca que se correja da maldade que fez. (22) Pois se o portanto atormentan que se deva

a correger, per qual razon os pecadores que meten nos fogos do inferno arderán por sempre, pois nunca poden viir aa tal cima que façan enmenda dos pecados que fezeron ou porque cima os atormentan pera sempre?

(23) E San Gregorio respondeu:

(24) - Deus poderoso, Pedro, porque he piadoso non se deleita no tormento dos mesquinhos. (25) E por que he direito juiz non se queda d'atormentar os maaos pera todo sempre. (26) E assi os maaos que son ja dados pera o tormento perduravil, reciben penas pera sempre pela sa maldade que sempre fezeron e sempre viveran. (27) E pero arderán por sempre, pera veeren sempre os justos que son en paraíso os góuvios que reciben en veendo Deus sempre, e pera veeren as penas que os maaos no inferno sempre reciben de que eles escaparon. (28) E portanto son mais teudos pera sempre dar graças a Deus quanto mais veen que por sempre duran as penas que dan aos pecadores no inferno polos pecados que fezeron que eles pela ajuda de Deus venceron.

(29) E o seu clerigo don Pedro preguntou ainda San Gregorio e disse:

(30) - Como poden seer santos aqueles que enton veeran arder os seus amigos no inferno e non rogaron a Deus por eles, ca Nosso Senhor Ihis mandou que amassem seus enmiigos e rogassen a Deus por eles?

(31) E San Gregorio respondeu:

(32) - Oran, Pedro, por seus enmiigos os santos naquel tempo en que os poden trager a peendencia con fruto per sa oraçom per que sejan salvos depois quando deste mundo sairen. (33) Ca non he outra cousa rogar polos enmiigos senon o que diz o apostolo que Ihis deu deus graça pera conhecer a verdade per que possan sair dos laços do enmiigo en que ja jazen presos porque comprirom o que el querria. (34) Mais como poderán ja rogar por aqueles que ja per nen huma maneira non se poden ajudar de maa vontade en que morráram pera fazer nen humas bõas obras? (35) Ca aquela medês razon que homen ha pera non rogar polo enmiigo e polos seus anjos que ja son dados pera sempre ao fogo perduravil, aquela medês razon he que non rogue por aqueles cristãos que morren en pecado mortal e son ja dados pera todo sempre aas penas do inferno. (36) Qual he inda ora a razon que os santos homeens non roguen polos homens maaos e encreeos que ja son mortos, senon porque saben que o merecimento de sa oraçom he vãão e non val nemigalha ante os olhos daquel direito juiz por aqueles de que son certos que porque non ouveron a sa fe som ja dados ao tormento do fogo perduravil? (37) E porende, Pedro, se aqueles

justos que ainda vivos son naqueste tempo en que veen que ainda nos seus corpos ha alguma cousa per que os poden condanar e atormentar no outro mundo, non se doendo dos maaos que morren e jazen ja no inferno, mais pouco se doerám aqueles justos que ja son no paraíso pera rogaren por aqueles que Deus per sa justiça condanou e meteu nas penas do inferno pera todo sempre, quanto mais arredados son de todo comprimento de pecado e mais achegados pera querer aquilo que Deus quer. (38) E porque vontade de Deus he que aqueles que son no inferno sejan atormentados pera sempre e os santos que no paraíso son non queren al senon aquilo que a Deus praz, se rogassen por aqueles que no inferno jazen, ainda que fossen seus parentes, non queriam o que Deus quer. (39) E por esso lhis praz que a justiça de Deus se compra en eles ainda que sejan seus padres e sas madres e seus parentes mui chegados e por esso non poden rogar a Deus por eles.

(40) E o seu clerigo don Pedro disse:

(41) - Non vejo ja, padre, cousa que se possa dizer contra a razon tan aberta e tan conhoçuda que tu dissesti, mas rogo-te que mi tolhas huma gram duvida que ei e que mi digas porque dizen que a alma do homen non pode morrer pois certo he que morren no fogo perduravil.

[41]

(1) Da alma que é no inferno como se entende que non morre.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Como dizen, pedro, que a vida se toma en duas maneiras, assi a morte se toma en duas maneiras: (4) Huma maneira dizemos que o homen vive quando se move e sente e entende e isto lhi acaece demente a alma he no corpo, ca depois que se a alma sae do corpo non se pode o corpo mover nen sentir e tal vida como esta non pode a alma perder, ca ainda que seja fora do corpo sempre pode mover e sentir e entender. (5) E outrossi dizemos que o corpo que primeiramente era vivo pela alma e morto depois que se a alma do corpo parte ca non se pode mover nen sentir. (6) E assi como esta vida de que primeiramente falamos, que pela alma ven ao corpo he natural, outra maneira de vida he pela graça de Deus, ca se o homen está sen pecado mortal dizen-lhi que faz ben aventurada vida como quer que en seu corpo muitas coitas sofra.

(7) E outrossi quando se a graça de Deus parte dele e cae en pecado mortal dizen-lhi que morre.

(8) Ca assi como a graça de Deus he vida da alma, assi o pecado he sa morte e tal morte poden aver as almas depois que deste mundo saen. (9) Mais a primeira morte de que primeiro falamos que he en se non poder mover, nen sentir , nen entender non-na pode aver a alma depois que se o corpo parte, mais pode aver a primeira morte que he quando he sen graça de Deus e sofre tormentos pera sempre. (10) E portanto dizen que padece morte sen morte e defalecimento sen defalecimento e fin e assi a morte non he mortal e o defalecimento non defalece a fin non se finince.

(11) E o seu clerigo don Pedro disse:

(12) - Quen he aquel, padre, ou de quam bõõ merecimento pode seer que quando ven aa morte non tema a sentença do condanamento que se non pode mostrar per palavra que, como quer que sábia as obras que fez, pero ainda non sabe que solamente ha de julgar os seus feitos aquel juiz a que se ren non asconde?

[42]

(1) De como huum santo homen quando vio a morte ficou espantado.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Assi he, Pedro, como dizes, mas muitas vezes acaece que pelo temor grande que as almas an quando saen dos corpos, fican purgados dos pecados ligeiros que fizeram quando no mundo vivian. (4) Assi como tu ouvisti muitas vezes duum santo homen que comigo foi que quando veo aa morte ouve grande temor e despola morte apareceu aos seus discipolos con huma stola muito alva e mui freiosa e contou-lhis con quanto prazer e con quanto góuvio o receberam no outro mundo.

[43]

(1) Como mostra Deus a alguums algumas cousas espirituaes pera non averenmedo da morte e d'Antonio e Merulo monjes.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse?

(3) - Muitas vezes acaece, Pedro, que deus poderoso esforça as mentes dalguums temerosos por algumas revelações que lhis amostra pera non averen medo depois na hora da morte. (4) Ca huum frei Antonio que comigo vivia no moesteiro e nunca se quedava de chorar con desejo que avia do góuvio da terra celestial e estudava muito ameudi e con gram prazer na Scriptura Santa de Deus, non por sabença que ende quisesse aprender, mais pera gaanhar amor de deus e desse pouco polas cousas temporaes e non amasse nen desejasse senon as cousas celestias. (5) Aaqueste disseron de noite per vison:

(6) - Está aparelhado e passa, ca Nosso Senhor o mandou.

(7) E porque el disse que non avia despesa pera passar, ouvio logo esta resposta que lhi disseron:

(8) - se o ás polos teus pecados, sabi que perdoados tison.

(9) E pois esto huma vegada ouvio e non perdeu o medo que ante avia, na outra noite que se seguio ouvio aquelas meesmas palavras que lhi na primeira noite disseron. (10) En cinque dias ouve huma féver de que morreu e todolos frades fazian gram doo por el e fazian muitas orações per sa alma.

(11) Outro frade ouve naquel moesteiro que avia nome Merulo, homen de muitas lagrimas e de mui grandes esmolnas. (12) Aqueste nunca quedava de rezar seu salteiro tirado quando comia ou dormia. (13) Aaqueste apareceu huma noite en vison como lhi poinha na cabeça huma coroa de froles mui brancas e mui fremosas e enviavan-lha do ceo. (14) E pois esto vio , caeu logo en ele huma enfermidade e foi mui ledó e mui seguro pera o outro mundo. (15) E acaeceu depois a quatorze anos que don Pedro abade daquel moesteiro en que el morreu quis fazer huma sopultura pera si naquel pera si naquel muimento en que jazia soterrado aquel santo homen Merulo. (16) E assi como ele afirmava, recudiu tan bõõ odor e de tan gram prazer daquel muimento come se todalas froles e todalas specias de mui bõõs odores ali fossen ajuntadas. (17) E per este miragre apareceu que verdade fora aquelo que de noite per aquela vison que vira lhi fora mostrado.

(18) Outro mancebo ouve naquel moesteiro que ouve nome Johane que era mui guisado e mui endereçado pera todo ben. (19) Aqueste era de grande entendimento e de grande homildade e de bõa e doce palavra e pesado en todolos outos feitos come se fosse huum de grande idade. (20) Aqueste, jazendo enfermo duma enfermidade de que cuidava ja a morrer, vio

de noite en vison huum homen bõõ velho que lhi apareceu e que o tangeu con huma vara que tragia e disse-lhi:

(21) - Leva-te ca non morrerás ora desta enfermidade, mais está guisado e aparelhado ca non viverás aquí ja longo tempo.

(22) E, como quer que os físicos desesperassen ja de sa vida, ficou logo sãõ e enforçado e contou a vison que vira e viveu depois en serviço de Deus dous anos, assi como el dissera.

(23) E depois aquestes dous anos, ante que se comprisse o terceiro, huum frade daquele moesteiro morreu e soterramo-lo nós todos no cimiterio daquel moesteiro. (24) E pois nós saimos todos do cimiterio ficou hi soo aquel Johane de que suso falamos. (25) E o frade que enton soterraron chamou aquel Johane do muimento en que jazia e disse-lhi que veesse fazer vida con aqueles que viviam no outro mundo, assi como no-lo Johane depois contou con sa coor toda mudada e con sa face muito amarela con medo que ouvera, tremendo muito con seu corpo, con grande espanto que ouvera do morto que o chamara. (26) E assi pareceu depois per feito ca depós dez dias logo ouve huma féver de que morreu.

(27) E o seu clerigo don Pedro o preguntou ainda mais e disse:

(28) - Queria que mi ensinasses, padre, se devemos guardar aquelas cousas que de noite veemos per sonho.

[44]

(1) Se os sonhos se deven a guardar e per quantas maneiras se fazem.

(2) E San Gregorio respondeu:

(3) - Deves saber, Pedro, que os sonhos se fazem per seis maneiras. (4) Aas vezes sonha homen porque comeu muito e teno ventre ben cheo. (5) Aas vezes sonha ainda porque ten o ventre vazio e estas duas maneiras prova cada huma en si medês. (6) Alguma outra vez sonha homen pelo enmiigo que quer fazer escárnio d'homen e faz aparecer algumas semelhanças na imaginaçon que homen recebe como se fossen verdadeiras. (7) E porende disse o sabedor: (8) “Muitos fezeron errar os sonhos e caeron aqueles que en eles confiaron”. (9) En outro logar diz a Escritura: (10) “Non cataredes pelos agoiros nen pelos sonhos”. (11) E porque os agoiros son muito pera esquivar en esta Scritura, junta os sonhos con os agoiros e dá a entender quando se

deve homen a guardar de non creer pelos sonhos. (12) Sol ainda homen a sonhar naquelas cousas que ante cuidou. (13) E por esso diz a Escritura: (14) “Depós muitos cuidados veen os sonhos”. (15) Sonhan ainda os homeens e veen dementre dormen aquelas cousas que a eles ou a outros ham de viinr porque lhes demostra Nosso Senhor ante que se façan sem cuidoo nen huum que en primeiramente ouvessem. (16) E por esso diz a Escritura que Josep viu de noite per sonho que avia de aver senhorio sobre todos seus irmããos. (17) E aa Virgen Maria disse o angeo per sonho que fugisse con seu filho pera o Egito, ca Erodes o mandava pera o matar.

(18) Muitas vezes acaece ainda que amostra Nosso senhor ao homen per sonho aquelas cousas que primeiramente cuidou. (19) E porende Daniel, querendo declarar a Nabucodenoosor a visom que lhe Deus mostrara de noite per sonho, começou no cuidoo que el primeiro ouvera e disse-lhe:

(20) “- Tu, rei, começaste a cuidar em teu strado que avia de viinr depois destas cousas que se agora faziam. (21) E aquel que conhoce todas as cousas e per semelhança dhumas entende, amostra as outras que se per elas seguiran e demonstrarom. (22) E se demostrou a ti as cousas que aviam de viinr, ca depois que começaste a cuidar o que viinria depós estas cousas que ora som, adormeciste e sonhaste que vias huma imagen mui grande e mui alta e avia a cabeça d’ouro e os peitos e os braços de plata e o ventre e as coixas de arame e os pees eran de ferro e de terra. (23) E recudia huma pedra de huum monte arrigada sem mããos e dava no pees daquela imagen e britava-lhos. (24) E o ouro e a plata e o arame e o ferro tornava-se en huma faisca e viinha o vento e soprava-a. (25) E non era logar no mundo em que os podessem achar. (26) E este he o sonho, rei - disse Daniel - que tu sonhaste. (27) E pela semelhança das cousas que viste mostrou-che Deus as cousas que ham de viinr porque cuidaste tu que avian de viinr após o que fora.

(28) E porende debes saber que polo ouro que he metal melhor que todos os outros se entende o outro reino maior que o teu e seerá depois que o teu falecer. (29) E pelo arame que a imagen avia no ventre e nas coixas, entende-se no outro reino terceiro que seerá ja de meor fortaleza e de meor poderio que os primeiros dous. (30) E pelo ferro que a imagen avia nas pernas entende-se o quarto reino que seerá de meor poderio e de meor fortaleza que todos os outros que ante el foram. (31) O ferro he mais rijo e mais forte ca nen huum outro metal, mais polo ferro e pola terra que eran ensembra juntados de que eram feitos os pees da imagen, entendemos o reino quinto que non pode muito durar porque as gentes que me ele moram som

de desvairados costumes e non conveen, nen se juntam bem os huum con os outros ca ham desvairados corações. (32) E o que a huuns plaz non plaz aos outros e por esso non pode muito durar. (33) Assi como a terra miscrada con o ferro, per que entendemos este quinto reino, que se non ajuntan nen se aprendem bem e assi non podem muito durar. (34) E pela pedra talhada do monte sem mãos, assi como dizem os santos, entendemos o filho de Deus que naceo da Virgem sem chegamento d'homen e de molher per cujo poder se destruíron todos estes reinos de que falamos. (35) Assi como per aquela pedra se smigalhará toda aquela imagen e tornará em faisca que leva o vento o nunca mais parecerá. (36) E depois de todos estes reinos viinrá o outro reino que non averá fim que durará pera todo sempre jamais”.

(37) E assi disse Daniel a Nabucodensor: (38) “Pela semelhança das cousas que naquela noite viste per sonho te quis Deus mostrar aquilo que se avia de fazer”. (39) Ca em tal demanda cuidará el primeiramente ante que pelo sonho lhe fora mostrado.

(41) E disse Sam Gregorio ao seu clerigo dom Pedro:

(41a) - Assi aparece que este sonho foi por cuido e per revelaçon. (42) E assi Daniel depois que mostrou con gram reverencia a el-rei a visom que vira per sonho e como se começara do cuido que el primeiramente ouvera, parece que ha hi huma maneira de sonho que se faz per cuidaçom ensembra con revelaçon. (43) Quando Deus mostra per sonho ao homen aquilo que primeiramente cuida, e porque som tantas maneiras de sonhos, assi como ora dissemos, tanto homen deve mais pouco a creer ja os sonhos quanto mais pouco entende de que raiz se fazem ou donde nacen. (44) Pero os santos homen)ens fazem departamento per amor e per sabor que ham de Deus dentro em suas almas , que, se aqueles sonhos veen per Deus que lhes quer mostrar as cousas que ham de viinr ou pelo enmiigo que os quer enganar. (45) Ca se em estes non foren bem cavidados e bem entedudos pera departir donde nacen, ligeiramente poden ficar enganados pelo spiritu maa enganador que mete os homeens em muitas vaidades e que lhes mostra muitas vezes mui verdadeiras cousas per que os trage depois aaquel engano em que os queria meter.

XLIX^o capitulo

(1) Daquel que sonhou que avia de viver muito e a cabo de pouco tempo morreo.

(2) Sam Gregorio contou ainda e disse:

(3) - Acaeeo outro dia huum de nossos companheiros que para mentes nos sonhos e regia-se per eles. (4) E prometerom-lhe per sonho que avia de viver muito tempo e porque o el creeo, apanhou mui grandes haveres que despendesse em tan grande tempo em que avia de viver. (5) E tan aginha e tan arrebatadamente morreo depois que nunca tangeu nen huma cousa de haver que apanhara pera despender. (6) E assi leixou o haver que non pôde levar, nen er fez nen huma boa obra que consigo levasse de que se podesse ajudar.

(7) E o seu clerigo dom Pedro disse:

(8) - A min bem me nembra, padre, quem foi aquela que esto acaeeo, mais rogo-te que vas adeante per aquelas cousas que começamos e que me digas se devemos a cuidar se as almas reciben proveito quando os corpos em que andaron foron soterradas nas eglejas.

LX^o capitulo

(1) Se aproveita aas almas dos passados seeren soterradas nas eglejas.

(2) Contou Sam Gregorio e disse:

(3) - Quando os homeens morren sem pecado mortal, gram proveito reciben de soterraren os seus corpos nas eglejas, ca aqueles que foren seus parentes e seus amigos cada que foren aa egleja e viren os muimentos en que jazen os seus corpos sempre se nembraron deles e rogaron a Deus por eles. (4) Mais aquel que morre em pecado mortal non lhe ha proveito pera as almas, mais he-lhe gram perda e gram dano de mandaren soterrar seus corpos nas eglejas. (5) E aquesto demostraremos melhor se tornarmos brevemente aaquelas cousas feitas en nossos tempos.

LXI^o capitulo

(1) Dhuma mulher de religiom que foi soterrada na egleja de San Lourenço martir como pareceo.

(2) Contou ainda Sam Gregorio que huum homen de santa vida e honrada que avia

nome dom Fiiz foi bispo do Porto. (3) Deste naceo e foi dado testemunho na provincia de Sabina que naquela proença fora huma molher d'orden, mui casta, mais era de mui maa lingua, ca dizia muitas vezes palavras caçurras e mui vãs e mui loucas e mui desordinadas. (4) Aquesta morreo e soterraron-na em huma egleja. (5) Aaquelas medês noite viu aquel que era guarda de egleja, per revelaçon, que tragian aquela molher ante o altar e talhavaon-na per meo. (6) E huma meatade queimavan e a outra meatade non tangiam. (7) E quando a guarda da egreja se levantou pela manhã e contou esto aos seus companheiros que a egleja serviam, quando veo mostrar o logar en que a queimarom, pareceron as marmores que ante o altar jazian todas chamuscadas. (8) E os signaaes do fogo e da chama assi ficaram naquelas marmores come se chamuscassen hi porcos ou queimassem hi homen ou molher. (9) E por tal façanha se dá a entender abertamente que aqueles a que ainda os pecados non som perdoados non se podem ajudar, despola morte, pera fugir ao inferno e aa sentença de Deus por os logares sagrados em que so mandam soterrar.

LXII° capitulo

(1) Da sepultura de Valeriano que foi patricio.

(2) Contou ainda Sam Gregorio e disse:

(3) - Todos sabemos mui bem quam honrado e quam assesgado foi dom Johane que foi juiz en esta cidade de Roma. (4) Aqueste dom Johane certificava e dizia a min muitas vezes que Valeriano que foi defendedor dos pobres na cidade de Roma e dos direitos do cumum, morreo em huma cidade que dizian Prixa. (5) E o bispo da cidade deu-lhe hum logar na egleja em que o soterrassem por algo que lhe derom. (6) Aqueste Valeriano ataa pustumoiria idade do seu tempo foi leve en manhas e en costumes. (7) E deitou-se sempre pera cumprir os desejos da carne e os prazeres e nunca quis poer mesura nen tempera nen huma aas suas maldades. (8) E a - caeço naquela noite en que o soterraron que Sam Faustino martir, em cuja egleja o corpo daquele Valeriano fora soterrado, pareceo aaquel que guardava a egleja e disse-lhe:

(9) - Vai e di ao bispo que deite daqui aquelas carnes fedorentas que aqui pose, ca se o non fezer a triinta dias morrerá.

(10) E esta visom non quis dizer a guarda da egleja ao bispo por temor que ouve dele. (11) E, como quer que o amoestassem que lho dissesse, non lho quis dizer tan grande era o medo que de bispo avia. (12) E aos triinta dias deitou-se o bispo da cidade a hora de vespera em seu leito sãõ e salvo e em outro dia de manhã o acharon morto de morte arrevatada qual homen nen poderia cuidar.

LXIII^o capitulo

(1) Do corpo do Valentinno que foi defensor que deitaron da egreja depois da morte.

(2) Contou ainda Sam Gregorio e disse:

(3) - O honrado nosso irmão Venancio, bispo de Luna, que he aqui conosco em esta cidade de Roma, he mui nobre e mui franco e mui verdadeiro baron, el e dom Liberio afirman e dizen aquesta façanha que noutro dia acaeeo na cidade do Genua e dizen que os seus homeens foron presentes quando acaoceo esto. (4) Estos ambos dizen que dom Valencino, defendedor da egleja de Meliam, homen que catava muito pera cumprir os desejos e os prazeres da carne e mui livãõ en todos seus feitos, morreo noutro dia na cidade de Genua e soterraron o seu corpo na egleja de Sam Sisto martir. (5) E quando foi a mea noite, ouviron aqueles que a egleja guardavan humas vozes como se alguem quisessem deitar e tirar per força da egleja. (6) E aaquestas vozes se levantaron as guardas da egleja e viron dous spiritos maaos mui negros que levaron ja os pees daquele Valentino fora da egleja. (7) E ele braadava e dava grandes vozes. (8) E as guardas que esto viron ficaram mui spantadas e tornaron-se a seu strado em que dormian. (8) E quando veo a manhã, abriron o muimento en que soterraron aquele Valentino e non acharon hi o seu corpo. (9) E demandando fora da egleja hu o deitaron, acharon-no jazer em outro muimento con seus pees legados assi como lhos legaron quando o deitaron da egleja. (10) E per tal façanha, Pedro, debes entender que aqueles que morren en pecado mortal, se se mandam soterrar na egleja que he logar qual eles non merecem, julgan-nos mal pola soberva que fezerom e non os livram os logares santos em que se mandam soterrar, ca os acusa a culpa da soberva e da sandice que mandaron fazer quando quiserom dar honra aos corpos e as almas non a mereceron.

LXIII^o capitulo

(1) Dhuum corpo dhuum homen tintureiro soterrado na egleja que hi depois non acharon.

(2) Sam Gregorio contou e disse:

(3) - Assi como dizem as companhas dos tintureiros que em esta cidade moran, em esta cidade de Roma foi huum tintureiro, o primeiro que soube tinger os panos, e quando morreo feze-o sua molher soterrar na egleja de Sam Januario martir, a cabo da porta de Sam Lourenço.

(4) E na noite que se siguiu depós a que o soterraron, começou a braadar o seu spiritu do muimento em que soterraron o seu corpo, ouvindo-o a guarda da egleja e dizia:

(5) - Arço! Arço!

(6) E aquesto disse per mui gram tempo. (7) Em outro dia a guarda da egleja disse-o aa molher daquel que assi braadava. (8) E sua mulher enviou homeens de seu mester aa egleja que parassem mentes e trabalhassem de conhocer como o corpo de seu marido jazia no muimento de cujo spiritu aquelas cousas dizian. (9) E eles abriron o muimento e acharon as vistiduras con que o soterraron taaes como as hi lançaron, ca nunca as tangerá nen huma outra cousa. (10) E en este dia as teen guardadas por façanha desta cousa e por dar testemunho do que acaeeo en aquela egleja, (11) Mais o seu corpo non o acharon. (12) E per esta façanha debes a entender, Pedro, que vingança Nosso Senhor tomaria daquela alma cujo corpo non quis que jouvesse na egreja soterrado. (13) E poren que aproveita nos logares sagrados aos mortos que se en eles mandam soterrar quando aqueles que dignos non som, porque morreron em pecado mortal, de soterraren-nos e deitaren-nos fora e non scusan porende as almas as penas que mereceron? (14) E assi parece que non proveita aas almas daqueles que morreron em pecado mortal que se mandem soterrar nas eglejas.

(15) - Hora - diz Sam Gregorio - que pode depois da morte proveitar aas almas?

LXV^o capitulo

(1) Per que podem seer ajudadas as almas depois da morte. (2) E do clerigo de Centocellas e da alma de Justo monge.

(3) Sam Gregorio respondeo aa demanda que el meesmo suso fez e diz:

(4) - Como quer que as culpas non sejam perdoadas despois da morte e per nen huma emenda que possam fazer a aqueles que ja som mortos e ja non som en stado de merecer mais padecer, pero outras cousas que mais poden ajudar as almas pera sairen de penas he missa que canta o sacerdote em que oferece a Deus (1) padre o corpo e o sangui do seu filho don Jesu Cristo Nosso Senhor, pera se amercear daquela alma, porque aquela missa cantan per razon das penas a que he obligada pelos pecados que fez de que peendencia comprida non fez quando no mundo vivia. (2) E porende algumas almas daqueles que ja mortos son , veen pedir aos vivos que façan por eles cantar algumas missas.

(3) Ca o bispo don Fiiz, de que ja suso falamos, mi disse que ouvira dizer a hum sacerdote de vida santa e honrada, que ante dous anos era vivo e morava no bispado da cidade de Centocela e era prelado da eigreja de San Joane que está en hum logar que dizem Tauriana. (4) Aqueste sacerdote soia a ir muito ameudi por saude de seu corpo a humas caldas que naquel logar avia pera se banhar en elas porque lhi fazian muito mester. (5) E hum dia que hi veo, achou hum homen que non conhocia e servia-o de todas aquelas cousas que mester avia, ca ele o descalçava e desvestia e quando saia da banho lhi dava o lençol de que se cobria e fazia-lhi a cama en que se deitava. (6) E fazia-lhi todo outro serviço que mester avia mui de grado e mui de coração. (7) E, porque lhi este serviço fazia cada que o banho viinha, cuidou en seu coração algum ben que lhi fizesse por aquel serviço que lhi fazia. (8) E huma vegada indo ao banho, levou consigo duas obradas mui boas e achou logo aquel homen aparelhado estar pera o servir compridamonte como soia. (9) E pois se o clerigo banhou e recebeu daquel homen todo serviço que mester avia, assi como soia, quando se queria ir deu aaquel que o servira aquelas obradas que tragia e rogou-o que recebesse de bõõ talan aquilo que lh'el dava pela graça do serviço que lhe el tantas vezes fazera. (10) E el lhi disse chorando e mui coitado:

(11) - Por que mi dás tu estas cousas, padre? (12) Este pan santo he e non-no posso eu comer, ca eu que tu ora vees fui en outro tempo senhor deste logar e despola morte deitaron-me aqui come en logo de purgatorio polos pecados que aqui figi, mais, se mi tu quiseres prestar, canta algumas missas por min e oferéci a Deus Padre pan e vinho por min de que consagres o corpo e o sangui do seu filho Jesu Cristo Nosso Senhor. (13) E pois ofereceres en ta missa o corpo e o sangui do filho de Deus a seu padre por min, e lhi rogares que

mi perdoe os meus pecados e en esto podes entender que recebeu Deus o teu rogo se me non achares quando te veeres outra vez aqui banhar.

(14) E pois que estas palavras disse desapareceu, e per esto deu a entender que aquel que ante pareceu homen porque se tan aginha somiu non era homen, mais spiritu. (15) E o sacerdote ben aventurado cantou huma domaa continuadamente por el con muitas lagrimas e con gram devoçon, oferecendo cada dia o filho de Deus a seu padre polos pecados daquela alma que o rogara. (16) E pois tornou ao banho, non-no achou, o assi entendeu pelo sinal que lhi el dera que quis Deus que o tirara daquelas penas en que andava. (17) E por tal cousa come esta, Pedro - diz San Gregorio - podes entender quanto profeita o sacramento do corpo e do sangui do filho de Deus que ofrecen os sacerdotes a Deus Padre polos pecadores quando cantan sas missas. (17a) Ca se assi non fosse non verrian os spiritos dos mortos demandar aos vivos que cantassen por eles missas e non lhis er darian signaes per que pelos seus sacrificos eran quites dos pecados, assi como fez este de que ora falamos.

[46]

(1) Da alma de Justo monje.

(2) Contou ainda San Gregorio e disse:

(3) - Non he pera calar huma cousa que me nembra que acaeceu no meu moesteiro ainda non ha tres anos. (4) Huum monje que avia nome Justo que era ben entendudo na arte da Fisica, vivia comigo e en mhas enfermidades que eu avia ameudi, servia-me mui ben e mui de talan. (5) Aqueste monge per enfermidades que ouve veu a morrer. (6) E ante que morresse huum seu irmão carnal que avia nome Copioso, que ora ainda en esta cidade vive pela Fisica de que obra, servia aquele seu irmão frei Justo en sa enfermidade mui ben e mui de talan. (7) E ante que morresse disse a esse seu irmão Copioso que tiinha tres soldos ascondudos en ouro e esta cousa nen se pode asconder aos frades; (8) ca andaron demandando todos aqueles logares en que tiinha sas meezinhas e aa cima acharon aqueles tres soldos en ouro ascondudos antr'as meezinhas. (9) E pois mh'o a min disseron, non pudí sofrer nen alamarar tan gram mal do frade que nosco vivia comunalmente, porque era proprietario contra a regra do seu moesteiro, que eu prometera a guardar, en que diz que todolos frades do moesteiro deven a viver do comun e nen

huum non deve a aver nen huma cousa propria. (10) Enton comecei a cuidar con gram tresteza que óuvi polo pecado do frade que poderia eu fazer per que el fizesse peendencia de seu pecado e os outros frades non ficassen con maa eixemplo. (11) E porende mandei chamar o preposto do meu moesteiro e dixi-lhi:

(12) - Vai e di aos frades que se non achegue nen huum aaquel frade que jaz pera morrer e non receba palavra de conforto de nen huum deles, mais quando se chegar aa morte e demandar os frades que venhan a ele, diga-lhi seu irmão carnal que os frades o avorrecen e non se queren chegar a ele polos III soldos en ouro que ouve ascondudamente. (13) E assi ante que moira receberá amargura da culpa que fez e purgar-s'á do pecado en que caeu. (14) E quando for morto non soterran o seu corpo no cimiterio en que soterran os outros frades, mais fazede-lhi huma cova en huum monturo e deitade hi o seu corpo e deitade sobr'el os tres soldos que teve ascondudos e digan todos os frades ensembra a grandes vozes:"o teu haver seja contigo en perdiçon". (15) E depois cobride-o da terra. (16) E en taaes duas cousas que eu mandei fazer, a huma por prol da alma do morto, ca depois que se visse desemparedado na hora da morte dos seus frades polo soldos que tevera ascondudos averia amargura en seu coração do pecado porque lhi tanta viltança viinha. (17) E da outra parte os frades que ficavan vivos, pois viiam que polo pecado da propriedade tan gram pena aquele frade na hora da morte recebia, guardar-s'ian de caer en outro tal pecado pola façanha que a seu companheiro viiam fazer.

(18) E assi como don abade mandou fazer, assi foi feito todo. (19) Ca naquela hora en que aquel monge veo a morrer e braadava polos frades que xi lhis comendasse, disse-lhi seu irmão carnal a razon porque os frades avorrecian e non queriam viir a ele. (20) E ele gemou muito e doeu-se de seu pecado e jazendo en este gimido e em esta tristeza saiu-lhe a alma da carne e na sepultura e em todas as outras cousas assi foi feito per mandado do abade como suso dito he.

(21) Mais todos os outros frades do moesteiro assi ficaron spantados da sentença que fora dada sobre aquel frade que morrera, que cada huum todas as cousas que avia assi preciosas come refeces e aquelas que poderia ainda cada huum teer e guardar segundo sua regla, todo trouverom pera o cumun pera lhes non poder achar nen huum depois onde os podesse repleender. (22) E depois que passaram triinta dias depois da morte daquel frade, ouve eu mui gram door daquel frade que morrera, e comecei a cuidar em meu coração as penas grandes que lhe por aquel pecado dariam no purgatorio e que remedio poderia achar pera tira-lo delas. (23)

Enton mandei chamar o preposto do nosso moesteiro que avia nome Precioso e disse-lhe con gram tristeza do meu coraçom:

(24) - Muito ha que aquel frade que finou atormentan no fogo do purgatorio, e nós devemos lhe fazer alguma caridade e ajuda-lo quanto podermos pera tira-lo daquelas penas que sofre.

(25) E porende, irmão Precioso, vai tu, e deste dia ataa triinta dias continuadamente canta por el cada dia, e non seja dia nen huum em que por el non ofereças em tuas missas ataa que sejam triinta dias o corpo e o sangue do filho de Deus Nosso Senhor Jesu Cristo ante a face do seu padre, pera seer quite e livre das penas do fogo do purgatorio em que jaz.

(26) E porque nós aviamos outras cousas de fazer, non contamos os dias em que cada dia o preposto do moosteiro cantava por el, aquel frade que fora morto apareceo huma noite a seu irmão Copioso e el o preguntou:

(27) - Irmão, como te vai?

(28) E el respondeo:

(29) - Ataa ora me foi mal, mais ja me vai bem, ca hoje em este dia recebi a cumunhon e me levaron pera a gloria do paraiso con tam gram prazer que se non pode dizer nen cuidar.

(30) E aquel seu irmão Copioso que esto viu, veo ao moesteiro e contou aos frades todo aquilo que lhe seu irmão que ja morrera contara. (31) E os frades contarom os dias em que por el cada dia cantavan missa e acharom-no que en aquel dia forom os triinta dias compridos em que el a seu irmão dissera que ja lhi ia bem e que o receberom ja a cumunhon. (32) E, pera aver parte o quinhon do goivo e da gloria do paraiso, e, porque seu irmão Copioso non sabia o que os frades fçzerom por el e os frades non sabiam a visom que Copioso seu irmão vira, e acharom por verdade que en huum meesmo tempo aquel seu irmão vira aquela visom e as triinta missas forom compridas e assi concordaron a visom e o sacrificio do pustumeiro dia em que a pustumeira missa fora cantada. (33) E acharom abertamente que aquel que fora morto foi livre das penas do fogo do purgatorio polo sacrificio do corpo e do sangue de Nosso Senhor Jesu Cristo que ofereceo naquelas triinta missas a Deus padre poderoso.

(34) E o seu clerigo dom Pedro disse:

(35) - Maravilhosas cousas som estas, padre, que eu ouço e de que ei gram prazer.

LXVIII^o capitulo

(1) Da vida e morte do bispo Cassio.

(2) Sam Gregorio contou e disse:

(3) - Pelos feitos que aos vivos acontece, fica homen certo e sem duvida das palavras que os mortos disserom. (4) Ca o bispo de Narnia, homen de muito honrada vida, que avia nome dom Cassio e cantava cada dia sua missa con muitas lagrimas e con gram devoçon e, teendo o sacrificio do corpo e do sangue do filho de Deus ante si sobre o altar em que cantava missa, recebeo mandado de Nosso Senhor per huum seu clerigo de missa que lhe apareceo que era ja finado e disse-lhe:

(5) -Faze o que fazes e obra o que obras, non se quede o teu pee e a tua mão de fazer bem, ca ne festa dos apóstolos Sam Pedro e Sam Paulo te veenrás pera min e dar-te-ei galardom dos teus trabalhos.

(6) E aquel bispo depois sete ãnos, em dia dos apóstolos Sam Pedro e Sam Paulo, depois que as missas foron cantadas e el tomou a cumunhon do corpo e do sangue do Nosso Senhor Jesu Cristo, saiu-lhe a alma do corpo e foi-se pera a terra celestial.

LXVIII^o capitulo

(1) Dhuum que era preso de seus enmiigos e como disserom huma missa tiraron-se-lhe logo as prisõões que tiinha. (2) E doutro que era marinheiro e foi livre do perigoo do mar pelo sacrificio da missa.

(3) Sam Gregorio contou ainda e disse:

(4) - Aquelas causas que nós agora ouvimos, provan-se mui ben per huum homen que foi preso de seus enmiigos, por o qual sua molher fazia cantar missas em que oferecia o corpo e sangue de Nosso Senhor Jesu Cristo em dias assignados. (5) E quando ja a cabo de gram tempo foi livre, veo-se ele pera sua molher e el contava os dias assignados em que se achava solto daquelas prisõões. (6) E a molher entendeo mui bem que aqueles eran os dias em que ela fazia cantar missas por el e en que sacrificavan o filho de Deus ante os olhos de seu padre.

(7) Afirma-se ainda esto per huma façanha que aconteceu non ha ainda sete ãnos. (8) Ca dom Agapito de Pãmoranita, assi como dissera em seu testemunho e dam ainda muitos homeens

bõõs religiosos desto fe, viindo aa corte de Roma, per mandado do papa que foi ante nós, ouve mui gram tempestade no mar per hu viinhan que nunca cuidaron ende dela scapar. (9) E huum marinheiro daquela nave avia nome Varica, que ora he ja clerigo em aquela egleja, tragia huma caravela depós a nave em que viinha e leixou o bispo na nave e meteo-se na caravela, por tal que a non perdesse. (10) E tan grande foi a força do vento o das ondas que a corda em que andava a caravela legada na nave quebrou per muitos logaros, e tan altas e tan bastas foron as ondas sobre a caravela que logo desapareceo a caravela e o marinheiro que em ela andava. (11) Mais a nave em que andava o bispo, andando en muitos perigoos pelo mar, por as ondas que a levanvan dhuma parte e da outra, chegou aa cima dhuma insoa que chaman Ostica, e quando o terceiro dia o bispo non viu aparecer em nen huma parte do mar o marinheiro que o recebera na nave ficou mui coitado por el e cuidou que era morto. (11a) E querendo-lhe fazer caridade qual devia a fazer a alma de cada huum pecador, cantou sua missa em que ofereceo o filho de Deus a seu padre que se amerceasse daquel marinheiro em qualquer stado que fosse. (12) E depois que acabou seu sacrificio e fez aparelhar sua nave mui bem, veo-se pera Italia e quando entrou pelo porto do mar de Roma achou aquel marinheiro que el cuidara que ja era morto. (13) E ouve ende tan grande prazer quam grande homen non poderia dizer. (14) E preguntou-o como podera viver tantos dias em tan gram perigoo de mar como fora e el lhe disse:

(15) - Quen poderia contar quantas vezes fui sô as auguas do mar con a caravela em que eu andava por força das ondas e do vento que me aló levaron, e quem poderia ainda contar quantas vezes a parte de cima da caravela con aquel que em ela andava se amergia pera fundo e depois recudia pera cima como se saisse dhuum poço mui fundo a cima dhuum monte tam alto que me semelhava que tangia as nuveens? (16) E eu, andando em estas tormentas continuadamente, assi os dias come as noites, faleceo-me a virtude e a força do corpo con gram fame que avia e con gram trabalho que sofria, mais a mercee de Deus non me deseparou e fiquei tam fora dos sentidos do corpo que non podia entender se dormia, se era sperto. (17) E pareceo-me huum homen ali hu eu andava no meo mar e deu-me pam que comesse e comi-o e fiquei mui confortado e recebi toda virtude e toda força do corpo e a cabo de pouco passou huma nave per aquel logar do mar em que eu andava atormentado e os que na nave andavan receberon-me em ela o levaron-me a terra. (18) E assi scapei dos perigoos do mar en que andava.

(19) E o bispo preguntou por o dia em que está misericordia recebera de Deus, e achou por verdade que aquel dia fora em que el ofrecera por el na insoa de Ostica o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesu Cristo a Deus Padre poderoso na missa que por el cantara.

(20) E o seu clerigo dom Pedro disse:

(21) - Aquestas cousas que tu contas, padre, todas as eu soube quando stava em Cezilia.

(22) Contou ainda Sam Gregorio e disse:

(23) - Portanto creo eu, Pedro, que o proveito que as almas recebem por as missas em que consagram e oferecem o corpo e o sangue do filho de Deus, mostra-se abertamente aos que viven pera seerem certos todos, assi os que creen come os que non creeu, salvo se homen morre em pecado mortal. (24) Ca por todos os pecados veniaaes e por todas as outras penas que homen ha de receber, polos pecados mortaaes de que se confessou e se deceo e quitou ante que morresse, valem as missas que homen canta polos mortos em que consagra o corpo e o sangue do filho de Deus. (25) Mais pero debes saber que aaqueles mortos solamente valem as missas e os outros beens que por eles fazem, que dementre viverom ganharon de Deus per bõas obras que fezeron que depois da morte se podessem ajudar dos beens que os vivos fazem por eles. (26) E estes som aqueles que ham a fê de Jesu Cristo e morren meenfastados per voontade e per feito ou per voontade se o meenfesto non pode aver.

LXIX^o capitulo

(1) Do que se domostra pelo santo sacrificio da missa

(2) Contou ainda Sam Gregorio e disse:

(3) - Antre todas estas cousas que ditas som deve o homen pensar e cuidar que he a carreira mais segura que cada huum faça por si, ementre viver, o bem que atende que os outros façan depois de sua morte por ele. (4) Ca mais bem aventurado he homen de sair logo livre deste mundo pera a gloria do paraíso sen pena da carne do purgatorio, ca demandar livridom para ir aa gloria do paraíso depois das penas do purgatorio e fogo que ja soffeo. (5) E porende debes despreçar este mundo que nos tan aginha leixa como se se fosse ja e nunca ouvesse de tornar. (6) E debes oferecer cada dia a Nosso Senhor o seu corpo e o seu sangue e fazer-lhe sacrificio em cada huum dia de nossos gimidos e de nossas lagrimas porque este sacrificio

spicialmente e stremadamente salva alma da morte perduravil, a qual salvaçon nos foi guaanhada pelo sacramento da preciosa morte do filho de Deus. (7) Ca, como quer que o filho de Deus resurgisse da morte aa vida e ja nunca possa morrer nen a morte non pode sobre el nen huum senhorio aver; pero, el vivendo sem morte e sem conrompimento, se leixa sacrificar cada dia por nós naquel sacramento em que o cada dia consagram os sacerdotes sobre o seu santo altar. (8) Ali toman o seu corpo e a sua carne verdadeiramente por saude das almas do seu poboo e ali se consume e o seu sangue ali se toma e ali se deita, non nas mãos dos encreeos e infiees, mais nas bocas dos seus e fiees. (9) E porende, amigos, confirmemos e insignemos quan preçado e quam honrado he aquel sacrificio que cada dia faz perdom dos pecados e per que se mostra e representa cada dia a paixon e morte do filho de Deus e qual fiel de Jesu Cristo pode duvidar que se non abram os ceos e que as companhas dos angeos non stem presentes e que a diviindade e humanidade non se ajuntem e a terra non se junte aas cousas celestiaaes. (10) E das cousas que se veen e se non veen non se faz nen huma cousa em aquela hora em que os sacerdotes dizen aquelas palavras e per virtude que Deus em elas pose do pam se faz o seu corpo e do vinho o seu sangue.

LXX^o capitulo

(1) Da coita e afliçon que o sacerdote deve receber en seu coraçõ quando faz aquel sacrificio.

(2) Sam Gregorio contou ainda e disse:

(3) - Muito faz mester a nós outros sacerdotes que, quando esto sacrificio a Deus Padre sobre o santo altar oferecemos, sacrificuemos nós meemos quebrantado e atormentando nossos coraçõs pera fazermos sempre os seus mandados e pera leixarmos as nossas voontades por as suas. (4) Ca aqueles que representamos cada dia em este sacrificio a paixon e a morte de Nosso Senhor, devemos siguir e obrar o que o filho do Deus cuja morte per este sacrificio representamos siguiu e obrou. (5) Ca enton querrá ele seer sacrificado verdadeiramente por nós a Deus padre, quando fezermos de nós meemos sacrificio e nos oferecemos a el. (6) E porende devemos muito de parar mentes que depois que nós partirmos da oraçon, guardemos os nossos coraçõs naquele stado e naquela devoçon em que eram quando na oraçon stavamos. (7) Assi que cuidõ vãõ que depois venha ou ledice dalguma cousa temporal non nos faça perder o

guaanho da door e da amargura que polos pecados quando na oraçon stavamos, recebemos. (8) E assi merecerá homen de guaanhar aquilo que ante em sua oraçon a Nosso Senhor demandou, quando naquel stado e naquel amor de Deus soube guardar depois sua morte em que era quando polos seus pecados chorava. (9) E da alma de tal homen e de tal molher diz a Scritura: (10) “As suas voontades non som jamais mudadas em cousas desvairadas, ca em aquel proposito steve depois, em que stava quando sua oraçon fazia”. E porende a alma a que non squeece o que pidio non he privada do dom que demandou, ca enton squeece ao homen o que pede quando non guarda o stado da humildade e da bondade que mostra quando pede.

LXXI^o capitulo

(1) Como deve homen perdoar as culpas alheas em tal que perdooi Deus a el as suas.

(2) Contou ainda Sam Gregorio e disse:

(3) - Antre todas estas cousas, he muito pera sabor que aquel que demanda dereitamente perdom dos seus pecados que primeiramente perdooi el a culpa em que a el cairom. (4) Ca non recebe Deus o dom que lhe homen oferece se ante o desamor que con alguma ha non tira do coração. (5) E por esso disse aquilo que he verdade no Evangelho: (6) “Se ofereceres tua oferta ao altar e hi te nembras que o teu proximo ha alguma querela de ti, deixa hi tua oferta ante o altar e vai primeiramente sair da querela de teu proximo e enton ven oferecer o dom que primeiro querias oferecer.” (7) E poren deve homen a consiirar que pois Deus perdoa todo o pecado polo sacrificio do seu corpo e do seu sangue, grave e grande he a culpa do desamor o da discordia porque Deus o dom do seu sacrificio non recebe. (8) E porende devemos a ir primeiramente com nossa boa voontade e mente a nosso proximo, como quer que stê muito alonjado de nós, e metermos os nossos corações em seu poder e per humildade e per bõõ talante devemo-lo a pagar. (9) E enton o nosso criador quando vir tanto bõõ talante e tanta humildade em nós, quitar-nos-ha os pecados per que somos obrigados aas suas penas, ca receberá o dom da boa voontade que lhe oferecemos polos pecados em que lhe caimos.

(10) E por esso aprendemos da palavra daquel que he verdade que disse no Evangelho do servo que devia dez mil libras: (11) quando fez peenda e pidio con humildade a seu senhor que o atendesse e o senhor quitou-lhe toda a divida que devia, e porque este meesmo servo a que estas mil libras foron quites non quis perdoar a huum seu servo e quitar cem dinheiros que lhe devia, mandou-o deitar en huum cárcer mui fero ataa que lhe pagasse o que lhe devia. (12) E quando esta crueza soube o senhor que ele ao seu conservo fezara, mandou que lhe tornasse todo o que lhe ja quitara. (13) E per estas palavras parece cousa firme que se nós non perdoarmos de coraçõn aquel mal que contra nós fezerom, demandar-nos-am que paguemos per penas e per tormentos os males e pecados de que nós cuidávamos que nos eran ja perdoados. (14) E, porende, enquanto nos dam tempo pera nos perdoarem e ementre nos os juiz sofre, e dementre aquel que examina e prova as culpas atende que melhorremos nossas vidas, confessemos mui diretamente o mui compridamente nossas culpas e bitemos a dureza dos nossos corações con muitas lagrimas e ajamos graça e bõõ talente dos nossos proximos.

(15) E enton eu vos digo, confiando da misericordia do Nosso Senhor, que non averemos mester depois da morte aquel sacrificio per o quel se livram e salvam as almas das penas do purgatorio, se ante da morte nós fezermos de nós sacrificio e nos oferecemos a Deus compridamente. Deo gracias. Amen.